

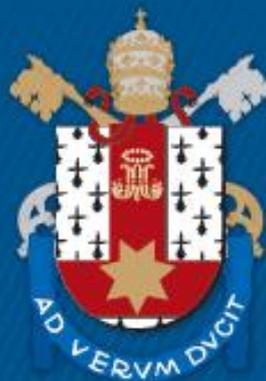
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

LILIAN ALVES SCHMITT

APRENDER (N)A HORTA URBANA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS EM COMUNIDADE

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LILIAN ALVES SCHMITT

**APRENDER (N)A HORTA URBANA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS EM
COMUNIDADE**

Porto Alegre, março de 2021.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LILIAN ALVES SCHMITT

**APRENDER (N)A HORTA URBANA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS EM
COMUNIDADE**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A pesquisa contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Linha de Pesquisa: Teorias e Culturas em Educação

Orientação: Prof.^a. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho (março a julho de 2017)

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira (agosto de 2017 a março de 2021)

Porto Alegre, março de 2021.

Ficha Catalográfica

S355a Schmitt, Lilian Alves

Aprender (n)a horta urbana : práticas e experiências em comunidade / Lilian Alves Schmitt. – 2021.

309.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Villela Pereira.

1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Ambiente. 4. Comunidade. 5. Horta urbana. I. Pereira, Marcos Villela. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

LILIAN ALVES SCHMITT

**APRENDER (N)A HORTA URBANA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS EM
COMUNIDADE**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A pesquisa contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Aprovada em: 29 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carmem Roselaine de Oliveira Farias – UFRPE

Profa. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho – UFMG

Prof. Dr. Diogo Franco Rios - UFPEL

Prof. Dra. Mónica de la Fare – PUCRS

Porto Alegre, março de 2021.

À Jaci Paim Alves (*in memoriam*) e à Jussara Paim Alves Schmitt.
Mulheres que me inspiram pela sensibilidade, generosidade, força e amor.

Humaninhos

Darwin nos informou que somos primos dos macacos, e não dos anjos. Depois, ficamos sabendo que vínhamos da selva africana e que nenhuma cegonha nos tinha trazido de Paris. E não faz muito tempo ficamos sabendo que nossos genes são quase iguaizinhos aos genes dos ratos.

Já não sabemos se somos obras-primas de Deus ou piadas do Diabo. Nós, os humaninhos:

*os exterminadores de tudo,
os caçadores do próximo,
os criadores da bomba atômica, da bomba de hidrogênio e da bomba de nêutrons, que é a mais saudável de todas porque liquida as pessoas, mas deixa as coisas intactas,
os únicos animais que inventam máquinas,
os únicos que vivem ao serviço das máquinas que inventam,
os únicos que devoram sua casa,
os únicos que envenenam a água que lhes dá de beber e a terra que lhes dá de comer,
os únicos capazes de alugar-se ou se vender ou de alugar ou vender os seus semelhantes,
os únicos que matam por prazer,
os únicos que torturam,
os únicos que violam.*

E também

*os únicos que riem,
os únicos que sonham acordados,
os únicos que fazem seda da baba dos vermes,
os que convertem lixo em beleza,
os que descobrem cores que o arco-íris desconhece,
os que dão novas músicas às vozes do mundo
e criam palavras, para que não sejam mudas
nem a realidade, nem sua memória.*

*Eduardo Galeano
Espelhos – Uma história quase universal*

AGRADECIMENTOS

Sou grata por chegar até o encerramento desta tese. E quero agradecer aos que tornaram isso possível. Não digo que agradecerei a todos, pois não cumprirei a promessa. Tenho certeza que a memória me trairá na tentativa de citar nomes, mas ainda assim me lanço ao desafio de agradecer.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo provimento dos recursos necessários a esta formação. O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES– Brasil – Código de Financiamento 001.

Voltarei no tempo para agradecer às políticas públicas como o Programa Universidade para Todos – que me concedeu a chance de poder acessar à PUCRS na primeira graduação (Bacharelado em Ciências Biológicas) – e ao Programa de Educação Tutorial – que auxiliou-me na condição de permanência no curso, criando condições para que eu pudesse gestar os sonhos de ser professora e pesquisadora. Agradeço também às universidades públicas nas quais estudei, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde cursei a Licenciatura em Ciências Biológicas, e Universidade Federal do Rio Grande, onde cursei a especialização em Educação Ambiental. As políticas públicas e a educação pública de qualidade são a esperança e a possibilidade daqueles que querem sonhar com dias de menos privações, desigualdades e violências.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS – coordenação, professores, funcionários e colegas – pelo apoio e pelas possibilidades formativas ao longo da trajetória. Certamente saio muito diferente desse Programa que foi a minha casa por aproximadamente 6 anos (mestrado e doutorado). Sei do privilégio que tenho em ter sido aluna desse Programa, principalmente vinculada à linha de pesquisas *Teorias e Culturas em Educação*, onde tive acesso a discussões com rigorosos e sensíveis professores.

Ao Professor Dr. Marcos Villela Pereira por ter me dado a chance de ser sua orientanda adotiva, me acolhendo, “colando os meus caquinhos” e garantindo condições de possibilidade para o andamento do trabalho. Agradeço por, incansavelmente, provocar-me. Nunca foi fácil entender o que ele me dizia quando falava do caráter precário, provisório e frágil de viver no e com mundo. Mas depois do tempo como orientanda entendo que levo muito mais do que esperava da verve e espírito de guerrilha de meu orientador. Obrigada Marcos, por tua amizade, por teu olhar rigoroso, pela tua sensibilidade, e por criar condições para que eu aprendesse que não se trata de “*construir casas de tijolos*”, mas de

“*aprender recursivamente a (re)construir casas*”. Fazer-pensar e “*errar melhor*”.
Agradecida.

À professora Dra. Isabel Carvalho pela generosidade em possibilitar-me diferentes trânsitos formativos ao longo do período do doutorado e por aceitar compor a banca de qualificação e também a banca final. Agradeço por incentivar o andamento de meu trabalho de todos os modos que foram possíveis. Obrigada por tua sensibilidade e por ser uma inspiração Isabel, tenho profunda admiração por ti.

À professora Dra. Mónica de la Fare pelo apoio direto e também pela reflexividade, generosidade e rigor com que conduz o ofício de ser professora-pesquisadora, inspirando com sua capacidade crítica.

À professora Dra. Magda Floriana Damiani, pelas valiosas contribuições quando no processo de qualificação de meu projeto de tese.

Ao professor Dr. Diogo Rios, pelas indicações de leitura sobre o campo da História Oral, por aceitar fazer parte da banca final, e pela partilha das *playlists* (“*Como é que eu vou fazer para desenrolar?*”) que muito me ajudaram no momento solitário da escrita da tese. Obrigada por tua amizade e sensibilidade.

À professora Dra. Carmen Roselaine de Oliveira Farias pela disponibilidade, pela atenção e generosidade com que aceitou participar da defesa. Eu celebro sempre tua presença Carmem e sou agradecida por poder te reencontrar. Muito obrigada.

À tudo e a todos que constituem a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, pelas trocas possíveis e também por todas as aprendizagens. Eu sou muito agradecida pela generosidade com que fui recebida, acolhida e com o respeito que sempre conferiram ao meu processo de trabalho. Paz e bem aos amigos da Horta. Vida longa à iniciativa.

Às aprendizes entrevistadas, pela possibilidade de abertura, carinho e também generosidade com que acompanharam e revisaram as transcrições das entrevistas, coproduzindo comigo esse material.

Aos colegas e amigos do Grupo SobreNaturezas, em especial à Aurici Azevedo e Taís Frizzo, com quem dialoguei sobre Hortas nos últimos tempos por meio do Projeto de Extensão voltado a hortas escolares – “Aproximando Horta e Comunidade” do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no qual trabalhamos juntas formando professores da Educação Básica. Obrigada gurias.

Aos amigos do especialíssimo Grupo Villela. Meu muito obrigada aos queridos e queridas Aaron Hengles, Juliana Santos, Michele Pedroso do Amaral, Rodrigo Avila Colla, Jerusa Cuty, Geverton Kohnlein, Izabel Durli, Luciana Winck e Alice Bemvenuti.

Agradeço também aos queridos colegas de encontros e debates sobre *Estética da Professoralidade*, com os quais, nas mediações e propostas feitas pelo Professor Marcos no CEB (Centro de Ensino e Pesquisa em Contextos e Processos da Educação Básica) muito aprendi: Cristian Cipriani, Jordi Otaran, Luiza Câmara e Rodrigo Silveira.

À amiga Gabriela Peruffo, por estimular que eu me inscrevesse na seleção do doutorado. Também pela abertura, escuta atenta, pela organização do “*GT comida*” nas reuniões de grupo, pelas mensagens de áudios que eram quase *podcasts* e por trabalhar ombro a ombro na guerrilha que é estar na escola e ser estudante de doutorado, mesmo abaixo de tormenta.

Ao amigo irmão Tiago Ferraz, por compartilhar o ponto de partida e as dores e delícias de estudar e resistir nos sonhos. Obrigada meu irmão pela ilustração do Hibisco que destes de presente a esta tese.

À amiga Bibiana Oliveira pelos rezos sinceros e por me lembrar que há anjos e “*pajés em minha companhia*” e que eles também cuidam e se encarregam de mim.

Agradeço à minha família por todo apoio possível. Agradeço pelo feijões plantados pelas mãos de meu pai, Elmar Tadeu Schmitt, feijões que alimentam e estruturam o meu corpo. E pelas flores e ervas plantadas pelas mãos de minha mãe, Jussara Paim Alves Schmitt, que me sustentam (e remendam) a alma.

Agradeço ao Cássio Andrade Machado, companheiro de vida, com quem sigo há 11 anos construindo possibilidades de uma vida de alegrias, admiração, amor e reciprocidades. Não cabe em mim tamanho bem querer.

RESUMO

A tese que aqui apresentamos toma em análise uma horta urbana localizada no Bairro Lomba do Pinheiro, cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil para compreender que experiências de aprendizagem acontecem neste espaço comunitário. Tendo como objetivo geral conhecer as experiências de aprendizagem neste contexto, recorreremos à abordagem de inspiração etnográfica por meio da observação participante, desenvolvida entre 2017 e 2019, e às entrevistas junto a um grupo de aprendizes vinculadas à iniciativa comunitária. Ao longo do trabalho acionamos uma ideia ontológica de aprendizagem, baseada na noção de participação em uma prática compartilhada com outros humanos e não humanos. Essa perspectiva diz respeito a aprender como aprender a ser, a habitar, e a adquirir habilidades, ao mesmo tempo em que se constrói vínculos de pertencimento a um lugar ambientalmente situado e a uma comunidade de prática. A experiência comunitária compartilhada e coproduzida ao longo da pesquisa possibilita colocar em questão as certezas e convicções dos sujeitos ali implicados, possibilita o contínuo debate, proporcionando uma experiência democrática que se caracteriza não pela prevalência da vontade de uma suposta maioria, mas pelo exercício da dúvida, pela possibilidade de exercer a crítica. Com as e nas práticas deste particular espaço comunitário foi possível acompanhar o desenvolvimento de habilidades relacionadas às técnicas de horticultura no espaço urbano mas também experiências de aprendizagem que provocam deslocamentos de ordem subjetiva, que incluem tanto habilidades em termos sensíveis, quanto o desenvolvimento de habilidades em termos políticos. Salientamos que é com a/prática da experiência de ser comunidade que aprendemos também sobre sua própria precariedade, contingência e necessidade de reexame.

Palavras-chave: Educação. Aprendizagem. Ambiente. Comunidade. Horta urbana.

ABSTRACT

The thesis presented here considers the analysis of a urban garden located at Lomba do Pinheiro neighbour, in Porto Alegre city, at the Rio Grande do Sul state in Brazil to understand how the learning process occurs community places. Our general aim to know the learning experiences in this context. We follow an ethnographic approach through participant observation, developed between 2017 and 2019, and through interviews with the apprentice group linked to the community initiative. We invoke an ontological idea of learning during the workflow based on the principle of participation in shared practices with other humans or non-humans. This perspective is about learning how to learn to be, live, and acquire skills while building bonds of belonging to an environmentally situated place and a community of practice. The shared and co-produced community experience throughout the research makes it possible to question the certainties and convictions of the subjects involved therein, it enables continuous discussion, providing a democratic experience that is characterized not by the prevalence of the will of a supposed majority, but by the exercise of doubt, for the possibility of exercising criticism. During the practices in those specific community places, it was possible to observe the development of skills related to horticulture techniques in urban areas and learn about the experiences that cause shifts of a subjective nature, including developing both skills sensitive and political terms. We emphasize that it is with/in the practice of the experience of being a community that we also learn about its precariousness, contingency and need for review.

Keywords: Education. Learning. Environment. Community. Urban garden.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. PREPARANDO O TERRENO: ALGUMAS DEFINIÇÕES	19
1.1 Educação e/como cultura	20
1.2 Sobre teorias da aprendizagem	26
1.3 Aprender com as/nas práticas comunitárias.....	36
1.3.1 Sentidos para comunidade, perspectivas e delimitações	37
2. CAMINHANDO: SOBRE SEGUIR OS FLUXOS DE UMA COMUNIDADE	48
2.1 Itinerário metodológico e marcadores de rigor	50
2.2 Observação participante – deslocar, semear e aprender com a/na Horta Comunitária	53
2.3 Como chegamos às entrevistas	58
2.4 As entrevistas com aprendizes.....	60
2.5 Da análise	64
2.6 Sobre ética no fazer pesquisa.....	68
3. PRÁTICAS DE UMA HORTA COMUNITÁRIA	75
3.1 Agricultura urbana e hortas comunitárias – contextos e significados.....	76
3.2 A Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro.....	80
3.2.1 A Horta da 12A e sua história	81
3.2.2 Práticas que constituem a Horta – mapeando processos	86
3.2.3 Ser hortelão em um espaço comunitário.....	104
4. APRENDER (N)A HORTA URBANA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS EM COMUNIDADE	106
4.1 Aprender a participar: das aprendizagens políticas	109
4.1.1 Aprender pela filiação/adesão	111
4.1.2 Aprender pela coexistência de posições díspares	123
4.1.3 Aprender na mobilidade das distintas modalidades de participação	131
4.2 A ex-posição como modo de conhecer: das aprendizagens pelas experiências sensíveis	149
4.2.1 Aprender ouvindo histórias	150
4.2.2 Aprender movendo-se em um mundo mais que humano	155
4.2.3 Aprender na experiência de abertura	165
4.3 Aprender como fazer: das aprendizagens técnicas	173

4.3.1 Aprender por expedientes de repetição	173
4.3.2 Aprender fazendo junto	176
4.3.3 Aprender também pelos expedientes de ensino – “ <i>Uma aprendizagem menos expositiva e hierárquica</i> ”	180
4.3.4 Aprender tentando (e convocando ajuda).....	187
4.3.5 Aprender de vista ou por observação	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	196
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	202
APÊNDICE I.....	211
APÊNDICE II	212
APÊNDICE III.....	213
LISTA DE ANEXOS	214

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um prolongamento de reflexões sobre as experiências formativas tanto no âmbito do mestrado, cursado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, entre 2014 e 2016, quanto a partir dos meus caminhos como professora no campo das Ciências Biológicas, de minha atuação como educadora ambiental e de diferentes percursos em uma grande diversidade de espaços educativos. Digo que esta é uma pesquisa escrita por alguém que, como define Pereira (2016, p.13), “*se produz em uma prática de ensinar, de trabalhar na formação de outros sujeitos, em uma prática de educar*”. Uma pesquisa de alguém que de modo perpétuo, constitui-se, entre outras subjetividades, como professora. Anúncio isto desde o início pois é uma marca nesta tese, à medida em que esta experiência amplia meu olhar em determinados momentos, mas também me concede vícios.

Durante o período de estudos do mestrado desenvolvi a pesquisa intitulada “*Educação ambiental e currículo: um olhar sobre a formação inicial de professores de Ciências e Biologia*”¹, na qual pesquisei o currículo da formação inicial de professores de Ciências e Biologia no que se refere ao tema da educação ambiental, sendo o meu espaço de análise o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Percorri aquele caminho de pesquisa com olhar atento ao currículo de formação dos futuros professores, entendendo o currículo enquanto um emaranhado constituído por diferentes atores e forças – alunos, professores, leis, diretrizes curriculares, regras de mercado, instituição de ensino, relações de poder, e outras tantas – que se fazem e se constroem em um fluxo de processos, todos eles localizados num tempo-espaço que configura essas relações.

A partir do lugar de profissional do campo da educação, a abertura possibilitada pelas experiências ao longo de minha formação no Programa de Pós-Graduação possibilitou que eu olhasse de outro modo para os processos de ensino e também de aprendizagem. Ao longo desse percurso formativo meu interesse deslocou-se dos *modos e conteúdos a ensinar* para os *modos, tempos, formas e lugares de aprender*. Desloquei meu olhar tanto pelas leituras no âmbito dos grupos de pesquisa que me tornei parte², quanto pelas disciplinas cursadas, a

¹ Pesquisa desenvolvida sob orientação da professora Dra. Mónica de la Fare. Disponível: http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6706/2/DIS_LILIAN_ALVES_SCHMITT_COMPLETO.pdf Acesso em 20 de out. de 2020.

² Destaco aqui a circulação em três espaços formativos fundamentais em minha formação como pesquisadora durante este período: Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular, coordenado pela Professora Dra. Mónica de la Fare, Grupo de Pesquisas Sobre Naturezas, coordenado pela professora Dra. Isabel de Moura

maioria delas na linha de pesquisa a que permaneci vinculada, *Teorias e Culturas em Educação*³.

Ao longo de minha caminhada no mestrado, estudando as teorias do currículo e problematizando o contexto de produção do currículo sobre o qual me debruçava, paralelamente, fui interessando-me pelos temas ligados aos processos de aprendizagem. Compreendia nesse momento que havia uma atitude prática em meu interesse de pesquisa – compreender o campo das aprendizagens era urgente visto que é dessa matéria que é feita meu caminho enquanto ser no mundo e meu ofício como pesquisadora. Neste mesmo período também atuava como professora em diferentes etapas da Educação Básica, nas disciplinas de Ciências e Biologia, e também como consultora em Educação Ambiental, o que me colocava a refletir de modo incessante sobre aprendizagem em diferentes contextos.

Após a defesa de minha dissertação em 2016, me aproximei então de diferentes leituras e, em virtude da circulação em espaços formativos e da necessidade de pensar sobre a articulação entre ambiente e aprendizagem, fui encorajando-me a continuar meus estudos ajustando os interesses e velas teóricas.

Esses antecedentes me levam hoje a apresentar a tese intitulada “**APRENDER (N)A HORTA URBANA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS EM COMUNIDADE**”, que se ocupa das experiências de aprendizagem que permeiam um espaço comunitário cujo fio condutor da ação educativa pedagógica é a temática ambiental, a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, RS.

O interesse por desenvolver esta pesquisa passa pelo entendimento de que, enquanto professores e trabalhadores da área da educação, temos ainda muito o que conhecer sobre as experiências de aprendizagem que acontecem e se desenvolvem fora das instituições tradicionalmente vistas como os templos do saber – escolas e universidades, principalmente.

O interesse pelo espaço da horta comunitária, propriamente dito, emerge do contato com um grupo de trabalhadores voluntários dessa iniciativa. Conheci esse grupo de trabalhadores a partir de um evento de que participei ainda como aluna da Licenciatura em

Carvalho e pelo professor Dr. Carlos Alberto Steil e o Centro de Ensino e Pesquisa em contextos e processos da Educação Básica, coordenado pelo professor e atual orientador Dr. Marcos Villela Pereira. A circulação nestes três grupos tem implicação direta na construção desta tese bem como na constituição de minha professoralidade (PEREIRA, 2016).

³ É necessário destacar a o agradecimento e admiração pelos professores de todas as disciplinas cursadas ao longo do período de formação no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de pesquisa *Teorias e Culturas em Educação*, ênfase das disciplinas cursadas. Cito-os nominalmente: Dra. Mónica de la Fare, Dr. Marcos Villela Pereira, Dra. Nadja Hermann, Dra. Maria Helena de Câmara Bastos, Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho e Dra. Edla Eggert. Tendo passado por esta experiência educativa junto a este grupo não me restam dúvidas sobre o privilégio que tive ao longo de minha trajetória.

Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2015, e desde então manteve contato com o espaço, presencialmente, através de pontuais visitas, mas também virtualmente, seguindo as pistas desses trabalhadores por meio das redes sociais.

Esse grupo de *hortelões*⁴ sempre me chamou a atenção pelos significantes⁵ que povoam os seus discursos e enunciados, dentre eles: aprendizagem e comunidade. Estes ligando-se diretamente aos meus interesses enquanto pesquisadora e ao meu trabalho como professora de Ciências e Biologia.

Pensando então a partir da pergunta “*que experiências de aprendizagem acontecem neste particular espaço comunitário?*” propus como objetivo geral da tese: conhecer as experiências de aprendizagem no contexto de uma horta urbana comunitária. Como objetivos específicos: Dar visibilidade à história da horta urbana comunitária entendendo-a como lugar de aprendizagem; identificar processos que constituem a comunidade em questão; refletir sobre as situações de aprendizagem vividas na experiência de pesquisa; problematizar e refletir sobre as experiências de aprendizagem de um grupo de aprendizes.

A definição destes objetivos se articula com a reflexividade entre a leitura de referências sobre o tema da aprendizagem e comunidade, o contato com as práticas do Grupo Amigos da Horta, e os interesses, enquanto pesquisadora, no que se refere ao tema. Partindo da observação de dinâmicas do grupo em questão, algumas outras perguntas adjacentes também me instigaram: “*o que é isso que chamam comunitário?*”, “*como se aprende neste arranjo?*”, “*como se vem a ser um hortelão neste espaço?*”; “*como esse grupo organiza suas dinâmicas de trabalho?*”. Essas e outras questões que surgiram ao longo do processo me despertaram para seguir na trilha dos objetivos listados acima a partir da observação participante junto a esse grupo.

Alguns elementos importantes compuseram o artesanato que constitui esta pesquisa e nos serviram como fonte: as falas cotidianas (formais, informais, nas reuniões, entre os membros, com “os de fora do grupo”, etc), postagens nas redes sociais feitas no grupo relacionado à Horta Comunitária, documentos fornecidos pelos participantes tais como o histórico impresso que citamos, boletins e anotações, cartazes, folderes, etc. Este conjunto de materiais , junto a registros pontuais do diário de campo da observação participante que ocorreu entre 2017 e 2019 e as entrevistas que realizamos com aprendizes, nos aproximou de nossos objetivos.

⁴ Chamarei de *hortelãs* e *hortelões* os sujeitos engajados ao trabalho efetuado na horta comunitária. Essa expressão aparece eventualmente na fala dos próprios trabalhadores quando se referem uns aos outros e também nos espaços de agricultura urbana.

⁵ Serão tratados no próximo capítulo.

A justificativa pela escolha em estudar os processos de aprendizagem em um espaço comunitário é contribuir com a reflexão e produção acadêmica sobre o potencial educativo desses espaços não escolares. Esse não é um objetivo direto da tese, mas entendendo a formação dos sujeitos ligados a esse domínio enquanto um *continuum*, de certa forma, acredito que enfatizo, através da escolha do recorte de pesquisa, a importância do enfoque nos processos de aprendizagem em espaços não escolares sob a perspectiva da aprendizagem como prática social situada. Aprendizagem pensada a partir de uma dimensão coletiva, dependente das relações entre sujeitos entre si com/nas práticas. Em um dos momentos da pesquisa, como descreverei adiante, meu olhar volta-se para a aprendizagem de um grupo de aprendizes já adultos, acompanhados ao longo do processo em campo.

A questão de pesquisa apresentada, bem como os objetivos que apresento na sequência, resultam do exercício reflexivo feito ao longo do tempo. Arrisco-me a dizer que a tese foi construída a partir da negociação em campo. Essa construção deu-se paulatinamente, a partir de incursões que seguiram um fluxo de encontros semanais e sistemáticos desde setembro de 2017. Primeiramente segui em um movimento aberto e exploratório, de modo a possibilitar a circunscrição de questões emergentes e posteriormente, a convite de interlocutores do próprio campo, como contaremos mais adiante, passamos a acompanhar um grupo de aprendizes, os quais optamos também por entrevistar.

A partir da observação participante com base na inspiração etnográfica, desenvolvemos nosso percurso em campo. Num primeiro momento, participamos das dinâmicas que ocorriam com o grupo como um todo, de modo a compreender a história e os processos que constituíam o lugar, tentando circunscrever nossas questões. Aos poucos, conforme fomos tendo acesso às práticas e fazendo parte daquele contexto, passamos a exercer outra modalidade de participação: por nossa experiência acadêmica fomos convidados a exercer a orientação de estagiários no campo. Foi a partir deste acesso que se constitui o segundo momento da pesquisa, tivemos o maior contato com aprendizes estagiários da Horta. Este grupo de aprendizes se constituía de estudantes universitários de diferentes cursos e faixas etárias, moradores de diferentes regiões da cidade de Porto Alegre, com os quais realizamos entrevistas tanto presenciais, quanto a distância, em virtude do contexto da pandemia em 2020.

Esta tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro deles apresento as bases teóricas do trabalho, evidenciando principalmente três pontos: a necessidade de tratarmos a educação para além de espaços escolares; as concepções teóricas do campo da aprendizagem com as quais dialogamos; aproximações sobre o que estamos entendendo como comunidade.

No segundo capítulo apresentamos nosso percurso na pesquisa e o artesanato em termos das escolhas metodológicas, dando lugar às discussões sobre nossas preocupações com os marcadores de rigor da pesquisa bem como com as questões éticas que a ela se relacionam.

No terceiro capítulo passamos a apresentar parte dos dados construídos em campo. Primeiro apresentamos um panorama sobre a agricultura urbana e as hortas comunitárias, e posteriormente apresentamos as particularidades e processos que compõem nosso espaço de análise a partir de nossos diários de campo.

No quarto e último capítulo desenvolvemos a discussão sobre as experiências de aprendizagens com base nas entrevistas realizadas a um grupo de aprendizes que acompanhamos em campo. Estas experiências estão distribuídas em três grandes eixos intitulados “*Aprender a participar: das aprendizagens políticas*”; “*A ex-posição como modo de conhecer: das aprendizagens pelas experiências sensíveis*” e “*Aprender como fazer: das aprendizagens técnicas*”. Por último apresentamos nossas considerações finais sobre a pesquisa.



Fotos do acervo da autora.

1. PREPARANDO O TERRENO: ALGUMAS DEFINIÇÕES

No livro *Estar vivo – Ensaaios sobre movimento, conhecimento e descrição*⁶, Timothy Ingold intitula a primeira parte “Limpendo o terreno”. Na seção, o autor propõe algumas delimitações conceituais que servirão como fundo discursivo para suas elaborações. Tomando como inspiração esse título e seu trabalho de delimitação, proponho um exercício análogo: delimitar algumas ideias que nortearão o presente trabalho – o entendimento da educação como processo cultural, a desvinculação do processo de aprendizagem do processo de ensino, a compreensão de que os lugares do aprender são plurais e a noção de comunidade como espaço de aprendizagem.

1.1 Educação e/como cultura

Atuando como pesquisadora em um programa de Pós-Graduação em Educação e também como professora da Educação Básica, encontro, com frequência, questões como: na pesquisa e na prática acadêmica, quais são os lugares ocupados pelos processos educativos que ocorrem fora das instituições formais de ensino? De que modo a não compreensão desses outros lugares de aprendizagem impacta a ação docente? O que e como aprender com os processos formativos fora da escola?

A educação é plural. Isso não é novidade. Os processos educativos envolvem a expansão das relações e buscam novos sentidos para a condução da vida. Tais sentidos não se esgotam na transmissão do que existiu e existe, nem tampouco na produção do novo. Como elabora Dewey, em *Experiência e Educação* (1979, p. 13): “É indispensável compreender, e de maneira cabal, que não é abandonando o velho que resolvemos qualquer problema”. O novo é gestado e reconfigurado a partir do que está posto.

A educação, independente de onde aconteça, está atrelada à cultura. A escola, aparato da modernidade que definiu nossos modos de existir, se configura como um espaço importante no qual a educação acontece. Ao que parece, todavia, é preciso insistir que ela não é o único espaço onde a educação acontece:

A prática da educação e a instituição escola, em resumo, parecem inseparáveis. Não se pode, aparentemente ter uma sem a outra. O que devemos dizer, então, das sociedades sem escolas, ou onde apenas uma minoria desfruta do privilégio de frequentá-las? É aceitável dizer de pessoas que não frequentaram a escola são sem educação, e portanto não civilizadas? (INGOLD, 2020, p. 15).

⁶ INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes, 2015.

Não é nova a ideia de que não há uniformidade nos processos ou modelos educativos e que nem sempre a escola é um projeto unânime, nos diferentes agrupamentos sociais. No entanto, no senso comum, a educação aparece como sinônimo de educação escolar, sendo que o olhar se volta em direção ao ensino. É importante destacar aqui que não estou negando a escola como espaço expressivo em termos da produção de processos educativos, não se trata disso. Meu raciocínio não se pauta nessa perspectiva, sobretudo porque o que está sendo discutido no país hoje, em termos de educação escolar, passa pela precarização do direito à educação escolar de qualidade nas camadas da população em extrema vulnerabilidade⁷. O entendimento, aqui, é o de que a escola não é o único espaço onde se aprende. O professor, principalmente, pode, e talvez também precise, ampliar a percepção e a compreensão sobre como as dinâmicas educativas acontecem em outros campos de prática.

Um ponto que considero importante é a compreensão de que se nos livrássemos dos “grilhões do ensino e da aprendizagem, o nosso trabalho na sala de aula se tornaria verdadeiramente educacional” (INGOLD, 2020, p. 9). Isso porque talvez pudéssemos entender que se pode sair do recrudescimento do binômio ensino-aprendizagem e estar além dessa correspondência de que se há ensino necessariamente há aprendizagem, ou de que só há aprendizagem quando há ensino⁸ de determinados e estandardizados modos. Sabemos que o conhecimento não inclui apenas a dimensão do conteúdo, mas também os modos de conhecer e de lidar com os conhecimentos, o que difere de cultura para cultura. Os modos de circulação ao longo das gerações dentro de uma cultura também diferem. A escola, assim, é apenas um desses modos. Educação não é apenas prática da Pedagogia como ciência, disciplina. Educação é prática humana que envolve socialização, interação, acontecendo de diferentes formas. Assim, pode configurar-se como

processo complexo, multideterminado em que um sujeito, por efeito ou com a ajuda de outrem ou de si mesmo, mediado ou não por recursos instrumentais, experimenta modificações da ordem da subjetividade e, em consequência, deixa de ser, pensar ou agir como vinha sendo, pensando e agindo e passa a ser, agir ou pensar de outra maneira (PEREIRA, 2016, p.1).

⁷ A regulamentação do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica tem sido tema de discussões importantes no Brasil. Em 2020, o governo federal apresenta uma proposta que retiraria cerca de 16 bilhões das escolas públicas para repassar a sistemas de ensino privados e/ou instituições religiosas sem fins lucrativos, o que acarretaria na diminuição de recursos para as escolas públicas de todo o país. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/717290-camara-aprova-texto-base-do-fundeb-repasse-para-filantropicas-ainda-esta-em-discussao/>. Acesso em: dezembro de 2020.

⁸ O leitor vai perceber, inclusive, que, na primeira entrevista com uma de minhas interlocutoras em campo, falseio e utilizo este binômio, recaindo na compreensão do que eu mesma critico. Escolho visibilizar o acontecido, a fim de tratar deste deslocamento, desta virada interpretativa que, muitas vezes, acontece discursivamente, mas encontra dificuldades, devido às marcas de nossos processos de institucionalização, em operar na prática.

Nesta pesquisa, o campo opera, apesar de não ser escola, também com uma lógica por vezes semelhante, como descrevemos no subitem “Práticas que constituem a horta – mapeando processos”. Essa lógica se expressa tanto em certos rituais, situações de aprendizagem, como também nas dinâmicas que envolvem os sujeitos que se iniciam nas práticas de cultivo.

Quando olho para como se aprende fora da escola, também falo sobre minha experiência como professora. Uma professora que, apesar de uma formação institucionalizada, tenta expandir e sair de *seu clichê*, experimentando uma diferença na produção de si mesma, ou, nas palavras de Pereira (2016), constituindo *professoralidade*. Este autor nos convida a refletir sobre a experiência de tornar-se professora, pois há alguns movimentos concernentes a esse processo: “(...) no começo, a coisa funciona como em uma brincadeira infantil, tudo ensaiado, cheio de imitações e clichês. O salto para fora do clichê depende de uma iniciativa no sentido de escolher-se diferente do que se vem sendo” (PEREIRA, 2016, p. 216). Para mim, a opção de compreender como se aprende em outros espaços que não os das instituições escolares me põe em deslocamento em relação à minha trajetória como professora, bem como pesquisadora no campo da Educação. Na busca pela formação acadêmica que me desloca para outras versões de mim mesma, à medida que me escolho diferente, entendo que, talvez, crie também condições para que, no exercício de professora na educação básica, eu possa convidar meus alunos a experimentarem a si mesmos também. Para entender as experiências de aprendizagem que acontecem na escola em meu exercício docente, o que não é objetivo da tese, mas que, no entanto, também a atravessa, penso ser importante estar aberta aos processos educativos que ocorrem para além dela, aprendendo com eles, experimentando-me neles. Afinal de contas, “para fugir da captura pelo estereótipo formal, do identitário, é cada vez mais fundamental assumir o risco da experimentação de si” (PEREIRA, 2018, p.18). A escolha por este campo de pesquisa tem a ver, também, com este risco. Estando professora da educação básica, caminhar e aprender em territórios não escolares faz parte desta busca.

Na família, na comunidade, em diferentes agrupamentos e arranjos, a educação está difundida em diferentes campos de prática. A educação se (re)faz em espaços sociais diversos, de diferentes formas. Entretanto, a forma escolar atravessa as múltiplas práticas socializadoras. E dizer que este modo é dominante não significa afirmar que “utilize as mesmas modalidades, em todos os lugares e circunstâncias, e que não existam resistências ‘objetivas’ por parte dos sujeitos sociais socializados em outras formas de relações sociais”

(LAHIRE, THIN e VINCENT, 2001, p. 42). Há diferentes apropriações operadas pelos agrupamentos sociais e no espaço de análise que estamos tomando em análise, como, por exemplo, a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, também há a inclusão da forma escolar como modo de socialização. As oficinas e rodas de conversas, as atividades que acontecem no cotidiano da Horta que acompanhamos, por exemplo, visibilizam formas escolares. Essas marcas apresentam-se tanto nos modos em que tal dinâmica acontece, como também materialmente em certos rituais presentes no espaço. O livro de visita assinado por todos os que estão presentes no cotidiano da Horta, por exemplo, tem a intenção de registrar a presença das pessoas. O registro das presenças ao mesmo tempo em que é importante para a legitimação da manutenção do espaço, também serve como dispositivo de controle.

Cada agrupamento social produz com o mundo e nele a educação. Existem, entre os agrupamentos, a disputa recursiva sobre a hegemonia acerca dos processos educativos. Aqui encontra-se a um ponto sensível dentro dos discursos operados no campo da educação: os processos educativos não necessariamente são emancipatórios. A educação pode ser também recurso de dominação.

O projeto civilizatório da cultura ocidental é tão importante na história humana que não conseguimos, sem pouco esforço, apartar a dobradinha educação-escola de nosso imaginário. Há pouco tempo, em sala de aula, fiz um exercício com meus alunos pré-adolescentes antes de tratar de alguns assuntos sobre a área de Botânica, especificamente envolvendo a etnobotânica⁹. “O que sabem sobre plantas? Onde aprenderam sobre elas/eles?”, perguntei. Meus alunos responderam sobre tudo o que tradicionalmente se ensina na escola sobre plantas (suas partes, modos de reprodução, algumas classificações, etc.), e o que eles sabem acerca das plantas foi aprendido na escola. Já repeti o exercício com diferentes faixas etárias, incluindo jovens e adultos. Pelos discursos, o aprender sobre as plantas acontece na escola. Porém, com a mesma frequência que recebo tais respostas questiono acerca delas: “E o conhecimento vivo sobre a convivência no cotidiano com elas (as plantas)? Que lugar é ocupado por todas as experiências exteriores à escola com, no caso citado, o mundo das plantas que cerca meus alunos? Por que, entre todas as coisas que diriam sobre elas, elegeм aquilo que aprenderam na escola? O resultado deste exercício, que já foi repetido muitas vezes por mim em sala de aula, me aponta para a hipótese de que tais conhecimentos parecem ter sido solapados pela vida institucionalizada e mediada pelos dispositivos institucionais a que estes meus jovens alunos, meus colegas professores e eu estamos submetidos. Há que se

⁹ Ramo da Botânica que estuda o uso das plantas pelos povos.

dissociar essa “dobradinha”. O conhecimento também está correndo fora da escola, e é possível materializar e tensionar esse entendimento dentro dela, por meio da ampliação da coleção de exemplos da prática docente.

A fim de que se possa desenvolver essa compreensão, um movimento de abertura a outras formas e lugares de aprender me parece necessário. Abertura da escola, na figura de seus agentes, às formas menos escolares de produzir conhecimento com o mundo. Só que isso, por si só, é também um modo de ampliar e expandir a forma escolar. Ou seja: há como escapar?

A educação (entendam aqui como plural: as educações) está atrelada a um projeto de sociedade, ela não acontece livre, lisa de intenções. Elas (as educações) podem ser uma das maneiras usadas para partilhar aquilo que se quer como um projeto comum, mas elas também podem ser aquilo que é imposto, a partir de uma centralização de poder, reforçando, desse modo, as desigualdades. As educações têm, assim, caráter ambivalente, ambíguo, pois podem levar à emancipação, mas também à dominação.

As educações podem fabricar sujeitos. Quando a sociedade necessita de determinados perfis, seja para se conservar, seja para se modificar, a educação pode promover esta construção. Ela ocupa um lugar fundamental no processo de produção social do discurso, pois, mesmo que seja o instrumento que oferece, em tese, a todos os indivíduos o acesso às diversas modalidades de discurso, também segue “as distâncias que estão marcadas pelas oposições e lutas sociais” (FOUCAULT, 1996, p. 44). No ato educativo, há uma disputa imposta. Por isso, não é diferente no espaço da Horta em questão. Projetos de mundo estão em disputa, formas de levar o projeto de horta urbana adiante. Se, de um lado, por exemplo, há o convite de um banco para um edital de financiamento que poderia garantir recursos para a iniciativa, de outro, há a presença de partidos políticos que também garantem condições de possibilidade para a existência daquele espaço. A Horta de que tratamos é um espaço educativo que apresenta a coexistência de infinitas posições díspares, e as disputas, por tal motivo, estão presentes.

Importante dizer que a base da trajetória humana é a ideia de “perfectibilidade”, ou seja, a ideia de que o homem sempre pode tornar-se melhor, dentro daquilo que ele está sendo ou pode ser. Para os gregos, isso era a *areté*, a virtude, a ideia da excelência humana. Em Kant e Foucault esse é o sentido da crítica, ou seja, a compreensão de que as coisas sempre podem ser diferentes do que estão sendo (FOUCAULT, 1995) – neste sentido, não se trata de tornar as coisas piores do que são – em certo aspecto, essa diferença tende a ser uma diferença para melhor. A vontade de revolução, o contínuo deslocamento no sentido de deixar um estado em

que se encontra para estar em outro, nos trazem elementos acerca disso. A ideia de progresso e desenvolvimento, também. E nada disso entra em funcionamento sem educação, sem disciplina, instrução, formação, transmissão, mas também sem a experiência situada no e com o mundo, no sentido de constituí-lo também diferente.

A educação também pode ser tomada como parte do modo de vida dos grupos, (re)criada incessantemente, entre inúmeras outras invenções da cultura, para que se (re)produza e pratique os saberes relativos a um grupo. Saberes esses que compreendem símbolos, códigos de conduta, regras acerca da (re)produção da vida material, conhecimentos sobre espiritualidade, tecnologias e outros que estes agrupamentos necessitam para seguir vivendo. A educação, desde Rousseau, no século XVIII, passando por Durkheim e também Dewey, no final do século XIX e início do século XX, é vista como parte das práticas de reprodução da vida social. Durkheim e Dewey, inclusive, estruturam bases filosóficas de uma moral racional que volta-se a garantir o vínculo social diante dos desafios colocados pelas transformações advindas com o avanço da técnica, da tecnologia, da industrialização e da urbanização.

Conforme já havia destacado, nosso foco foi o conjunto de processos sociais de aprendizagem, nos quais não existe, necessariamente, uma situação nos formatos escolares na construção de conhecimentos. Estamos falando de práticas que, embora carreguem as marcas da escola, ocorrem também de outros modos, como trataremos mais adiante, rompendo, mas também reiterando, com protocolos históricos e formas escolares

No espaço de análise privilegiado por este trabalho – a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro –, o conhecimento acumulado pelo grupo social não está relacionado apenas ao acesso à escolarização, mas também a outras formas de circulação dos conhecimentos. Os praticantes da Horta aprendem no processo fora da escola, mas permeados por ela¹⁰. O conhecimento parece ser construído pelas distintas situações de trocas entre pessoas e ambiente por meio do engajamento nessas trocas, e que serão denominadas situações de aprendizagem. Elas estão imersas na vida. Assim, desde a perspectiva dessa pesquisa, o conhecimento se faz “a partir de compromissos diretos, práticos e observacionais com as pessoas e as coisas ao nosso redor” (INGOLD, 2020 p. 11) . Esse modo de saber o mundo, pelo estudo com as coisas e pessoas, em vez de sobre elas, conduziu nossos modos de produzir esta pesquisa.

¹⁰ É importante dizer que a escola se faz presente na Horta por meio dos diferentes atores que permeiam o espaço, que trazem consigo as marcas do processo de escolarização.

Importante ressaltar que nossa pesquisa está localizada dentro de um programa de pós-graduação que, a partir do trabalho da Linha de Pesquisa *Teorias e Culturas em Educação*, reúne produções sobre o tema da aprendizagem - tais como os trabalhos de Borges (2014), Bauermann (2016) e Füster (2018). Em comum esses trabalhos compreendem a preocupação de tomar os processos de aprendizagem como práticas sociais situadas.

1.2 Sobre teorias da aprendizagem

A aprendizagem é um tema central no campo da educação. É tema complexo, não existindo uma definição única aceita para o conceito. Longe de se chegar a um consenso, observa-se o desenvolvimento constante de um grande número de teorias acerca do tema. É importante destacar que, embora a aprendizagem seja tradicionalmente entendida como aquisição ou construção de conhecimento e habilidades, diferenciam-se as teorias e as descrições dos modos como a aprendizagem ocorre.

Sempre que se trata de aprendizagem se entende que se está tratando de um processo localizado em um contexto, que ocorre em um determinado tempo e espaço, com características particulares. A aprendizagem, entendida assim, não é etérea, não é uma abstração, tampouco universal. Desde a nossa perspectiva, a aprendizagem nasce a partir de uma situação, ou seja, ela é situada (LAVE, 1991). É construída em função de um contexto cultural no qual o sujeito se situa a partir da sua interação com os elementos e os praticantes desta cultura.

O que importa aqui não é alcançar um conceito encerrado, essencializado, e eleger a “melhor teoria para tratar da experiência que temos vivido em campo”, mas refletir sobre algumas perspectivas teóricas, dialogar sobre questões acerca da aprendizagem em práticas educativas, levando em consideração o entendimento de que “nosso modo de habitar o mundo não está desconectado do nosso modo de conhecê-lo” (Steil e Carvalho, 2014, p. 163).

Essa ideia é o pano de fundo das discussões de um conjunto de autores contemporâneos que têm em comum um conceito o qual denominam epistemologia ecológica (Steil e Carvalho, 2014, p. 163). Dentre esses autores, interessa trazer aqueles que convergem sobre as discussões acerca do tema da educação e da aprendizagem. A expressão epistemologias ecológicas

delimita uma região do debate teórico-filosófico contemporâneo que compreende autores de diversas origens disciplinares e diferentes opções teóricas, cujo ponto em comum é o esforço para a superação de dualidades modernas, tais como natureza e

cultura, sujeito e sociedade, corpo e mente, artifício e natureza, sujeito e objeto (STEIL e CARVALHO, 2014, p. 164).

Importante ressaltar, como enfatizam Steil e Carvalho (2014, p. 164), que o conceito epistemologias ecológicas é necessariamente plural, pois não pretende designar uma unidade teórica, mas sim uma área para a qual convergem horizontes de compreensão, que tentam romper com as dualidades mencionadas e com a externalidade de um sujeito humano fora do mundo, da natureza e alijado de seus objetos de conhecimento. Nesse sentido, a expressão epistemologias ecológicas reúne reflexões epistêmicas que apresentam certa ligação na medida em que utilizam referências ecológicas na estruturação de seus modos de conhecer. Os autores citados ao longo deste trabalho, desde a nossa perspectiva, representam esta espécie de horizonte interpretativo.

Para pensar a aprendizagem, interessam aqui correntes teóricas que não reproduzam perspectivas mentalistas/cognitivistas – que, grosso modo, sustentam uma ontologia dualista entre o mental e o físico no que se refere ao aprender. Tento, nesse movimento, afastar-me de estudos da cognição humana que tradicionalmente pressupõem “que o pensamento e o conhecimento sejam as realizações de uma mente estacionária, encerrada em um corpo em movimento” (INGOLD, 2015, p. 45). Para esta pesquisa, o movimento e o engajamento contínuo no ambiente são pressupostos do pensar e do aprender. Locomoção e cognição são aqui inseparáveis, e, por isso, o olhar se volta às práticas no/com o ambiente de um grupo comunitário que opera por meio de uma horta urbana.

A abordagem mentalista/cognitivista predomina há séculos no estudo de questões relativas ao ser humano e passou a ser um traço importante no pensamento filosófico e também psicológico da cultura do ocidente. A dualidade mente/corpo delimita uma visão de homem pretensamente universal que só passou a ser reformulada no século 20. Deste modo, a noção do psicológico foi, também, formulada nessa tradição dualista de homem. A teoria da aprendizagem de Jean Piaget, por exemplo, pode ser considerada paradigmática do modelo cognitivista pela centralidade que dá à construção do conhecimento a partir de esquemas mentais. Partindo de um interesse na epistemologia, Piaget, como biólogo que era, teve como propósito dar uma explicação biológica para o problema do conhecimento. A importância de seu trabalho está na amplitude, na integração e na consistência de sua teoria, assim como na repercussão e na influência que ela exerceu não só na própria psicologia, mas também em outras áreas de conhecimento, incluindo o campo da educação (LAMPREIA, 1992). Não sugiro aqui, de forma alguma, a superação das abordagens piagetianas e daquelas que estão nesta esteira: as teorias que chamamos de mentalistas/cognitivistas são condições de

possibilidade para que possamos refletir sobre as situações de aprendizagem que observamos a partir de outras abordagens teóricas. No entanto, guiamos o leitor no sentido de apontar que seguiremos outros fluxos interpretativos, plausíveis, desde o nosso entendimento, para as práticas comunitárias que temos estudado. Em toda a concepção de aprendizagem, há um caráter cultural, histórico e conjuntural, cada cultura apresentando concepções do que seja a aprendizagem. O caso analisado, a partir do nosso horizonte interpretativo, é um exemplar onde a aprendizagem se dá por meio da imersão e do deslocamento entre as práticas que constituem o espaço.

Neste trabalho, seguiremos na esteira de autores que se ocupam principalmente da dimensão social da aprendizagem, que entendem que aprender não é ter acesso a um conhecimento que está externo ao sujeito que aprende. Compreendemos que este pressuposto parte do pensamento de autores como Vygotsky e Leontiev, que propuseram uma leitura que se desdobra na produção de autores contemporâneos a partir das produções de Engeström (2013), que traz novos elementos a partir da teoria da atividade, bem como Lave (1991) e Wenger (2001), expoentes no estudo da aprendizagem como prática social por meio da teoria da aprendizagem situada. Dada a importância do social nestas perspectivas, alguns de seus pressupostos serão incorporados às chaves de leitura deste trabalho.

Segundo Engeström (2013, p. 68), qualquer teoria da aprendizagem precisa responder a, pelo menos, quatro questões importantes: (I) Quem são os sujeitos da aprendizagem – como são definidos e localizados?; (II) Por que esses sujeitos aprendem – o que faz com que façam o esforço necessário para tal?; (III) O que eles aprendem – quais são os conteúdos e resultados da aprendizagem?; (IV) Como aprendem – quais são as ações fundamentais dos processos de aprendizagem?¹¹. As questões apresentadas pelo autor serviram como ponto de partida na estruturação das entrevistas que fizemos em campo com o grupo de aprendizes, conforme trataremos no Capítulo 2.

Conforme destacado nos objetivos listados, o foco da tese volta-se para os processos de aprendizagem. Nesse sentido, passaremos pelos diferentes aspectos do processo de aprendizagem. A definição dos sujeitos que aprendem, suas motivações, as formas como aprendem nas dinâmicas, bem como os conteúdos e resultados dessa relação serão tema do Capítulo 4 deste trabalho.

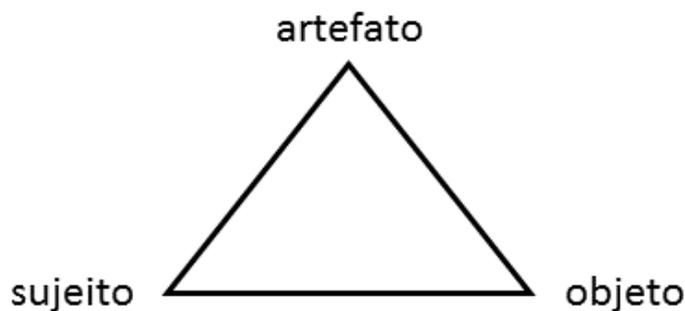
No que se refere à aprendizagem como prática social, é importante destacar que Lev Vygotsky iniciou, nas décadas de 1920 e 1930, a teoria da atividade histórico-cultural. De

¹¹ As perguntas formuladas pelo autor nos serviram como organizadoras, ou seja, como pano de fundo na elaboração das entrevistas.

acordo com Engeström (2013, p. 69), essa teoria diferenciou-se a partir de três gerações: a primeira, centrada no próprio Vygotsky, apoiada sobre a ideia de mediação. A ideia de mediação cultural costuma ser expressa como a tríade do sujeito objeto e artefato mediador (Figura 1). A inserção da mediação foi um aspecto importante no sentido de que a unidade básica da análise não era mais a dual relação cartesiana sujeito-objeto. O indivíduo não podia ser mais compreendido apartado de sua cultura, e a sociedade não poderia ser compreendida sem a agência de indivíduos que usam e também produzem artefatos culturais (Engeström 2013, p. 69). No contexto que estudamos, por exemplo, é possível pensar que não há horticultor fora de sua relação com o espaço da Horta Comunitária, assim como também não há Horta comunitária sem os sujeitos que a constituem por meio das práticas que nela coexistem.

Figura 1. Modelo básico de mediação proposto por Vygotsky.

O modelo básico de mediação de Vygotsky

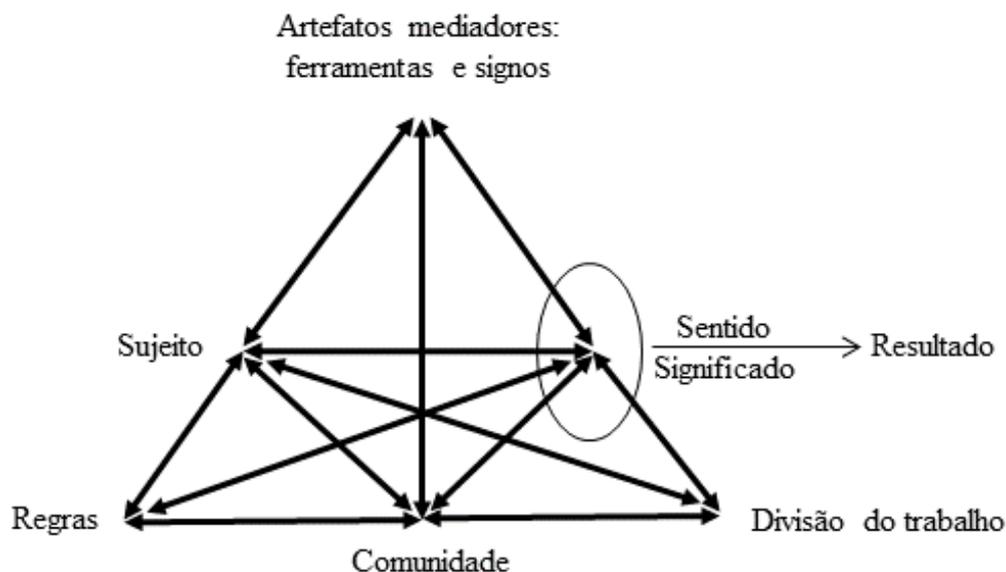


Fonte: Engeström (2013, p.70). Adaptação da autora.

O limite da primeira geração focou na centralidade no sujeito. Tal característica foi redimensionada pela segunda geração, centrada na pesquisa de Leontiev, que adicionou a dimensão da relação com a coletividade (Engeström 2013, p.70). Leontiev não representou graficamente suas contribuições em um modelo de sistema de atividade coletiva. A modelagem referente às suas contribuições foram propostas por Engeström (1987, p. 78 *apud* Engeström, 2013 p. 70), e é esse modelo que caracteriza a segunda geração (Figura 2). Ele representa os relacionamentos básicos em sistemas de mediação da atividade humana. O modelo proposto descreve os processos de mediação cultural (produção, distribuição e troca) que estão presentes em todas as atividades coletivas e que ocorrem, por sua vez, a partir de uma atividade. Engeström (1987 *apud* Engeström 2013 p. 70), a partir desse modelo, amplia o triângulo individual de mediação, diferentemente do proposto por Vygotsky, incorporando

mediadores sociais organizacionais, tais como regras, divisão do trabalho e comunidade (Figura 2).

Figura 2. Estrutura de um sistema de atividades.



Fonte: Engeström (2013, p.70). Adaptação da autora.

Representando ações individuais e grupais embutidas em um sistema de atividades coletivas, o modelo apresenta o objeto com a ajuda de uma forma ovalada, indicando que as ações orientadas a ele são caracterizadas por ambiguidade, interpretação, criação, negociação de significados e potencial de mudança. O conceito de atividade voltou o foco para as inter-relações complexas entre o sujeito individual e sua comunidade (ENGESTRÖM, 2013). Estas são as contribuições da segunda geração para a teoria da atividade.

A terceira geração da teoria da atividade se caracterizaria, segundo Engeström (2013), pela inclusão da discussão de uma série de diferentes autores, que, em comum, ampliam o modelo básico para incluir e sobrepor, pelo menos, dois sistemas de atividades nas interações. A terceira geração, segundo Engeström, está em movimento de constituição.

Segundo Engeström (2013, p.72), a teoria da atividade pode ser sintetizada em cinco princípios. O primeiro deles é que um sistema de atividade (mediado por artefatos e orientados para objetos, visto em suas relações com outros sistemas de atividade) é a unidade básica de análise. O segundo é que um sistema de atividades é sempre “uma comunidade de pontos de vista, tradições e interesses múltiplos”. A divisão do trabalho em uma atividade coloca os sujeitos em distintas posições e tipos de participações. Esta multiplicidade é fonte tanto de problemas quanto de inovações ao sistema, exigindo ações de negociação. O terceiro

princípio é a historicidade de cada sistema, e os sistemas de atividades só podem ser compreendidos a partir do conhecimento de sua própria história. O quarto princípio é a necessidade das contradições como fonte de mudança e movimento nos sistemas. O quinto princípio é a possibilidade de mudança expansiva da atividade. Essa mudança se daria à medida que as contradições de um sistema são agravadas e alguns indivíduos começam a tensionar e resistir às normas estabelecidas, gerando, assim, a necessidade de mudanças.

Estes princípios colocam os sistemas de atividades, ou as comunidades de práticas, como situam Lave (1991) e Wenger (2001) e com as quais dialogaremos a seguir, como algo não estável nem sequer definido de antemão. Em nossas vidas, precisamos aprender novas formas de atividades, que, muitas vezes, nem existem. Essas atividades ou práticas, em sua maioria, são aprendidas ao mesmo tempo em que são criadas, ou seja, pela expansão produzida a partir do próprio sistema ou comunidade. Devido à complexidade da aprendizagem em uma dimensão social, existem diferentes formas, modos e possibilidades de explorar este tema. As aprendizagens no contexto de uma horta urbana comunitária, ao mesmo tempo em que podem encontrar embasamento em modelos como os apresentados também emergem de tais modelos. Por isso, nossa tentativa, ao longo deste trabalho, é destacar alguns pontos de convergência, e não o enquadramento das situações de aprendizagem a esses modelos de representação.

Tento em vista o espaço de análise elegido, buscamos também horizontes teóricos que vinculassem as situações de aprendizagem ao engajamento dos indivíduos nas práticas, as quais, nesse caso, abrangem distintos processos que constituem uma horta comunitária. Assim, a aprendizagem aparece como uma dimensão da prática social, imersa e dependente de um contexto. Como define Lave (2015, p. 40), “toda a atividade (o que seguramente inclui a aprendizagem) é situada nas – feita de, é parte das – relações entre as pessoas, contextos e práticas”.

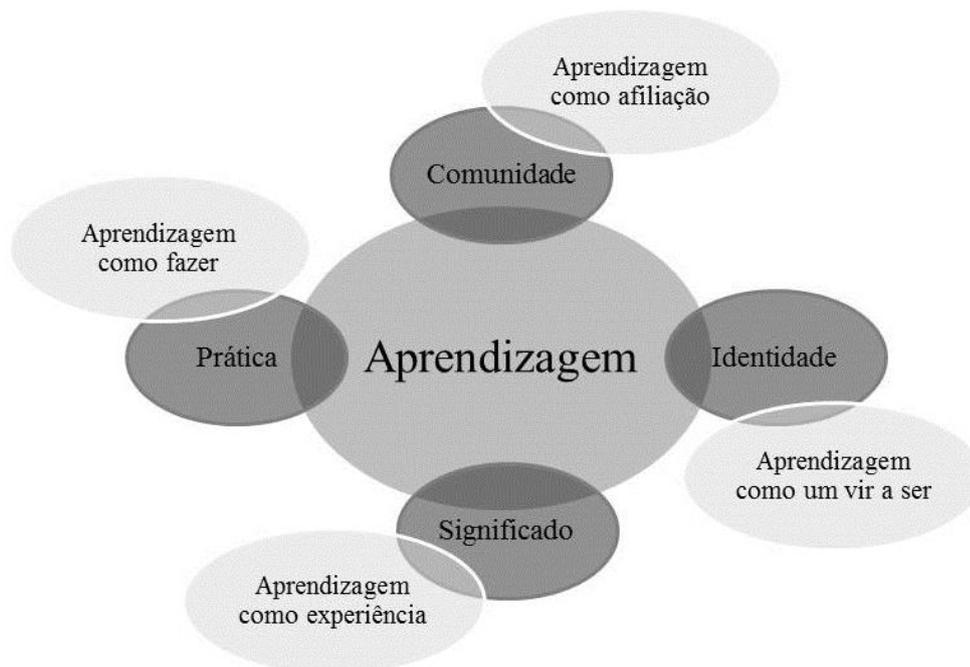
Esta premissa levou à definição de que a “aprendizagem é situada em complexas *comunidades de práticas* (culturais e mutantes, como parte do processo histórico que constitui a vida social)” (LAVE, 2015, p. 40). Para a autora aprender na prática inclui “aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, interativamente, ambos ao mesmo tempo. Tais relações, múltiplas e contraditórias, são todas, juntas e ao mesmo tempo a “relação” em questão – chamem isso de “aprender na/como prática” (2015, p. 41).

Para a teoria da *aprendizagem situada*, participar significa exercer um processo consistente e de maneira ativa nas práticas das comunidades sociais, construindo identidades em relação a essas comunidades. Por exemplo, ser um praticante na Horta Comunitária não é

apenas ser parte de uma equipe de trabalho de manutenção do cultivo, mas é, ao mesmo tempo, uma forma de filiação a uma ideia do que uma Horta Comunitária pode representar.

Segundo Wenger (2001 p. 22), uma teoria que leve em consideração a dimensão social da aprendizagem deve integrar elementos necessários para distinguir a participação social como um processo de aprender e conhecer. Estes princípios estão representados na Figura 3.

Figura 3. Componentes de uma teoria social da aprendizagem: inventário inicial.



Fonte: Wenger (2001, p.23), tradução nossa.

Desde a perspectiva de Wenger (2001, p. 22), o *Significado* refere-se a nossa capacidade sempre mutável, tanto no plano individual, como também coletivo, de nos experimentarmos na vida e no/com o mundo diferente do que temos sido e, com isso, produzir sentidos, significações. A aprendizagem, nesse sentido, existe nessa produção, com o efeito da experiência. A definição de Wenger aproxima-se, neste ponto dos clássicos apontamentos de John Dewey (1979), do movimento escola nova. Para Dewey (1979, p. 28), “cada experiência atua em certo grau sobre as condições objetivas em que decorrerão novas experiências”. O significado produzido a partir da experiência gera condições de possibilidade para novas aprendizagens. No caso estudado, aprender, por exemplo, a semear hibisco na sementeira ou a lançar direto no canteiro pode levar a uma produção de sentidos, e estes levarem a novas possibilidades de aprendizagem.

No esquema, ao tratar de *prática*, Wenger (2001, p. 22) refere-se aos recursos históricos e sociais, os marcos referenciais, bem como das perspectivas compartilhadas nas

quais se ancora o compromisso mútuo da ação. A prática como aprender a fazer é um exercício compartilhado, em que estão em jogo modos de levar o projeto compartilhado adiante. No caso em análise, por exemplo, aprender a fazer, ou aprender a prática, relaciona-se a compreender como se constituem as ideias nas quais as práticas se forjam. Por exemplo, aprender a capinar em um sistema de cultivo agroecológico também passa por entender que, em um sistema agroecológico, toda espécie tem um papel nesse espaço, sendo que, assim, ao capinar, se retira apenas o que é muito necessário. A necessidade é aprendida com a implicação no fazer.

No que se refere à *comunidade*, Wenger (2001, p. 22) a define como o conjunto de configurações sociais, em que se combina a busca de empreendimentos comuns e onde nossa participação é entendida como necessária. Para Wenger (2001), aprendizagem implica participação e afiliação a comunidades. Ainda, quando carrega o conceito de *identidade*, o autor entende-o como forma de tratar a mudança que a aprendizagem produz no sujeito, e como estes efeitos repercutem nas histórias pessoais de vir a ser no contexto da comunidade.

A aprendizagem a partir de uma perspectiva social, segundo Wenger (2001 p. 21), parte de quatro premissas. A primeira é que *somos seres sociais*, constituímos distintas comunidades e esta característica é um aspecto fundamental na aprendizagem. A segunda é que *o conhecimento é uma questão de competência em relação a determinado empreendimento*, por exemplo, no caso da horta, saber o tempo de plantio de cada espécie. A terceira premissa é que *o conhecimento tem a ver com o comprometimento e a participação ativa nas práticas*, ou seja, do engajamento ativo no/com o mundo. A quarta é que *o que deve produzir a aprendizagem é a nossa capacidade de experimentar o mundo*, um compromisso em relação a esta disponibilidade.

Na mesma direção, entendendo o conhecimento como um processo de “*educação da atenção*” (INGOLD, 2010), descontrói-se a ideia de conhecimento como algo que se possui, passível de transmissão, apostando na compreensão de que o conhecimento é o desenvolver de habilidades¹². Essas habilidades, na perspectiva de Ingold (2000; 2015), ocorrem a partir de um engajamento corpóreo e sensível no/com o mundo, o que afiança a importância das atividades compartilhadas. Esta perspectiva reitera o entendimento que temos sobre a aprendizagem como prática que se dá na interação.

¹² A noção de habilidade nesta perspectiva vem a partir da imersão na prática como mundo/no mundo. A prática tida como habilidosa não implicaria o descolamento de nossos modos habituais de estar no mundo, mas se baseia nestes.

Nesse sentido, pretendemos nos aproximar de uma noção de educação que compreende o conhecimento como imanente à prática, constituindo-nos como sujeitos de ação e percepção, em um movimento contínuo e de abertura a relações atentas. Para pensar aprendizagem, podemos estabelecer relações com a noção de habilidade (*skill*), proposta por Ingold (2000, p. 5):

Por habilidades, não quero dizer técnicas do corpo, mas a capacidade de ação e percepção como uma totalidade orgânica (indissolavelmente mente e corpo), situada em um ambiente ricamente estruturado. Como propriedade de organismos humanos, as habilidades são tão biológicas quanto culturais. Em segundo lugar, e decorrente dessa noção, tornar-se habilitado em uma prática, em uma determinada maneira de viver, não é uma questão de fornecer um conjunto de capacidades generalizadas, dadas desde o início como compartimentos de uma natureza humana universal, com específico conteúdo cultural. Habilidades não são transmitidas de geração em geração, mas se refazem em cada uma, incorporadas no *modus operandi* do organismo humano em desenvolvimento, através da formação e da experiência na execução de tarefas situadas. (Tradução da autora)

A noção de habilidade referida enfatiza a vida social como processo e também relação, situada em um tempo e contexto histórico, como também apontam Wenger (2001) e Lave (2015). A contribuição do autor nos auxilia a refletir sobre as formas como o conhecimento é aprendido. Nos leva a pensar na forma como o aprendizado, em um sentido transgeracional, pode se revelar para além da ideia de transmissão de um sujeito especialista a um sujeito *tábula rasa*.

O autor contrapõe-se à ideia de que “o conhecimento existe na forma de ‘conteúdo mental’ passado de geração em geração, como a herança de uma população portadora de cultura”. Ele contesta, ainda, a noção de que “conhecimento é informação, e que seres humanos são mecanismos para processá-lo” (INGOLD, 2010, p.7), reivindicando, deste modo, que o conhecimento consiste em habilidades, e que todo o ser humano é um “centro de percepções e agência em um campo de prática” (*Ibid.*, p. 7). Assim, aprender passa pelo processo de “educação da atenção” (INGOLD, 2010, p. 21).

Em relação à atenção e à aprendizagem, por meio da experiência, Masschelein enfatiza que

Estar atento é abrir-se para o mundo. Atenção é precisamente estar presente no presente, estar ali de tal forma que o presente seja capaz de se apresentar a mim (que ele se torne visível, que possa vir a mim e eu passe a ver) e que eu seja exposto a ele de tal forma que eu possa ser transformado ou “atravessado” ou contaminado, que meu olhar seja libertado (pelo “comando” daquele presente). Pois tal atenção torna a experiência possível” (2008, p. 42).

Na mesma direção, Lave sugere que se investigue o sentido do “ensinar” desde a noção do “aprender” (Lave, 1996, p.153). A autora propõe a aprendizagem como um processo que se dá a partir de formas de participação, horizontalizando as relações entre os sujeitos que tradicionalmente constituem a relação de aprendizagem. Essas formas horizontais de participação cabem como foco de análise e serão melhor discutidas adiante, quando tratarmos das modalidades de participação dos sujeitos nas práticas da Horta Comunitária em questão.

Tanto as produções de Engeström (2013) como de Lave (2015), Wenger (2001) e Ingold (2010), impulsionam a pensar sobre a dinâmica da aprendizagem descolada do entendimento de que esta seja um “um desdobramento cognitivo do ato de ensinar” Lave (2015, p. 38), ou seja, um resultado da missão de quem ensina em um ato de transmissão. Desfocar o olhar somente das práticas de ensino para focar a aprendizagem como processo relativamente independente do ensino se faz necessário, e é por esta direção que seguimos. Neste caso, ensino e aprendizagem são relativamente indissociáveis (não há ensino se não houver aprendizagem, mas pode haver aprendizagem sem que haja ensino), sendo, por isso, relativamente independentes.

Nosso entendimento é o de que a Horta Comunitária se mostra como uma comunidade de práticas (WENGER, 2001), na medida em que a Horta é entendida como empreendimento conjunto que apresenta sujeitos com repertório compartilhado (compreendido aqui como os conjuntos de relatos, os artefatos, as práticas, os instrumentos, os discursos, os conceitos – como, por exemplo, agroecologia e soberania alimentar –, os eventos que marcam sua história...) e compromisso mútuo. Aproxima-se também de *sistema de atividades* (ENGESTRÖM, 2013), constituído por uma comunidade de pontos de vista, de tradições e de interesses relativos aos seus diferentes participantes. Essa comunidade de pontos de vista pode ser entendida como proporcionadora de aprendizagens (no sentido de ser, de forma permanente, um complexo sistema constituído por infinitas condições de possibilidades de que alguma experiência de aprendizagem aconteça) a partir de demandas que podem ainda nem existir, pois se constituem à medida que ocorrem os tensionamentos presentes no sistema das práticas/atividades, levando os participantes a atuarem de maneiras até então inéditas. Com isso, cada sujeito ali envolvido movimentada e expande seu repertório, bem como o da comunidade de aprendizagem em questão, viabilizando também a possibilidade da experiência comunitária. Essa expansão tem a ver com o desenvolver de *habilidades* (INGOLD, 2000) em práticas contextualizadas, situadas (LAVE, 2015), como descrito.¹³

¹³ É necessário enfatizar que a noção de habilidade que trazemos aqui não se relaciona aos conceitos de *habilidade e competência*, propostos por Philippe Perrenoud (2002) no campo da pedagogia. Desenvolver

Partindo desses horizontes teóricos, reafirmamos que nosso compromisso não é alocar a experiência em um determinado modelo de aprendizagem, mas olhar para o vivido tentando operar com estas teorias, entendendo-as como ferramentas interpretativas que servem também na produção de novas possibilidades de reflexão. Mais do que instalar-se dentro de um modelo, mas imersos nas situações de campo, o que se propôs foi tentar responder à pergunta: *que experiências de aprendizagem acontecem neste particular espaço comunitário?* Este foi – e continua sendo – o exercício.

1.3 Aprender com as/nas práticas comunitárias

“O conhecimento fixa e nos tranquiliza; a sabedoria desestabiliza e perturba. O conhecimento arma e controla; a sabedoria desarma e abnega. O conhecimento tem seus desafios, a sabedoria tem seus caminhos, mas, enquanto os desafios do conhecimento se encerram em suas soluções, os caminhos da sabedoria se abrem para um processo de vida. Agora, é claro, que não estou sugerindo que podemos abrir mão do conhecimento. Mas precisamos de sabedoria também.” – Tim Ingold (Estar Vivo – Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição)

Em qualquer lugar, podem existir redes, comunidades, estruturas sociais que garantam a reconfiguração do conhecimento de uma geração à outra, mas onde ainda não foi sequer criado algum modelo de ensino formal e centralizado. O espaço de aprendizagem ao qual este trabalho se articulou, como enfatizado, não é uma instituição escolar, um espaço formal de práticas educativas. Optou-se por tentar se distanciar dessa dualidade formal-informal, pois se entende que as práticas sociais se sobrepõem, mas também partilham características, podendo ser atravessadas por formas comuns. Entendendo as práticas sociais dessa forma, parece difícil assumir a caracterização dual formal/informal. Embora seja difícil se livrar desta dualidade, o que se enfatiza aqui é a necessidade de superar a dicotomia assinalada. Desde a nossa perspectiva, os espaços onde acontecem as práticas, as condições de possibilidade para a existência das comunidades, desde a visão que temos adotado, são mais complexos do que isso. Os distintos campos se entremeiam nas suas formas, rituais e, por tal motivo, não é possível configurar tais separações, ou, pelo menos, não nestes termos.

O foco escolhido se deu em relação às experiências de aprendizagem estabelecidas a partir das práticas educativas que ocorrem em um espaço comunitário que integra uma mestiçagem de conhecimento e sabedoria, nos termos elegidos para estes dois desde Ingold

habilidade, desde o ponto de vista ingoldiano, implica um processo de imersão e relação na vida social. Ingold sugere que as habilidades não se constituem a partir do acúmulo individual de representações, mas a partir do movimento e da prática, na realização de modos de ação/interação/orientação constituídos a partir do engajamento dos sujeitos.

(2015). A fim de que se pudessem investigar as particularidades deste espaço, em um agrupamento específico que constitui a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, foi preciso debruçar-se, antes, sobre o conceito de *comunidade*..

Antecipo que não se tomará em análise algumas discussões clássicas a partir do campo da sociologia para tratar desta categoria. Não é tema desta tese o aprofundamento no campo dos estudos a partir de um viés sociológico, pautado, principalmente, pela tradição do materialismo dialético. Embora saibamos que a reivindicação do comum passe pelas lutas sociais e culturais contra a ordem capitalista e o Estado, e que as discussões voltadas à categoria comunidade designam não só uma aproximação às ideias comunistas, como também fazem parte de sua ordem discursiva, nos colocamos aqui desde outro lugar, entendendo comunidade como um campo de práticas móvel, constituído por sujeitos, coisas e suas relações.

1.3.1 Sentidos para comunidade, perspectivas e delimitações

“A formação de novos modos de relações humanas contém uma tema indispensável para falar da revolução.” Michel Foucault em *Ditos e Escritos*, p. 69, 1976.

Em novembro de 2020, apresentamos o trabalho intitulado “Educação Ambiental: aprendizagens em uma horta urbana no sul do Brasil” no Eixo 3 – Antropologia, educação e formação antropológica – do Simpósio “Saber-fazer, saber e fazer: aproximações antropológicas da aprendizagem a partir de diferentes campos de prática” no VI Congresso da Associação Latinoamericana de Antropologia: “Desafios Emergentes”. Após terminarmos a rodada de apresentação – na qual apresentei o texto escrito em coautoria com a professora Isabel Carvalho e o professor Marcos Villela Pereira – a professora Ana Gomes, ao comentar os trabalhos apresentados, chama-nos a pensar sobre os sentidos que estamos empregando à palavra comunidade. São esses sentidos partilhados com nossos espaços de análise (Figura 4)? De que modos esta noção interroga-nos na escrita de nossas pesquisas? Qual é o lugar do pesquisador na comunidade de prática analisada? Essas questões dialogam com o que será tratado a partir de agora.

Figura 4. Placa que sinaliza a entrada da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre.



Fonte: Acervo da autora.

Buscamos apresentar e estabelecer relações entre diferentes noções de comunidade, considerando este exercício como algo importante para o entendimento das formas de aprendizagem, bem como sua ação política no grupo analisado neste trabalho. Seguiremos o texto em uma tentativa de trazer à baila algumas referências, tentando destrinchar algumas perspectivas teóricas localizadas no bojo do pensamento de autores já apresentados e traçar suas potencialidades, imprecisões e limites para a pesquisa. Destaco que a intenção não é encontrar o “verdadeiro” referente ou o “verdadeiro” significado de comunidade, mas caminhar na direção oposta, tentando chegar ao entendimento de que o conceito é um arranjo contingente, vinculado a um campo discursivo.

De imediato, a palavra comunidade, aos nossos ouvidos, tem relação direta com a ideia de algo comum. Parece levar a marca de que se trata de um conjunto de vários indivíduos com algo que os reúne, esse algo pode ser um espaço físico, necessidades que convergem, identidades, ou, quem sabe, uma demanda. Se procurarmos o vocábulo nos dicionários, encontraremos algumas definições próximas às de Holanda (1993, p. 134): “comunidade - 1. Qualidade de comum. 2. Corpo social”.

Na mesma direção, se observarmos a origem da palavra comunidade, podemos compreendê-la melhor, talvez porque, aos nossos ouvidos, essa ideia seja recorrente: a palavra comunidade vem do latim (*comunitas-atis*) e traz como significado *qualidade comum*.

Devemos destacar aqui que *comum* é aquilo que *não é próprio*, ou seja, *o que não tem ou o que não pode ser propriedade*. A comunidade pode ser então o contrário da propriedade. Neste ponto, ao que parece, já somos convocados a fazer questionamentos: É preciso negar o que é próprio para compor uma comunidade?

Nas palavras de Esposito (2009):

a comunidade se tem como aquilo que identifica o sujeito consigo mesmo através de seu empoderamento em uma órbita expandida que reproduz e exalta seus traços particulares. O resultado é que se remete à comunidade a figura do *proprium*: se trata de comunicar quanto é comum o próprio, de modo que a comunidade fica definida pelas mesmas propriedades – territoriais, étnicas, linguísticas – que seus membros. Estes têm em comum seu caráter de próprio e são proprietários daquilo que é seu comum (ESPOSITO, 2009 p.15- Tradução nossa).

O compartilhar parece estar aderido à ideia de comunidade. Segundo Antillano (2004, p. 9, tradução nossa), “compartilhamos o que nos leva a estar em uma comunidade, com nossa vontade ou sem ela”. A autora também destaca algo importante: a adesão à comunidade pode ser compulsória, pois se pertence a algumas comunidades não necessariamente por escolha. O que se partilha com determinado grupo não obrigatoriamente passa pelo estabelecimento de pertencimentos ou vínculos *a priori*, mas a uma determinada questão prática, jurídica ou burocrática.

Se tomarmos em análise uma comunidade escolar, por exemplo, podemos estar nos referindo a um grupo humano (de alunos, professores, trabalhadores da educação, pais e outros) que compartilha, direta e indiretamente, a vida da e na escola, mas não necessariamente optaram por isso. Uma comunidade de bairro, da mesma forma, compartilha a vida na mesma zona de moradia, mas não obrigatoriamente os sujeitos que ali vivem tiveram essa intenção na escolha. Podemos traçar um ponto importante: o comum compartilhado não é necessariamente uma escolha. Constituir uma comunidade é estar alinhado a um comum que não obrigatoriamente é o ideal de comum pensado por um sujeito. O comum pode ser uma arbitrariedade, e sob alguma perspectiva ele não necessariamente é negociado, debatido, discutido, tratado. As fronteiras territoriais do espaço geográfico que nos antecedem dividindo o mundo pode ser este comum. Esta linha arbitrária que ela representa nos antecedeu e talvez não a tenhamos escolhido.

Desde a família, primeiro núcleo de socialização, até a cidade, o país e tantas outras instâncias que nos colocam a partilhar um “comum”, parece que estamos atrelados a múltiplas comunidades, sobretudo se entendemos que é nelas que desenvolvemos distintas práticas sociais.

Barcellona (1996) destaca que na passagem do modo de vida rural para o modo de vida urbano, na modernidade, houve uma reorganização dos núcleos de vida comunitária. As relações envolvendo vínculos de parentesco e de vizinhança foram se dissolvendo na medida em que as atenções foram direcionadas para fora, para o mercado, com suas relações envolvendo dinheiro. A mercantilização generalizada das relações operou a dissolução dos vínculos de solidariedade. Para Barcellona, esses vínculos é que caracterizam a noção de comunidade.

Os vínculos de solidariedade assumem, desde a perspectiva escolhida para este trabalho, um ponto importante no exercício comunitário que acompanhamos em campo. Desde as práticas de cultivo e sociabilidades coproduzidas de modo coletivo no espaço da Horta Comunitária se estabelecem modos de promover a criação de vínculos sociais fortalecidos que, de certa forma, tentam dissolver os individualismos. Para estimular a produção desses vínculos, é comum a ideia de que a iniciativa precisa abrir mão de relações monetarizadas e até financiamentos externos. Janaína, aprendiz entrevistada na pesquisa, percebe e destaca esse ponto inegociável, até o momento, no âmbito da Horta:

(...) Quando a Mirtes e o Fabrício disseram que eles tiveram a oferta de financiamento, não sei se é financiamento, mas apoio de empresas para tocar aquele projeto adiante e eles negaram... Nossa! Tem gente que deve olhar para isso e talvez pensar nesse momento enquanto eles negaram: “que gente louca!”, “porque que eles fizeram isso?”, “imagina se tivesse dinheiro o quanto de coisas que poderia ser feita na horta!”... Sim! E o quanto de coisa se perderia... Porque tu ia perder a autonomia, tu ia perder a capacidade de resolver coletivamente os conflitos como é o melhor para aquela comunidade. Então isso foi outro aprendizado assim... As relações dessa coletividade, esse viver em comunidade... Ele é prioridade na Horta! E enquanto for prioridade vai ser prioridade... E isso fala muito profundo assim para mim. Eu tenho dificuldade até de traduzir em palavras assim sabe? De tão diferente que é para mim das coisas... A gente vê assim projetos maravilhosos, super necessitados de grana e que acabam perdendo necessariamente seus ideais, por causa disso.... E na Horta, por mais que tenham todos esses desafios, continuam tendo a sua identidade, lutando por isso sabe? Se tem uma clareza dos objetivos pelos quais ela existe através das suas lideranças: da Mirtes, do Fabrício, da Camila... Enfim, isso tá muito nítido. Eles sabem ao longo de todo esse tempo o porquê eles estão lá. Pode ser que, digamos assim, os microprojetos dentro desse grande projeto Horta mudem... Pode ser que de fato em algum momento eles reconheçam a necessidade de ter sim um investimento... Mas isso continua claro, esse objetivo de porquê e para que a Horta existe... E isso para mim foi um grande aprendizado. Eu acho a Horta incrível nisso (Janaína. *Entrevista*, p.33-34).

Sem motivos ou com motivações prática definidas. As pessoas se unem voluntariamente em torno de um comum também por necessidades específicas, Antillano destaca que essa união se dá principalmente para “ajudarem-se a viver, o que é, de modo natural, mais fácil em comunidade” (2004, p. 10). A autora nos convida a pensar sobre uma

importante questão: Pensando que as pessoas se agrupam a fim de se ajudarem, para viver, a partilha de um comum envolve, necessariamente, uma estratégia de cooperação?¹⁴.

Na obra *Juntos*, Richard Sennett destaca que a cooperação não está dada *a priori* entre os humanos, e que, sim, é uma habilidade aprendida, desenvolvida. O estar juntos requer empenho, principalmente “quando lidamos com pessoas diferentes de nós; com elas, a cooperação torna-se um grande esforço” (SENNETT, 2012, p. 9). No entanto, Sennett ainda atribui uma dimensão biológica à cooperação. Ele destaca que, pelo fato de não podermos sobreviver sozinhos, a cooperação pode auxiliar para que consigamos nos estabelecer. Deste modo, a cooperação aparece como estratégia política, distante da ideia de cooperação romântica e nostálgica presente nos discursos de movimentos sociais contra-hegemônicos, como, por exemplo, no movimento ambientalista. Segundo o autor (SENNETT, 2012, p. 93), o equilíbrio entre a cooperação e a competição compreende um espectro de trocas possíveis nas comunidades.

Ainda segundo o autor (2012, p. 328), comunidade é como “um processo de chegada ao mundo”. Nesse processo, as pessoas não resolvem só a questão do valor das relações pessoais diretas, mas também compreendem os limites dessas relações. Para os marginalizados, os limites impostos pela comunidade são, em geral, políticos e econômicos, mas o valor desse pertencimento é social. Embora “a comunidade não possa preencher um vida inteira, o fato é que promete prazeres bem concretos” (2012, p. 328). No espaço que analisamos, os prazeres concretos prometidos perpassam temas como reconhecimento, aprendizagem do ofício da horticultura, acesso a uma alimentação diversa e também ampliação do contato com diferentes pessoas, entre outros. No entanto, ao mesmo em que oferece tais prazeres, requer a filiação e o engajamento do sujeito nas dinâmicas, de modo a sustentar o projeto em um longo prazo. No caso da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, nosso espaço de análise, a definição de comunidade tem a ver com fatores como compartilhar um território, formar uma população que compartilha práticas de horticultura e outras práticas ecológicas (um “nós”), ter demandas originadas por problemas em comum e buscar soluções e recursos para saná-los. É importante pautar que há comunidades que acirram as desigualdades, outras que as enfrentam, e no amplo espectro que isso representa, ainda assim, tudo isso, pode representar *ser comunidade*, *ser exercício comunitário*. No caso que estudamos, há tensões nesse exercício, contudo, a redução das desigualdades é tópico

¹⁴ Eu não tenho a pretensão de responder a essa pergunta. Listá-las faz parte da minha estratégia de encontro e diálogo com os textos, já que meu intuito aqui é também fazer com que enxerguem tais estratégias.

importante no debate formulado dentro desse particular agrupamento. A permanência do grupo no tempo¹⁵ parece ser prova de que a estratégia tem funcionado.

Ainda, se faz necessário destacar a importância da língua, do dialeto ou jargão e de outros signos, para o estabelecimento da comunicação¹⁶, tão cara ao comunitário. No sentido empregado por Antillano (2004, p. 60), a comunidade é entendida como um “conjunto que une a diversidade em função de objetivos comuns¹⁷, é um organismo integrado por individualidades onde cada qual quer ser respeitado como pessoa”. A definição da autora nos convoca a pensar sobre esse jogo dual que envolve o vir a ser comunidade. A comunidade pode ser entendida não apenas como agrupamento homogêneo, a comunidade involuntária a que nos referimos, mas também como a impressão e a expressão de um conjunto de individualidades.

Nessa mesma direção, Barcellona (1996) trata do conceito de comunidade como lugar de expressão de diferenças:

Hoje, sabemos que a ideia de comunidade não pode ser pensada como um espaço opressivo e autoritário, mas como eleição livre, baseada na consciência de que só na reciprocidade das relações não monetárias se produz o verdadeiro reconhecimento da diferença e da particularidade. **A comunidade pode ser o lugar onde se defendam e se valorem as particularidades individuais, onde se evite a conversão de todos nós em “analfabetos sociais”** (BARCELLONA, 1996, p. 132 – Tradução e grifo nosso).

Se a comunidade pode ser o lugar onde se defendem as particularidades e o jogo de negociação entre elas e o corpo coletivo, talvez se possa pensar que as trocas são condições para sua existência. Comunidade pode ser aquilo que expressa qualidade comum e, ao mesmo tempo, lugar para expressão e exercício de diferenças, divergências e desencontros. Estas diferenças, que levam ou não a conflitos¹⁸, constituem o ser comunitário, tornando este ser um contínuo movimento. Esta visão se aproxima de modo mais plausível ao espaço comunitário que foi analisado. Comunidade vista não como uma cristalização, mas como um contínuo vir

¹⁵ Adiante, trataremos do histórico do espaço comunitário em questão.

¹⁶ Destacamos aqui que a palavra comunicação é derivada do termo latino *communicare*, que significa partilhar, participar algo, tornar comum.

¹⁷ Os objetivos comuns podem ser ali entendidos como demandas que, articuladas, operam com a formação de cadeias de equivalência (LACLAU, 2013). Essas cadeias não são produzidas pelas identidades isoladas dos componentes de um grupo, mas como resultado da instauração do antagonismo entre estes. Tal antagonismo gera a tensão necessária à articulação dos mesmos em um arranjo momentâneo, necessário para alcançar determinado ponto da pauta política. Em sua obra *A razão populista*, Ernesto Laclau nos leva a compreender a inviabilidade de se apresentar uma demanda sem transcender o domínio da própria identidade. Não irei me aprofundar neste tópico por ora, mas faço este destaque para mencionar acerca da possibilidade de articulação.

¹⁸ Consideramos aqui que um conflito pode ser efeito de uma divergência, no entanto, uma divergência pode se resolver – sendo superada ou permanecendo, coexistindo na disparidade – pela negociação.

a ser, uma formação social sempre instável, precária, provisória, frágil, mas que, também, produz, dentro de um determinado espaço de tempo, uma estabilidade por meio dos vínculos solidários.

Esposito (2009, p. 16) traz elementos importantes para pensar a relação sujeito-comunidade. Para o autor, “a comunidade não é aquilo que protege o sujeito enclausurando-o nos confins de uma pertença coletiva, mas aquilo que o projeta para fora de si mesmo, de forma que o expõe ao contato, e inclusive ao contágio¹⁹, com o outro”. O sentido de comunidade pode ser aproximado, então, da noção de experiência. A comunidade como experiência, que leva o sujeito para fora de si, leva-o a estabelecer um “nós”, e este “nós” precisa aqui de certa atenção. O nós tem sempre um caráter ambivalente, pois o “nós” que reúne também é o mesmo que provoca divisões.

Cabe aqui uma ressalva sobre a ideia de criação de um “nós”. Para Murgia²⁰ (2018, p. 1, autora do livro *Instruções para se tornar um fascista*), o vocábulo mais perigoso do dicionário pode ser “nosso”. Segundo a autora, o *nosso* pode referir-se a uma comunidade onde o fechamento é confundido com identidade, onde o pertencimento mútuo torna-se não uma oportunidade de construção do diálogo e da experiência para fora de si, mas o muro em relação aos que vem de fora. Nas palavras da autora (2018, p.1), “a obsessão com a posse defensiva revela a ideia de um inimigo, não de uma comunidade. Em si, ‘nosso’ não é uma palavra negativa. Torna-se negativa nos discursos em que você tem que assustar as pessoas contra alguém e fazê-las crer que tudo o que é nosso será tirado de nós”. Nesse sentido, a comunidade pode conter exatamente aquilo que ameaça a sua existência, a incomunicabilidade com o que está para além do seu domínio. Aqui, queremos destacar algo que nos parece relevante, a comunidade não é necessariamente “boa”, o encerramento no “nosso” pode ser, por um lado, célula da intolerância e do fundamentalismo. Como pondera Pereira:

Como forma de resistência à identificação maciça, talvez valha apostar na diferença. Como uma alternativa à massificação imposta pela globalização, pela sociedade de consumo, pelo capitalismo mundial integrado, para evitar ser soterrado por essa cultura, uma importante alternativa é buscar refúgio nas comunidades. A comunidade é fonte de segurança: ela agrega indivíduos com algum traço comum, com algum atrator que lhes confere, ante aos demais, uma identidade. É pela diferença que se agrupam os semelhantes. É pelo postulado de uma diferença com

¹⁹ Contágio ao outro ganha outra dimensão no contexto de pandemia em que vivemos. O contágio ao outro nesse momento é justo o inverso, apostar no distanciamento social e valorizar as práticas de cuidado íntimo.

²⁰ Em entrevista de **Flavia Piccini**, publicada por **Huffington Post**, 04-11-2018. A tradução é de **Luisa Rabolini** e foi veiculada no sítio: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584410-nosso-e-a-palavra-que-me-assusta-o-fascismo-comeca-com-as-palavras>. Acesso em: novembro de 2018.

relação ao que é global que um grupo assume esse traço como fator de identificação e constitui um grupo ele mesmo diferente. É a diferença que identifica, ainda que essa identidade seja provisória. Eventualmente, usamos uma forma de identidade para suprimir outras tantas: qualquer traço identitário que for tomado como fundamento (religião, etnia, nacionalidade, tribo urbana, categoria profissional, partido político) corre o risco de converter-se em uma matriz fundamentalista que anula toda a variedade de traços que nos compõem. Aferrar-se a uma condição, tentar fixar um certo fator de identidade comumente leva à constituição de guetos culturais que, ao invés de representar uma alternativa de sobrevivência na aldeia global, torna-se um dispositivo que desidentifica o indivíduo, dissolve a identidade individual em favor do estigma da pertença àquele grupo ou categoria. Ou seja, sucumbe-se justamente àquela homogeneização da qual se tentava escapar (PEREIRA, 2015, p. 18).

Pensando no caso analisado, o nós se constitui menos no sentido de conjunto essencializado e mais como agrupamento onde há fluência e trânsito de sujeitos e posições, incluindo nesse trânsito sujeitos de comunidades que se sobrepõem.

O sentido de comunidade também pode ser compreendido como algo da ordem da experiência, que aconteceria em manifestações que se fazem e se desfazem. Esse movimento não se caracterizaria como uma falta de ser, mas um jeito de sê-lo. A comunidade pode não ser unidade estável, mas sim um arranjo recursivo, que está sempre em processo de constituição. Ou, como intitula Agamben (2017), *uma comunidade que vem*, e que por estar sempre chegando, resiste a si mesma e ao indivíduo.

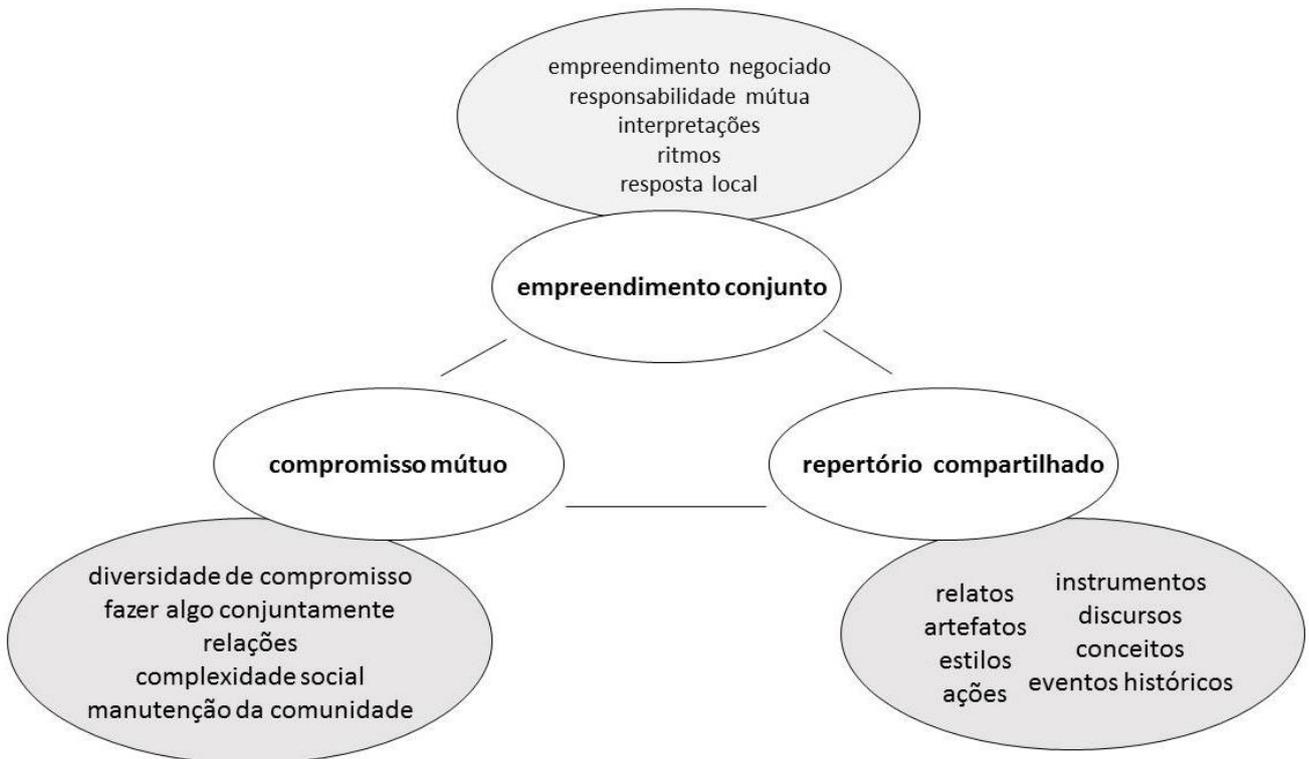
Agamben (2017) e Esposito (2009) não consideram a comunidade como uma instância de compartilhamento de características, qualidades ou identidades, mas a pensam como experiência e acontecimento marcados pela negatividade, pela falta. Assim, se a perda/a falta constitui a comunidade, então todo o entendimento de comunidade como unidade estável resultaria na dissolução da experiência ou do acontecimento da comunidade. A unidade aniquilaria a singularidade ao forçá-la existir em algo pronto, estável e acabado.

A comunidade como experiência de arranjo recursivo nos serve para pensar como o grupo de hortelões vinculados à Horta Comunitária Lomba do Pinheiro cria formas de viver e relacionar-se, estabelecendo não uma unidade indissociável, mas uma experiência de coexistir, de estar e viver juntos. Talvez seja justamente nesta experiência de invenção de um comunitário que se formam laços e vínculos de solidariedade. Nessa experiência de coexistir, a solidariedade aparece como fator de coesão, mas os vínculos solidários não superam a polaridade entre a individualidade e a alteridade, mas fazem tensão no fio contínuo entre essa relação. Deste modo, a comunidade a que nos referimos não está *a priori* nas relações, mas configura-se a partir delas, do trânsito entre posições intercambiáveis, tanto de enunciação de discursos como de posições de produção das práticas. A disposição em engajar-se em uma

experiência de ser-em-comum, a partir das práticas, em um espaço público, como a Horta Comunitária, propicia aprendizagens que estão para além do entendimento da prática como técnica, e este arranjo pode caracterizar e fazer desse agrupamento uma comunidade. O que faz com que esse agrupamento seja descrito e compreendido como uma comunidade é este exercício de (re)configurar-se de modo incessante como tal, por meio do compartilhamento de modos de ser no/com o mundo. Nesse sentido, o entendimento do que Lave (1991) e Wenger (1998) chamam de *comunidade de prática*, nos cabe também como uma perspectiva de análise. Wenger (1991, p. 99) enfatiza que quando associamos prática à comunidade, não estamos dizendo que qualquer coisa que alguém possa chamar “comunidade” esteja definida por uma prática que seja específica a ela, nem que tudo o que alguém possa chamar de prática seja uma propriedade que define uma comunidade. Por exemplo, como bairro, a Lomba do Pinheiro pode ser identificada como comunidade, mas não necessariamente será uma comunidade de prática. Na mesma medida, semear, capinar, colher são práticas atreladas à Horta, mas também não podem ser assim definidas como comunidade de prática. Para associar prática e comunidade, Wenger descreve três dimensões da relação mediante a qual a prática se converte em uma possibilidade de coerência de uma comunidade, como expresso na Figura 5.

Para Wenger (2001, p. 100), o compromisso mútuo é uma das primeiras características da prática como fonte de coerência de uma comunidade. A prática, segundo o autor, não deveria ser entendida como abstração, já que os participantes estão negociando os seus significados mutuamente. A prática nesta abordagem reside em uma comunidade de humanos (e aqui adicionamos não humanos) em relação de participação mútua, por meio da qual agem como agem. Sendo assim, a afiliação a uma comunidade de prática abrange um compromisso mútuo, e é isso que define, na perspectiva de Wenger (2001, p. 100), uma comunidade.

Figura 5. Dimensões da prática como propriedades de uma comunidade.



Fonte: Wenger (2001, p.100), tradução nossa.

O empreendimento conjunto é outra perspectiva importante da prática com fonte de coerência de uma comunidade. Este empreendimento, segundo o autor (2001, p. 105), resulta de um processo coletivo de negociação que é pautado na complexidade do compromisso mútuo. O empreendimento a que se refere o autor não é, por assim dizer, uma meta a ser estabelecida e alcançada, mas um espaço de relações de reponsabilidade que se convertem em parte da própria prática.

Outra característica importante, segundo o autor (WENGER, 2001, p. 110), é o repertório compartilhado, que consiste em “rotinas, palavras, instrumentos, maneiras de fazer, relatos, gestos, símbolos, gêneros²¹, ações e conceitos que a comunidade tem produzido e adotado no curso de sua existência e que passaram a formar parte de sua prática”, ou seja, certa cultura. Jussara, uma de nossas entrevistadas, fala da dimensão do empreendimento mútuo ao tratar da Horta Comunitária como espaço de compartilhamento contínuo:

²¹ Entendidos, pelo autores, como estilos e formas.

(...) E eu acho que uma das coisas mais importantes, marcantes aqui assim é o compartilhar. Aqui é sempre compartilhado. O aprendizado na horta é contínuo. Tu passa e alguém “Ah tu viu aquela planta ali?” e já fala da planta. Ou se é uma coisa diferente aí já tem um pra te dizer “Ah essa veio de tal lugar, foi fulano que doou a muda...” e já te conta a história do fulano. Eu tava aqui uma vez e vi o Evandro com um feijão que um cara do Peru deu para ele lá em Esteio e ele trouxe pra cá... Eu nem sei direito onde é o Peru sabe?! Hahaha Então, a gente vê que essas pessoas que tão mexendo com a terra assim desse jeito aqui da horta, elas não são egoístas...Elas gostam de compartilhar, elas gostam de conhecer. Aí tu vê aqui na horta, as pessoas que vem visitar, até de outro país... Essas pessoas do Canadá, e veio aquela menina aqui também que é de um lugar da América Latina... Elas levam uma bagagem de conhecimento, a gente leva uma bagagem de conhecimento também. (Jussara. *Entrevista*, p.18.)

Desde a experiência em campo, estamos entendendo que a ideia do comunitário, o significante *comunitário*, serve como dispositivo de filiação para os novos participantes. Em que pesem os vínculos de solidariedade que podem ser desenvolvidos ao longo do tempo, a percepção acerca da presença das disputas, também presentes em qualquer agrupamento social, é solapada pelo peso do sentido atribuído ao significante.

Mesmo que tentemos fugir dos modelos explicativos universais, pensamos que tais apontamentos nos servem como quadros de referência para pensar as práticas e as aprendizagens da horta urbana em questão. Entendemos que no campo observado há o compartilhamento de histórias de aprendizagem. Essas histórias serão abordadas apenas no Capítulo 3 do presente trabalho. No capítulo 2 trataremos sobre os aspectos metodológicos.



Foto do acervo da autora.

2. CAMINHANDO: SOBRE SEGUIR OS FLUXOS DE UMA COMUNIDADE

Fim de uma tarde de quase primavera em 2017. Gabriela e eu fomos convidadas para um momento de fruição durante o horário de orientação. Naquela altura do ano, eu já fazia algumas incursões a campo, e, assim como minha colega de PPG, envolta nos dilemas de quem inicia a escrita de seu projeto de pesquisa, precisava fazer algumas delimitações, ou, ao menos, iniciá-las.

Professor Marcos nos alcançou uma fita de papel da largura de um marcador de páginas (um pouco mais comprida e flexível), uma tesoura e também uma fita adesiva. Com tais materiais, ajudou-nos a fazer uma fita de *Moebius*. Torceu uma das pontas da fita de papel, unindo as duas pontas com a fita adesiva. Ali ficamos, antes de passarmos às especificidades dos projetos de pesquisa, para pensar acerca da importância de nossa implicação no percurso, bem como a necessidade de fazer escolhas.

Tive, naquele dia, meu primeiro encontro com *Caminhando*²², obra da artista brasileira Lygia Clark. Sob o olhar atento dos dois, Marcos e Gabriela, fui realizando a experiência proposta por *Caminhando*: cortando a fita de papel no sentido de seu comprimento, prestando atenção para não recortar sobre a mesma linha na qual já havia sido recortado, escolhendo para qual lado ir, deparando-me com a dúvida e, ao mesmo tempo, com a certeza de que estava fazendo o que conseguia naquele momento. *Mas o que está acontecendo aqui? Não era para ser uma orientação?*

A partir das eleições dos lugares por onde sentia que devia deslizar o corte, produzi formas com a fita de *Moebius* que me foi dada até chegar ao ponto de não conseguir mais seguir cortando. A fita já era outra coisa. E a outra coisa estava ali, materializada, fruto de escolhas possíveis naquele breve momento.

O que ficou dessa experiência, além da querida lembrança afetuosa desse exercício, foi o ato em si de realizá-la e o entendimento da imanente realidade criada a partir das escolhas que ali fiz. Já naquele momento, transpus a imagem para as escolhas que logo estaria fazendo ao longo do andamento do projeto de doutorado. Da experiência ficou também a lembrança do sentimento de dúvida sobre as escolhas, como um desconforto sobre como teria sido se tivesse escolhido o “outro lado” para cortar, ou, transpondo à pesquisa, outros modos de realizá-la. O que teria sido construído? Não há como saber, o que se pode dizer, agora, é que me lancei, junto com meu orientador, em uma sucessão de posições ao longo da trajetória de pesquisa.

²² Caso deseje, você poderá (re)conhecer esta obra a partir do Anexo 3 do presente trabalho.

Não sei se era esta a intenção da orientação naquele dia, mas *Caminhando* me fez pensar sobre meu processo como pesquisadora e antecipou sentimentos que, ao longo de todo o percurso, me tomaram. Aliás, *Caminhando* foi um balão de ensaio, pois me fez refletir sobre as escolhas feitas e a serem feitas, em termos teóricos e metodológicos, dentro daquilo que era possível escolher. Colocou-me de frente com o processo de encontro com, nas palavras de Clark (1980), “a escolha, o imprevisível, a transformação de uma virtualidade em um empreendimento concreto”.

Apresento, a seguir, uma breve descrição da delimitação metodológica deste trabalho, que se constitui a partir dessa ideia de mobilidade, de um *Caminhando* que não se fez só.

2.1 Itinerário metodológico e marcadores de rigor

O itinerário metodológico construído ao longo desta pesquisa será descrito na tentativa de compartilhar o caminhar e a interpretação do que dele se produziu nas incursões em campo. O espaço da Horta Comunitária, que recebe visitantes de toda a cidade, conta com o trabalho de pessoas do bairro e também de fora dele para seu manejo. Nessas relações entre as pessoas e o lugar, nas sociabilidades que ali coexistem com a produção de alimento orgânico e outras produções, de ordem subjetiva, é que se constituem os processos que propõem situações de aprendizagem potentes, às quais este trabalho se dedica a descrever e a refletir. Essas situações e processos serão descritas no próximo capítulo, mas, antes, passaremos à descrição sobre o “artesanato” da pesquisa. A partir da ideia de artesanato estamos entendendo que a pesquisa dita qualitativa é assim chamada muito mais de acordo com a forma como a análise é produzida – uma análise interpretativa, subjetiva, com escolhas e posições assumidas pelos pesquisadores – do que pela maneira como os dados são produzidos.

A ideia de artesanato de pesquisa refere-se à tentativa de evitar aderir ao cânon de pesquisa e “estandardizar procedimentos, banalizando a reflexividade envolvida na singularidade e no estranhamento, produzidos nos processos de pesquisa e suas relações” (DE LA FARE; CARVALHO; PEREIRA, 2017, p. 196). O que provoca a pensar sobre artesanaria em pesquisa é a ideia de envolvimento na construção de pontos atencionais sobre a prática rigorosa em pesquisa. Esses pontos de atenção são chamados de *marcadores de rigor* (PERUFFO; SCHMITT; PEREIRA, 2020), os quais serão tratados a seguir.

Esta pesquisa envolve diferentes estratégias metodológicas. Antes de apresentá-las, penso que é importante destacar que nossas incursões em campo tiveram como foco a possibilidade de conhecer. Nesse sentido, pensando no lugar em que nos colocamos como participantes, co-produtores das práticas, convidamos nossos interlocutores a também questionar nossa existência ali.

Olhamos para esta pesquisa sentindo certa dificuldade em enquadrá-la metodologicamente, e talvez nem desejemos tal enquadramento. Mas, diferente disso, o que propomos aqui é a tentativa de dar a ver o fluxo das relações, ou seja, o que foi construído em termos de interlocuções, tentando, assim, fugir das determinações que limitam e segmentam as atividades de pesquisa em Educação. Nesse sentido, estamos entendendo que o rigor tem a ver com consistência nas argumentações, e não com adesão a modelos instituídos. Analisar com rigor, sem cair no relativismo exacerbado é também preocupação que toma o horizonte da pesquisa.

Em que pese uma necessidade de enquadramento colocada entre pares, muitas vezes, o objetivo aqui é promover tensão na espécie de fetichismo por uma metodologia ou ferramenta universal, que, como um canivete suíço, (quase) tudo resolve. Preferimos descrever, mesmo que de modo insuficiente, os caminhos percorridos, nossa presença em campo e também suas formas, problematizando-as e tentando compreender seus efeitos. Escolhemos por explicitar estes, bem como os jeitos de dialogar e o que se infiltra nas experiências dos aprendizes, incluindo aí a pesquisadora. Entendemos que os caminhos da pesquisa se fazem ao andar, na recursiva articulação entre campo empírico, teoria e subjetividade daquele que analisa. Por isso, fomos improvisando modos de fazer pesquisa ao longo de nossa caminhada, sendo que este improviso não tem a ver com ausência de rigor, mas como uma forma de expressão dele, evidenciada pela abertura à experiência de pesquisa. Evidenciada também pela articulação de uma variedade de aportes de diferentes procedências que, na lógica do trabalho da pesquisa, se constituíram como ferramentas, estratégias de leitura, de posicionamentos, todos eles servindo como perspectiva também de certa ação política que é fazer pesquisa em Educação.

Entendemos que perceber a pesquisa como artesanato, ou como caminho que se constrói na caminhada, nos põe em um movimento atencional importante para elementos éticos que envolvem o fazer pesquisa na complexidade e na profundidade do que esse fazer significa. O rigor, atrelado à pesquisa em Educação, não precisa estar pautado pela standardização de seus métodos.

Como destacam Peruffo, Schmitt e Pereira (2020, p. 219), o desenvolvimento das Ciências Humanas tem sua história marcada por uma importação de métodos de pesquisas das

Ciências Exatas e da Natureza e ao longo do tempo por uma disputa interna acerca das metodologias mais adequadas ao estudo dos fenômenos com os quais se ocupa. A validade dos resultados obtidos pelo processo de pesquisa e pelo uso de distintos métodos e técnicas costuma ser questionada. Os defensores de abordagens mais estruturadas invalidam métodos menos estruturados em uma espécie de carteira metodológico, suspeitando do rigor científico empregado na construção destes conhecimentos.

O pesquisador que opta pela artesanaria, no entanto, não está liberado de preocupações que se referem ao rigor científico. Charlot (2006, p. 10) aponta que:

Um discurso científico sobre educação não deve ser um discurso de opinião; ele não é científico se não controla seus conceitos e não se apoia em dados. A pesquisa em educação (ou sobre educação) produz um saber, rigoroso como é todo saber científico. Podemos sustentar, e eu particularmente o faço, que há diferentes formas de rigor.

Nesse sentido, o que temos defendido (PERUFFO, SCHMITT e PEREIRA, 2020) é que o rigor não está necessariamente atrelado à estandardização dos métodos, mas a pontos atencionais, chamados de *marcadores de rigor* da pesquisa em educação, os quais compreendem a visibilização dos *efeitos da implicação do pesquisador*, a *ponderação* e a *anúncia* das *estratégias de diálogo e negociação* empregadas no percurso de pesquisa.

Conforme temos discutido, neste trabalho, entendemos que a aprendizagem extrapola a inculcação de conteúdos e tem a ver com engajamento nas práticas ao longo do tempo. Esse engajamento envolve também um movimento de educação da atenção (INGOLD, 2010) para as condições de possibilidade de sua coprodução. Por isso, a construção de pontos atencionais no percurso de formação dos pesquisadores refere-se à aprendizagem deste ofício. A partir dessa reflexão, aprender a pesquisar passa menos pela inculcação e emprego dos diferentes métodos estandardizados e mais pela construção atencional em campo, tendo como horizonte, tais marcadores.

Os *efeitos da implicação do pesquisador* tem relação com a explicitação dos fundamentos e dos limites de validade, que não isentam o pesquisador de descrever os modos de fazer. Este ponto atencional coloca a pesquisadora de cara com a provisoriedade destes modos e também com o entendimento de que estes não são “passíveis de reedição, mas sim de reformulação, de acordo com a perspectiva da pesquisadora no contexto de sua pesquisa” (PERUFFO, SCHMITT e PEREIRA, 2020, p. 221). Os efeitos da implicação, nesta tese, estão presentes no entendimento de que se deve “anunciar as condições em função das quais as afirmações adquirem validade” (WELSH, 2007, p. 249). A tentativa é a de que, ao desvelar

as escolhas, que descreveremos ao longo do capítulo, visibilizamos também que a pesquisa de campo não “está dada”, mas que ela vai revelando especificidades e novas possibilidades de processo reflexivo à medida que vamos assumindo novas posições em campo. Visibilizar os efeitos da implicação passa pelo entendimento de que pesquisar a Horta Comunitária é “um exercício de experimentação de posições, de modo que a objetividade da experiência se torna indissociável da subjetividade do experimentador e dos interlocutores cada vez que a mesma é colocada em análise” (PERUFFO, SCHMITT e PEREIRA, 2020, p. 224).

A *ponderação* – que envolve tornar compreensível a pluralidade metodológica, evidenciando o que foi feito e como foi feito, bem como as renúncias feitas no percurso – é um marcador importante no que se refere ao aspecto de rigor que estamos discutindo. As escolhas e os distanciamentos das abordagens também são evidenciados, para conduzir o leitor pela construção da pesquisa. Estamos considerando que a ponderação não acontece apenas no âmbito das estratégias metodológicas, mas também segue na análise e na tentativa de evitar *apriorismos* e cristalizações. No momento em que exercemos a ponderação, damos lugar à experiência de olhar para nós mesmos, para o mundo e para o outro de modo heterogêneo.

As estratégias de *diálogo* e de *negociação* constituem outro marcador importante, tendo em vista que cada sujeito implicado na pesquisa, incluindo a pesquisadora, está submetido a relações de regulação, a controle e também à dependência. Esse movimento atencional, de abrir-se em relação ao que a pesquisa convoca, passa pela tentativa de

(...) atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido de que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que diz. O que importa é que se acolha o direito de sua opinião, pautado na coisa, através da qual podemos ambos chegar a nos pôr de acordo com relação à coisa (GADAMER, 1999, p. 561).

Na Horta Comunitária localizada na Lomba do Pinheiro, as estratégias de diálogo e de negociação pautaram a construção das estratégias de pesquisa como um todo. Lançamo-nos na percepção dos processos deste espaço entendendo nossas limitações, mas também tentando estabelecer acordos provisórios sobre os sentidos da experiência que foi sendo construída.

2.2 Observação participante – deslocar, semear e aprender com a/na Horta Comunitária

A observação participante no espaço público onde ocorrem as práticas da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro foi um dos modos que nos pareceu adequado para os

objetivos desta pesquisa. Mesmo entendendo que esse modo é ligado a uma tradição teórica, reafirmamos que nosso compromisso não se insere estritamente dentro do espaço teórico da Antropologia clássica, mas dos estudos em Educação, que, de certa forma, tomam a observação participante como uma inspiração para construir um modo de ser com seus interlocutores. É preciso reiterar: esta pesquisa foi construída por uma professora de educação básica que se arvorou a um envolvimento profundo de observação, de diálogo e de prática participativa com o grupo com o qual elegeu trabalhar, os participantes da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Os estudos do campo da antropologia serviram a esta professora como uma possibilidade de aprender que o conhecimento é produzido com o mundo, com o outro, e não sobre ele. A abordagem que tivemos ao longo de nosso processo de pesquisa não teve como objetivo classificar, interpretar ou explicar o comportamento dos outros, pois não se trata de listar seus processos e práticas e categorizá-las. Ao contrário, a partir da observação participante, fizemos a tentativa de compartilhar da presença do outro e “de aprender com suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser, das suas condições e possibilidades futuras” (INGOLD, 2019, p. 10).

A inspiração etnográfica serviu, assim, como possibilidade de uma relação diferente com o campo de pesquisa. O campo de pesquisa, a partir desse olhar, não é objeto de estudo, mas o seu meio. Entendemos que estamos implicados ali, imersos em seus processos e também estabelecendo relações. Inspiramo-nos nas trajetórias de pesquisas como as de Gomes et al. (2019), que compreendem, a partir das chaves interpretativas de Lave (1991), que “fazer pesquisa é prática situada – e aprender a fazer pesquisa significa mudar nosso modo de participar. Essa premissa pode valer para todos os envolvidos, nesse momento em que as fronteiras entre pesquisador e pesquisado se mesclam (...)” (GOMES, FARIA e BERGO, 2019, p.119).

É interessante pensar que os antropólogos são conhecidos por sua disponibilidade em aprender com aqueles que “em um mundo obcecado pelo avanço do conhecimento, poderiam ser rejeitados como incultos, analfabetos, ou mesmo ignorantes” (INGOLD, 2019, p. 11). Não colocamos nossos interlocutores neste lugar e também não tivemos a intenção de dar voz a estes sujeitos, como se dessa voz precisassem. Pelo contrário, nos pusemos a caminhar, a capinar²³ e a ouvir suas histórias.

²³ Estou usando o capinar aqui de modo leviano, para fazer alusão às práticas que envolvem a Horta.

Seguir os fluxos da Horta, acompanhar seus processos, por considerar que esta pesquisa está sendo construída para estar junto, fazer perguntas, participar e partilhar do cotidiano, lançando o desafio de compreender o que admira, mobiliza e inquieta. Nas palavras de Pinheiro (2016, p. 8), pesquisar o cotidiano, “essa esfera analítica que inventamos no contraponto ao histórico ou às estruturas macrossociais”, pode nos levar ao rotineiro, ao “sequencial dos ciclos que atualizamos diariamente, mas também, como já é reconhecido nas ciências humanas, ao disruptivo, às fugas e astúcias produzidas pelos sujeitos”. Aproximamo-nos desse rotineiro para compreender o disruptivo encontrado nos processos de aprendizagem.

É importante enfatizar que não tivemos a pretensão de fazer uma etnografia nos moldes clássicos. Partimos, como já foi dito, do entendimento de que a etnografia não é apenas um procedimento metodológico utilizado pelo campo da antropologia, mas também uma abordagem ancorada em uma tradição analítica que tem como prerrogativa o contato intersubjetivo entre pesquisador-pesquisado, tendo por base um vasto acúmulo de produção teórica no campo das ciências humanas com a qual dialogamos, mas ainda de modo incipiente. Sou franca em dizer que este trabalho toma a tradição etnográfica como uma inspiração. É importante dizer que esse aceno tem como objetivo mencionar de onde anuncio esta pesquisa, da posição de professora de ciências e biologia, que, embora tenha construído um caminho dentro do campo das ciências humanas, tem também noção das suas limitações.

Procurando compor um percurso metodológico menos linear e estruturado, pensando que o objeto de estudo vai se desenhando e se constituindo na dinâmica da pesquisa, me inseri junto a esses *hortelões*, na tentativa de estranhá-los, estando atenta às cenas, aos movimentos, às histórias, enfim, às diferentes partes de um fundo discursivo sobre o qual operam.

Minha aproximação com o campo, em uma espécie de trabalho exploratório, começou em agosto de 2017. Minha inserção deu-se como trabalhadora voluntária e pesquisadora. Desde minha apresentação ao grupo, pus meus interesses nesse sentido, sendo, sempre, muito bem acolhida.

Até o fim do ano de 2017, tive inserções mais esparsas, primeiramente quinzenais, uma vez por semana. Naquele momento, elas não seguiam uma lógica estruturada, estava conhecendo o grupo, seus horários e rotinas de trabalho. Estava também me ensaiando naquele espaço, tentando compreender questões práticas de ordem individual ainda, como, por exemplo, “como chegar à Horta usando o menor número de linhas de ônibus”. Isso pode parecer um detalhe, mas pensando que sabia que meu campo não tinha um formato pré-fixado de acordo com nossas perspectivas de fazer pesquisa, precisava ter noção do tempo necessário sobre os deslocamentos pela cidade, bem como prever os recursos necessários a isso. Da

minha casa até a Horta Comunitária, por exemplo, é necessário usar dois ônibus (se puder caminhar e tiver um tempo sobrando) ou três ônibus (se o seu tempo estiver mais restrito ou, por exemplo, se você, pesquisadora-mulher, não quiser caminhar antes do nascer do sol pelas ruas). Isso pode parecer um problema menor, mas faz muita diferença na organização de quem tenta realizar suas idas a campo. É preciso dizer que todo esse processo exigiu de mim uma abertura e também uma adaptação. Foi um processo vivenciado durante o ano de 2017 e no início do ano de 2018.

Em que pese o fato de ter certa afinidade às práticas que envolvem a horticultura em virtude não só de minha história familiar de pequenos agricultores, mas também de minha prática como educadora ambiental e professora de ciências e biologia, que se produz professora estabelecendo práticas nos ambientes externos à escola, ainda assim essa adaptação envolveu, ao longo do tempo, a organização de uma série de novos hábitos. Um deles, por exemplo, foi o hábito de andar de mochila com roupas extras, galochas e chapéu no dia em que estaria em campo.

Tendo em vista o modo como nos colocamos na experiência, a participação nas práticas envolvia, na maior parte das vezes, um trabalho corporalmente pesado, e a necessidade de roupas e sapatos específicos para a atividade também foram elementos com os quais tivemos de aprender a lidar. Ao longo do tempo, dividíamos o dia da terça-feira entre a Horta, o ofício na escola e também as atividades dentro do programa de Pós-Graduação, como aulas nas disciplinas de Seminário, eventos da Escola de Humanidades e reuniões de orientação. O trânsito entre estas diferentes comunidades de práticas em um só dia me situava em diferentes posições de prática, requerendo muito de meu esforço e disponibilidade de modos de ser e estar junto aos companheiros e companheiras destas diferentes comunidades. Nesse processo de deslocamentos, tanto geográficos quanto na dimensão da produção de subjetividades, foi que entendi afirmação de que:

a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos (PEIRANO, 2014, p. 379).

Tais deslocamentos me ajudaram a compreender os insólitos da experiência que estava vivendo, da necessidade de olhar e pensar sobre os deslocamentos que já vivia em campo.

Penso que é neste momento que entendi a inspiração etnográfica a que me havia referido ainda no projeto da tese.

Nas idas e vindas, identifiquei que, todas as terças pela manhã, um número maior de pessoas reunia-se no espaço da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Este “grupo das terças” era o grupo dos “Amigos da Horta”, um grupo formado por idosos, trabalhadores do município que tinham horas cedidas para este encontro/trabalho na Horta (um professor, uma terapeuta ocupacional e alguns agentes comunitários de saúde), jovens e adultos da comunidade, jovens estagiários de cursos como Ciências Biológicas, Geografia, Agronomia e Gestão Ambiental, vindos principalmente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, alguns moradores e outros não moradores da região. Elegi, então, tentar acompanhar os movimentos desse grupo. Ao longo do segundo semestre de 2018 e ao longo do ano inteiro de 2019, as participações aconteceram semanalmente, sendo que esses encontros semanais variavam entre um e dois turnos de trabalho, em geral manhã e tarde.

Em 2018, esses encontros aconteciam de uma a duas vezes por semana, em geral nas terças e em outro dia flutuante, podendo compreender sábados e domingos conforme as atividades que elegíamos acompanhar. Em 2019, acompanhamos o trabalho na periodicidade de uma vez por semana, sempre na terça-feira.

Desde minha inserção em campo, participei e observei diferentes práticas – que serão mais bem descritas na seção *Práticas que constituem a horta*, que incluíram: atividades relacionadas ao cultivo (cuidados com sementes, semeadura, conhecimento de plantas matrizes²⁴, feitio de mudas por meio de estacas das plantas matrizes, plantio, regadio, capina, preparação de compostagem, distribuição de composto pelos canteiros, colheita e divisão da colheita), manutenção da sede (organização do espaço da casa, varrição da casa, limpeza das mesas utilizadas para divisão da colheita, organização do espaço para oficinas e visitas), atividades ditas formais (organização e desenvolvimento de oficinas temáticas e acompanhamento nas trilhas e oficinas com escolas), participação e organização de eventos (impressão e diagramação de materiais impressos distribuídos em diferentes atividades) e participação em mobilizações/protestos (participação em formações sobre agroecologia e fitoterapia, participação em reuniões envolvendo outros grupos, participação em eventos sobre o tema da agricultura urbana ocorridos em diferentes espaços) e participação nas festas da comunidade (observação e participação em duas festas de final de ano).

²⁴ Nome dado às plantas que originam mudas por meio do processo de estaquia, quando se usa um galho/ramo para originar outra planta.

O vivido foi sendo registrado em diários de campo, que serviram como fonte para a composição do artesanato da pesquisa. As falas cotidianas (formais, informais, nas reuniões entre eles, com os de fora do grupo, etc., registradas *a posteriori*), as postagens públicas feitas nas redes sociais do grupo relacionado à Horta Comunitária, os documentos, os boletins e anotações, os cartazes, os pôlderes – todos constituem fonte para a pesquisa. Este conjunto de dispositivos contribuiu para significar também o que foi registrado a partir da dinâmica de observação participante.

É possível dizer que o que foi construído como processo de pesquisa resulta da experiência de encontro com o campo. A partir da experiência, consegui delinear melhor os caminhos a percorrer, bem como aprendi a usar a experiência “a meu favor”, em um trânsito com o tempo, como ressalta Mills:

O pesquisador deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura (MILLS, 2009, p. 22).

Nesse primeiro momento da pesquisa, que envolveu a observação participante, reiteramos o compromisso com expedientes metodológicos e abordagens que tivessem como horizonte estratégias de diálogo e negociação a partir da tentativa de construir relações mais simétricas que considerassem a plausibilidade de diferentes visões de mundo.

2.3 Como chegamos às entrevistas

Ao longo do processo de observação participante, e conforme o acesso às práticas, uma das pessoas que ocupam a posição de coordenação da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro nos convidou a assumir uma nova modalidade de participação. O convite começou a se ensaiar no fim do ano de 2018, com perguntas sobre algumas experiências particulares sobre minha vida acadêmica. Diferentes pessoas no fim daquele ano me perguntaram sobre minha trajetória e sobre minhas experiências do “tempo em que eu fazia estágio na faculdade...” (Diário de campo, novembro de 2018). Embora explicasse que as experiências de estágio variavam de curso para curso na universidade, uma fala minha parecia despertar sempre mais perguntas: “O estagiário precisa estar aberto!”. Quando eu falava a respeito, era como se alargasse a possibilidade de contribuição destes sujeitos. Com base nisso, que meus interlocutores me provocaram a mostrar-me aberta.

Em uma situação particular, fui chamada a visitar a casa de uma dessas coordenadoras, a Mirtes, uma mulher já idosa, considerada uma liderança na região. Ela reside próximo à Horta, e logo no início do ano de 2019, chamou-me até sua casa. Nessa ocasião, fui recebida com mate e pão de milho para uma conversa na varanda. O intuito da conversa não me foi revelado antes do encontro e eu me lembro com muita nitidez do sentimento de insegurança que me invadiu naquele dia. O registro no caderno de campo não me deixa esquecer: “Fico me perguntando por quais motivos Mirtes me chama até sua casa, não que eu não visitá-la (na verdade, quero muito, mas sinto que ela tem algo a me falar). Sinto medo de que o ‘algo’ interfira de modo negativo na pesquisa. O que será? Preciso ainda descobrir como chegar à casa dela” (Diário de Campo, fevereiro de 2019).

Para esta pesquisa, o trabalho em campo é um convite à atenção para a vida dos outros com quem dialogamos. Essa atenção significa também acompanhar as pessoas e estar disponível a elas. Sendo assim, naquele dia, desci uma grande ladeira para chegar à casa de Mirtes, pois eu não conhecia a casa dela. Saltei do ônibus na avenida central que dá acesso à Lomba do Pinheiro e desci uma grande ladeira a pé. Além de Mirtes, outro coordenador da Horta também estava lá, o professor Fabrício. Depois de tomar mate, passeava pelo jardim de casa de Mirtes para conhecer suas plantas e também para conhecer o consultório de Chico, seu marido, que exerce ofício de benzedeiro e mestre *reikiano*. Ao conhecer seu consultório, Chico me apresenta meticulosamente cada chá que tem disponível nos vidros. Ele me fala da quantidade de pessoas atendidas por ele gratuitamente, e também me fala do poder dos cristais ali presentes em sua sala, pois percebe que levo um cristal no pescoço, preso a uma pequena gargantilha de cordão encerado. Depois de conhecer a casa, sento-me com os três na varanda novamente, e Mirtes, depois de me contar novamente um pouco da história da Horta – história que apresento no próximo capítulo desta tese – também me revela uma preocupação importante: “É que Lilia, eu tenho medo desse projeto bonito morrer... Pra que ele não morra, ele não pode ser só nas terças-feiras” (Diário de Campo, fevereiro de 2019). Mirtes me provoca a pensar sobre a necessidade de ampliar a participação das pessoas para além do dia de terça-feira, um dia que historicamente se constituiu como um dia de encontro. Sua preocupação tem fundamento, pois a Horta passa por dificuldades, tem a presença de idosos do território que participam principalmente nas terças, com pouca participação sistemática de jovens do território. Os mais jovens são estagiários e outros voluntários que chegam de fora e que, nas palavras de Mirtes, precisam ter o trabalho “melhor aproveitado”, “incentivando os jovens do bairro a quererem estar ali”. Então, como pesquisadora, tive uma nova modalidade de participação atribuída, ou seja, auxiliar na chegada e na organização dos estagiários neste

campo, antes já realizada por outros participantes. Foi-me atribuída, nesse momento, a orientação dos estudantes que estagiariam na Horta Comunitária. Foi a partir deste acesso que se constitui o segundo momento desta pesquisa, já que foi possível ter maior contato com os aprendizes estagiários da Horta. Este grupo de aprendizes se constituía por estudantes universitários de diferentes cursos (principalmente Técnicos em Meio Ambiente, Licenciatura em Ciências Biológicas e Gestão Ambiental) de diferentes faixas etárias (adultos de 20 a 55 anos), moradores de diferentes regiões da cidade de Porto Alegre. Entendemos que os nossos interlocutores definiram este segundo momento da pesquisa. Aceitando o desafio, fez-se o possível para exercer a orientação desses estagiários, principalmente no que se refere à compreensão sobre o território da Lomba do Pinheiro como espaço de empreendimento conjunto e compromisso mútuo, o que o aproxima de uma comunidade de prática (WENGER, 2001).

2.4 As entrevistas com aprendizes

Com estas interlocutoras que vínhamos acompanhando de algum modo, um total de cinco participantes, realizamos entrevistas ao longo de 2020, tanto presenciais (as entrevistas marcadas até 10 de março de 2020 foram realizadas de modo presencial na Horta Comunitária) quanto à distância. Devido à pandemia do coronavírus, as outras três entrevistas ocorreram de modo *online*, à distância, via plataforma *Google Meet*. A modalidade à distância é um marcador dessas entrevistas, mas, ainda assim, entendemos que o diálogo foi possível, muito embora tenha sido reconfigurado pela planificação da experiência *online*. Percebemos diferenças nessa dinâmica no sentido de que não tivemos possibilidades do encontro “olho no olho” nessas entrevistas. No entanto, não houve escolha possível para o momento. O imprevisível, a pandemia, direcionou as combinações relacionadas aos encontros para entrevista no plano do impossível. Em isolamento, tentamos encontrar os modos possíveis para este diálogo, e o modo possível foi à distância. O leitor poderá estar se perguntando: “as entrevistas não poderiam ter sido feitas antes da pandemia, já que o campo se estabelece de modo estruturado ao longo de 2018 e 2019?”. Essa é a dimensão de abertura (e desespero) a que nos lançamos em uma pesquisa não estruturada e pré-fixada. Os tempos, as formas e os prazos independem do desejo do pesquisador. A particularidade de ser uma pesquisa em um local público, com sujeitos heterogêneos e que também se estrutura a partir das demandas em campo, nos impôs tais desafios.

Lançamos mão de entrevistas pontuais com este pequeno grupo que se insere na iniciativa a partir da modalidade de aprendiz, desde o ponto de vista do grupo onde se inserem. Entrevistamos, assim, as recém-chegadas ao campo de prática, mas não quando recém chegaram, mas, assim como a pesquisadora, quando já assumiam outros jeitos de sustentar e estar no grupo, no período de andamento de seus estágios, após tornarem-se voluntárias. A escolha pelas entrevistas foi a de ampliar a escuta sobre as experiências de aprendizagem entre este grupo particular de aprendizes, contemplando, assim, a necessidade colocada pelo grupo de praticantes mais experientes – a de convocar a participação continuada desses praticantes. Penso que a estratégia de levá-los a pensar sobre suas aprendizagens neste contexto pode mobilizá-los, de certa forma, a refletir sobre os efeitos dessa experiência em suas vidas, reforçando, assim, seu compromisso em relação à filiação e também o compromisso mútuo com o espaço da horta urbana. Tentei contemplar, por meio deste recurso metodológico, a necessidade que me fora revelada pela praticante experiente, a de contribuir no fortalecimento do compromisso mútuo por parte dos aprendizes.

As entrevistas foram realizadas com esses aprendizes, de modo a compreender suas trajetórias na Horta Comunitária, bem como suas experiências de aprendizagem. Tais entrevistas tomaram como recurso a inspiração na meticulosidade e na delicadeza inerente à abordagem da História Oral. Ao mesmo tempo em que pensávamos na realização das entrevistas, tivemos acesso a um curso na Escola de Humanidades da PUCRS para pensar a História Oral como expediente metodológico na pesquisa em Educação. Para mim, este momento formativo, que contou com a presença de um professor pesquisador do campo da História Oral,²⁵ assim como com a participação de meu orientador como mediador nos dias de curso, auxiliou-me muito no processo reflexivo que envolveu a construção do roteiro de entrevista. Na ocasião do curso, apenas a primeira entrevista havia sido realizada. E essa experiência de análise crítica sobre o momento de entrevista auxiliou-me muito na percepção das potencialidades desse recurso metodológico. Evidencio, no entanto, que esta não é uma “pesquisa de História Oral” nos moldes como classicamente a tomam. Nos inspiramos em alguns de seus recursos, os quais logo evidenciaremos.

Embora as entrevistas se assemelhem ao que alguns pesquisadores entendem como conversa, a diferença entre conversa e entrevista de campo se faz na medida em que, na

²⁵ Aproveito para agradecer pela oportunidade oferecida pelo meu orientador, professor Marcos Villela, na articulação necessária ao curso oferecido pelo professor Dr. Diogo Rios, da Universidade Federal de Pelotas, que, entre o final de 2019 e o início de 2020, ofereceu o curso “ História Oral como abordagem metodológica em Educação”. Agradeço também ao professor Diogo pela abordagem respeitosa durante os dias de curso, tentando tatear e aproximar a abordagem dos diferentes percursos de pesquisa das alunas que ali se faziam presentes.

entrevista de campo, as vozes “se encaminham por meio de alguma espécie de gravador, uma câmera, ou, pelo menos, um caderno de anotações. Isso atua como uma influência moderadora na percepção do narrador da narrativa: a presença da máquina indica que estas palavras serão repetidas, em algum outro lugar, para um ausente e indeterminado público” (PORTELLI, 2001, p. 24). Nesse sentido, a negociação em termos da ética em pesquisa tem uma dimensão ampliada, pois o consentimento, a partir do olhar também da abordagem da História Oral, é entendido como processo consensual, que envolve, inclusive, a operação de leitura, por parte dos interlocutores, das entrevistas já transcritas. Entendo que o rigor no que se refere à escuta e ao tratamento das entrevistas após os encontros com os entrevistados foi recurso construído também a partir desta oportunidade formativa, sendo que esta dialoga, neste trabalho, com a perspectiva ingoldiana da abordagem etnográfica como movimento atencional que compartilha das presenças das pessoas de modo a aprender com elas, entendendo o trabalho de campo como uma forma de “estudar com as pessoas” (INGOLD, 2019, p.13).

Das ferramentas importantes que a abordagem de História Oral conferiu a este trabalho está a noção de que assim que começamos a entrevistar nos vemos “inevitavelmente trabalhando com outras pessoas – quando menos com informantes. Para um entrevistador bem-sucedido, é necessário um novo conjunto de habilidades, entre as quais, certa compreensão das relações humanas” (THOMPSON, 1998, p. 29). A declaração do autor parece um entendimento simples, no entanto, é em nome deste conjunto de habilidades a que se refere o autor, que somos confrontados o tempo todo durante o espaço das entrevistas. Há que aprender a se relacionar com aquele outro que ali está, por mais que já se conheçam e já tenham tido outras possibilidades de encontro. No momento da entrevista, ocorre uma disparidade. Como pesquisadora, é nesse momento que se aprende a lidar com ela.

Outra ferramenta importante foi o entendimento de que o entrevistador vem para a entrevista para aprender, para “sentar-se ao pé de outros” (THOMPSON, 1998, p. 32) e dar ouvidos para suas histórias. Entender a diferença entre dar ouvidos e dar a voz, em um processo de pesquisa, é algo importante. Este processo de escuta e atenção faz parte de um processo de colaboração muito mais amplo e que, de certo modo, opera na desconstrução, mas não na dissolução, da hierarquia do papel do pesquisador. Aprender a entrevistar e fazer pesquisa com gente tem a ver com isso.

Para a realização das entrevistas, construímos um quadro com algumas questões organizadoras a partir das contribuições da teoria de aprendizagem expansiva (ENGSTRÖM, 2013), a qual também embasa nosso entendimento sobre aprendizagem. As questões serviram como organizadoras, tendo em vista que a entrevista tem sua dimensão viva, que não cabe em

um quadro, conforme nosso entendimento sobre o que é o ofício de *pesquisar com os outros* (Quadro 1).

Quadro 1. Questões organizadoras da entrevista.

	Questões organizadoras Teoria como ferramenta (Engeström, 2013)	Intervenções da pesquisadora	O que se espera
Sujeitos da aprendizagem	<i>Quem são os sujeitos da aprendizagem? Como são definidos e localizados?</i>	Fulana, eu vim aqui para te escutar. Fala um pouco de ti e de como chegaste à Horta.	Que localize de onde vem. Fale de seus gostos. Definições de seu lugar no coletivo.
Motivações para a aprendizagem	<i>Por que estes sujeitos aprendem – o que faz com que façam o esforço necessário para tal?</i>	Fala mais sobre as tuas motivações... Por que resolveste fazer este estágio na Horta?	Que desdobre os motivos pelos quais se coloca nas situações de aprendizagem ligadas ao espaço.
Conteúdos da aprendizagem	<i>O que eles aprendem – quais os conteúdos e resultados da aprendizagem?</i>	Fulana, tu me disse outro dia que a Horta “já te ensinou muito”... Como assim? Explica melhor. Que conhecimento já produzisse aqui? O que já aprendeste aqui na Horta?	Que cite aspectos de toda ordem que tenha aprendido na Horta: <ul style="list-style-type: none"> • Práticas de cultivo e de cuidado para consigo e com o outro. • Práticas ligadas à sociabilidade. • Práticas de acesso ao mundo mais do que humano/sobrenatural (místicas, saberes de plantas de poder...). • Práticas políticas.
Modos de aprender	<i>Como aprendem – quais são as ações fundamentais dos processos de aprendizagem?</i>	Percebo que tu já te envolvereste com uma grande diversidade de atividades aqui na Horta. Fala mais sobre o que tu fazes aqui... Como tu chegaste a fazer estas coisas? Lembra aquela situação X que passamos naquele dia em que estávamos trabalhando no processo X... Como tu chegaste a fazer este tipo de atividade?	Que descreva as cenas vividas, modalidades de participação, dando pistas sobre as práticas efetuadas e sobre as possíveis mediações de praticantes mais experientes.

Fonte: A autora.

Cabe enfatizar que, ao pensar esta pesquisa, não tivemos como foco apontar verdades ou caminhos exitosos (em termos de estratégias metodológicas) a serem seguidos. Tivemos, diferentemente disso, a pretensão de percorrer a necessidade de ampliar os pontos de escuta e de negociar em campo como a pesquisa se desdobraria. Seguimos, no entanto, expedientes que dialogam com os contextos e sujeitos envolvidos, tendo como horizonte estratégias de

diálogo, a partir da tentativa de construção de uma relação mais simétrica entre pesquisador-interlocutor, considerando a plausibilidade das diferentes visões de mundo apresentadas.

O rigor desta pesquisa, como temos afirmado, não se pauta em uma estrutura pré-fixada em termos teórico-metodológicos, mas se embasa na ousadia de tentar percorrer de modo atento caminhos não percorridos, caminhos que são criados em cooperação e na articulação entre o contexto empírico, os referenciais teóricos discutidos a partir daí e a subjetividade da pesquisadora.

2.5 Da análise

A análise dos dados produzidos buscou a compreensão dos sentidos existentes no observado e também nos discursos dos interlocutores, renunciando a um método estanque e estruturado. A análise do conjunto dos dados deu-se ao longo do tempo, a partir dos diálogos com as referências teóricas e a partir de uma perspectiva interpretativa em relação aos dados produzidos, tendo uma perspectiva de “ex-posição” a esses dados (MASSCHELEIN e SIMONS, 2014), bem como o entendimento dos deslocamentos a partir da sua produção, evitando atalhar caminhos em uma standardização dos procedimentos de análise.

Os dados referentes à observação participante foram costurados nas cenas descritas no trabalho e compuseram um quadro para localizar o leitor sobre a particularidade do campo de pesquisa e sobre a particularidade do processo de inserção da pesquisadora. O material das entrevistas passou por distintos momentos, tais como:

²⁶*Transcrição* – Considero que a transcrição entra como etapa importante de encharcamento em relação às falas das interlocutoras, uma espécie de pré-análise em que já se ensaiam a configuração de ideias para a categorização. Neste momento, foram feitas anotações paralelas ao que estava sendo transcrito, o que, de certa forma, já compõe um exercício de negociação e produção de sentidos. Importante salientar que optamos por inserir as transcrições nos anexos do trabalho como modo de dar a ver o processo de construção das entrevistas – suas possibilidades e limites – e também para possibilitar outros desdobramentos de análise.

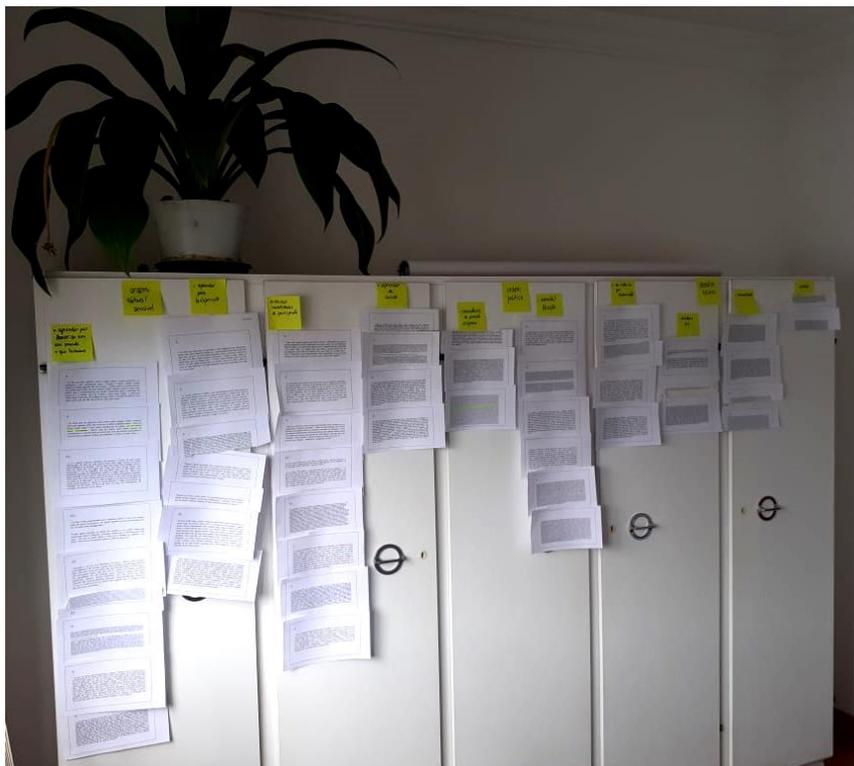
²⁶ As transcrições contemplaram grande parte das variações linguísticas presentes nas conversas com as entrevistadas. No entanto, o leitor perceberá que grande parte das vezes foram inseridos os verbos na forma infinitiva, mesmo que não tenham sido ditos de tal maneira. Tal escolha foi feita de modo a garantir uma maior fluência no processo de transcrição, o qual foi feito pela própria autora.

Primeiro encontro com o material transcrito – Neste segundo momento, foram feitos destaques daquilo que saltava aos olhos segundo os objetivos (geral e específico) aos quais nos propusemos. Nesta etapa, usamos indicadores como *a descrição das cenas das práticas, os modos e formas como enunciavam suas aprendizagens, o que entendíamos como os conteúdos que envolviam as situações de aprendizagem, e os relatos sobre os efeitos das situações vividas*. Esta etapa foi feita nos arquivos das transcrições de modo digital.

Um encontro com as pistas – Após realizarmos os destaques, nas transcrições, seguindo o fluxo destacado, selecionamos os trechos e inserimos cada trecho em *slides* de arquivo de *PowerPoint*, onde seguimos em um fluxo de agrupamentos em virtude das categorias que ali emergiam.

Idas e vindas do processo interpretativo e de categorização – Inicialmente, as categorizações iniciaram em uma operação digital, no entanto, *a posteriori*, utilizamos a materialidade das impressões (Figura 6), para que pudéssemos tirar “da tela” as falas de nossas interlocutoras, pois já cegávamos, tendo em vista a peculiaridade do ano de 2020, em que a vida se reduziu significativamente às experiências em tela. Após este momento de materialização, voltamos à dimensão *online*, onde fomos agrupando a versão digital conforme havíamos realizado na etapa “do papel”.

Figura 6. A artesanaria da pesquisa toma a casa em tempos de uso incondicional das telas.



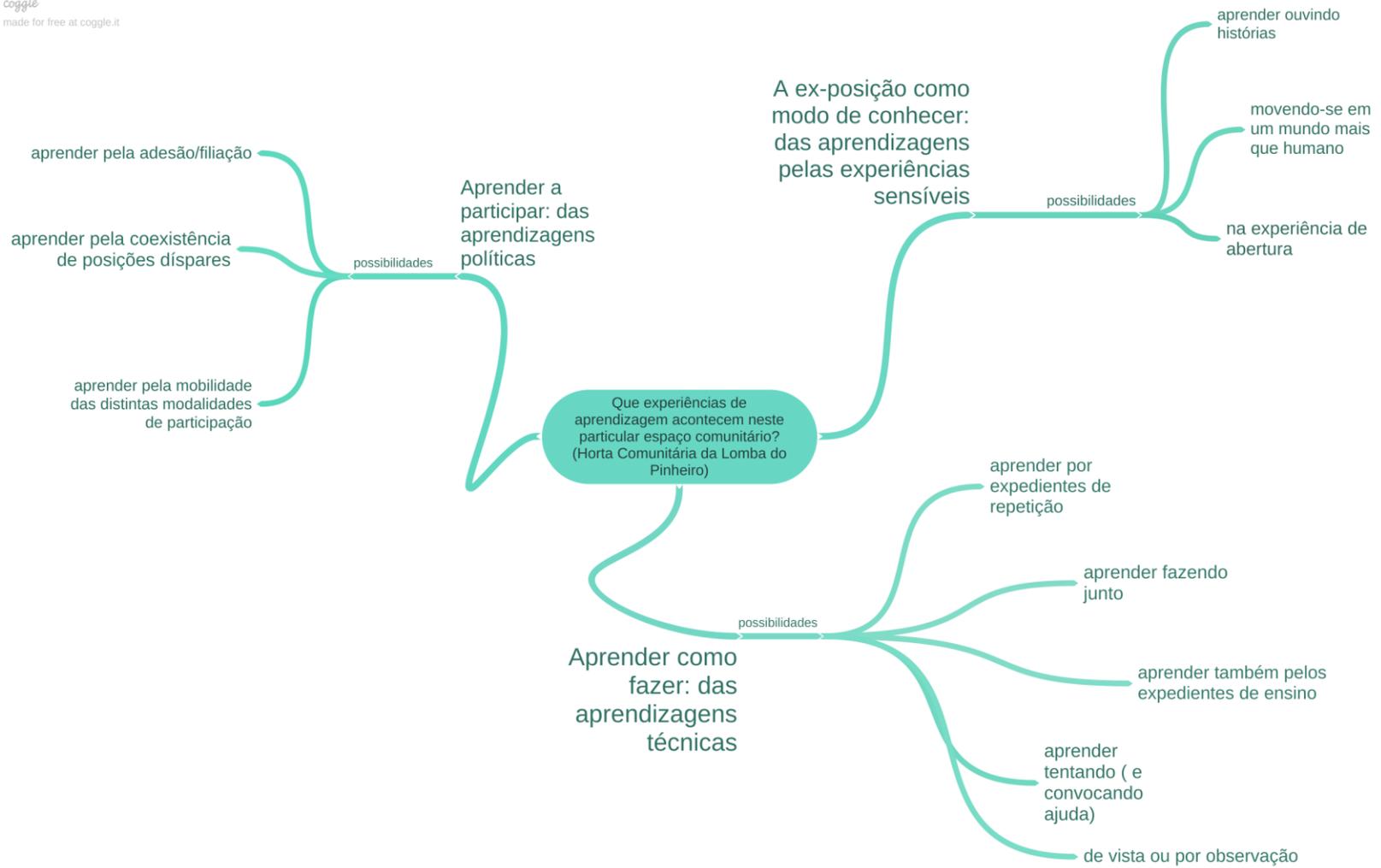
Fonte: A autora.

Refinamentos – Cada categoria se reconfigurou ao logo das subseqüentes leituras. Neste momento, construiu-se o que entendemos como refinamentos. Os refinamentos têm a ver com a articulação entre as diferentes categorias entre si e entre as referências teóricas.

Elenco aqui as categorias *a posteriori* produzidas ao longo do tempo, que descreveremos ao longo do Capítulo 4: *Aprender a participar: das aprendizagens políticas; A ex-posição como modo de conhecer: das aprendizagens pelas experiências sensíveis; Aprender como fazer: das aprendizagens técnicas*. Estas e desdobram em outras subcategorias (Figura 7), conforme ilustramos na imagem a seguir.

Figura 7. Sistematização das categorias discutidas no trabalho.

coggle
made for free at coggle.it



Fonte: A autora.

Importante ressaltar aqui uma escolha que fizemos, e que o leitor poderá estranhar. Haverá, ao longo do texto, a presença de inúmeras imagens do campo de pesquisa e das práticas que foram sendo acompanhadas. Optamos por trazer essas imagens ao longo do texto, e não como anexo, porque é nossa opção dar a essas imagens um lugar de visibilidade aproximado à palavra escrita no que se refere ao entendimento dos processos. Entendemos que tanto quanto nossas palavras, as imagens dão a ver o que vivemos em campo, fazendo parte também de nossa experiência em termos de inspiração na narrativa etnográfica. Outra escolha que fizemos e que poderá causar certo estranhamento é que trouxemos em nossas análises uma grande diversidade de citações diretas das entrevistas. Essa escolha tem a ver com a abordagem em relação a como compreendemos a aprendizagem, ou seja, como um processo situado e coproduzido junto aos outros. As vozes ali presentes dizem, e mostram, não por nós, mas conosco, as aprendizagens que estamos discutindo.

Seguindo uma tendência da linha de pesquisa na qual este projeto se inscreve, existe a intenção de evitar uma standardização dos procedimentos de análise a partir da noção de que a pesquisa precisa se desprender de posicionamentos pré-definidos. Assim, para pensar este *Caminhando*, que se projetou a cada escolha, pensamos que alguns compromissos em relação a um plano do fazer pesquisa se impõem como exigência, quais sejam: evidenciar os efeitos da implicação da pesquisadora no processo de pesquisa, manifestar a necessidade de ponderação ao longo das análises, lançar mão de estratégias de diálogo e negociação nos encontros ao longo do campo e também, em um segundo momento, no encontro com os dados. Foi seguindo estas pistas que percorremos o *Caminhando* da tese.

2.6 Sobre ética no fazer pesquisa

O que é a ética, na perspectiva do fazer acadêmico? O que é a ética, na perspectiva do fazer pesquisa nas Ciências Humanas? Qual é o lugar que a ética assume na minha pesquisa? Essas perguntas me mobilizaram quando pensei no desenrolar da proposta de tese e elas permaneceram ao longo do tempo. Não acredito que consiga respondê-las, mas penso que precisam estar no horizonte como guia da experiência formativa nesse ofício que é fazer pesquisa no campo da educação.

As controvérsias, no que se refere à regulamentação da ética em pesquisa no Brasil, são muitas. A regulação permanece em disputa pelas diferentes áreas do conhecimento, no

entanto, essa disputa parece se diluir em um ponto: *a proteção e o respeito aos direitos do outro, sejam eles humanos ou não, que participam de uma pesquisa.*

Os princípios éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 apresentam questões importantes para que se possa refletir sobre as relações envolvidas no exercício da pesquisa. Como afirmam Carvalho, de la Fare e Pereira (2017, p. 196), “trata-se de recuperar os sentidos dessas dimensões no fazer pesquisa/formar em pesquisa”. Mais do que espaços burocráticos aos quais devem ser submetidos os projetos de acordo com suas especificidades, é necessária uma reflexão crítica que resgate a relativa autonomia do campo das Ciências Humanas, assim como a “incorporação do conjunto de temas vinculados à reflexão ética nas práticas de pesquisa/formação” (CARVALHO, DE LA FARE e PEREIRA, 2017, p. 201).

No horizonte desta pesquisa, a discussão que envolve os dilemas éticos da relação pesquisador-interlocutor se faz presente durante todo o processo de trabalho. O diálogo permanente com o campo requer essa disposição. Como expõe Fonseca (1999, p. 59)

Na pesquisa de campo, queremos antes de tudo entender o que “está sendo dito” por nossos interlocutores. É possível que, em certas situações, as duas partes do processo comunicativo falem exatamente a mesma linguagem propiciando um entendimento perfeito. (...) o antropólogo trabalha a base da premissa de que o processo comunicativo não é tão simples assim — que, em muitas situações, por causa de uma diferença em faixa etária, classe, grupo étnico, sexo ou outro fator, existe uma diferença significativa entre os dois universos simbólicos capaz de jogar areia no diálogo. Em outras palavras, a antropologia procura criar dúvidas, levantando hipóteses sobre os hiatos e assimetrias que existem entre nossa maneira de ver as coisas e a dos outros.

A inserção em campo pela abordagem etnográfica requer aproximação cuidadosa e sensível, respeito ao tempo e suspensão de *apriorismos*. Assim, a abertura, por parte do pesquisador, constitui a relação que estabelece com o campo. Acompanhar, no caso desta pesquisa, os movimentos da Horta Comunitária em questão é seguir em seus fluxos, desvelar relações, nem sempre fluidas, e negociar sentidos sobre a interpretação do se passa. Certa vigilância em termos éticos é necessária a todo o tempo, desde a inserção em campo até a maneira como os dados são dispostos e operados no trabalho.

De acordo com o Capítulo III da resolução CNS nº 510, o processo de consentimento e de assentimento deve ser “pautado na construção de relação de confiança entre pesquisador e participante da pesquisa, em conformidade com sua cultura e continuamente aberto ao diálogo e ao questionamento, não sendo o registro de sua obtenção necessariamente escrito”. Nesse sentido, no que se refere às normas que regem os

aspectos éticos da pesquisa, tenho o registro de apresentação de minha proposta de pesquisa ao grupo *Amigos da Horta*, ocorrida em 14 de novembro de 2017. Nessa ocasião, a proposta de trabalho foi apresentada, e o aceite, pelo grupo, se deu prontamente. Minha apresentação como pesquisadora neste espaço foi reiterada ao longo do tempo, principalmente em momentos de encontro e de conversa, em que há maior concentração de pessoas. O fluxo de pessoas acompanhadas é grande, e o número de pessoas, heterogêneo. Sendo uma observação em um espaço público, onde não há controle desse trânsito, há certa dificuldade em tomar como base os procedimentos comumente utilizados nas pesquisas, como o termo de consentimento livre e esclarecido para todas as pessoas com que dialogamos. Em virtude disso, utilizamos o aceite verbal. Todas as tratativas foram feitas com aceite verbal. De qualquer forma, também apresentamos o termo de concordância institucional (apresentado e assinado pelos representantes da Horta) e o termo de consentimento livre e esclarecido (apresentado às entrevistadas) nos Apêndices do trabalho.

É importante ressaltar que as descrições das falas dos sujeitos não são *ipsis literis*, visto que apenas nas entrevistas utilizamos recursos de gravação e transcrição. As observações cotidianas, no espaço da horta comunitária, nos eventos e nos encontros informais, foram anotadas no momento em que eram ditas ou logo em seguida, tendo sido os diálogos reconstruídos posteriormente nas escritas do diário de campo. Cabe enfatizar que, ao longo das descrições feitas neste texto, foi mantido o anonimato. Então, os nomes citados ao longo do texto são todos fictícios, à exceção de um, Jussara. Maria Jussara, uma de nossas entrevistadas, fez questão de ser identificada, afirmando que gostaria de ter o seu nome sendo citado no trabalho, de modo que as pessoas percebessem o quanto uma pessoa idosa pode ser ouvida e ainda “é útil”, nas palavras da própria interlocutora.

No ano de 2020, ao participarmos de um encontro da Associação Latino-americana de Antropologia Social, uma pesquisadora referência dentro do campo da antropologia e educação, a professora Ana Gomes, disse algo que levo comigo desde então: “*A presença de um etnógrafo/pesquisador em campo não é mais inaugural!*”. Há uma diversidade de pesquisas sendo feitas, em diferentes territórios e de diferentes modos. Por nossos modos de ser já somos identificados no contexto dos diferentes campos. Concordo plenamente com professora Ana Gomes e entendo, também, que isso implica diretamente a maneira como temos acesso às práticas. No entanto, adiciono a esta reflexão uma dimensão importante: a presença de pesquisadores comprometidos com a dimensão ética do fazer pesquisa, mais do que com a produção de “seus dados”, ainda é, sim, inaugural. Esse

entendimento surgiu em campo, vindo de uma de minhas interlocutoras, uma referência no espaço da horta urbana. Em uma das ocasiões, em que reafirmava as minhas intenções perante o grupo, ouvi a seguinte frase: “Que legal saber da tua pesquisa e da tua preocupação... Sabe que tem gente que já veio aqui pra estudar daí depois nem falou e a gente nem sabia?” (Diário de campo, janeiro de 2019).

Em que pese o fato de minha interlocutora parecer distinguir-me da experiência vivida com outros pesquisadores, e ao mesmo tempo me chamar ao compromisso, sinto-me constrangida, não por sua fala, mas por representar, de certo modo, um grupo que mesmo não tendo mais sua presença como algo inaugural, ainda precisa repensar seus modos de ser e estar nas comunidades com as quais coproduzem suas pesquisas, entendendo que a ética envolve não apenas a dimensão burocrática, como evidenciado por Carvalho, de la Fare e Pereira (2017).

Seguindo as pistas que foram lançadas, nos propusemos para além de entender o consentimento como construção recursiva, estando em permanente alerta para os nossos *porquês, quais e poréns* em campo. Quando tivemos uma construção um pouco mais consistente de nossa pesquisa, realizamos uma espécie de *processo de qualificação* em campo. Ficamos disponíveis para isso, e nossos interlocutores adotaram a ideia. O processo ocorreu de modo a anunciar aquilo que vínhamos construindo e também de fazer ver o que era esse “tal de projeto de tese que a Lilia²⁷ ia defender”. Minha “defesa em campo” (Figura 8) ocorreu dias antes de minha defesa do programa de Pós-Graduação, e, sem dúvida, foi um momento fundamental para que eu pudesse pensar nos sentidos que vinha atribuindo ao vivido naquele espaço comunitário. A apresentação não teve nada de excepcional, e ela ocorreu entre outras pautas de reunião do grupo e enquanto praticantes realizavam atividades concomitantes – na ocasião, algumas mulheres limpavam os Hibiscos²⁸ para venda –, como de costume.

Para esse momento, levei os *slides* impressos que apresentaria no programa, bem como o projeto de tese impresso. A possibilidade de observar e manusear esse material foi destacada pelo grupo. Enquanto o encontro acontecia, desenvolvi uma fala de modo a tornar mais acessível o que estava naquela papelada. Assim o fiz, tentando cumprir com o que destacam Carvalho, de la Fare e Pereira (2017, p. 196), ou seja, usando um dos princípios éticos previstos na normativa do compromisso ético em pesquisa, previsto na Resolução CNS nº 510/2016:

²⁷ Embora meu nome seja Lilian, raramente o som do “n” entrava na pronúncia de meu nome.

²⁸ Falaremos sobre os Hibiscos adiante.

O quarto princípio alude a um aspecto inerente ao ofício de pesquisar, como é a socialização da produção de conhecimento, apresentado através da ideia da democratização de seus produtos e resultados. O que não se refere só ao âmbito científico, mas também aos grupos e populações com os quais os pesquisadores trabalham em suas diferentes abordagens, incluindo a pertinente recomendação de divulgação em um formato acessível a esses grupos e populações.

A tentativa, nesta ocasião, foi a divulgação do até então produzido. Todas as pessoas que ali estavam tiveram a oportunidade de manipular o material e de me fazerem perguntas e comentários. Assim os fizeram, e muitos. O que mais foi destacado naquele momento foi o espanto positivo em ver o volume de páginas escritas, bem como as situações de campo relatadas de modo detalhado. Os interlocutores também destacaram os nomes que não mais correspondiam aos seus nas cenas extraídas do diário de campo, achando graça. No andamento da conversa, consentiram novamente que eu continuasse a desenvolver o que vinha fazendo. E eu, “já qualificada”, continuei. Segui, então, para o processo de qualificação no programa de Pós-Graduação. Embora a qualificação na Horta tenha sido um momento agradável, sensível e de muita acolhida por parte de meus interlocutores, é interessante perceber na fotografia a disposição de meu corpo no espaço e meus gestos. Parecem tensos – e estavam mesmo – e são marcados, de certa forma, pela constituição corporal na experiência acadêmica, evidenciando na pesquisadora marcas também das diferentes posições ocupadas.

Figura 8 A proposta de tese sendo apresentada na Horta Comunitária.



Fonte: Amigos da Horta

Entendemos que o processo de assinatura do TCLE²⁹ é apenas parte do andamento que permite ao pesquisador desenvolver seu trabalho. Como afirmam de la Fare e Carvalho (2017, p. 118), “através da formação (a pesquisadora) poderá distinguir as especificidades do ofício de pesquisar para explicitar, esclarecer e apresentar sua investigação na construção das articulações necessárias para o trabalho de campo (...)”. Em relação às entrevistas, os cuidados éticos foram uma preocupação permanente. Tentamos abrir espaços de escuta, dentro do que era possível, sobre como a experiência da entrevista se passou, apresentando possibilidades de intervenções sobre o material transcrito e aberturas à contínua coprodução, como o que destacamos aqui ao trazer o trecho final da entrevista com Janaína, uma de nossas interlocutoras:

L: Janaína, eu te agradeço profundamente! Como tu te sentes agora ao fim da entrevista? Vou te encaminhar essa entrevista transcrita, fica à vontade para complementar.

J: Tô bem. acho que foi muito bom... Mexeu em várias coisas tanto em aprendizados que foram positivos desde sempre quanto outros que mobilizaram... Desafios sabe? Coisas que eu queria melhorar dentro de mim enquanto estava na Horta, minha emoção ela nasce dessa junção de tudo isso... Então foi muito bom assim, fico muito feliz de ter contribuído contigo, pode usar, pode fazer uso, tu vai me mandar o transcrito... Provavelmente eu não vá mudar nada, porque eu acho que isso que eu te falei aqui é o que brota sabe? Só se eu ver que eu falei alguma coisa errada assim da parte de conteúdo mesmo... Daí eu, ponho alguma alteração assim sabe? No mais eu acho que o que transparece aqui para ti foi o mais sincero e o mais transparente de mim.

L: No texto do TCLE eu falo da não identificação... Tu gostarias de ser identificada como? Algum nome específico, alguma alusão, símbolo... Vou te falar o que as pessoas tem escolhido tá?! As pessoas têm escolhido por não se identificarem e não tem apresentado o desejo por nenhum nome específico, ficando a meu critério... Tu escolhes o que deseja.

J: Tá! Eu opto por ser anônima, até por essa questão de ter falado de experiências de outras pessoas que me impactaram e que podem ser lidas... Por mais que eu creio que tu vai se expressar da melhor forma possível mas enfim, a gente não sabe como que as pessoas vão receber... Tipo que eu falei da dona Mara e falei do seu Tomé... Enfim. E dessa questão dos medos e eu acho mais justo que não seja atrelado para não causar nada de ruim. Se tu quiser pode me identificar como mulher, então o pronome ela para se referir a mim tudo bem, para aparentar que sou uma mulher mas também tanto faz...

L: Algum nome fictício que tu escolha?

J: Não sei agora, posso te falar depois daí?

L: Tranquilamente...

(Janaína. *Entrevista*, p.36.)

O consentimento nas entrevistas também aconteceu de modo processual, baseando-se no estabelecimento da confiança ali estabelecido. Iniciou-se no convite feito na própria horta, alongou-se ao encontro de entrevista e depois foi formalizado pela apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e também pelo processo de revisão do

²⁹ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

material transcrito pelas nossas interlocutoras. Todas as cinco entrevistas transcritas foram enviadas às entrevistadas para possíveis modificações ou readequações. Destas, duas delas retornaram os textos das entrevistas transcritas com ajustes no próprio texto ou com áudios via aplicativo que foram transcritos e incorporados também na entrevista.



Foto do acervo do Grupo Horta Comunitária Lomba do Pinheiro

3. PRÁTICAS DE UMA HORTA COMUNITÁRIA

Neste capítulo apresento uma breve introdução sobre o tema da agricultura urbana, localizando a discussão dentro de um panorama mais geral, de *ambientalização* das pautas sociais. Ainda, apresento o histórico da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, tentando articular o contexto político de seu surgimento. Apresento, na última seção, as descrições de situações de aprendizagem vividas na ocasião de campo.

3.1 Agricultura urbana e hortas comunitárias – contextos e significados

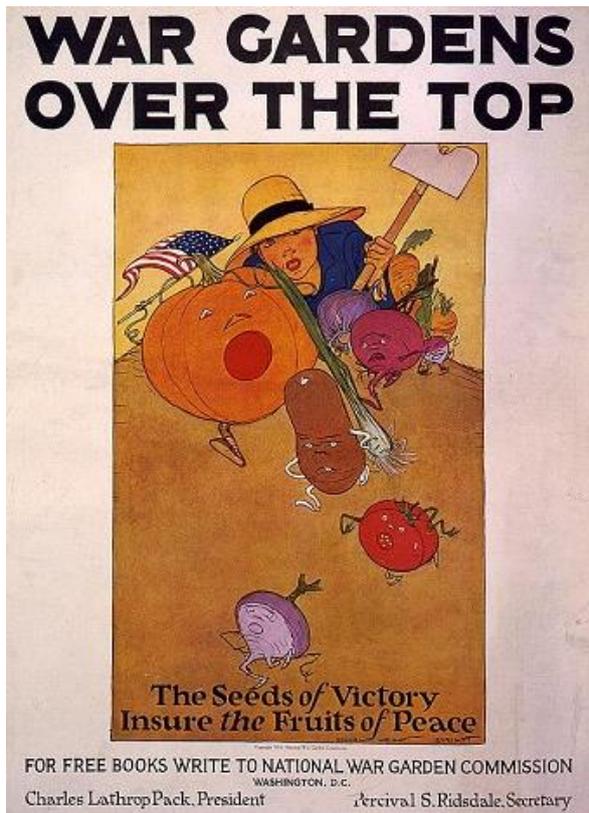
“Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito.” David Harvey

Os problemas ambientais derivados do contínuo processo de expansão das cidades afetam de modos distintos as diferentes classes sociais (ACSELRAD, 2002). As dificuldades relacionadas ao saneamento básico e a escassez de alimentos de qualidade entre os mais pobres são apenas dois exemplos dos inumeráveis problemas ambientais ainda atuais e que necessitam ser enfrentados (FAO, 2011; FAO, 2017).

Historicamente o desenvolvimento das hortas urbanas surge como possibilidade para tentar combater a insegurança alimentar. Estudos como os de Zaar (2011; 2015) mostram que o cultivo de hortas urbanas está ligado aos períodos de crise alimentar que tomaram países ocidentais durante o século XX. Entre as crises alimentares citadas pela autora estão as duas guerras mundiais e a guerra civil espanhola, que nos contextos de sua ocorrência implicaram na interrupção do circuito de produção e comercialização de alimentos, provocando períodos de escassez alimentar que prolongaram-se aos períodos de pós-guerra. O histórico induziu diferentes países a criarem programas que estimulassem o cultivo de hortas familiares, escolares e também comunitárias (ZAAR, 2011).

Segundo a autora um dos casos emblemáticos no contexto histórico das hortas urbanas a nível mundial é o programa *Liberty and Victory Gardens* (Figura 9), que durante as guerras mundiais estimulou, nos Estados Unidos, a construção de hortas (também comunitárias) para ampliação do acesso à alimentação. Estima-se que em 1943, cerca de 40% das frutas e vegetais frescos consumidos nesse país eram provenientes desse tipo de iniciativa (ZAAR, 2011).

Figura 9. Cartazes da Campaha *Liberty and Victory Gardens*.



Fontes: Imagem da esquerda - Universidade da Califórnia - *The Victory Grower*³⁰/ Imagem da direita - *Blog Victory Grower*³¹

Embora o percurso histórico das hortas urbanas não seja objetivo desta tese, se faz necessário destacar que a discussão sobre hortas urbanas comunitárias não é recente. A pauta liga-se às demandas e necessidades básicas das populações em diferentes territórios: acesso à alimentação e enfrentamento dos contextos de crise. Atualmente, as hortas urbanas são amplamente divulgadas e é possível encontrar diferentes modelos ao redor do globo (FAO, 2017). O contexto de pandemia pelo qual passamos ao longo de 2020 também tende a impulsionar discussões sobre a importância de tais iniciativas.

O plantio de hortaliças, ervas condimentares e medicinais ganha assim os espaços urbanos das cidades ao redor do mundo. Essa tendência também pode ter relação com as poucas formas de contato com os elementos da natureza, bem como com certo imperativo ecológico, necessário e demandado nas existências dos sujeitos contemporâneos. Os objetivos para o cultivo de hortas urbanas variam conforme as regiões onde localizam-se, podem nascer de necessidades pontuais de cuidados com a alimentação – desejo da minimização da ingestão de produtos industrializados e agrotóxicos vinculados ao cultivo

³⁰ Disponível em: https://ucanr.edu/sites/thevictorygrower/Gallery/World_War_I_Poster_Art/ (Acesso em agosto de 2019)

³¹ Disponível em: https://ucanr.edu/blogs/VictoryGrower_Blog/ (Acesso em agosto de 2019)

convencional – ou ainda, principalmente em áreas vulneráveis, relacionar-se com o argumento do acesso à alimentação básica. Independente do objetivo, o fato é que essa tendência tem se ampliado e as pessoas estão cultivando pequenas hortas, seja no pátio de casa ou em hortas coletivas ou comunitárias, nas áreas comuns dos prédios ou em espaços públicos (Figura 10)

Figura 10. Prédio público abandonado localizado no terreno público compartilhado com a Horta Comunitária. No grafite é possível ler “Revolução Comunitária”.



Fonte: Acervo da autora.

É importante salientar que esta preocupação com a soberania alimentar, com a mudança de hábitos de consumo, e com certa *performance ecológica*, é também algo que se insere dentro de uma mudança cultural que vem acontecendo desde a década de 1970, uma internalização da pauta ambiental, denominada processo de ambientalização.

A ambientalização, segundo Acselrad (2010), refere-se tanto ao processo de adoção de um discurso ambiental genérico por parte de diferentes grupos sociais quanto pela incorporação concreta de justificativas ambientais para a legitimação de diferentes práticas (institucionais, políticas, científicas, etc.). Carvalho e Toniol (2010) definem o processo de ambientalização dando destaque à dimensão educativa nele presente como um

(...) processo de internalização nas práticas sociais e nas orientações individuais de valores éticos, estéticos e morais em torno do cuidado com o ambiente. Estes valores se expressam na sociedade contemporânea em preocupações tais como aquelas com a integridade, a preservação e o uso sustentável dos bens ambientais. Os processos de ambientalização têm uma dimensão educativa importante que reside, sobretudo, na formação ética, estética e moral de sujeitos e instituições ambientalmente orientados. A ambientalização das agendas das instituições e dos movimentos sociais pode ser identificada na esfera pública tanto na emergência de questões e práticas ambientais como um fenômeno novo quanto na reconfiguração de práticas e lutas tradicionais que se transformam ao incorporar aspectos ambientais (CARVALHO e TONIOL, 2010. p.1).

A ambientalização refere-se ao processo de internalização da questão ambiental nas esferas sociais e também na consciência dos indivíduos. Move-se pelo crescente reconhecimento da legitimidade de um campo de preocupações socioambientais na esfera pública, e produz um *habitus* ecológico que, por muitos motivos, inclusive mercadológicos, tende a se generalizar em diferentes medidas, afetando diversos campos sociais. Assim, a literatura sobre os movimentos sociais nas últimas décadas tem, cada vez mais, chamado à atenção para a incorporação de uma agenda ambiental por uma série de lutas sociais (CARVALHO, FARIAS e PEREIRA, 2011).

O movimento da agricultura urbana faz parte desse processo, e de certa forma introduz discussões interessantes ao tensionar novas formas de se viver no espaço urbano, avançando o debate no que se refere à luta pelo direito de acesso à cidade.

As hortas urbanas comunitárias ascendem em um contexto de discussões sobre o uso e a resignificação dos espaços públicos no Brasil e no mundo. Em comparação com o movimento contracultural *hippie*, que, por exemplo, tinha como ideal a constituição de comunidades mais “próximas da natureza” e, portanto, fora da cidade, o movimento de hortas comunitárias urbanas vai em uma direção diferente. As hortas urbanas, em geral, reivindicam o direito à cidade e ao uso do solo urbano para uma agricultura de pequena escala, de caráter coletivo e, muitas vezes, com orientação ecológica nas práticas de cultivo e comercialização (BRANCO, MARINA CASTELO & ALCÂNTARA, 2011; MAAS, MALVESTITI, & GONTIJO, 2020; BIZARI & CARDOSO, 2016; CARNEIRO, PEREIRA & GONÇALVES, 2016; SANTOS & MACHADO, 2019).

Para Harvey (2013), o direito à cidade não pode ser entendido como um direito individual. Ele demanda um esforço coletivo e a luta por direitos políticos coletivos ao redor do que chama de *solidariedades sociais*, uma espécie de lógica outra de habitar o espaço urbano. O direito à cidade não é um direito apenas de acesso ao que já existe nela, mas um direito “ativo de fazer uma cidade diferente, de formá-la mais de acordo com

nossas necessidades coletivas (por assim dizer) e definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano” (HARVEY, 2013, p. 33).

3.2 A Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro

“Na horta todos plantam de tudo, todos cuidam de tudo e todos colhem de tudo.”
Lema da Horta Comunitária (HISTÓRICO, 2018, p. 5)

A Lomba do Pinheiro, nos anos de 1970 passou a receber migrantes de municípios do interior do estado, um fenômeno que se estendeu por diversas partes de Porto Alegre. Em virtude da chamada “revolução verde”, ampliação das tecnologias agrícolas que ocasionou a mecanização das atividades no campo para o atendimento de demandas mercantis, a cidade de Porto Alegre presenciou, neste período, um processo de “urbanização por expansão de periferias” (CARNEIRO DA CUNHA, 1992).

A Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro é uma iniciativa de produção orgânica e agroecológica que integra conhecimentos técnicos e populares. Suas práticas visam à educação ambiental, promoção de saúde e a inclusão social. Traz também como objetivos a multiplicação de conhecimento, o resgate da história do território, a produção de hortas caseiras, a promoção de alimentação saudável e orgânica e a promoção de cidadania (HISTÓRICO, 2018).

A área, situada na Estrada João de Oliveira Remião, 5088, na altura da parada 12A do bairro Lomba do Pinheiro (Figura 11), encontra-se nos fundos do Centro Cultural e do Centro Administrativo Regional Lomba do Pinheiro (CAR Lomba do Pinheiro), em área pertencente à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que é protegida, em uma de suas faces, por uma mata nativa. O espaço foi cedido para tal fim pela prefeitura do município de Porto Alegre para a atual versão do projeto em 2013. Esta conformação de trabalho e do espaço, com aproximadamente 7.000 m² de área cultivada, existe desde o mesmo ano.

Figura 11. Imagem de satélite da área onde localiza-se a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Na imagem, a área principalmente cultivada da Horta está circulada. O traçado pontilhado representa o percurso que os voluntários percorrem da Estrada para chegar até o terreno, cerca de 800m.



Fonte: *Google Earth 2020*

3.2.1 A Horta da 12A e sua história

Segundo informações do Conselho Popular da Lomba do Pinheiro³², a história deste espaço de inicia em maio do ano de 2004 a partir da implantação do Comitê Regional do Fome Zero na região da Lomba do Pinheiro, o foco do Projeto naquele período foi trabalhar com famílias onde havia a presença de crianças de zero a seis anos de idade em risco nutricional.

Necessitarei abrir um parêntese aqui para tratar do Programa Fome Zero e de sua relação com a agricultura urbana. Essa relação não cabe em uma nota de rodapé e merece ao mesmo tempo, neste momento histórico, destaque.

³² Disponível em: <http://cplombadopinheiro.blogspot.com/2015/12/horta-comunitaria-da-lomba-do-pinheiro.html>

Criado em 2003, durante o mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o programa governamental Fome Zero teve como meta o enfrentamento da fome e da miséria no país³³ e suas causas estruturais e, por esse motivo, previa uma série de iniciativas. Nesse sentido, para garantir a segurança alimentar dos brasileiros, o Programa contou com ações que envolveram um conjunto de políticas públicas; a construção participativa de uma Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional³⁴; e um grande mutirão contra a fome, envolvendo as três esferas de governo (federal, estadual e municipal) e todos os ministérios. De acordo com os relatórios do Programa, no Brasil, em 2003, existiam 44 milhões de pessoas ameaçadas pela fome. O Programa Fome Zero consistia em um conjunto de mais de 30 programas complementares alinhados ao objetivo de combater as causas imediatas e subjacentes da fome e da insegurança alimentar, implementados pelo ou com o apoio do governo federal³⁵. Essas estratégias colocaram o Brasil fora do Mapa da Fome no ano de 2014.

A partir de 2003, a agricultura urbana fomentada nas pequenas e médias cidades a partir da estratégia de instituição de Hortas Comunitárias em terrenos públicos passa a ser uma política local atrelada ao Fome Zero (Figura 12). Segundo Silva et al. (2010, p. 32), que sistematiza a experiência do Fome Zero no Brasil, a política local de agricultura urbana prevê que o abastecimento e a produção alimentar local precisam ser mais valorizadas nos pequenos e médios municípios e para tal

³³ O Programa foi uma das mais expressivas ações do então presidente, o qual apontava para a importância desta iniciativa já no discurso de sua posse: “Vamos criar as condições para que todas as pessoas no nosso país possam comer decentemente três vezes ao dia, todos os dias, sem precisar de doações de ninguém. O Brasil não pode mais continuar convivendo com tanta desigualdade. Precisamos vencer a fome, a miséria e a exclusão social. Nossa guerra não é para matar ninguém – é para salvar vidas.” Luiz Inácio Lula da Silva, Discurso de Posse, em 1o de janeiro de 2003.

³⁴ Na primeira semana de janeiro de 2019, a Medida Provisória 870 assinada pelo presidente brasileiro recém-empossado revoga o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), dispositivo da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional composto por entidades e sociedade civil que tinha como objetivo, entre outros, articular, acompanhar e monitorar a implementação e a convergência de ações inerentes à Política e ao Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional bem como mobilizar e apoiar entidades da sociedade civil na discussão e na implementação de ações públicas de segurança alimentar e nutricional. É necessário ressaltar que a inclusão do direito à alimentação na Constituição, a aprovação da Lei Orgânica, da Política e do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, o Plano Safra da Agricultura Familiar, a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica e o Programa de Aquisição de Alimentos e as compras institucionais de alimentos da agricultura familiar para escolas e outros órgãos públicos são algumas das propostas que surgiram em debates no Consea e se tornaram políticas públicas para a garantia de uma alimentação saudável para toda a população no País, segundo o que expõe a Nota de representantes da sociedade no Consea divulgada pela Associação Nacional de Saúde Coletiva. Disponível em: https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/saude-da-populacao/estao-desmontando-o-sistema-de-seguranca-alimentar-diz-ex-presidente-do-consea/38914/?fbclid=IwAR3_M5PNEqsl7St13NVN45jjCJ29ws3eNqNcHmhMofTtwNpLnQjHrjnks0

³⁵ Maiores informações em: http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/pageflip-4204234-487363-lt_Fome_Zero_A_experinc-1750637.pdf

Várias iniciativas de alçada municipal podem estimular programas como “Feira do Produtor” e sistemas de entrega no domicílio de produtos frescos; cursos de formação para criação de hortas nas escolas; **cadastro de terrenos urbanos sem uso para produção de hortas e a cessão para produção, por tempo determinado previamente, para pessoas interessadas e sem emprego**; e alíquotas diferenciadas de IPTU para terrenos aproveitados para este uso (SILVA et al. 2010, p.32- grifo nosso).

Figura 12. Agricultura urbana como política local atrelada ao Fome Zero.

Esquema das propostas do Projeto Fome Zero



Fonte: Fome Zero - A Experiência Brasileira, de Silva et al. 2010.

A política de governo parece ter produzido condições de possibilidade para que diferentes iniciativas de Horta Comunitárias pudessem ocorrer por meio da cedência de espaços públicos municipais.

O Comitê Regional do Fome Zero na região da Lomba do Pinheiro, segundo informações disponíveis no Blog do Conselho Popular do Bairro, contava com quatro núcleos: o do Centro Cultural (onde a Horta Comunitária localiza-se atualmente); o do Recreio da Divisa, o do 5ª do Portal e o núcleo da Vila dos Herdeiros. Todos esses núcleos

localizados na Lomba e acompanhados e organizados por diferentes moradores e lideranças comunitárias da região. Para esses núcleos, eram destinados mensalmente cestas básicas que eram distribuídas para cerca de 180 famílias.

Como previa a proposta da política pública, nesta época era garantida também a manutenção para duas Hortas Comunitárias – uma no Centro Cultural, que, segundo os registros do Conselho Popular, contou com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da EMATER, e de instâncias da Prefeitura de Porto Alegre como o Centro Agrícola Demonstrativo (CAD) da Lomba do Pinheiro, Centro Administrativo Regional (CAR) Lomba/Partenon, a antiga Secretaria Municipal de Governança Local (SMGL), Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Saúde por meio dos Postos de Saúde e a Paróquia Santa Clara. A outra Horta foi iniciada na localidade do Recreio da Divisa, mas acabou não se viabilizando por conflitos locais.

Segundo os registros do Comitê Popular, na Horta do Centro Cultural, área conquistada por esforços de lideranças da Lomba do Pinheiro por meio do Orçamento Participativo, local que abriga a atual existência do Projeto, havia dezoito famílias engajadas e que produziam rúculas, rabanetes, alfaces, plantas medicinais, tomates, beterraba, pimentão, berinjela, etc. O objetivo do projeto naquele momento era “contribuir na organização da sociedade civil através de uma alternativa de trabalho e produção de hortaliças, plantas medicinais e outros hortifrutigranjeiros, onde o fruto do trabalho promovesse o complemento alimentar e de renda” (Blog do Comitê Popular da Lomba do Pinheiro).

Com a transição do governo municipal, em 2005, o Comitê Regional foi desativo e a Horta Comunitária, por dificuldades operacionais e apoio governamental, cessou suas atividades.

Em 2010, a ideia de (re)construir a Horta Comunitária Lomba do Pinheiro surge em uma Pré-Conferência da Assistência Social, a partir da necessidade de atender famílias em situação de vulnerabilidade social pela produção de alimentos saudáveis e de geração de renda. Neste contexto, formou-se então um Grupo Gestor (2011 a 2012) constituídos por inúmeras entidades, entre elas algumas Associações Comunitárias, Conselhos Locais de Saúde, Paróquia, Conselho do Museu Comunitário local, representações da prefeitura (Centro Administrativo Regional da Lomba e Centro Agrícola Demonstrativo), CTG, Escolas da região, EMATER, Comitê Fome Zero e representantes do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Segundo os registros do documento *Horta Comunitária Lomba do Pinheiro – HISTÓRICO*, material impresso que me foi cedido para uso na pesquisa por um de meus interlocutores, e com o qual construo esta narrativa, as reuniões deste grupo gestor aconteciam em diferentes espaços comunitários da região e ao longo dos encontros foram definidos os princípios norteadores do trabalho: solidariedade, sustentabilidade e agroecologia. Os sentidos empregados a estes princípios não foram explicitados.

Figura 13. Placa fixada na área da sede da Horta Comunitária.



Fonte: A autora.

Os princípios e objetivos também foram delineados por este grupo, e são eles: I. Segurança e soberania alimentar, com produção e fornecimento de alimentos ecológicos à população; II. Geração de renda; III. Formação de multiplicadores; IV. Educação Popular; V. Educação Ambiental; VI. Melhorar a qualidade de vida da população; VII. Transformar espaços ociosos em locais de aprendizado formal e informal; VIII. Esclarecer a população a respeito do uso de fitoterápicos; IX. Fortalecer o associativismo e o cooperativismo; X. Fortalecer a economia solidária.

Em 2013, o Projeto Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro é retomado em uma nova perspectiva. Tem o apoio governamental da Prefeitura de Porto Alegre, da Secretaria Municipal de Educação, que cedia 40 horas um professor de seu quadro para que desenvolva atividades de Educação Ambiental envolvendo a rede municipal. Junto com uma líder comunitária muito conhecida na região, coordenam então a iniciativa. Desde esse

período (2013), já passaram pela Horta Comunitária mais de 20 mil pessoas – trabalhando, visitando, participando de oficinas, eventos e formações, principalmente em falas públicas. O cálculo é apresentado pelos próprios participantes, por meio de um caderno de registros, no qual apontam o controle das presenças no espaço.

A Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro tem se tornado uma referência importante como espaço de sociabilidades, e produção de hortaliças, chás, temperos, e outros produtos que são colhidos e distribuídos de forma igualitária entre os participantes. No espaço também ocorrem oficinas com diferentes temas: xaropes, doces, geleias, manejo agroecológico, entre outros que serão mais bem descritos na subseção seguinte. Dentre as frentes de atuação está o projeto de preservação da mata nativa que circunda a área de cultivo da Horta (7 mil metros quadrados), bem como a limpeza e revitalização do Arroio Taquara, arroio que corre nos fundos da mesma.

No ano de 2015 uma pauta engajou diversos seguimentos da região da Lomba do Pinheiro, foi proposição aprovada pelo Conselho do Plano Diretor Municipal do gravame de uma rua que passaria por dentro da área da Horta. Por meio de mobilizações da comunidade e de uma audiência pública, houve a revogação do projeto da avenida. Atualmente, a comunidade é vigilante quanto a manutenção desse espaço pois as dificuldades perpassam tanto tensões de ocupação do espaço relacionadas a especulação imobiliária, quanto às tensões de ocupação referentes ao tráfico.

As espécies plantadas incluem hortaliças, ervas e outras plantas medicinais, pomar e algumas plantas alimentícias incomuns, chamadas Plantas Alimentícias Não Convencionais. As atividades que ocorrem no espaço são variadas, compreendendo preparação de canteiros, adubação ecológica, capina, plantio de hortaliças, ervas de chás e temperos, o regadio, a colheita, a produção de mudas, a coleta de folhas da mata para cobertura vegetal nos canteiros, as trilhas ecológicas, os jogos, os exercícios de relaxamento, rodas de conversa, palestras, estudos de plantas, oficinas, eventos como festas juninas, feijoadas, sopão e feitura de xarope e doce de Hibisco.

3.2.2 Práticas que constituem a Horta – mapeando processos

Antes de iniciar a descrição dos processos que acompanhei, se faz necessário falar um pouco de minha chegada ao campo. Como já mencionei, cheguei à Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro ainda em 2017 com muitas ideias ingênuas acerca do que iria encontrar. Por mais que tentasse me livrar de noções pré-concebidas sobre o que seria aquele espaço, já

estavam impregnadas em mim uma série de ideais sobre o funcionamento do que considerava ser uma Horta Comunitária.

Não me furto em dizer que pensei que encontraria uma organização repleta de pessoas cujo único tipo de vínculo seria o voluntariado. Pensava que a filiação à iniciativa dava-se estritamente pelo ideal compartilhado de cuidados com o ambiente. No entanto, quando comecei minha inserção em campo, compreendi que algumas pessoas ali envolvidas compunham outros arranjos de vinculação, eram articuladores, funcionários públicos cedidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre para que pudessem colaborar com a continuidade do projeto. Confesso que levei um banho de água fria ao entender que a *instituição prefeitura* de certa forma estava presente ali, no entanto, percebi aos poucos que talvez esta configuração fosse a condição de possibilidade para que o projeto Horta Comunitária seguisse sendo desenvolvido.

Nesse sentido, elegi não olhar para as instituições que ali permeavam a iniciativa, mas buscar compreender os processos e fluxos que constituíam esse espaço. Na pesquisa de campo procurei então deslocar o foco de minha preocupação e impulsionar-me para além destas relações institucionais.

Esta secção irá compreender uma descrição inicial de algumas práticas acompanhadas na Horta Comunitária. É preciso destacar que as atividades não são estanques, ocorrendo isoladas umas das outras. Entendendo essa comunidade de práticas (WENGER, 2001) como nosso espaço de análise, reiteramos sua instabilidade, seu contínuo vir a ser, uma comunidade em perpétua transformação, pois são distintos os sujeitos, os fluxos, as coisas e as relações que nela operam. O trabalho segue um fluxo a partir das necessidades e contingências. O clima, o número de participantes e as condições físicas e espirituais dos mesmos, a conjuntura política, a sazonalidade das plantas, a disponibilidade de sementes, da água e do composto... Essas são apenas algumas das variáveis para que o trabalho aconteça. A leitura destas variáveis, para que se possa fazer o “trabalho do dia” em geral não é feita por todos os participantes, é uma leitura que se dá pelos mais experientes, pelos praticantes que tem expressiva ação e engajamento no espaço.

Uma prática central na Horta Comunitária da Lomba é o *cuidado de manutenção das sementes* (Figura 14) . As sementes são consideradas elementos chave para a manutenção de uma horta de princípios agroecológicos, visto que, para ser considerada uma horta agroecológica, as sementes precisam ser crioulas, ou seja, devem ter origem de

plantas não modificadas e que gerem, após frutificação, descendentes férteis, ou seja, outras sementes passíveis de serem plantadas, não híbridas.

Figura 14. Manejo de sementes de coentro.



Fonte: A autora.

As sementes das diferentes plantas encontradas na Horta da Lomba são crioulas. Há pouco espaço – quase nenhum – para o plantio de sementes que não tenham, nas palavras de um dos interlocutores, *procedência popular*. Ter procedência popular significa estar ao alcance de um circuito de cultivo-colheitas-trocas que não necessariamente envolvem moeda. Em geral, as sementes que chegam à Horta não são compradas ou vendidas, mas trocadas, *conseguidas* e, aos interessados, doadas. Há um investimento de tempo e energia grande para que se possa *conseguir* as sementes, é possível consegui-las dentro da Horta, por meio do sistemático cultivo das plantas e posterior colheita daquelas plantas que “foram deixadas pra semente” ou por meio de agenciamentos que envolvem grupos externos. Estes agenciamentos incluem pedidos à Emater³⁶, coletas e trocas feitas pelos participantes em diferentes locais.

Cuidar das sementes na Horta requer engajamento e conhecimento acerca das plantas. É preciso saber o tempo exato de colher a semente, e isso, pelo que disseram os participantes, *se sabe de olho e se aprende com o tempo*. Saber de olho e aprender no tempo é habilidade a ser desenvolvida. Logo no início de minha inserção no campo, fui

³⁶ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

convidada a debulhar algumas sementes de frutos já secos. O convite me foi feito em um dia que havia começado a chover, as pessoas estavam dentro da sede, cuidando das sementes e varrendo. Fizeram-me o convite sem dizer qual a planta era. Depois de alguns minutos em silêncio, perguntei.

Eu: Que semente é?

Dona Camélia: Amassa aí ó (faz gestos com a mão amassando parte das plantas)... O cheiro não te lembra nada?

Eu: É meio parecido com mostarda até...

Dona Camélia: Isso daí guria! Tem vez que o cheiro da semente já diz que planta é... Mas também engana, presta atenção!

(Diário de Campo, 2017).

Dona Camélia me adverte que para conhecer é preciso interagir de modos diversos com a planta, é preciso estar atento a essa relação, aos detalhes. É comum que a colheita das plantas que ficaram para semente seja feita por pessoas mais experientes, já o debulhar e o guardar, são em geral feitos por pessoas mais idosas ou por aqueles que não tem condições de saúde para estar nos canteiros realizando tarefas mais pesadas, que requerem esforços corporais mais intensos.

O processo de *semeadura* é feito em sementeiras ou em canteiros, por diferentes pessoas. Algumas espécies são semeadas diretamente no canteiro, outras na sementeira, de acordo com o clima e o tempo de plantio. Às vezes, a comunicação do que foi semeado nas sementeiras não acontece, e as sementes recém-dispostas podem morrer por falta d'água. Neste espaço comunitário, os dispositivos de comunicação têm grande importância para o desenvolvimento do trabalho, pois pelo fluxo de pessoas em diferentes horários, a comunicação acaba não podendo fixar-se na fala direta entre as pessoas, mas por outros meios – avisos nos quadros fixados na parede da sede e em grupos de aplicativos de celular.

O *regadio* é também processo fundamental que constitui a Horta Comunitária. Regar é tarefa que se faz ao longo do ano e que gera forte demanda de força de trabalho principalmente no verão. A tarefa de regar pode ser feita por pessoas com menos experiência com hortas, por isso é atividade delegada também a iniciantes. Regar a casa de mudas com regadores e os canteiros com regadores e mangueiras é tarefa que requer força e disponibilidade, mas não é tarefa das mais complexas. Regar as mudas da estufa e também as dos canteiros foi uma das primeiras tarefas delegadas a mim quando cheguei à Horta da Lomba. A maior complexidade envolvendo o regadio é mantê-lo nos períodos de verão, quando tanto a presença de chuvas quanto a de participantes na Horta, diminui.

Neste período, julgar o que “se rega primeiro” me parece o mais complexo, e pela complexidade de saberes que envolve, a escolha é feita pelos mais experientes.

O *(re)conhecimento e cuidado das plantas matrizes* é também um processo importante que acontece no cotidiano da Horta. As plantas matrizes são aquelas plantas com características desejáveis, uma planta com características exemplares de sua espécie. Da matriz se extraem hastes, ramos e galhos para a propagação de novas mudas. Esse processo de (re)conhecimento das matrizes, acontece, em geral, junto a outras atividades, como por exemplo a atividade de regadio ou capina. Nestes momentos, um hortelão mais experiente aproveita o encontro com uma determinada planta matriz no canteiro para mostrar aos outros a planta, as características pelas quais a planta foi escolhida como matriz e também como se faz uma muda, a propagação. A explicação interrompe o trabalho que estava se desenvolvendo (por exemplo, de capina) e o hortelão mais experiente faz o processo por completo: escolhe um galho, diz os critérios pelos quais escolheu o galho, convida o ouvinte a tocar a planta, cheirá-la e depois mostra como se faz a muda. Dependendo dos conhecimentos do ouvinte, apenas explica ou pede que a própria pessoa desenvolva todo o processo.

Há uma preocupação muito grande no que se refere à conservação da diversidade de espécies de plantas matrizes, pois segundo relatos muitas espécies já foram perdidas em virtude de coletas indiscriminadas. Para evitar isso há um combinado, sempre ressaltado em momentos de reuniões: não se pode retirar qualquer galho, fruta, folha, ou flor sem aval e conhecimento do grupo, principalmente se é um participante iniciante nas práticas ou visitante esporádico.

A *produção de mudas* é outro processo que ocorre no cotidiano. As mudas são produzidas em um espaço coberto por uma tela fina e preta, conhecido como sombrite. Esse espaço é chamado viveiro ou casa de mudas, uma precária construção, feita com poucos recursos, mas que serve de espaço para a produção dessa importante fonte de renda da Horta. O preparo de mudas é sempre mediado por alguém mais experiente, em geral, um idoso. Os aprendizes têm idades diversas, mas, em geral, os universitários estagiários acabam sendo responsabilizados pelas mudas, pois é um processo que precisa de observação constante e onde também se aprende muito sobre as características das plantas. É como se começar pelo viveiro apurasse o contato com as plantas, facilitando a sensibilidade em relação aos seus cuidados e o reconhecimento das mesmas, posteriormente, no canteiro.

Logo que cheguei como voluntária pesquisadora na Horta da Lomba realizei esta atividade inúmeras vezes. Na ocasião, fui ensinada por Dona Camélia a fazer mudas de Hibisco, uma espécie muito apreciada para uso como chá quente ou gelado.

A propagação dessa planta é feita a partir de sementes, não de galhos. Na ocasião vivida em campo, Dona Camélia coleta pequenas plantas semeadas diretamente no canteiro e mostra como se produz uma muda para o viveiro, que mais tarde poderia ser vendida. Primeiro me leva a passear por onde a semeadura havia sido feita, depois arranca do canteiro uma série de pequenas mudas e leva para dentro do viveiro. Chegando lá ela me pergunta se sei fazer mudas de Hibisco. Eu respondo que sei fazer mudas de algumas coisas, mas que nunca havia feito muda de Hibisco. Ela me diz então: “Faz aí guria pra eu ver...”. E eu, temerosa, começo a fazer uma muda. Olho em volta, pego uma caixa de leite vazia, corto ela ao meio com uma faca, completo o recipiente com terra, faço com meus dedos um buraco na terra, coloco a muda e completo com mais terra, aperto um pouco e pergunto: “Acertei, Dona Camélia?”. Ela dá uma risada com certo sarcasmo e, sem me poupar, diz: “Tá errado! Falta uns buracos na caixa pra água sair e falta apertar mais a muda na terra...” . Ela toma a caixa das minhas mãos, desmancha o que fiz e recomeça, silenciosamente. Dona Camélia, que tem mais de 75 anos de idade, mostra-me com destreza como se faz uma muda de Hibisco. Ela pega rapidamente a caixa de leite vazia que cortei, faz furos com tesoura no fundo da caixa, coloca terra até a metade da caixa, coloca a pequena planta que tirou do canteiro, completa de terra e aperta a terra sobre a caixa. Tendo ainda sobrado um espaço na caixa, completa com mais terra e depois rega a muda. Depois de fazer isso me olha silenciosa, como se dissesse: “É assim! Está pronto!”. Ela começa a fazer outra e outra, não me convoca a fazer com ela... Deixa-me escolher se seguirei ali ou não. Eu sigo, e juntas fazemos cerca de 60 mudas (Figura 15). Ao longo de nossa produção, Dona Camélia não me explica mais como proceder e não me corrige mais verbalmente. Quando cometo algum deslize, como, por exemplo, colocar pouca terra no recipiente, ela para de imediato o que está fazendo e coloca mais terra no meu vaso, interrompendo minha ação. Enquanto faz essas correções, me conta a história da sua vida. Dona Camélia, que antes morava na Lomba do Pinheiro, agora mora na Restingam(outro bairro da periferia de Porto Alegre); ela vem de ônibus para a Horta Comunitária todas as terças feiras.

Interessante destacar que as mudas produzidas têm papel importante na manutenção da Horta. Algumas, como parte das mudas de Hibisco, quando mais resistentes, voltam

para os canteiros para produzirem os Hibiscos que mais tarde serão colhidos e vendidos, outras são comercializadas.

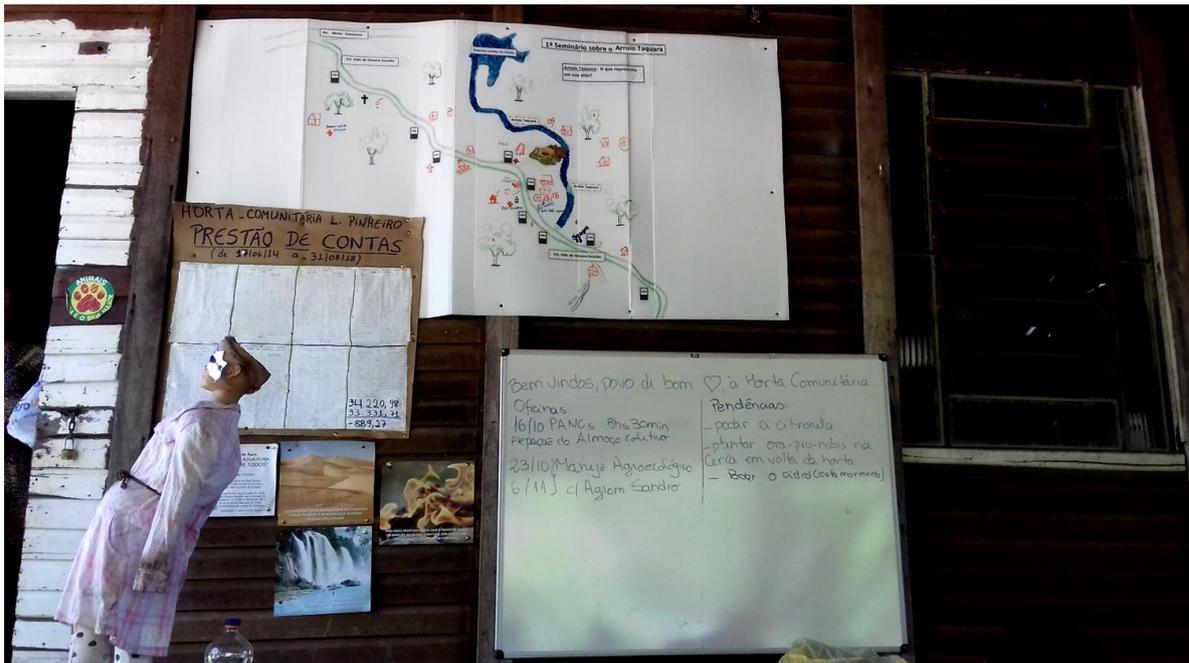
Figura 15. Mudanças de Hibisco.



Fonte: A autora.

A *venda das mudas* é uma das principais fontes de renda da iniciativa comunitária. São comercializadas mudas de diferentes espécies, principalmente de temperos e chás. Essas mudas são vendidas por preços diferentes para pessoas que trabalham na horta e para pessoas que são de fora. Para os participantes que contribuem semanalmente na Horta é cobrado metade do valor que se cobra do público de visitantes. A verba levantada pela comercialização serve para comprar materiais e ferramentas, não há intenção de lucro com o processo de comercialização. A verba obtida tanto pela venda de mudas quanto pela venda do chá de Hibisco passa por uma prestação de contas anual (Figura 16), feita principalmente por três participantes considerados referência.

Figura 16. Prestação de contas fixadas na parede da sede junto ao quadro de avisos.



Fonte: A autora.

É tácito o combinado de que o dinheiro é recebido e manejado por estas três pessoas. Embora os participantes mais frequentes também estejam autorizados, pelos combinados do grupo, a fazerem o processo de comercialização, quando recebem, por exemplo, algum visitante que tem como intenção adquirir alguma muda, em geral dá-se preferência a centralizar a “*lida com o dinheiro*” nestas três pessoas.

Os eventos externos à Horta também são oportunidades importantes de comercialização. Nesses momentos, autoriza-se de modo explícito outras pessoas a receberem os pagamentos e fazerem a comercialização pelo movimento que se dá no entorno. Estando junto ao grupo da Horta em uma formação no escritório Regional da Emater, em Porto Alegre, pude acompanhar o processo de venda de mudas nessa ocasião. Foi interessante perceber que a venda das mudas nunca se dá *a seco*, como se referem os hortelões, ela sempre vem acompanhada de falas sobre as propriedades da planta, os modos de cultivá-la, e outras sugestões que se referem à agência da planta sobre aquele que a está pensando em compra-la: “*A planta chama... Se tu foi chamado por ela, leva. Tu pode tá precisando do que ela tem pra te oferecer...*”. Essa fala de Mirtes, uma das participantes referência da Horta Comunitária, se deu enquanto uma pessoa admirava uma muda de *malva cheirosa* na banca disposta na sede da Emater. A fala de Mirtes não é apenas uma estratégia de venda. Mas uma crença comum aos participantes da Horta Comunitária: se a planta chama, é preciso atender. As plantas agem sobre os humanos.

A *capina* é uma atividade importante para a manutenção da Horta e requer habilidades específicas, que vão desde o saber escolher a ferramenta, até compreender as plantas que devem ou não ser retiradas, a partir de um entendimento agroecológico. Utilizo-me da narrativa do diário de campo para trazer a minha experiência com a atividade da capina na Horta.

Olho na direção em que Fabrício me aponta e Mirtes está trabalhando na capina de um canteiro. Dá golpes e golpes de enxada e quando se escora no cabo da mesma para descansar, logo vê Camila e eu. Vou me chegando para cumprimentá-la com um abraço. Ela então me diz bem alto: “*Que bom que tu veio hoje de manhã gurria!*”. Eu olho para ela me sentindo alegre e respondo “*Eu vim mesmo Mirtes, vim para trabalhar... Mas não sei bem direito o que fazer, me diz que eu vou indo...*” Assim seguimos na conversa:

“*Então hoje tu me ajuda aqui a capinar os canteiro? Pode ser se tu quiser...*”

“*Eu quero Mirtes, mas não sei bem o que capinar... Tenho medo de arrancar as plantas boas...*”

“*Nã, nada... Vem comigo e tu me ajuda!*”

Nesse momento Camila me olha e pergunta se vou mesmo ficar ali com Mirtes na capina, o serviço é pesado, ela parece temer por mim. Escolho ir para a capina para conversar com Mirtes, já que pouco a vejo pelos distintos horários em que vai para Horta. “*Gurias, vocês conhecem flor de radite? Olha que coisa mais linda...*” Exclama Mirtes.

Olho para as flores que ela aponta, Camila não conhecia, eu sim, mas nunca tinha visto tão grandes... As flores são lilases e se destacam no verde do canteiro. Mirtes retoma o que foi discutido no Plenarinho pelo Agrônomo da Emater, que salientou que uma Horta Agroecológica precisa da presença de insetos polinizadores e que por isso as flores são importantes. Esperar e deixar as hortaliças florescerem, no entendimento de que depois “sementarão” é parte da dinâmica de cuidado com a horta.

Digo a Mirtes que vou lá pegar uma enxada para mim e retorno à casa. Nessa hora Camila vai para a casa de mudas. Caminho rápido para buscar a enxada, abrindo a porta na salinha das ferramentas me deparo com um problema de ordem prática que faz todo o sentido para alguém que capina: *Qual enxada devo pegar?*

Olho para as três enxadas disponíveis e tento resgatar os conhecimentos da minha experiência em relação à ferramenta: vejo que uma tem a lâmina meio torta, me parece mais difícil para o trabalho, a segunda tem um cabo de madeira pesado e me pergunto “*será que dou conta desse peso?*”. A terceira parece a enxada mais “normal” e desconfiando que é mais leve do que a segunda a seguro nas mãos e por ser mesmo mais leve decido: *Está escolhida!*

Carrego a enxada de volta para o canteiro onde Mirtes trabalha. Enquanto capina, ela vai me dizendo que está preparando aquele canteiro ali para Rodrigo, Educador Social do Centro de Promoção da Criança e do Adolescente, que leva as crianças de sua turma do Serviço de Convivência para trabalhar lá na horta. Mirtes revira a terra do canteiro, deixando-o aerado, fofo, melhor para o plantio. Conta-me que Rodrigo vai trabalhar com *Milpa*, e se dando conta de que eu talvez não tenha entendido o que era *Milpa*, para de capinar e me pergunta se sei o que isso significa.... Pergunto se por acaso é o plantio associado de milho, feijão e abóbora comum na cultura da América Latina. Ela sorri e confirma com a cabeça dizendo “*ah gurria, lembrei que tu é de gente do campo*”. Mirtes lembrara de coisas que já havia me perguntado antes. E sim, *eu sou mesmo de gente do campo*. Sou a primeira geração da minha família nascida na cidade.

Ser “*de gente do campo*” para Mirtes parecia me colocar num outro lugar como aprendiz. Eu não sou “da cidade”, eu “*sou da cidade mas de gente do campo*”. Isso me diferenciava mais do que ser uma pesquisadora a nível de Doutorado, essa herança me colocava talvez em outra categoria.

Pergunto para Mirtes onde ela acha que devo capinar e ela me mostra um canteiro ao lado do dela onde devo remover ervas que estão “*muito macegadas*”. Num primeiro momento ela não me explica o que exatamente devo remover com a capina, vai capinando e me observando.

No primeiro golpe de enxada a ferramenta me mostra que o trabalho que virá não será fácil: a enxada está frouxa! Depois do dilema, eu escolhi mal!

Vou dando os golpes e arrancando as plantas que não me parecem ser do interesse, começando pelo limite do canteiro. Vou arrancando *picões*, *gramíneas* e *tiriricas*, pequenas ervas que parecem “sobrar” ali, arranco sob o olhar atento de Mirtes, que me observa de modo discreto. Observo algumas plantas de folhas grandes e largas e pergunto se são *Taiobas* e se devo tirá-las. Ela confirma que são e diz para deixa-las, e me adverte de modo sereno que ao lado delas, as *Taiobas*, estão os *amendoins*. Eu havia arrancado muito *amendoins*... Nesse momento eu redobro o cuidado e sigo o trabalho entendendo que devo preservar ali tanto as *Taiobas* quanto os *amendoins*.

Passado esse primeiro momento ela começa a me perguntar coisas da vida, quis saber onde eu morava, que idade mesmo eu tinha, e também queria que eu a lembrasse de que matéria mesmo eu era “*formada professora*”. Eu fui respondendo, ela tecia comentários e assim seguimos por quase duas horas de capina, conhecendo uma a outra. Mirtes me contou recortes de sua vida, de seus filhos (alguns já falecidos), de sua infância no campo plantando desde cedo. Ela falou da importância de ter aprendido a plantar e de quanto essa cultura pode, nas palavras dela, *transformar uma pessoa*.

Enquanto fiquei capinando com Mirtes vi gente trabalhando pelos outros canteiros. Uns capinavam, outros regavam, outros cuidavam das mudas na casa de mudas (Diário de Campo, 2017).

O relato da situação vivida na capina nos dá pistas da complexidade que é, para um participante iniciante, mesmo que este já tenha capinado antes, compreender a dinâmica da prática naquele local. O trecho também ilustra a dimensão da sociabilidade que envolve o capinar, pois a atividade não engendra apenas questões técnicas, mas uma abertura à experiência e a escuta do aprendiz, no caso da situação de aprendizagem, a pesquisadora.

Figura 17. Capina seletiva dos canteiros.



Fonte: A autora.

Dependendo da espécie, para que se possa cultivar nos canteiros, se faz necessário certa preparação. Um dos processos necessários para essa preparação é a distribuição no canteiro de composto proveniente da *compostagem*. O processo de compostagem é feito na Horta a partir de restos de podas das plantas e cama aviária (esterco de galinha), coletado em um aviário localizado próximo à Horta. O material do aviário é trocado por algumas verduras e quem o busca é Fabrício, morador da Lomba e professor na Prefeitura Municipal de Porto Alegre que tem parte de sua carga horária cedida ao trabalho na Horta da Lomba.

Nas segundas feiras, Fabrício costuma buscar a cama aviária. Ao chegar, os participantes que estiverem na Horta o ajudam a organizar o composto nas pilhas. Duas das pilhas de compostagem ficam próximas da casa que sedia as reuniões da Horta. Nessas pilhas, o esterco é disposto em camadas alternadas junto a folhas secas, verdes e galhos. Assim, esse esterco vai maturando aos poucos e tornando-se adequado para ser dispensado nos canteiros, já que se for dispensado assim que chega à Horta, pode prejudicar as plantas. As pilhas precisam ser regadas para que o composto possa se formar, e também são monitoradas. Esse processo é feito por diferentes participantes, mas principalmente pelos mais experientes. Em relação à compostagem, os hortelões recém-chegados têm a tarefa de levar até os canteiros o composto pronto, com carrinho de mão, e espalhá-lo, para que possa fazer o plantio de alguma espécie de interesse.

As *colheitas* são momentos festivos e simbólicos na Horta Comunitária. É a hora em que se torna evidente “*o fruto do trabalho coletivo*”, segundo Mirtes. Segui a colheita do Hibisco e pude observar durante esses momentos uma das atividades mais agregadoras dentre todas as vividas. A colheita do Hibisco acontece entre janeiro até final de março. E, como já destacado, sua produção é, junto à das mudas, a principal fonte de renda da Horta.

A colheita atrai um maior número de pessoas, os participantes rotineiros no espaço comunitário se somam a outras pessoas, quem vêm em grupo para conhecer a planta que tem aparência muito atrativa, sendo considerada também ornamental. Na colheita de 2018, os canteiros ficaram movimentados e, segundo os hortelões, como o clima de chuvas ajudou, as plantas produziram muitos frutos, o que também gerou muito trabalho.

*“Põe a semente na terra, não será em vão
Não te preocupa a colheita, plantas para o irmão”³⁷*

³⁷ Refrão do canto ecumênico “Toda a semente”. Há pelo menos duas versões para este canto, e por não saber a qual versão o grupo se referia ao cantar em coro o refrão, disponibilizo nos ANEXOS deste trabalho a letra das duas versões, sendo que ainda não consegui encontrar a autoria das mesmas. No âmbito da Igreja

Os trechos da canção ecumênica foram cantados em um dos momentos que acompanhei. E, talvez, esse trecho traduza em partes a ambivalência dos momentos de colheita. Para além de colher, há que se dividir. E *a divisão do que é colhido* gera, inexoravelmente, tensões. Há, nesse sentido, uma medida para tentar estancar as polêmicas, e a medida é chamada pelos hortelões de *fazer a sacolinha*. Ilustro com um diálogo que acompanhei em um dos momentos de reunião de grupo:

Camila: A gente tem que dividir as coisas aqui na horta né gente. A gente sempre falou isso. Quem está há mais tempo aqui e costuma ajudar, colhe... Daí a gente divide.

Valda: Daí pode botar as coisas na mesa e as pessoas vão pegando né?!

Camila: Não, não dá pra ser assim... É feita uma sacolinha. Daí a gente divide igual pra quem trabalha. Quem trabalha leva sempre uma coisinha...

Fabício: É sempre bom lembrar pras pessoas novas que vem por que que é dessa forma. No começo era liberado, cada um levava o que quisesse, daí deu problema e a gente instituiu assim a sacolinha, que tem dentro a mesma coisa... Pra todos igual!

Camila: É bom que nem todo mundo colha por que a gente viu também que tinham pessoas que não sabiam colhê... Arrancavam as folhas tudo junto. Mas sim, vamos organizar pra se colher com mais frequência...

Marisol: Além de estragar as plantas tem a questão das sementeiras né?! Nem tudo é pra colher, pra manutenção da Horta né?

Camila: É, tem que deixar criar semente mesmo, pra gente colhê essa semente e depois plantar com essa semente orgânica que a gente produz. Então por isso que muitas vezes sobra no canteiro mesmo, pra criá semente... (*Diário de Campo, 2018*)

A divisão é feita pelos hortelões que cotidianamente estão na horta, principalmente por aqueles três hortelões referência – Fabício, Camila e Mirtes. Para além das sacolinhas, há também a colheita para os almoços coletivos, que ocorrem em geral às terças feiras. Às vezes, o volume de trabalho envolvendo outras atividades requer tanto tempo do grupo que a colheita das hortaliças para a distribuição, que é uma colheita mais frequente, acaba sendo esquecida, o que gera certo incômodo em outros participantes, como fica evidente na fala de Sara, que semanalmente trabalha na Horta:

Católica, a canção costuma ser cantada nas Romarias da Terra, eventos organizados pela Comissão Pastoral da Terra. No Rio Grande do Sul as Romarias acontecem em regiões rurais do estado. Estes eventos se conectam ao movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, muitas vezes acontecendo em Assentamentos. “A terra não pode ser transformada em simples mercadoria para produzir lucro, através da especulação ou da exploração do trabalho” (CNBB, A Igreja e a questão agrária no século XXI, nº 89 apud DALLAGNOL, Wilson. Romaria da Terra: Por que? - Disponível em www.arquidiocesedepassofundo.com.br/site/download/romaria_da_terra/Romaria_da_Terra_Por_que.pdf / Acesso em janeiro de 2019).

diversos, e os temas partem de um interesse do grupo e da possibilidade de que alguém, voluntariamente, possa ministrar. Acompanhei oficinas sobre a importância de insetos na Horta, oficina sobre o dia mundial da água, oficina de xarope de ervas expectorantes, oficina de pomada para dores articulares, oficina de identificação de plantas alimentícias não convencionais, oficina de confecção de mini herbário, oficina de compostagem e oficina de sabão. Todas essas oficinas foram ministradas por algum dos participantes, seja ele morador da Lomba do Pinheiro ou um estudante estagiário que mora em outros locais da cidade. Em comum, as oficinas têm o fato de corresponderem a um formato um tanto quanto escolar. Começa-se a dinâmica com um momento teórico e depois passa-se a um momento de caráter prático. Interessante perceber que quanto mais externo à comunidade e mais escolarizado o sujeito que promove a oficina, mais formatada a oficina é, e assim mais parecida com o modelo escolar tradicional, ou seja, centrada na fala e ação apenas do “professor”, daquele que está no papel de mediador.

Figura 19. Oficina de pomada para dores articulares. À direita ingredientes da pomada sendo cozidos no fogão à lenha. À esquerda, participantes picando as ervas para a feitura da pomada.



Fonte: A autora

Distanciando-se de um formato muito estruturado, destaco a oficina de pomada para dores articulares (Figura 19) ministrada por Chico, voluntário da Horta. Morador da Lomba do Pinheiro, e marido de Mirtes, Chico, trabalha na horta diariamente pela manhã. Nos períodos da tarde atua na construção civil. Entende muito do poder medicinal das

plantas e na sua casa tem uma espécie de consultório onde atende pessoas que estejam passando pelas mais variadas comorbidades, físicas e espirituais, por meio da prescrição de fitoterápicos, realização de benzeduras e práticas de *reiki*³⁸. Apresentarei as cenas da oficina de Chico por meio de trechos do diário de campo.

Chico parece atrapalhado. Agrupam-se quase 20 pessoas na casa para ouvi-lo falar sobre as ervas medicinais utilizadas para amenizar as dores articulares. Ele anda para um lado e para outro. Me vê e pede que eu o ajude a arrumar a mesa para dispor as plantas a serem utilizadas na receita da pomada. Ele explica que eu devo limpar a mesa e depois colocar uma toalha branca para que as pessoas consigam enxergar melhor as plantas. Eu assim o faço.

Chico coloca a mão no queixo e se dá conta que trouxe pouca banha para fazer pomada para aquele número de pessoas, fala baixo a respeito. Camila, demonstrando-se impaciente o convida para ir de carro buscar mais... Eles vão.

As pessoas que vieram para a oficina começam a ir para os canteiros, olhar as mudas e as plantas. Camila, antes de sair, pede então que eu e Ariel auxiliemos recolhendo o dinheiro “dos de fora” caso alguém queira comprar mudas e também informando sobre a regra de não poder arrancar galhos das plantas sem antes conversar com o coletivo. Os “de fora” são pessoas de outras comunidades – naquele dia Vila Cruzeiro e Partenon – que vieram para ver Chico falar. Enquanto outros voluntários estão coletando as plantas a serem usadas na pomada, Ariel e eu vamos fazendo o que Camila pediu. Os de fora vão comprando mudas de chás que consideram incomuns e logo Camila e Chico retornam. Vendo o retorno dos dois as pessoas retornam à casa para que a oficina então comece.

Chico, um homem idoso, alto, com mãos machucadas da lida, com largo sorriso e com a cabeça coberta por uma boina começa então a falar: “Hoje eu vim falar de umas coisas que eu vim vendo na vida... Porque eu não aprendi nada ainda pra tá aqui pra ensinar...” Chico segue a sua fala dizendo “ Eu aprendi nada ainda na vida. Mas sigo olhando pra luz. A luz fica cada vez maior e mais longe a danada... A gente tem que caminhar, caminhando a gente aprende.”

Chico parece se aproximar de reflexões que teço na pesquisa. Relaciona movimento à aprendizagem contínua, engajamento contínuo.

Depois dessa introdução diz então que vai *mostrar-fazendo* a pomada com ervas “boas para as articulações” ou também chamadas por ele de “ervas quentes”. Uma moça que é agente de saúde interrompe a fala de Chico e pergunta, apontando para uma erva da mesa, que erva era aquela. Ele então indica que a moça esmague e logo após cheire a planta. A moça percebe a semelhança com o cheiro de uma pomada muito comum no uso para “batidas”. E Chico adverte: “Se apresentem pra Cânfora, minha gente!”. Depois, apresenta cada planta que irá usar na receita da pomada. Todas as plantas foram passadas de mão em mão na roda para que todos conhecessem suas características. Salientava que se alguém não conhecesse o pé da planta, ele depois mostrava ela no canteiro. (...) Todas as pessoas foram convidadas a, depois de lavarem suas mãos, esmagarem e rasgarem as ervas. Chico e Camila destacaram a necessidade de “pensar e desejar a cura” enquanto se fazia o processo. Chico entregou aos participantes uma receita escrita e fomos seguindo passo a passo a

³⁸ “O Reiki constitui um sistema de cura através da imposição das mãos, utilizado para o tratamento do corpo físico, atuando nos corpos sutis etéreo, mental, emocional e espiritual, trazendo benefícios que vão além do corpo físico e agindo profundamente não somente nos sintomas, mas na causa destes.” – Disponível em <https://www.redalyc.org/html/714/71433508026/> (Acesso em janeiro de 2019).

mesma. Todos os mais de 20 participantes contribuíram em alguma fase da produção da pomada. Ao final da oficina foi feita uma espécie de contabilidade: Chico e Camila calcularam em voz alta o que foi gasto e convocaram as pessoas a contribuírem em dinheiro com aquilo que achassem justo. A contribuição daria direito a levar um pequeno pote de pomada para casa.

Percebi que as contribuições variavam de 1 a 10 reais, todos contribuíram. Interessante perceber que quanto mais “de fora” maior o valor da contribuição. Os gastos foram cobertos e o dinheiro restante fica para a compra de insumos e ferramentas para a Horta. Camila anota as contas e as coloca no quadro de avisos. As pessoas foram saindo aos poucos com seus potes de pomadas em mãos. Algumas seguiram aos canteiros para conhecer de perto as plantas (Diário de Campo, 2018).

Escolho trazer a oficina de Chico para ilustrar algo comum às oficinas ministradas pelos participantes moradores da Lomba do Pinheiro, o caráter dialógico. Essa característica faz com que o momento da oficina seja, em geral, mais fluido, rompendo com o planejado anteriormente. A oficina acontece, não segue estritamente uma estrutura fechada e pré-fabricada.

As *atividades com as escolas* (Figura 20), no entanto, parecem seguir o planejamento. Na Horta Comunitária são recebidas turmas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, principalmente de escolas da região da Lomba. O responsável por receber esse nicho de visitantes é Fabrício, professor de Geografia funcionário da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que teve parte de sua carga horária cedida, em um acordo com a Secretaria de Educação.

Figura 20. À esquerda, turma da rede municipal de Porto Alegre fazendo uma trilha pela mata adjacente à Horta. À direita, canteiro de morangos cultivado pela escola Nova São Carlos.



Fonte: Acervo de fotos do Grupo Horta Comunitária Lomba do Pinheiro

Fábrício tem uma agenda onde organiza todas as visitas de escolas, que costumam acontecer no turno da tarde. As crianças e jovens que visitam a Horta costumam realizar alguma atividade de manejo do espaço pensadas a partir de duas prerrogativas básicas, segundo Fabrício, a capacidade da turma em executá-las e a contingência da horta. As atividades com as escolas seguem um roteiro. Começam com uma roda de conversas na sede, onde em geral ocorre uma apresentação de cada um da turma e, depois, uma introdução que se liga à prática de manejo a ser executada. Acompanhei uma atividade com uma turma de 5º ano cujo tema do encontro parecia ser a importância dos cuidados com o solo. Após um momento de apresentação da turma e conversa teórica sobre a importância dos solos e de sua saúde para um bom plantio, a turma foi sendo direcionada a uma trilha na mata adjacente aos canteiros, para coletar folhas secas. As folhas secas coletadas pela turma foram distribuídas pelos canteiros, para cobertura dos mesmos. Tal prática é utilizada pelos hortelões para manter a umidade e os microrganismos no solo, aumentando a fertilidade do terreno. Ao que me parece, a julgar pelas carinhas e pelas falas de “*a gente não vai caminhar agora?!*”, a aula teórica que antecede a trilha não é prazerosa como a caminhada e o trabalho nos canteiros. As crianças divertem-se com as atividades de manejo, já as professoras que as acompanham, nem tanto. É interessante perceber o desconforto presente na professora da turma pela dispersão das crianças no espaço. Embora estejam apenas caminhando, se abaixando para pegar folhas secas em diferentes pontos e observando as plantas e os não humanos pelo caminho, e não correndo, como poderiam, a dispersão das crianças no espaço gera certa ansiedade na professora que os acompanha, que, inutilmente, os tenta reunir o todo tempo. Fabrício, que guia a trilha, mostra-se calmo e sempre que deseja mostrar algo às crianças fala um pouco mais alto e pede que se reúnam à sua volta, o que acontece de modo tranquilo. Fabrício parece operar como um intercessor da escola no âmbito da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro e acaba exercendo uma mestiçagem curiosa entre as práticas escolares e as práticas mais frouxas que ocorrem na Horta.

A **sustentabilidade** da Horta é uma preocupação para o coletivo de hortelões. Para comprar e consertar ferramentas, obter gasolina para as máquinas de cortar grama e roçadeiras, entre outras coisas, são necessários recursos. Os recursos usados na Horta são provenientes de três fontes: algumas raras doações, as vendas de mudas e as vendas do chá de hibisco. Os participantes da Horta Comunitária embora recebam convites para inscrições em **editais de financiamento**, principalmente de programas sociais de bancos privados, acabam não aceitando e não se vinculando a essas iniciativas em virtude de um

posicionamento político. É consenso a ideia de que o grupo não irá receber verba de grandes corporações. Ainda mais por que, em geral, as cláusulas dos editais envolvem uma promoção publicitária do banco ou da instituição privada financiadora no local, o que os participantes julgam como destoante dos princípios agroecológicos, segundo os quais a iniciativa se pauta. Tem sido consenso entre os hortelões a negativa de participação neste tipo de iniciativa de financiamento, embora sejam tentadoras as quantias oferecidas quando pensam na possibilidade de ampliação da estrutura da Horta, como por exemplo a inserção de um poste de luz. Chega-se a esse consenso em reuniões nas quais ocorrem tanto a leitura do edital quanto uma conversa que reafirma o objetivo da Horta Comunitária. Interessante perceber que mesmo que saibam que o edital, em geral, nas palavras dos hortelões, “beneficie mais o sistema” do que a própria iniciativa comunitária, ainda assim, é lido coletivamente, do início ao fim.

Para além das práticas já descritas, há certos fluxos para os quais a Horta pode convidar. Falo agora das mobilizações e protestos de rua e na Câmara de Vereadores, das festas de formaturas, festas de comunidade, eventos acadêmicos nas universidades, e cursos sobre temas que vão da agroecologia à metafísica. Para a onde a Horta pode te levar?

Há um caminho cruzado, repleto de instituições de ensino, casas de pessoas, salões com músicas, consultórios de *reiki* e farmacinhas populares. A Horta da Lomba do Pinheiro pode levar o participante, a depender de seu engajamento e abertura, seja ele pesquisador ou não, a caminhos que se multiplicam, se desdobram em possibilidades de aprendizagem por meio de inúmeras práticas e sociabilidades (figura 21). Tais vivências podem levar os sujeitos a viverem situações diferentes daquelas que vinham vivendo, tendo aí a possibilidade de serem agenciados por diferentes campos de experiência, que requerem do sujeito performances reeditadas daquilo que vem sendo, entre elas o aperfeiçoamento de sua ação política. Esse movimento de reedição de si também expande as fronteiras da comunidade de aprendizagem a que o sujeito pertence, pois a rede de solidariedade que sustenta os diferentes encontros, também se constitui e se amplia com eles. Para entender como a aprendizagem ocorre no âmbito deste espaço comunitário é preciso também entender como os sujeitos acessam as práticas que constituem a comunidade, e para tal, é preciso vive-la. Pode-se dizer que ao sujeito implicado parece ser imprescindível uma condição, a de movimento. Para conhecer é preciso romper com o modelo estacionário. Nas palavras de Ingold (2015, p.46), “locomoção e cognição são,

portanto inseparáveis, e uma explicação da mente deve estar tão preocupada com o trabalho dos pés quando com aquele da cabeça e das mãos”.

Figura 21. Para onde a Horta pode te levar? À esquerda, subindo a ladeira depois da visita à casa de Mirtes. À direita, canteiro de hortaliças do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Restinga.



Fonte: Foto da esquerda – Cássio Andrade Machado. Foto da direita: A autora.

3.2.3 Ser hortelão em um espaço comunitário

“A gente tem que levantar e construir aqui todo mundo junto... Por que este aqui é um projeto coletivo, comunitário e agroecológico.” (Fala de Camila, participante da Horta - Diário de campo)

O espaço da Horta Comunitária parece ser manejado majoritariamente por pessoas moradoras da Lomba do Pinheiro. Há intenção de uma *gestão compartilhada, comunitária e participativa* expressa nas falas dos integrantes. No entanto, como já me referi antes, há três pessoas de referência no espaço que são tidos como uma espécie de *equipe de coordenação*. Esse reconhecimento, segundo os participantes, tem a ver com as vinculações dessas pessoas com o histórico de luta pelo espaço e pela sua intensa participação em diferentes atividades relativas à Horta. As pessoas do bairro parecem fortalecer uma relação de pertencimento com o território, auxiliando em seu manejo e usufruindo o que é ali plantado. Além dessa dimensão local, a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro é referência para universidades e escolas do entorno, principalmente públicas e municipais, que têm como interesse temas ligados a agroecologia e a implantação de hortas escolares.

A figura do hortelão em um espaço comunitário parece se aproximar da noção de sujeito ecológico descrita por Carvalho (2010). Segundo a autora, o sujeito ecológico não é

uma identidade, mas um modo de ser que se relaciona à adoção de um estilo de vida ecologicamente orientado, pautado por valores de cuidado com o ambiente. Esse sujeito, ainda segundo a autora, também pode ser entendido como um ideal de ser, uma utopia introjetada. Ao considerarmos a subjetividade como um modo de ser no mundo, a noção de sujeito ecológico, então, seria, nas palavras da autora, “um jeito ecológico de ser”. Para exercer este ideal, o hortelão está em permanente negociação, tanto consigo mesmo, quanto com os demais que com ele compartilham a experiência da Horta Comunitária, em torno das decisões políticas do dia a dia. É importante perceber que a figura do hortelão, não se encerra em uma figura que semeia, capina, faz o regadio das plantas, e colhe quando é tempo. No caso da Horta da Lomba, os participantes parecem ser convocados pelas dinâmicas a exercerem diferentes papéis.

Guias para os visitantes, cozinheiros em dias de almoço coletivo, orientadores de estagiários que chegam das universidades, ouvintes de histórias, conselheiros. Uma infinidade de performances são requeridas destes sujeitos que se deparam, pelas relações que aos poucos estabelecem, com diferentes e imprevisíveis demandas. A Horta não se restringe na lida com a terra, ela impele o indivíduo a uma série de experiências com o outro, uma experiência de negociação incessante com uma comunidade. Uma comunidade, neste caso, permeada por práticas diferenciadas em relação ao ambiente.

A Horta da Lomba, se entendida como *sistema de atividades* (ENGESTRÖM, 2013) parece constituir-se por uma comunidade não só de práticas pontuais, mas de diferentes experiências no e com o mundo, uma comunidade de pontos de vista, de tradições, disponibilidades e também interesses relativos aos diferentes sujeitos que agrega. Tal espaço parece agenciar e impulsionar aprendizagens a partir de demandas que muitas vezes ainda nem existem, pois se constituem à medida em que os tensionamentos se dão no sistema. Deste modo, os participantes ali envolvidos são convocados pela urgência cotidiana a performar de jeitos, muitas vezes, inéditos. Assim, cada sujeito ali envolvido aos poucos expande seu repertório de jeitos de ser e estar em relação, expandindo também o da comunidade de aprendizagem em questão. Expandem-se também a possibilidade da experiência comunitária, pois pelo caráter relacional há o compartilhamento das histórias de aprendizagem. Essa expansão tem a ver com o desenvolver de *habilidades* (INGOLD, 2000) por meio de práticas contextualizadas, situadas, como descrito no primeiro capítulo.

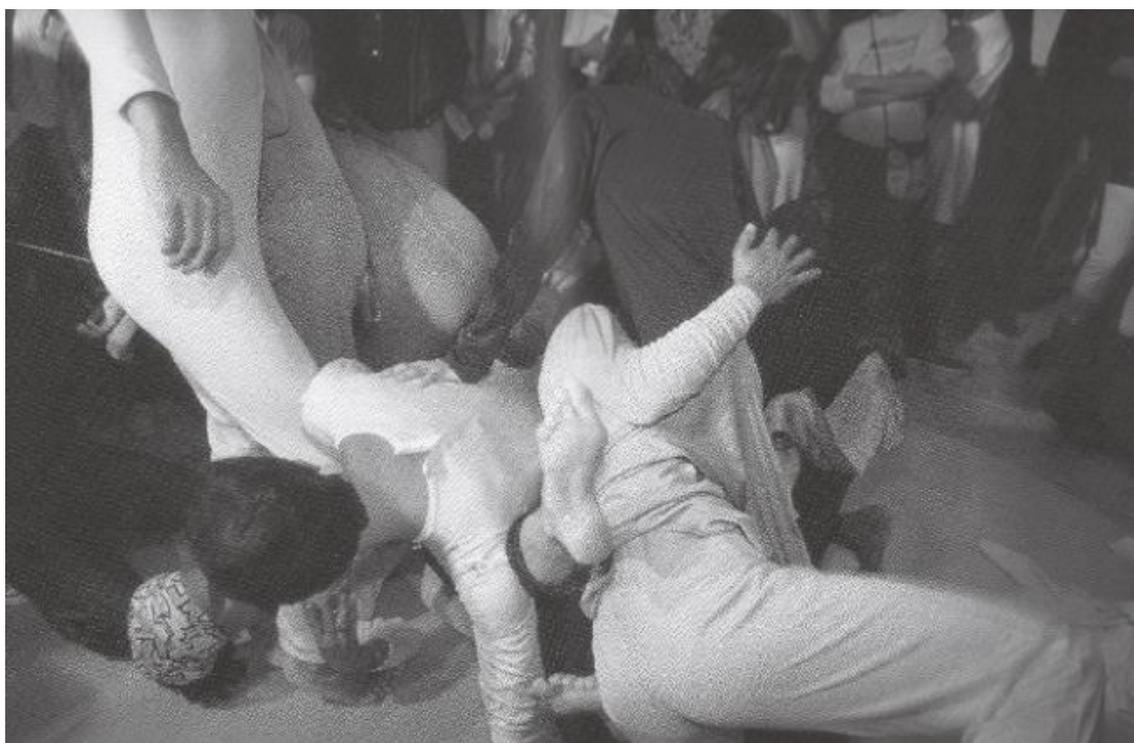


Foto do acervo da autora.

4. APRENDER (N)A HORTA URBANA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS EM COMUNIDADE

Na proposição artística denominada *Corpo Coletivo* (Figura 22), idealizada por Lygia Clark em 1970, os participantes vestem macacões coloridos. Esses macacões estão ligados uns aos outros por costuras em pontos específicos das vestimentas. Assim, com o corpo limitado por essas costuras, as pessoas se veem impedidas de realizar gestos simples que efetuariam usualmente. Elas tem o corpo individual constituindo um corpo coletivo. Os participantes dependem um dos outros para determinar a posição que ocuparão bem como o seu deslocamento no espaço.

Figura 22. Lygia Clark, *Corpo Coletivo* (1986). Foto: Sérgio Zalis.



Fonte: Catálogo Hélio Oiticica Lygia Clark: 22ª Bienal Internacional de São Paulo apud BARACHINI (2017 p. 66).

A proposição de Lygia pode nos colocar a pensar sobre o jogo e a negociação exercidos na relação individualidade – coletividade. Aprender (n)a horta urbana comunitária parece ser um exercício político, interpretativo e sensível que implica no desenvolvimento de uma série de aprendizagens, para além de conhecimentos relacionados propriamente às técnicas de cultivo, mas conhecimentos que envolvem o vir a ser comunidade. Partindo dos apontamentos sugeridos por Wenger (2001), a aprendizagem a partir de uma perspectiva social parte da ideia de que somos seres sociais, e que constituímos distintas comunidades. Tais comunidades, que passam por um movimento contínuo de vir a ser, como destacam Agambem (2017) e Esposito (2009), podem nos levar

ao desenvolvimento de habilidades de acordo com cada tipo de necessidade enfrentada neste contínuo movimento. Assim, é fundante a premissa de Wenger (2001 p.21) de que a aprendizagem aí é sustentada pelo comprometimento, participação ativa e repertório compartilhado sobre diferentes práticas que envolvem a comunidade.

No caso da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro tendemos a pensar que as experiências de aprendizagem já descritas e que descreveremos a seguir podem produzir efeitos pela possibilidade de experimentação com o mundo que se constituem a partir dessas práticas, revelando um compromisso da comunidade da Horta em relação ao engajamento e abertura à necessidade desta experimentação.

Experiências coletivas e comunitárias tendem a possibilitar privilegiadas condições para a emergência de diferentes modos de entender, apropriar-se e agir sobre o mundo. As formas de afetar e ser afetados, as maneiras como sentimos, percebemos e significamos esses afetos variam de lugar para lugar e de época para época – não sentimos sempre do mesmo jeito, não sentimos todos da mesma maneira. Sentimentos, sensibilidades, afetos, emoções, paixões são construções subjetivas e, portanto, coletivas – há muito já deixamos de considerar essas experiências como da ordem da interioridade ou relativas a um estado psicológico, apenas (Víctora & Coelho, 2019; Lara & Enciso Dominguez, 2013; Lutz & White, 1986). A experiência sensível é da ordem da cultura e da história e, por isso, é produzida, construída e transformada no tempo e no espaço. Ações propositivas como as experiências educativas ditas formais e não formais ou as práticas dos movimentos sociais são instâncias de construção coletiva de condições que, de alguma maneira, tornam possível que os sujeitos nelas envolvidos vivenciem os afetos de diferentes maneiras e, assim, possam significar as experiências de diferentes modos. Não se trata, portanto, de determinar ou condicionar as formas da sensibilidade, mas de proporcionar situações em que os sujeitos se vejam expostos a experiências sensíveis que, mediadas pela particularidade daquela cultura e pela circulação de um certo discurso, produzam efeitos diferentes do usual. Ou seja, a educação e a formação, nesse caso, operam como instâncias desafiadoras que colocam em questão as posições e as convicções dos sujeitos, fazendo com que eles coloquem em cheque as certezas com as quais vinham operando, de maneira que suas ações estejam ancoradas em escolhas e valores momentaneamente mais fortes.

Longe de pretender que a experiência sensível possa servir para fabricar verdades e certezas, o que estamos postulando é a ideia de que, para além da querela entre bem e mal que sustenta todo o debate ético contemporâneo, a singularidade da experiência sensível pode contribuir para colocar em questão as certezas e os valores que têm sido responsáveis

por tanta assimetria e desigualdade. As formas da sensibilidade, justamente por não poderem ser constrangidas em padrões, oferecem a possibilidade de os sujeitos, ao se verem confrontados com o outro e consigo mesmos, coloquem em questão a pretensa universalidade dos valores operados em uma dada circunstância e, guardada a relatividade da condição, se abram à experiência dos afetos circulantes na coletividade e experimentem a diferença em suas conclusões.

Ao largo da pesquisa, entendemos que diferentes conhecimentos coexistem na comunidade de práticas da Horta Comunitária. As aprendizagens que se constituem são múltiplas tanto quanto as relações possíveis nela estabelecidas. Alana, uma de nossas interlocutoras, anuncia esta multiplicidade:

Se aprende de modos diferentes e são atividades diferentes, mas como estamos nesse mesmo ambiente, nesse mesmo sistema de aprendizado que enfim, que rola aqui, acho que há congruências entre esses aprendizados mas elas acontecem de modos diferentes sabe?! Não sei tanto medir ...Mas acho que há coisas em comum, mas são atividades diferentes e então elas se aprendem de modos diferentes... (Alana. *Entrevista*, p. 6).

Alana dá pistas sobre a diversidade, e ao mesmo tempo, sobre as similaridades entre as aprendizagens que se desenvolvem na Horta Comunitária. Após a experiência de engajamento e diálogo que tivemos em campo com nossos interlocutores, localizamos estas experiências em diferentes agrupamentos, que são *Aprender a participar: das aprendizagens políticas*, *A ex-posição como modo de conhecer: das aprendizagens pelas experiências sensíveis* e *Aprender como fazer: das aprendizagens técnicas*.

É preciso dizer aqui que as experiências vividas em campo não se circunscrevem a tais agrupamentos, elas nos escapam pelos dedos à medida em que as classificamos de tal modo. Ao findar a precária e contingente análise nos damos conta da sua insuficiência, no entanto ainda assim insistimos em sua conformação por que, de certo modo, ela sistematiza e faz dar a ver o exercício reflexivo que tivemos ao produzir sentidos sobre o que vivemos no processo de pesquisa.

4.1 Aprender a participar: das aprendizagens políticas

A prática política numa sociedade democrática não consiste na defesa dos direitos de identidades pré-constituídas, mas antes na constituição dessas identidades mesmas, num terreno precário e sempre vulnerável.
Chantal Mouffe em *Democracia, cidadania e a questão do pluralismo* (2003, p.14)

As aprendizagens situadas nas práticas da Horta Comunitária incluem conhecimentos que envolvem o compromisso com o outro. Os sujeitos ali envolvidos não estão liberados dos vínculos coletivos, muito pelo contrário, estão enredados nas linhas dos fluxos vivos no qual interagem com pessoas, não humanos e coisas. Relações que envolvem compromisso, responsabilidade e que também abrangem disputas. Pensando que a noção de comunitário não é algo que existe *a priori* mas algo que se constitui ao longo de uma série de alternâncias entre ideias que coexistem em um campo de prática, entendemos que os conhecimentos que circulam na Horta Comunitária passam pelo entendimento de que não há consenso no fazer comunitário, mas arranjos hegemônicos temporais e circunscritos que a cada nova demanda podem ser colocados à prova.

A hegemonia é uma relação em que uma demanda particular assume, em dado contexto e tempo, a função de encarnar uma plenitude momentânea. Essa particularidade torna-se, provisoriamente, a ordem vigente. Estabelecer uma relação hegemônica significa buscar constituir uma ordem política. Um discurso hegemônico, desse modo, é essencialmente um discurso aglutinador, de unidade, e de representação das diferenças, arranjas em dado período (LACLAU e MOUFFE, 2015).

Entendemos que num contexto comunitário, como o que estudamos, há a impossibilidade de se chegar a um consenso como algo absoluto, assim como há o reconhecimento de que os conflitos são formativos, pelo menos pelas aprendizagens entrevistadas, como veremos a seguir. Interessante refletir que quando entendemos que o consenso existe como resultado temporário de um pensamento hegemônico, também temporário, como uma estabilização de um poder que sempre implica em uma certa exclusão, conseguimos perceber e lidar com os debates da esfera pública de um modo diferente. A partir dessa perspectiva compreendemos que o sentido da democracia inclui o reconhecimento e legitimação do conflito, recusando-se a estancá-lo pela posição de uma ordem autoritária, como se refere Mouffe (2003, p.17). A habilidade do reconhecimento do conflito parece ser uma habilidade importante, e que pode ser desenvolvida no engajamento em espaços comunitários dessa natureza, como o da Horta urbana em questão.

A diversidade de pontos de vista presente em tal espaço comunitário inclui o conflito e o conflito dá lugar para enxergar o outro como adversário, e não como inimigo a ser combatido. Enxergar o outro (não só aquele com quem partilho o campo de práticas da Horta em questão, mas outros campos adjacentes) como ameaça e não como um posicionamento plausível e possível entre as distintas formas de existir no mundo é um

posicionamento que ameaça a própria existência da comunidade de práticas, como já discutido no item onde exploramos os sentidos de comunidade.

Mouffe (2013, p.19) nomeia como *pluralismo agonístico*³⁹ a possibilidade de abertura do convívio possível entre os diferentes sem a supressão/aniquilação das diferenças. A ideia de pluralismo relaciona-se ao reconhecimento da multiplicidade de cada um e das posições contraditórias que essa multiplicidade compreende. A aceitação desse outro não está em apenas tolerar o outro, mas em celebrar essa existência, de modo a visibilizar que sem esse outro, a própria identidade coletiva não se constitui (MOUFFE, 2003, p. 19).

As aprendizagens de ordem política se referem ao conteúdo do que é aprendido - como por exemplo o que é certo/errado dentro daquele contexto, o que é adequado/inadequado, oportuno/inoportuno, pertinente/impertinente - mas principalmente a como tais relações se configuram dentro do espaço de análise bem como quais as estratégias dos aprendizes para se constituírem como praticantes experientes a partir das disputas colocadas.

Apresentamos aqui algumas situações de aprendizagem que envolvem este agrupamento de práticas e experiências particulares tentando dar lugar a dimensão política aí envolvida.

4.1.1 Aprender pela filiação/adesão

Como já vimos, diferentemente de apenas pertencer a uma comunidade, aprender a integrar um espaço comunitário pode passar por aderir, filiar-se aos enunciados, ideias, necessidades e práticas, seja pela concordância com as mesmas, seja por uma necessidade colocada ou criada. Essa adesão pode estar relacionada com a necessidade do compartilhamento de repertório, necessário à manutenção das práticas que constituem o próprio agrupamento. Compartilhar repertório, o que inclui compartilhar instrumentos, discursos, conceitos, eventos históricos, relatos, artefatos, estilos e ações (WENGER, 2001), é um exercício que, por mais móvel e plástico que seja, pois - como temos discutido

³⁹ A ideia de “pluralismo agonístico” de Mouffe (2003, p.16) define que a tarefa primária da política democrática não é eliminar as paixões nem relegá-las à esfera privada para tornar possível o consenso racional, mas para mobilizar paixões em direção à promoção do desígnio democrático. Longe de pôr em perigo a democracia, a confrontação agonística é sua condição de existência. O agonístico, diferentemente do antagonismo, dá lugar ao outro.

- o comunitário é exercício recursivo, ainda assim, por certo espaço de tempo há sentidos a se partilhar.

É importante que salientemos que há uma dupla agência nesta filiação/adesão. Ao passo que o aprendiz adere a uma ideia para pertencer ao grupo, os praticantes mais experientes também tem estratégias políticas para promover essa aderência, pois querem possibilitar a reprodução das práticas, de horticultura por exemplo, em diferentes contextos.

Uma das aprendizes entrevistadas manifesta, por meio dos novos usos que faz de certas plantas, a aderência à ideia de cultivar plantas comestíveis em casa, um das práticas promovidas no espaço comunitário:

Na horta eu também aprendi sobre outras PANCs⁴⁰...Ah, eu não conhecia... Nunca tinha visto um pé de Ora-pró-nobis. Eu conhecia Hibisco só da caixinha de chá, né?! E daquela propaganda que falava do Hibisco como emagrecedor... E hoje eu tenho muitos chás e temperos em recipientes dentro da minha casa! (Jussara. *Entrevista*, p. 27).

Baseando-nos em Enguita⁴¹ (1989), quando estamos falando de adesão, estamos compreendendo-a como identificação com o campo de práticas e com a cultura que ele veicula, ou, como anunciamos até agora, com o repertório ali compartilhado. A identificação com o campo de práticas abrangeria uma dimensão instrumental, a prática da identificação com a cultura a ele relacionada e também estaria vinculada à uma identificação expressiva, no plano também do discurso. Nesse sentido, o sujeito que adota a atitude de adesão, em geral tem sua participação legitimada e reforçada dentro da comunidade, por que de certa forma a adesão é reprodução de certo discurso hegemônico. Este sujeito também “apresentará não somente um comportamento individual homogêneo, mas também um comportamento coletivo favorável” (ENGUITA, 1989, p. 6) ao campo onde está aderido, e seus pares, também o “empurram na mesma direção” (ENGUITA, 1989, p.6).

Para aderir, há de se entender como plausíveis e coerentes as ideias tidas como hegemônicas. Comprar algo cultivado com agrotóxicos, por exemplo, deixa de ser uma prática adequada já que se pode plantar, em casa ou na Horta Comunitária, sem a utilização

⁴⁰ PANCs é a sigla de Plantas Alimentícias Não Convencionais. As PANCs são espécies comestíveis que em geral não encontramos em circuitos de comercialização de alimentos. Também são chamadas popularmente de “matinhos comestíveis”, pois são espécies resistentes e que podem ser encontradas em locais com pouco manejo, como terrenos baldios e praças.

⁴¹ No texto intitulado “Educação e teorias da resistência” o autor trata sobre a adesão no contexto escolar, mas ainda assim sua definição nos serve para pensar a adesão em outros agrupamentos.

dos mesmos. Quando perguntada se já fazia uso da planta peixinho da horta⁴², planta também chamada popularmente de pulmonária, a aprendiz explica:

L: O Peixinho tu já cozinhava antes?!

J: Não eu sabia de algumas coisas antes de vir para horta mas mais na área de chá de erva medicinal... Assim da Tanchagem ser muito boa, da Espinheira-santa ser muito boa, já aquela coisa do se alguém está com diarreia tu faz o chá do broto da goiaba ou da folha da Pitangueira...Pros meus filhos eu não comprava xarope... Para os meus filhos eu sempre fiz com Guaco, eu tinha uma vizinha perto que tinha Guaco que eu buscava sempre e para dor de barriga eu chamava de Maçanilha, que é a Camomila. Então essas coisas... O Funcho sempre mas não tão didático e não tão mais por uma questão de herança de conhecimento de antepassados assim não é uma coisa que tu pegasse um livro e lesse e descobrisse. Mas agora, por exemplo, com o negócio da horta eu aprendi muito mais todos os dias né e uma coisa que eu sinto assim na horta que eu não consigo mais ir num lugar e comprar alguma coisa que tu possa plantar. Não em uma feira, por exemplo, mas no mercado eu passo por aqueles lugares assim que meu Deus que horror tu comprar aquilo que tu sabe que é só comércio, só aparência, porque se tu for ver, é uma goiaba igual a gente colhe aqui na horta... Porque se tu ver uma goiaba no mercado com essa aparência ninguém compra e ela é muito mais saudável do que aquela que está lá lindona...É muito difícil né comprar um brócolis, uma couve, eu nunca mais comprei né e o bom da horta é no sentido que tu aprende isso...(...) (Jussara. *Entrevista*, p. 4).

A entrevistada filiou-se à ideia de que consumir o convencional, não é mais plausível. E parece colocar em funcionamento esse conhecimento. A ideia de que é preferível comer algo “feito” do que “com veneno” é pensamento hegemônico na Horta, a partir dela se forjam as práticas de manejo do espaço.

Aprende-se algo por que nos filiamos a certos enunciados? Ou nos filiamos a certos enunciados por que aprendemos algo significativo e que contribui para a nossa vida prática? Não temos a pretensão de resolver tal questão. Mas sim, de tornar visível a interimplicação entre as aprendizagens e a adesão ao repertório compartilhado em dada comunidade de práticas. Jussara, ao falar sobre o que aprendeu, nos dá pistas sobre suas motivações em se filiar às práticas da Horta:

É aquela história de pessoas que vêm do interior, que cultivavam seus alimentos, aquelas coisas né, que tinha a vó que tinha chácara e os meus tios eram capatazes de fazenda aquela coisa assim, e ahh, sempre gostei mas não tinha... A mãe era aquelas assim que usava pimentão, tomate, coisa e jogava tudo no pátio assim e nascia espontaneamente né... No fundo do pátio. Então era maravilhoso, eu sempre fui encantada com isso. (Jussara. *Entrevista*, p. 3).

⁴² Peixinho-da-horta ou Pulmonária é o nome popular da planta *Stachys byzantina*. O Peixinho é considerado uma erva comestível, preparado empanado e frito com suco de limão. Leva este nome pois ao ser preparado desta maneira, diz-se ter gosto de peixe. É categorizado como uma planta alimentícia não convencional (PANC).

No caso de Jussara a filiação ocorre também pois as práticas lhe são familiares, esse conhecimento a faz lembrar de cenas vividas na infância, em família. Ela também destaca enunciados muito comuns entre os praticantes mais experientes, incluindo entre estes o entendimento de que o dinheiro desfaz o laço comunitário e impacta na aceleração do ciclo de produção:

[...]essa aparência mais vistosa é pura ilusão e aqui na horta a gente tem muita coisa com aparência linda também... Frutas e verduras e coisas sem usar agrotóxico mas a gente sabe que aquela para produzir, para produzir aquela quantidade que é distribuída nos mercados não existe essa possibilidade... Esses dias eu estava pensando, aconteceu com uma pessoa aqui na horta que me disse assim “Eu acho orgânico muito caro!”... E eu “Mas tu viu o trabalho que dá?” E é uma pessoa que foi acolhida aqui dentro... Aí tu vê que não tem uma produção grande e tu vê a vantagem da horta é que ela não visa o lucro! Se ela visasse o lucro a gente ia enveredar para o outro lado né?! Porque qualquer produção grande vai acabar não se contentando com o ciclo natural da planta, vai querer acelerar por que é a maneira que tu precisa para o ganho financeiro grande... Quando eu entrei eu pensei “Poxa porque a gente não vende né?! Talvez a participação não seja tanta justamente por causa disso...” As pessoas não veem como uma fonte de lucro financeiro, mas elas não entendem o lucro na saúde... Já estão tendo uma economia porque elas não vão gastar em medicamento e é muita burrice né?! Ah eu vou investir o tempo lá e não vai vir dinheiro né?! Eu acho que tempo é o maior investimento nosso porque não volta no tempo... Não tem... Não tem banco de horas nessa vida né?! (Jussara. *Entrevista*, p. 5).

Jussara destaca uma mudança em seu modo de compreender as relações no campo de prática, saindo do entendimento de que a Horta deveria vender seus produtos - “Poxa porque a gente não vende né?!” – e indo na direção de compreender que as relações mercantis atrapalham os vínculos de solidariedade entre humanos e também, não humanos – “Se ela visasse o lucro a gente ia enveredar para o outro lado né!”. Esse outro lado a que se refere Jussara é o lado onde o lucro está acima do dever e da tarefa para com o outro.

São infinitos os motivos pelos quais cada aprendiz elege a Horta como lugar onde possa realizar seu estágio ou sua iniciação nas práticas de cultivo urbano. Janaína, assim como Jussara, nos diz de suas motivações para aderir ao projeto. Ela destaca não só a exuberância daquilo que viu, em termos de paisagem e dos cultivos, mas a organização da proposta bem como aquilo que chama de “lado social”, ou seja, os objetivos do grupo em termos de redução das desigualdades por meio do acesso à produção de alimentos:

L: Tu falas que tu chegou até a horta pela disciplina de Etnobotânica... Mas o que te fizeste ficar? O que te fizeste escolher a horta como teu lugar de estágio?
J: Primeiro que foi um impacto que acho que é para todo mundo que chega na Horta imagino... O impacto com entrar em um terreno que está praticamente abandonado, e aí tu vai descendo aquela lombinha e quando tu chega lá em baixo, parece assim um mundo a parte... E isso foi assim que eu lembro que foi a

primeira coisa que me impactou muito assim... Eu cheguei e “nossa!”... Eu chego a me arrepiar assim de lembrar... De verdade assim porque... Ah, eu cheguei assim e... “Não pode ser sabe?!” Eu não tinha experiência com horta urbana, eu não conhecia esse mundo assim... E a horta, a Horta da Lomba eu acho uma coisa muito exuberante... E quando eu estava na horta a gente chegou a visitar outras... E eu pude ir e é inacreditável assim neh?! Então eu, só o fato de chegar lá e ver todo aquele espaço e ver toda aquela diversidade, aquela organização, ter uma pessoa ali para nos receber... Foi a Camila que conduziu mais essa conversa, junto com a Mirtes, mas a Camila que deu uma puxada mais. Bah, eu achei aquilo incrível assim! E também o fato de quando elas foram apresentando a Horta, eu vi que era um projeto diferente... Elas apresentam assim, sempre como de praxe assim né?! Essa questão de apresentar o lado social da horta, que é de fato o mais importante... E isso ficou muito claro... Então eu percebi naquela primeira apresentação uma oportunidade de trabalhar não só com a botânica *strito senso*, mas de ampliar os horizontes... De realmente estar em um espaço que atribuísse várias facetas de mim enquanto estagiária, porque naquele momento me encantou aquela visão do espaço. Na hora eu já pensei: “eu quero estar aqui!”. Então não foi só o encantamento de “ai que legal vou falar para as pessoas...” Não, foi tipo “quero participar!”, “eu quero contribuir com esse espaço!” e “eu também quero receber!”... E isso foi uma coisa que sempre quando eu vou em algum lugar eu fico pensando... O que eu posso receber desse lugar? Mais do que oferecer sabe? E isso foi, acho que isso foi decisivo... Porque os outros lugares que eu procurava, eu não via isso sabe... Eu pensava: “ah eu vou trabalhar, vou ficar sentada lá em uma cadeira e vou fazer o que estão me mandando...” Mas eu não vou ser ensinada sabe? Eu não vou participar da dinâmica, eu não vou também interferir de fato naquele processo... E na horta quando a Mirtes falou e a Camila falou, de como funcionava... Eu vi que era diferente! Que tinha algo de diferente naquele espaço-tempo dali né. Então, essas dinâmicas me chamaram atenção assim... Que elas falaram... Mas eu diria que o principal foi o encantamento sabe? E de fato chegar naquele lugar e dizer: “nossa esse lugar não existe!”. Sabe? Eu lembro de ficar muito encantada sabe, muito encantada... Eu não tirava o sorriso do rosto sabe? E daí quando a Camila falou que podia, porque na realidade, eu cheguei e não sabia que podia fazer estágio ali... Eu estou contando meio que tudo junto porque foi como as coisas se organizaram na minha cabeça... Mas eu não sabia que podia fazer estágio... Então eu já tive um encantamento de chegar ali e pensar: “nossa que lugar massa!”. E quando ela falou parece que fez assim um eco na minha cabeça, sabe? “Bah que legal!” Eu fiquei muito emocionada, então esse encantamento assim sabe? Acho que a horta provoca isso né?! Tocou em mim e em outras pessoas que eu conversei também assim... (Janaína. *Entrevista*, p. 18-19).

Janaína traz em sua fala muitas vezes a palavra encantamento. Na pista que nos dá entendemos que esse encantamento a que se refere pode ter a ver com o processo de adesão. Ao conhecer o grupo, identifica-se com ele, ou com a ideia que dele faz, por questões diversas⁴³. Essa identificação engancha a aprendiz de tal modo que produz um efeito de aderência, um “quero participar!”, “eu quero contribuir com esse espaço!”, nas palavras da entrevistada. Janaína adere por que identifica naquela comunidade elementos familiares ou até mesmo, nos termos de Laclau (2013), demandas equivalentes, ou seja, certa correspondência de uma demanda particular.

⁴³ A identificação pode ter relação por exemplo com a relação que tem com outros grupos, onde talvez reconheça certa similaridade, como o grupo de jovens da Igreja católica, o qual menciona na entrevista.

Logo ao se apresentar, no início da entrevista, já trata de destacar a importância que o espaço ocupa em sua trajetória:

E eu estava à procura de um lugar para fazer o estágio, estágio de bacharelado que eu estava ainda para concluir né?!, Já tinha me formado na licenciatura mas faltava o bacharelado, daí eu me fascinei pela horta assim né?! Então assim, eu apresento junto comigo porque eu acredito que a horta virou parte de mim assim, tão parte de mim que esse afastamento me dói, assim, profundamente, porque para mim a horta é isso assim, a horta quando a gente vai assim aberto, de coração, a gente não consegue fazer com que a horta não seja mais parte de nós... Me influenciou muito assim. Então, hoje, muitas das coisas que eu sou, inclusive profissionalmente, e das coisas que eu quero ser, eu lembro da horta, eu me espelho no que eu vivi e nas pessoas da horta. E é isso assim o que eu acho que por enquanto eu posso apresentar de mim, vão surgindo outras coisas durante a entrevista eu acho... (Janaína. *Entrevista*, p. 15-16).

Interessante perceber que ao trazer a dimensão do comunitário como algo importante, Janaína liga à experiência vivida na Horta a outras experiências prévias, com um grupo da Igreja Católica no qual também atuou:

J: Sabe Lilian eu fiz parte de um grupo de jovens da igreja católica, o CLJ⁴⁴, o ONDA que é para os mais jovens... Eu fiquei mais no CLJ porque eu já tinha um pouco mais de consciência, do que estava acontecendo. Dos 14 aos 21 anos... E eu aprendi bastante lá, eu acho, o meu modo de, de querer estar com as pessoas, de querer estar em grupo, assim em comunidade sabe? Através do CLJ veio isso e acho que isso talvez do meu encantamento pela Horta tem a ver com essa referência de relações que eu construí no CLJ. Não digo na igreja como um todo, porque realmente a minha participação dentro da igreja estava mais focada no CLJ... Mas a própria horta tinha um elemento bastante forte também relacionado com a espiritualidade das pessoas. Tinha muito presente isso também, então eu me senti um pouco mais à vontade para estar naquelas relações, talvez inconscientemente isso aconteceu... (*Janaína muda o olhar, arregalando mais os olhos como se ao me contar tivesse tido um insight... Faz uma breve pausa e continua.*) Estou analisando até agora assim... Inconscientemente em função dessas referências que eu já tinha né? Eu acho que muito do que eu aprendi de como eu lidava com as pessoas, de como eu recebia as pessoas era em função dessa experiência que eu já tinha tido assim quando era mais nova na igreja. Mas por outro lado eu também acho que muito mais ainda eu aprendi lá mesmo na Horta no dia a dia... Não só que eu já tenha levado para a Horta algo que eu sabia sabe? Porque realmente é muito único o lugar... (Janaína. *Entrevista*, p. 23).

Entendemos que o efeito de aderência produzido em Janaína afeta também seu engajamento e motivação para estar disponível às práticas de manejo da Horta Comunitária. Afinal de contas, a horta já “virou parte” dela. E essa filiação é tão forte que

⁴⁴ Sigla de Curso de Liderança Juvenil. O CLJ é um movimento eclesial da Igreja Católica, constituído de jovens e adultos (leigos e clérigos) e que tem como objetivo ser um instrumento na evangelização das juventudes entre os 14 e 18 anos de idade, preparando-os para liderar na Igreja e na sociedade. Disponível em: <https://www.diocesenet.com.br/home/clj/> (Acesso em janeiro de 2021.)

opera em certo dever moral em relação à continuidade de participação. O dever e a tarefa para com o outro são elementos de ligação.

Mais adiante, enfatiza os motivos pelos quais adere à iniciativa e destaca o significativo comunitário como algo que chama sua atenção, que produz sua aderência, que produz sentido para ela. Confere à Horta Comunitária a característica de diferenciar-se, dentro do espaço urbano, por ser lugar de exercício de um tempo diferente – lento – e também de relações diferenciadas – de acolhimento. Sobre tais acolhimentos Janaína enfatiza o efeito de se “apavorar positivamente” sobre como a resolução de problemas individuais dos praticantes são pontos de atenção para os demais, que (mesmo os problemas sendo complexos) tentam fazer algum encaminhamento para que esses seja escutados, dissolvidos, ou até resolvidos.

Assim como Janaína, também vivi momentos nos quais percebi o engajamento dos participantes experientes em colaborarem de algum jeito com uma demanda particular específica. Entre estas mobilizações peculiares cito duas que me marcaram profundamente, uma delas uma “vaquinha” para contribuir com a cerimônia fúnebre de um morador da Lomba do Pinheiro. A outra, uma situação onde solicitaram-me que fizesse uma “sacolinha” para uma família que “precisava comer” (Diário de Campo, maio de 2019). Parece que estes vínculos solidários, condição de possibilidade para existência de uma comunidade (BARCELONA, 1996), são elementos que garantem a adesão e filiação de Janaína:

J: E tu consegue visualizar os motivos desse encantamento? Será que a gente pode chegar nisso?

L: Eu acho que depende de qual contexto a pessoa chega lá na horta... Falando em mim com esse primeiro encantamento... Eu digo que foi com o tamanho daquele espaço, aquela, diversidade das plantas ali... Porque eu como uma pessoa que gosta de botânica, eu comecei a pensar “nossa, tem muita coisa aqui!”. E também essa questão - mas daí falando para mim né Lilian - tu olha para aquele espaço e já vê que não é uma agricultura tradicional né?! Tanto pela questão da riqueza, das plantas, como do sistema que se pretende enquanto agroecológico... A gente vê isso enfaticamente assim... Tu faz uma fotografia daquele espaço e tu vê que não é convencional. Então isso é uma das coisas que chamou minha atenção! E agora assim vou desenrolar desse primeiro encantamento também assim o fato de ser comunitário... Me chamou muita atenção! Porque eu tinha ido em poucos espaços que de fato funcionavam mesmo com todos os desafios... E a horta enquanto comunitária, ela funciona, na minha opinião, muito bem! E acho incrível isso! Depois que eu fui trabalhando lá, como estagiária e como voluntária é que eu fui perceber isso... O quanto isso realmente me chamava atenção... Eu lembro que cada dia que eu saía da horta era um aprendizado novo, que eu tinha que ficar digerindo sabe... Eu ia para casa assim com uma sensação de muito preenchimento! E muita coisa para realmente pensar e digerir. Porque são muitas dinâmicas ao mesmo tempo, e eu acho que para quem chega na Horta e permanece isso chama atenção... Porque a gente vai pra lá e a gente ah faz as coisas juntas, faz a horta juntas... Mas esse lado que é

do comunitário, que é das próprias trocas né? De estar sempre conversando com alguém... Falando, mas muito mais escutando! Para mim foi assim... Isso eu acho que atrai... É um espaço que atrai, acolhe, acolhe tanto as pessoas de fora da Lomba, mas muito mais quem é de dentro. E isso é uma coisa que me chamou muito a atenção quando eu estava lá... Que aquele espaço é um espaço de amparo, não é só uma Horta sabe? Claro que se fosse só uma horta, digamos assim convencional, já seria muito para a comunidade... Mas era muito mais que isso, muito mais! Nossa, eu perdi a conta de quantas pessoas eu vi chegarem lá com problemas... E sempre tinha alguém que podia, não resolver imediatamente aquele problema porque às vezes eram problemas muito complexos, mas sempre tinha alguém para tentar pelo menos acolher aquela pessoa... Dar um abraço naquela pessoa. E é impossível, é impossível quando tu está lá não se deparar com essa realidade e não se apavorar positivamente. Porque foge muito sabe? Acho que a Horta é um ponto fora da curva... Dentro dessa lógica, dentro desse espaço urbano... É um ponto fora da curva, dentro, não só da lógica do espaço urbano mas das relações mesmo. Dessas relações que são rápidas, que são conflituosas muitas vezes... Baseadas na pressa, no imediatismo... Na horta não, na horta as coisas acontecem no tempo que tem que acontecer... E isso me encantou muito assim. É muita coisa, nossa... É difícil pôr em palavras de modo objetivo tudo que a gente aprende na horta... (Janaína. *Entrevista*, p. 19-20).

São diversos os motivos pelos quais aderimos à determinada comunidade de práticas e eles podem estar relacionados à identificação, interesse individual que corresponde ao empreendimento coletivo, vontade de pertencer, acolhimento imediato, entre outros. Maria Firmina conta a história de como chegou à Horta Comunitária e define “a energia boa” e a afinidade com quem a acolheu como algo importante para permanecer:

L: E Maria... Como tu chegou até a Horta, como foi de fazer o estágio lá?

M: Então, eu... A Horta foi meu estágio curricular... Meu estágio obrigatório... E eu recentemente já tinha saído do meu laboratório onde eu trabalhava, que era um laboratório de entomologia, a gente trabalhava com insetos... E eu fiquei dois anos nesse laboratório, fiz meu TCC lá, e eu também já tinha trabalhado em escolas né?! Trabalhei em uma escola do município de Porto Alegre e também trabalhei no colégio de aplicação da UFRGS, e daí eu estava procurando um estágio e já estava no limite ali da data para encontrar né... Para enviar o local lá para a COMGRAD⁴⁵, mas não encontrava porque era sempre as mesmas coisas... Ou era um laboratório... E eu não conseguia mais, porque eu fiquei muito tempo em laboratório... Eu já estava meio que saturada assim... E aí o que eu queria né, que era genética... Que eu falei que era a minha ideia inicial, quando eu fui trabalhar com genética eu lembro que não tinha vaga para trabalhar, nem como voluntário porque era um dos mais concorridos, aí eu não estava conseguindo encontrar nada... Já estava deixando para fazer no outro semestre, o estágio, já tinha meio que desistido assim, quando a gente recebeu um folder, todos os alunos da Bio receberam um folder da horta, eu acho que foi a primeira vez que eu vi... Foi a primeira ou segunda vez que eles anunciaram para o curso de Bio, um folder pedindo estagiários... Estagiários voluntários... Aí eu entrei em contato, falei com o Fabrício e acho que no outro dia já fui e conversei com ele, e tal... Adorei a horta, adorei o Fabrício assim... Uma energia muito boa, e a gente já se acertou e eu já iniciei... Eu acho que a melhor coisa que me aconteceu foi eu não ter encontrado um lugar para fazer estágio antes...

(Maria Firmina. *Entrevista*, p. 3-4).

⁴⁵ Comissão de Graduação. Constitui o curso universitário e delibera questões acerca do currículo, estágios, entre outros.

Inferimos pela fala de Maria Firmina e também pela experiência em campo, que a “energia boa” e a acolhida a que se refere, tem relação com o que Janaína também menciona, a capacidade de acolhida a novos membros. O modo como as pessoas são recebidas na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro também é estratégico para o processo de filiação.

Jussara, assim como Janaína, também refere-se ao estabelecimento de vínculos de solidariedade com algo presente em sua experiência. E nomeia com certo romantismo a ideia de comunitário relativo à prática da horta urbana:

L: Isso que tu fala sobre o compartilhamento... Já te vi falando algumas vezes pela Horta sobre precisarmos “valorizar esse espaço comunitário”⁴⁶...

J: Eu falo do comunitário porque eu acho Lilian que tipo um ideal da civilização... Uma coisa comunitária é comum. Comum a todos. É uma coisa que é pra ser horizontal, que é para ser compartilhamento em todos os sentidos... Ninguém é superior a ninguém, inferior a ninguém na capacidade de produção. Porque se tu não pode capinar, tu planta... Se tu não pode tocar o serviço de pé, tu acocora... Então o comunitário vem nesse sentido, de ser uma comunidade, de se ajudar, de ser uma irmandade assim sabe... E aí a gente fica um pouco triste por que, as pessoas estão competindo muito aí fora. Talvez elas não estejam preparadas para o comunitário, mas eu acho que o comunitário, o solidário, o estar junto, o convívio é o ideal para o ser humano... (...) Jussara p.21 (Jussara. *Entrevista*, p. 21).

Reafirmamos a ideia de que o comunitário, o significativo *comunitário*, parece acabar servindo como dispositivo de filiação para os aprendizes. Em que pesem os vínculos de solidariedade observados e desenvolvidos ao longo do tempo pelas aprendizes, a percepção acerca da presença das disputas, também presentes em qualquer agrupamento social, acaba sendo solapada pelo peso do sentido atribuído ao significativo.

A comunidade é instância de compartilhamento, mas também de disputas. Esposito (2009) pauta nesse entendimento a ideia de que é por meio da experiência em comunidade que não nos convertemos em “analfabetos sociais”. O mesmo comunitário que agrega, compartilha e acolhe, também é lugar de conflito, vive sobre tensão. Um conflito desejado para que tenhamos uma experiência de *projeção para fora de nós mesmos* (ESPOSITO, 2009, p. 16).

O entendimento de que uma comunidade é algo acabado, bom, pronto e estável nos leva à sua própria estagnação e aniquilação. Então, mais do que a adesão ao significativo, que pode nos levar à ideia de que esse comunitário está dado, pode ser necessário aprofundar essa adesão e ir ao encontro das práticas que lhe garantem sentido.

⁴⁶ Essa pergunta baseia-se nas anotações do Diário de Campo.

A aderência e filiação garante condição de permanência das aprendizes na iniciativa comunitária e ao que nos parece produzem deslocamentos e aprendizagens importantes no que se refere a outros jeitos de ser:

(...)Eu era meio acumuladora. Daí saio daqui e vou fazer umas receitas, dou para os outros...É aquilo, de não vai ficar guardando as coisas só pra ti também. E assim, tu quase nunca vai ver a pessoa levar duas sacoladas, por exemplo, de couve daqui... Não faz sentido né? É aquela coisa boa que tem que às vezes a Mirtes diz assim “Tu vai pegar um verde para ti?” E aí eu digo “não, eu ainda tenho...”. E é aí que a gente vê como nosso pensamento foi ficando diferente, saiu diferente daquela pessoa que quer levar vantagem do tipo “ah é de graça eu fui lá e trabalhei uma hora ou duas e estou levando isso, um monte...” É diferente sabe, por isso que eu te falo dessa coisa da comunidade. Essa mudança é emocionante, eu acho que até vou chorar... (Jussara. *Entrevista*, p. 23).

Interessante perceber na fala de Jussara que essa “*coisa da comunidade*” nos leva para uma experiência de encontro ao outro. Nesse sentido, o deslocamento destacado por ela envolve “a produção de outro indivíduo, um indivíduo que não seja mais construído a partir da matriz do individualismo possessivo.” (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 273). É esse o sentido do comunitário que estamos colocando em jogo. O que inclui a tensão de um modo ser pautado no individualismo. Pensando que o aprender implica em um tornar-se, o que nos parece é que a adesão a este coletivo implique na tensão sobre esse modo de ser.

Sendo a filiação também um compartilhamento de repertórios⁴⁷ de prática, não estáticos, mas maleáveis e coproduzidos⁴⁸, as mudanças na vida de um aprendiz podem vir também na partilha de repertórios que criam ressonância em campos de atuação profissional. Maria Firmina atribui à influência da Horta algumas opções que ao longo do tempo vem realizando em termos de suas ocupações profissionais:

L: E como chegou na Gestão Ambiental, como chegou nessa ideia de mestrado, me conta essa história aí...

M: A Gestão Ambiental... Na verdade o que eu queria ter feito quando eu me formei... Na verdade tinha tanta coisa que eu queria fazer e eu não conseguia me decidir... Não, daí eu falei: eu quero trabalhar com educação ambiental! E também isso por influência da horta, porque eu lembro que aquelas oficinas foram uma coisa muito boa assim! Me passaram uma coisa muito boa e foi uma coisa que eu realmente gostei de fazer... Então eu tentei, procurei em vários lugares, curso de Educação Ambiental e eu não encontrei... Só encontrei algumas

⁴⁷ Estou tomando a noção de Wenger (2001) sobre o que é repertório em um arranjo de comunidade de práticas. Repertório compartilhado é uma característica das comunidades de práticas e inclui “rotinas, palavras, instrumentos, maneiras de fazer, relatos, gestos, símbolos, gêneros (classes de artefatos ou ações similares enquanto estilo e forma), ações ou conceitos que a comunidade tem produzido e adotado no curso de sua existência e que passaram a ser parte de suas práticas.” (WENGER, 2001, p.110).

⁴⁸ A ideia de coprodução nos importa muito para pensar a aprendizagem. Nas versões clássicas, a aprendizagem é algo individual; nas vertentes com que temos dialogado, a aprendizagem é também coprodução.

pós assim mas era a distância em Educação Ambiental e eu não gostei muito... Aí eu iniciei uma pós em Gestão Ambiental, também em uma universidade à distância, fiz um mês e também achei ruim, que não estava funcionando muito assim... Aí eu parei de fazer, mas com aquela coisa: Não, eu preciso fazer alguma coisa! Mas alguma coisa que eu goste de verdade! Aí eu me lembrei assim que foi bem quando saiu o edital, do curso de Gestão Ambiental do Instituto Federal, que tem tanto aqui em Viamão quanto em Porto Alegre... Aí estavam divulgando o de Porto Alegre, aí eu pensei: “ah, vou tentar!”. Aí fui lá, fiz a prova e iniciei o ano passado o curso... Estou agora no segundo semestre... Aí foi uma coisa que realmente...Tu lendo o currículo deles tu vê muita coisa de educação ambiental, tem a parte de gestão de resíduos que eu acho bem interessante, e é uma coisa que a gente não aprende na faculdade de Biologia... Aí seria uma pós, mas como eu não encontrei eu acabei optando por fazer um outro curso! E aí a coisa do mestrado, eu também estava nessa coisa de fazer uma especialização, uma pós... Mas eu não estava conseguindo me achar assim... Por que o que eu queria ou não tinha aqui, ou tinha que ser pago, e não tem?! É muito caro realmente! E aí eu pensei no Mestrado em Educação, porque ele é um mestrado bem mais amplo assim... Abre várias janelas assim, para outras coisas também... E como eu trabalho com educação popular, nos dois cursinhos onde eu dou aula a gente trabalha com educação popular... A gente tem muitas formações sobre isso... Aí eu pensei em tentar o mestrado para essa área, assim, com uma linha de pesquisa voltada para educação popular... E depois a minha ideia foi essa, seguindo na gestão, fazendo o curso de gestão ambiental e o mestrado em educação popular... Mas que em algum momento que os dois se encontrem. Não sei se vou conseguir... Não sei se vai ser possível... Mas a minha ideia era essa. (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 12-13).

Uma aprendizagem acontecida em uma situação (um campo de prática, um sistema ou um nível de organização) produzirá mudanças nos demais campos adjacentes. É isso tem a ver com a ideia de aprendizagem expansiva (ENGSTRÖM, 2013), onde o sujeito implicado no processo de aprendizagem está recursivamente ampliando o repertório compartilhado em virtude do que veio a pensar, tornar-se.

Interessante perceber que há certas estratégias políticas para que as pessoas se filiem à iniciativa, às ideias hegemônicas ali presentes, e, conseqüentemente, para que haja a ampliação do grupo de praticantes, já que a hegemonia por ser provisória precisa da aderência de novos membros para estabelecer cadeias de equivalências (LACLAU, 2013), correspondências. Janaína nos conta sobre como chegou à ideia de fazer estágio na horta urbana e nos fala da abordagem de Camila, praticante experiente:

L: Tu já conhecias alguém? Tinha alguma referência lá?

J: Eu passei a conhecer na visita porque daí a Camila, a Camila e a Mirtes nos acolheram... Na visita, e a Camila comentou: “Ah, vi que tu está com o moletom da Biologia, a gente já teve estagiário aqui”... Daí ela comentou da Dani, e a Dani sempre foi muito, nossa, gosto muito da Dani... A gente trabalhou juntas também na Biologia, no PET Biologia, então foi muito bom assim, foi uma referência muito importante falar com ela, ver como ela tinha conseguido fazer o estágio, para conhecer mais, para ver se de fato eu iria gostar, me adaptar... Então foi legal assim né?! Então eu conhecia a Dani, daí depois eu fui conhecendo as outras pessoas. (Janaína. *Entrevista*, p. 16-17).

As estratégias políticas para filiação de novos membros não acontecem apenas no terreno da Horta Comunitária, na Lomba do Pinheiro, expandem-se com o trânsito dos praticantes mais experientes em campos adjacentes, como cursos e seminários ligados à agricultura urbana, plantas alimentícias não convencionais e fitoterapia. Nesses trânsitos, promovem fluxos envolvendo plantas, a fruição das pessoas com estas (com seus cheiros, formas, potenciais de uso...). Esta estética serve como estratégia de divulgação e também como forma de enganchamento, um jeito de atrair também novos membros. Ao contar sobre seu processo de vinculação ao estágio, Renata nos conta sobre estas imagens, dando a ver que sua filiação também pode ter relação com essas estratégias dos praticantes experientes:

L: E como foi esse tempo de chegada, me conta um pouco da tua história lá...

R: Ah sim... Eu já conhecia a Mirtes, mas ela não me conhecia... Porque eu já tinha participado sim de minicursos, sei lá seminários dá para se dizer, com a Mirtes mesmo. E começou com plantas alimentícias não-convencionais, aí eu já via aquela mulher trazendo aqueles chás, espalhando e todo mundo cheirando aqueles chazinhos né no meio dos seminários... Achei tudo muito interessante, e perguntei para ela onde ela estava trabalhando... Trabalhando? Bom! É trabalho também! E isso me motivou também, quer dizer, eu só a conheci, mas eu não tinha ideia de que eu iria, porque foi bem antes, do estágio... Mas depois dessa história e de ter feito cursos com PANCS né, sobre plantas alimentícias não-convencionais, então foi quando a Jussara me falou de Mirtes. Na verdade eu relembrei dela no dia em que eu fui lá na horta e eu acho que a Jussara não tinha me passado, ou me falou não sei, o nome Mirtes, mas eu não me lembrei que já tinha feito curso com ela... Então quando eu cheguei lá isso tudo foi muito interessante... Porque eu vi aquela mulher simples assim, com todo aquele conhecimento, e eu achei muito interessante... E essa variedade de plantas que encontramos lá, claro que plantas medicinais principalmente, e as hortaliças também, isso tudo para quem precisar, para pessoas que surgem... Então a entrega das plantas, das hortaliças, mas isso eu achei legal assim! E o local nossa, me admirei né, um lugar bem grande ali na Lomba do Pinheiro, praticamente rural, porque depois eu vi até vacas mugindo, e isso foi muito interessante né, a parte rural mesmo da Lomba do Pinheiro, a parte rural da cidade. *(Fica sorrindo ao lembrar e falar dos mugidos.)*

(Renata. Entrevista, p. 4-5).

As estratégias políticas para esta filiação também têm relação com a mobilidade garantida às aprendizes nas diferentes modalidades de participação. Para que Jussara, por exemplo, tenha garantido a participação de membros da Horta Comunitária na Semana Acadêmica de sua Universidade, precisou conversar com praticantes mais experientes que a estimularam a seguir realizando estas pontes, o que implica em uma satisfação da própria aprendiz pelos vínculos estabelecidos entre os grupos, mas que em contrapartida também garante, de certa forma, a filiação de novos aprendizes à iniciativa:

(...) Bah, é uma benção. É uma coisa maravilhosa, é uma oportunidade que eu digo assim: o IF me deu isso! Conhecer a Horta! Eu podia estar na FEPAM⁴⁹ da vida como uma maior parte dos colegas estão, na SMOV⁵⁰... Tem colegas fazendo estágio assim mas é uma das coisas que eu acho mais nojenta... Foi como a Camila disse para mim hoje, “ai como tu é exibida!”, e eu sou muito exibida por ter feito essa ligação do IF com a horta... Porque não existia a possibilidade, não existia esse vínculo de pessoas, e depois que eu vim, vários já fizeram. Até já fizeram os estágios e saíram, e isso eu me sinto bem nojenta! Eu me acho, e eu digo assim “fui eu que consegui.” Meio egoísta é aquela coisa pequeninha mas, me permito essa pequenês de pensamento sabe? Porque a Renata veio e já fez, a Alana também... Veio a Carol que acabou desistindo. Veio aquela outra menina lá...

L: A Mel...

J: A Mel... E vai vir mais gente, eu que tô sempre falando... Não tem maior orgulho do que fazer parte disso aqui, e o que eu puder divulgar... Eu que sugeri que a horta fosse para nossa semana acadêmica e foi acatado. E foi a horta para a semana acadêmica. Então eu tenho maior orgulho assim de todos esses encontros. (Jussara. *Entrevista*, p. 22).

O trânsito entre as distintas modalidades de participação dentro da comunidade de prática é também importante dentro das estratégias mobilizadas para filiação e engajamento dos membros. Quando nos referimos a modalidades de participação estamos pensando em níveis de participação possíveis na comunidade de práticas. Wenger (2001) nomeia esses níveis de participação como *membros do grupo principal*, *participação completa*, *participação periférica*, *participação ocasional* e *acesso passivo*. Entendemos que o grupo que entrevistamos exerce participação periférica e ocasional prioritariamente, mas ao mesmo tempo, transita entre estas distintas modalidades com anuência dos participantes experientes. Estamos entendendo que esse trânsito concedido é também estratégia política para aderência. Aprofundaremos a definição sobre as modalidades operadas por Lave (1991) e Wenger (2001) ao longo do texto.

4.1.2 Aprender pela coexistência de posições díspares

Uma grande diversidade de sujeitos compõem a comunidade da Horta Comunitária da Lomba. Mulheres, homens, jovens, adultos, idosos, pessoas de baixa, média, ou alta escolaridade. Pessoas negras, brancas, indígenas e estrangeiros. Veganos, vegetarianos,

⁴⁹ Sigla de Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luís Roessler. É o órgão responsável pelo licenciamento ambiental do estado do Rio Grande do Sul. É vinculada à Secretaria Estadual do Meio Ambiente e foi instituída pela Lei 9.077 de 4 de junho de 1990 e implantada em 4 de dezembro de 1991. Disponível em <http://www.fepam.rs.gov.br/> (Acesso em janeiro de 2021.)

⁵⁰ Sigla de Secretaria Municipal de Obras e Viação de Porto Alegre. É o setor responsável por coordenar a elaboração e a execução de projetos de obras viárias; na manutenção de vias urbanas; na aprovação de projetos prediais, na fiscalização de sua execução e na aplicação de sanções a infratores. É também de competência da Smov a implantação e manutenção do sistema de iluminação pública da cidade. Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smov/> (Acesso em janeiro de 2021).

peças que comem carne. Gremistas, colorados e peças sem time. Evangélicos, católicos franciscanos, benzedeiros, umbandistas, espíritas. Peças vinculadas a diferentes partidos políticos. Tantas diferenças, mas ali, em torno das práticas que constituem a horta urbana, algumas ideias parecem unir essa gente: a necessidade de pensar o acesso a alimentação de qualidade às peças em situação de vulnerabilidade social; a necessidade de pensar a cidade a partir de uma lógica que valoriza o espaço público por meio de práticas de cultivo; a mudança da perspectiva consumista nas relações para a estruturação de vínculos sociais fortalecidos e que possibilitem maior cooperação.

Estamos entendendo que aprender a participar passa por compreender que na comunidade de práticas coexistem as distintas posições díspares que estão em permanentes “consensos conflituais” (MOUFFE, 2003, p. 17), ou seja, acordos momentâneos que são parte de um processo da política e que deveriam ser vistos como reverses temporários numa confrontação que está sempre em curso. Conflito não são distúrbios e nem impedimentos que impossibilitam a realização de uma harmonia, até por que não somos capazes de deixar as particularidades de lado de modo a agir em total consonância com o outro (LACLAU e MOUFFE, 2015, p.46).

Para quem chega à Horta Comunitária, a presença destes diferentes modos de ser no mundo faz com que os aprendizes se coloquem a pensar de algum modo a partir destas diferenças. No caso de Janaína, a posição de Chico, bem como a presença da forte atuação das mulheres nas práticas da Horta Comunitária, afetam de algum modo. Estar ali entre benzedeiros e mulheres politicamente atuantes produz efeitos em Janaína, tanto que traz essas posições, dentre tantas outras possíveis a trazer, como destaque:

(...) Os relatos do Chico também sobre o trabalho dele... Ele traz ali uma vivência que para mim é muito desvalorizada no contexto urbano. O que é de peças que tem essa vertente, que são curandeiras... Eu não sei se ele se denomina assim... Mas foi um grande aprendizado para mim. E o outro aprendizado e último, é que a horta ela é protagonizada por, na minha opinião... por mulheres. Por mais que tenha atuação de homens ali, as mulheres são muito fortes, na pessoa da Mirtes principalmente... Eu destaco. Mas também de outras mulheres que fazem aquele espaço acontecer e que trazem as suas dificuldades e também as suas potências... Levam as suas potências para a Horta e enriquecem aquele espaço com as suas trajetórias, com os seus saberes, de uma forma que eu acho fenomenal... E isso foi outra coisa assim... Porque eu venho assim nessa assim de um tempo... E coincidiu com a minha entrada na Horta um mundo de estudo assim do feminismo... E o papel dessas mulheres na horta sempre me chamou muito a atenção (...) (Janaína. *Entrevista*, p. 37-38).

Cada aprendiz é mobilizado de uma forma pelas diferentes posições ocupadas pelos praticantes mais experientes. Janaína, ao destacar uma situação que viveu da escolha da data de uma confraternização, refere-se ao exercício reflexivo de entendimento das disparidades no grupo. Nessa ocasião, dá-se conta de que o que é escolhido nas dinâmicas do grupo nem sempre é consenso, mas um arranjo possível e que compreende a necessidade daqueles participantes, nas palavras dela, “mais ativos”, ou mais assíduos e experientes. Janaína evidencia o entendimento de que ali não há necessariamente consenso e nem unanimidade, mas uma negociação permanente que envolve o sujeito e a coletividade. Nesse sentido, as escolhas passam por uma construção que também obedece à tradição e aos rituais já existentes:

L: Janaína, tem mais alguma cena que tu gostaria de destacar da tua experiência na Horta?

J: Deixa eu pensar, tem uma cena que eu não sei se eu tô me guiando porque o teu trabalho é sobre a experiência comunitária... Mas eu acho que não... Porque esse é um fato que me chama muita atenção... Tem uma situação que me chamou muito a atenção que eu gostaria de relatar para ti... Que é a da escolha da data para a confraternização de final de ano, do ano que eu estava estagiando... A gente votou pela data, na verdade nem foi uma votação foi, tipo, vai ser na terça porque terça é o dia que tem mais pessoas... Tudo que acontece durante a semana, eu percebia isso, é levado para terça... Então terça é assim aquele dia que é um marco na rotina da semana da Horta... Não só pela presença das pessoas idosas, mas, enfim... É a dinâmica da Horta. E esse dia ele foi internalizado na vida da Horta, das pessoas que estão ali cotidianamente, e enfim foi decidido que ia ser terça feira a nossa confraternização... E aí a Mara, eu não sei se ela está indo na Horta agora, mas ela não gostou dessa data... Aí ela manifestou lá no grupo que ela não gostou da data e ela achava que tinha que ser questionado sobre ser outro dia... Daí eu lembro que nessa época ela apagou assim, ela não apareceu mais na horta... Ela não falou mais nada no grupo e eu fiquei refletindo dias sobre aquilo... Daí me bateu muito nessa coisa que eu te falo, sabe? Do tipo... Às vezes a gente chega e a gente não pode ter... Eu aprendi que eu não podia ter essa pretensão de eu chegar na Horta e achar que as coisas tinham que acontecer como eu achava que tinham que acontecer... Porque a dinâmica comunitária ela vai privilegiar o maior número de pessoas que está ali ativo nesse espaço, mas nem sempre tu vai estar incluído nisso porque são pessoas com diferentes realidades, com diferentes rotinas, e tem coisas que já estão internalizadas na organização da Horta... E se tu mexe nessas coisas, fragiliza muito... Daí eu comecei a pensar naquela ocasião assim... E se não fosse na terça feira essa confraternização? A terça feira é um dia simbólico que reúne as pessoas... Já ia dar outro clima para aquela reunião se não fosse terça... A terça feira que eu acordo e que eu espero ir para a Horta e encontrar as minhas amigas... Era o que as mulheres idosas falavam muitas vezes. Então isso foi uma coisa que na época me chamou muita atenção, daí ontem quando eu tava lembrando das coisas assim, pensando já na entrevista eu lembrei disso... E agora eu lembrei de novo de te falar assim, porque foi uma coisa que me chamou muito atenção... (Janaína. *Entrevista*, p. 34-35).

A situação trazida por Janaína nos reforça no entendimento de que os grupos políticos não tem identidades definidas anteriormente ao processo de articulação e de

decisão que constitui os sujeitos. Os sujeitos políticos são uma decorrência da articulação de demandas, as quais, por sua vez, não são elementos preexistentes, mas dependem também da relação com o outro – a quem a demanda se dirige (LACAU, 2013, p.13). A terça feira é eleita como o dia da referida festa por causa de uma articulação de demandas que compreende a cultura da horta da comunitária e que leva em consideração os seus ritmos e funcionamentos, negociados na multiplicidade de diversas pessoas ali implicadas, não tomada a partir da necessidade de um sujeito que a ela vincula-se.

As aprendizagens de ordem política acontecem à medida que os praticantes se envolvem com uma diversidade maior de atividades e nelas encontram sujeitos com suas posições, seus sistemas de crenças e convicções, e sistemas de significação. Os sujeitos díspares pertencem a diferentes comunidades – gremistas, umbandistas, mulheres, estudantes entre outros – e estar na prática de horticultura dentro do espaço da Horta Comunitária é estar vinculado, possivelmente, a apenas mais uma comunidade de práticas. O sujeito ali não é só o sujeito, mas a encarnação de traços emanados dessas diferentes esferas, desses tantos campos de prática ou posições que em certos momentos e lugares da sua vida cotidiana, eles praticam.

Nesse sentido, a disparidade de posições deriva do pertencimento simultâneo a diferentes comunidades – e isso implica também na permanente negociação política a que temos nos referido, e também na própria subjetividade. Aliás, subjetividade inclui o campo de negociação entre inúmeras possibilidades de vir a ser. Ou, como define Guattari (1992, p. 19): “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”.

Quando pergunto à Janaína sobre o que fica da experiência de suas práticas na Horta Comunitária, ela destaca a aprendizagem da convivência com o diferente como algo central em sua trajetória. De certa forma, Janaína parece dar a ver que a experiência lhe proporcionou enxergar os limites de si mesma, o entendimento radical de que “não é perfeita”, pois, em suas palavras, “essa questão do comunitário sempre mostra isso para a gente”, mostra a possibilidade de poder ser “muito melhor conjuntamente”:

L: E Janaína, o que fica deste estágio pra ti assim? O que ficou desse estágio para tua vida?

J: Nossa, aí eu vou chorar de novo... Ah, nossa Lilian... Ficaram muitas coisas! Eu acho que eu vou falar como eu lembro tá? Não que uma seja mais importante que a outra, mas a primeira dela é essa questão da rigidez que eu tinha, tenho muito ainda, mas eu tinha muito mais assim, na questão pessoal... Eu aprendi a

amar mais eu mesma. E aquilo que eu tenho para oferecer e aquilo que eu tenho para receber. E tudo bem que eu não sou perfeita, eu aprendi muito isso na Horta sabe? Seja pelo que as pessoas falavam para mim diretamente, sabe? Quanto no espaço assim sabe? Porque eu acho assim que essa questão do comunitário sempre mostra isso para a gente neh? Que a gente é muito melhor conjuntamente e que se a gente não for melhor, tudo bem... A gente dá sempre o nosso melhor, mas a gente não é perfeito, e isso me impactou muito. E eu acho que foi um aprendizado que me impactou tanto em relação a Horta, porque eu, porque a Horta é assim, sabe Lilian? Tipo, a Horta, ela não é perfeita... Ela tem muitos desafios, mas mesmo assim ela é incrível sabe? Então eu trouxe muito isso para a minha vida sabe? Esse modo de como eu sou, das minhas relações, para tudo que é possível sabe? É possível ser feliz, é possível aprender coisas mesmo quando as coisas não são perfeitas ao nosso redor. Para mim o exemplo master disso, de uma situação, claro em rede, de muitas facetas, muitas pessoas envolvidas é a Horta... (Janaína. *Entrevista*, p. 30).

Ao se referir a uma situação vivida junto ao Sr. Tomé, praticante mais experiente, Janaína refere-se à Horta como um lugar que proporciona a convivência entre ideias diferentes. Fica evidente que a heterogeneidade, desse modo, não é princípio de exclusão nessa comunidade de práticas, ela não impede a possibilidade de coexistência, de junção ou de conexão destes posicionamentos:

(...) Então isso é um aprendizado importante para mim e o próprio trabalho em comunidade sabe? Por mais que eu tenha vivido como eu vivi o trabalho no CLJ, é diferente... As pessoas lá eram mais homogêneas no modo de ver e pensar e isso na Horta não acontece. Tem realidades diferentes, seja do ponto de vista de lidar com a Horta, em si, de lidar com as plantas, de lidar com a terra... Então eu aprendi muito com isso, até uma das situações que para mim ficou marcante foi a questão...Ai, me esqueci o nome daquele senhorzinho de cabelos brancos...

L: Seu Tomé?

J: É, seu Tomé... Sou péssima com nomes, isso é uma coisa que eu preciso melhorar, mas enfim... O Sr. Tomé tinha uma visão bastante fechada tanto em função dos modos dele ser, tanto pela idade... Enfim, sobre o que era fazer agricultura... O que era fazer uma Horta... Como tem que cuidar do solo... Como tem que adubar a planta... Tudo era do jeito dele, e ele queria que eu fizesse do jeito dele... E eu aprendi que por mais que fosse muito difícil, que estava tudo bem... Talvez a gente não consiga fazer o seu Tomé entender que na Horta não é assim... Mas só o fato de ele estar ali já era algo importante para mim, para as pessoas e para ele. Então essas várias ideias me fizeram aprender muito sabe? A gente precisa aprender a conviver... Eu preciso aprender a conviver com a multiplicidade de ideias! E a Horta proporciona espaços para que essas ideias possam conviver juntas, sem que nenhuma delas desapareça... (Janaína. *Entrevista*, p. 30-31).

A ideia trazida por Janaína nos remete ao entendimento de que talvez exista, nessa comunidade de práticas, um funcionamento que inclua a lógica da estratégia, descrita por Foucault (2008, p. 58) como aquela que “tem por função estabelecer quais são as conexões possíveis entre termos díspares e que permanecem díspares. A lógica da estratégia é a lógica da conexão do heterogêneo, não é a lógica da homogeneização do contraditório.”

(FOUCAULT, 2008, p. 58). As ideias ali coexistem na sua condição de “dísparas e que permanecem dísparas”, ou como nos diz Janaína, são ideias que podem “conviver juntas, sem que nenhuma delas desapareça”, por mais destoantes⁵¹ que sejam. Janaína pelo que nos diz, aprende na convivência com essas disparidades.

Assim como Janaína, Renata, ao ser provocada sobre como via as reuniões da Horta Comunitária, destaca a existência de conflitos e posições dísparas. Nas reuniões usualmente são levantados problemas, necessidades e possíveis soluções para tais questões e são nesses momentos também que as divergências se evidenciam. Assim como Janaína, Renata compreende que justo por isso, são momentos potentes, formativos. Renata também traz uma série de questões que percebe como problemáticas na Horta Comunitária, que não foram ainda superadas, e destaca o “estar aberto” como condição importante para os momentos de embate:

L: E Renata, e as reuniões que aconteciam na horta e que tu participava... O que tu destacarias dessas reuniões?

R: É eu acho que essas reuniões algumas pessoas assim não estavam de acordo... Ou então se afastaram de algumas questões assim: digamos, da própria construção, como assim, a questão da irrigação... Isso tem muitos problemas né?! As pessoas se afastavam mas depois voltavam regularmente assim sabe... É tudo uma questão de não levar tão a sério, tem umas pessoas que levam muito a sério essas discussões. Eu acho que sempre tem que ficar aberto, porque aquele mês ali do início de agosto, acho que praticamente foi até setembro, teve um mês que eu fui assim com bastante intensidade, assim bem intensivo, e eu percebi que aquilo vai e volta assim a questão da irrigação... Mas não adianta esquentar muito a cabeça, essas reuniões são abertas, tu pode falar o que tu quiser, claro que todo mundo se respeitando, mas as pessoas falavam, e as vezes não concordando muitos se afastam. E depois de um tempo vão retornando para a horta... Eu acho assim que por isso mesmo elas são formativas, mas que essa questão assim de pegar junto em tudo ainda falta um pouco?! Por que na capina assim precisaria de mais pessoas né?! Então, há vários problemas né?! Esses roubos que aconteceram... Isso aí também ficou difícil né?! Porque já na vinda ali os chás de Hibisco, os xaropes, tudo aquilo foi para angariar, digamos assim, instrumentos para horta, e depois tu vê tudo isso ser roubado, fica difícil mesmo né? Então também tem esses momentos bem difíceis, e outros mais descontraídos... Então eu acho assim que é normal, mas sempre estava aberto, quando as pessoas quisessem se manifestar, se manifestavam, mas esse assunto da participação sempre vai e volta né... (Renata. *Entrevista*, p. 14).

Ao mesmo tempo em que destaca as percepções sobre a heterogeneidade de posições existentes na Horta Comunitária, Janaína também se dá conta das relações de

⁵¹ Sr. Tomé tinha um posicionamento peculiar em relação às práticas de horta. Gostava de capinar e retirava na capina tudo que não queria cultivar nos canteiros, deixando o solo exposto. Por exemplo, se plantava couve em um canteiro, nesse canteiro só haveria couves, nada além de couves. Tais práticas destoavam da comunidade que estava sempre sendo tensionada por seu modo de participar e que tentava mesclar ainda assim o modo como fazia e o modo hegemônico – canteiros diversos em termos de abranger diferentes espécies.

poder ali estabelecidas quando refere-se a um momento que viveu no período das eleições em 2018⁵². Na ocasião, a discussão que tentara produzir foi neutralizada e a aprendiz entendeu essa neutralização como um sinal de que alguns assuntos, naquele momento, não eram importantes ali:

(...) Outra questão que para mim foi relevante foi o de estar na horta nesse processo que a gente viveu de eleição, que foi completamente traumático para todo mundo... E na própria horta tinha pessoas que tinham pensamentos políticos completamente diferentes, e, isso não fez com que a horta deixasse de funcionar, não fez com que eu, por mais que eu tinha vontade de esganar umas pessoas sabe? Tipo “como é que essas pessoas pensam desse jeito?”... Parece que quando eu estava na horta, e isso é muito louco, eu esquecia... Eu esquecia que essas pessoas pensavam desse outro modo sabe? Porque outros tipos de sentimentos e de parcerias preponderavam ali, e que eram mais importantes para o fazer da horta naquele momento, para a vida da horta, do que pautar sobre a questão política e partidária... E teve até situações assim em que eu tentei fazer uma conversa assim sabe? E fui tipo podada sabe... E fiquei chateada...E ah, não porque eu fui podada, mas era porque não era um espaço para ninguém ser podado sabe? Naquela lógica de que na Horta a gente sempre levava essas discussões numa boa assim... E aí quando eu senti isso eu pensei “tá ok!”... Não dá para conversar sobre isso, ok, não vamos conversar sobre isso porque conversar sobre isso não é o mais relevante aqui nesse momento pelo que me mostram... Então isso assim foi um grande aprendizado para mim, eu saí da horta, ah, muito feliz sabe? Eu digo que saí porque de fato eu saí... Não queria, tanto que eu falei para o Fabrício que eu vou retornar... Que eu quero continuar sendo voluntária, mas daí a vida deu uma reviravolta e tal... Então esse aprendizados assim foram muito fortes para mim... (Janafina. *Entrevista*, p. 31).

No período eleitoral nossa interlocutora quis estabelecer conversas sobre seu candidato e não teve boa recepção. Espantou-se, mas ao mesmo tempo, compreendeu que não necessariamente as pessoas que estão aderidas à pauta da agricultura urbana comungam do mesmo posicionamento político partidário, do mesmo candidato. Nem

⁵² Após o golpe de 2016, que ocasionou o impedimento do mandato da presidenta Dilma Rousseff, o então vice-presidente Michel Temer assume o poder e lança mão de uma política devastadora de congelamento dos gastos públicos que implicou na retração de políticas públicas de toda ordem. Em 2018 iniciou-se então o processo de campanha eleitoral e, sendo o candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, líder das pesquisas, um segundo golpe antidemocrático toma forma no país. Esse movimento culmina na prisão do ex-presidente, impedindo-o de concorrer no primeiro turno. O processo eleitoral segue acontecendo e chegam ao segundo turno das eleições o candidato Fernando Haddad (do Partido dos Trabalhadores) e o atual presidente deste país, oriundo de um partido praticamente inexistente em termos da história política brasileira. Tal sujeito é conhecido por suas declarações misóginas, xenófobas, racistas e antidemocráticas. A violência de seu discurso ressoou em um processo eleitoral violento. As eleições de 2018 são um trauma na história de nosso país pois seu processo envolveu um grande volume de circulação de notícias falsas sobre os candidatos bem como assassinatos por motivação de discordância política. Um caso emblemático da violência desse processo eleitoral é a morte de Moa do Katendê, mestre de capoeira e educador, eleitor do Partido dos Trabalhadores que conversava sobre política com seu irmão em um bar de Salvador (no estado brasileiro da Bahia) quando foi morto a facadas por um eleitor do partido de oposição do referido sujeito governante. Esta breve nota de rodapé não diz quase nada sobre o horror vivido no período mas tem o intuito de localizar o leitor no contexto citado pela interlocutora. Infelizmente tudo isso seria apenas o prelúdio da barbárie que viveríamos a partir desta eleição.

sempre há correspondência entre praticar horta urbana, produzindo alimento sem agrotóxico, e votar em candidatos que apoiem tais práticas. É possível ser praticante de horta urbana, vinculado a um espaço comunitário que promove relações cooperativas e ainda assim votar em um candidato que tenha como objetivo de suas políticas voltadas ao meio ambiente “passar a boiada”⁵³.

Cada sujeito ali envolvido naquela comunidade de práticas também ocupa posições em outras comunidades adjacentes. Como temos dito, os participantes desse espaços são cada um uma legião. É possível ser hortelão, evangélico, torcedor do inter e militar em vias de se aposentar, tudo ao mesmo tempo, por exemplo. Qual dessas diferentes posições ocupadas prepondera na hora de escolher o candidato? Janaína, pelo que nos conta, aprende, cultivando horta, que não necessariamente é a posição de hortelão urbano romantizada que havia cultivado para si, que prepondera nesse momento.

Aprendemos, como Janaína, a complexidade desse arranjo comunitário também pela interdição dessa pauta. Em outubro de 2018 chegamos à Horta adesivados com o número de nosso candidato e observamos diferentes olhares. Ao mesmo tempo em que separávamos sementes “xoxas” de sementes boas para o plantio, compreendíamos pelos distintos olhares a complexidade desse espaço na pele. Nada nos foi dito a respeito, mas como disse Janaína, entendemos que o assunto não era possível, naquele momento, ali. Talvez o que os hortelões mais experientes queriam nos indicar é que naquele momento, não trazer o assunto à baila era um “comportamento coletivo favorável” (ENGUITA, 1989, p. 6) e entender que “ok, não vamos conversar sobre isso porque conversar sobre isso não é o mais relevante aqui” (Janaína. *Entrevista*, p.31.) é, talvez, uma prova da adesão.

Fica evidente o que temos discutido até agora sobre a heterogeneidade dos espaços comunitários ao mesmo tempo em que também fica evidente o quanto, em termos reflexivos, tais experiências podem acarretar. Tendo em vista estas reflexões enxergamos os limites da afirmação de Wenger (2001, p. 225) quando refere-se à criação de uma “sólida comunidade” a partir do que chamamos aqui de estabelecimento de uma cadeia de equivalências (LACLAU, 2013):

⁵³ *Passar a boiada* foi o termo utilizado pelo ministro do Meio Ambiente do atual governo brasileiro quando referia-se a uma necessária (desde seu ponto de vista e do projeto político que defende) simplificação dos processos de Licenciamento Ambiental no país. Em reunião ministerial em abril de 2020 o referido ministro salientou a necessidade de *passar a boiada* enquanto todos estivessem com a atenção voltada à pandemia. *Passar a boiada*, neste sentido, se constituiu como sinônimo de criar condições para desprezar e invalidar a legislação ambiental brasileira e as políticas públicas ligadas ao meio ambiente.

(...) um movimento como o ecologismo está constituído por uma coleção de motivações, crenças, e paixões que podem ter origens muito diferentes para distintos participantes. Porém, o alinhamento com a ideia de proteger o entorno cria uma imensa comunidade unida ao redor de um objetivo comum. Um biólogo positivista e um seguidos da nova era que vê nosso planeta como um ser vivo pode ser que não estejam de acordo em muitas coisas, mas assistirão a mesma reunião, dispostos a esquecerem-se de todas as suas diferenças e a unir suas forças para salvar os pântanos. Esse tipo de lealdade pode galvanizar as energias até o extremo de criar uma sólida comunidade.

Independentemente do alinhamento, do estabelecimento de cadeias de equivalência, acreditamos que não há a formação de uma “sólida comunidade”. Como temos afirmado até agora, o que define um espaço comunitário como lugar de aprendizagem é justamente o exercício político em torno da busca em contemplar os diferentes sujeitos díspares que ali coexistem, no caso, que coexistem na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. A estabilidade a que se refere Wenger (2001), ao que nos parece, é contingente, precária, e momentânea.

4.1.3 Aprender na mobilidade das distintas modalidades de participação

Aprender a ser parte da iniciativa comunitária da Horta da Lomba passa por transitar entre diferentes práticas e por diferentes formas de participar das mesmas. Apresentaremos nessa seção situações representativas das diferentes modalidades pelas quais as aprendizes foram percorrendo ao longo do tempo segundo seus relatos.

Segundo Wenger (2001) as relações nas comunidades de prática são estabelecidas pela negociação de significados entre sujeitos que exercem diversos graus ou modalidades de participação. As distintas modalidades envolvem flexibilidade e se apresentam em um espectro. São definidas por Wenger (2001 *apud* IPIRANGA et al, 2005) como: *grupo principal* – um grupo pequeno de pessoas cuja paixão e envolvimento energiza a comunidade de prática; *participação completa (membro total)* – indivíduo reconhecido como praticante e que define a comunidade; *participação periférica* – pessoa que pertence à comunidade, mas com grau menor de envolvimento, tanto por ainda ser considerada novata, como por não ter muito compromisso pessoal com a prática; *participação transacional* (ou ocasional) – pessoa de fora da comunidade que, ocasionalmente, interage com ela, visando receber ou fornecer serviços. Não é, necessariamente, membro da comunidade; *acesso passivo* – uma ampla diversidade de pessoas com acesso aos artefatos produzidos pela comunidade, como, por exemplo, suas publicações, seus sites na web ou suas ferramentas.

Para Lave (1991) e Wenger (2001) na comunidade, um novato aprende com os praticantes mais experientes quando tem a permissão de participar de certas tarefas que se relacionam com a prática. Com o tempo, este move-se da participação periférica para a participação completa. O periférico aí não é um conceito físico, na medida em que central e periférico não são uma simples medida da quantidade de conhecimento que se adquiriu. Os termos participação periférica e participação completa são usados para denotar o grau de engajamento e participação na comunidade (LAVE e WENGER, 1991).

Desde nossas experiências em campo, tivemos dificuldades em perceber as distintas modalidades de participação e por isso recorremos a apenas duas delas: aprendizes e participantes/praticantes mais experientes. Utilizamos aprendizes como sinônimo de participantes periféricos e participantes/praticantes mais experientes como sinônimos dos sujeitos que exercem participação plena. Desde nossa perspectiva, a diferença entre esses sujeitos está na mobilidade que exercem na comunidade de práticas. A participação plena, tomando os termos de Wenger (2001) se faz à medida que o sujeito exerce a manutenção da comunidade de práticas e também a conectividade entre diferentes comunidades adjacentes. A comunidade de práticas analisada abrange diferentes possibilidades de participação bem como é atravessada/constituída por diferentes práticas. As práticas que constituem a comunidade em questão se fazem daquela particular forma naquela comunidade, mas podem se expandir para além dela, em comunidades adjacentes. Os sujeitos díspares, sempre móveis, no trânsito entre as diferentes práticas e modalidades ao mesmo tempo em que constituem a comunidade em questão a expandem por expandirem as possibilidades de si mesmos.

Transitar pelas diferentes práticas não tem a ver com falta de organização ou falta de um plano em relação a este aprendiz. Há habilidades (INGOLD, 2010) que estão sendo tensionadas, a de entender que o seu conhecimento é finito e que por isso é necessária a abertura para colocar-se no lugar de pessoa que pergunta, parece ser uma delas:

(...) Mas é isso né, não é só chegar e ir plantando, tem que ir perguntando de como colocar as mudinhas...Porque também é um local que está assim há anos, e às vezes tem um lugar que não tem um solo tão adequado e é as pessoas que têm esse conhecimento, sabem qual é o local mais adequado para tal planta medicinal, e hortaliça...(Renata. *Entrevista*, p. 13).

A pergunta é necessária para aprender a participar e a aprendizagem por meio das distintas modalidades de participação e pelo trânsito entre elas não é processo linear,

intuitivo. Há uma diversidade de práticas pelas quais os aprendizes vão sendo expostos, integrando-as aos poucos:

(...) eu sempre chegava quando eu ia de manhã e perguntava para a Mirtes: “Mirtes, o que tem que eu possa ajudar? Que eu possa contribuir?” Daí ela sempre me orientava: “Ah tal coisa... Faz tal coisa!”. Colher alguma planta com o pessoal... “Vai regar!” Enfim, quando estava muito quente, era praticamente sempre isso... Regar os canteiros e plantas. Então eu chegava lá e a Mirtes já estava há muito tempo antes de mim né... Porque eu comecei a chegar um pouquinho mais tarde também... Antes eu tinha mania de chegar muito cedo... E às vezes não tinha ninguém ainda, e aí tu mesma foi uma das pessoas que me disse assim de sugerir: “Chega só um pouquinho mais tarde...”. Então a minha rotina de trabalho era essa. Supria as demandas que a Mirtes de manhã principalmente me trazia e quando não tinha essas demandas fora do viveiro de mudas, eu ficava no viveiro de mudas... E de tarde era basicamente no viveiro de mudas, (...) quase sempre eu ficava no viveiro de mudas... E daí depois de um tempo quando tinha visitas escolares, eu ajudava ele (refere-se a Fabrício) a conduzir as visitas. Isso foi muito legal também porque no início eu ficava morrendo de medo... Mesmo já tendo trabalhado com jovem, com criança, com educação... Era um espaço muito novo então eu ficava com medo assim de errar alguma coisa. De falar alguma coisa que não era bem o que eu tinha que falar da história da Horta... Ou de mostrar um chá errado. Eu lembro assim que eu não conhecia muito... Gosto muito de planta, gosto muito de tudo que envolva esse universo, mas é muita coisa... Então quando tinha que falar alguma coisa às vezes o Fabrício me socorria assim... E foi um grande aprendizado assim... E lidar com as crianças, a maioria das visitas que eu ajudei ele foram de turminhas mais pequenininhas assim. De crianças mesmo, bem jovens... E foi muito legal! (Janaína. *Entrevista*, p. 21).

Há uma flexibilidade no exercício das práticas, no trânsito entre uma ação e outra, mas há também quem possa mediar esse trânsito, um mediador que facilita essa mobilidade. Há um passo a passo a ser feito, que vai sendo entendido conforme o exercício dentro da prática ocorre, mas também porque se está praticando com alguém, ali, “bisbilhotando”, olhando fazer, fazendo e aprendendo. E é nessa mobilidade da coprodução que se entende o sentido do empreendimento comum, como em um lapso, um instante de “se sentir parte de uma comunidade”, como nos conta Jussara:

(...) Tu não entra aqui e bate um cartão e sai assim que nem um soldadinho marchando e vamo por que sim. É flexível, assim como tu está em um lugar, tu pode estar em outro... Assim como tu pode estar colocando uma semente na terra lá de um lado, e daí tu já vai saber plantar aquela coisa... Por exemplo, hoje foi 38 sementes do pinheiro castanho que foram plantadas ali né?! (*Aponta na direção da estufa de mudas...*) Aí tu pensa assim: “Bah vou lá plantar... É só enfiar a semente na terra.” Tá, tem que enfiar na terra mesmo, mas vai ter alguém pra te dizer que tu vai pegar uma caixinha de leite, tu vai cortar, porque tem que cortar para drenar e não apodrecer a semente dentro... Daí tu vai botar terra ali, numa proporção mais ou menos certa, nem rasa nem muita terra, daí tu vai pressionar um pouco a terra, pra não deixar muito solto e vai botar uma aguinha. Depois vai colocar a semente... E aí tu já vai saber que vai deixar na sombra. Depois que ela germinar, tu vai botar ela no sol... Aí tem um passo a passo mas não é uma coisa assim rigidamente... É que tu está ali com alguém que sabe, tu

tá ali, já está lá bisbilhotando, olhando fazer... Faz com a pessoa e aprende. Daí já depois vê o pé de caqui, já foi ver os Hibiscos, e a todo momento já dá pra admirar alguma coisa. Tem cada coisa linda... Viu que coisa mais linda que está aquele girassol lá? Aquelas roseiras? Eu não consigo passar perto dos peixinhos da horta e não dar uma olhadinha neles sabe?! Porque daí tu vê que ele tá gordinho, como estão as folhas... Experiência específica daí acho que são tantas sabe?! Para mim tudo que é marcante está também relacionado às pessoas... O dia que eu vim antes daquela oficina que teve das hortas urbanas que houve, um dia antes eu fui com o Marcelo e a gente tava abrindo ali para fazer composteira. Muito gratificante tu fazer parte, tu se sentir parte de uma comunidade. (...) (Jussara. *Entrevista*, p. 19-20).

Jussara percebe que talvez haja um a passo a passo para fazer determinadas atividades, mas não há uma rotina estruturada. O que precisa ser feito baseia-se na leitura dos que estão ali implicados, que perguntam uns aos outros, avaliam juntos:

(...) Cada vez que tu vem na horta tu sai com alguma coisa, porque tu aprendeu sempre algo. Nunca é uma coisa assim “puxa hoje eu fui na horta e fiz uma coisa que é rotina...” Não existe uma rotina desse jeito assim, a gente sabe que tem passo a passo de coisas... Por exemplo se tu vai plantar, tem que ver aonde que vai plantar, qual é a luminosidade que vai precisar, o que vai ter na volta, quais as plantas que gostam de ter plantinhas grudadas nelas, por que tem outras que não gostam... Daí a gente tem que preparar a terra. E pra isso existe mais um passo a passo, mas não tem rotina (Jussara. *Entrevista*, p. 18).

Em que pese o fato de não existir uma fixidez nos modos de participação, pois não há um cronograma pré-fixado de atividades para os aprendizes, há um ponto que parece comum, a itinerância nas práticas. Alana, ao ser perguntada sobre o que faz no cotidiano, lista uma série de práticas das quais já participou:

L: Tu consegue dizer assim o que tu faz aqui... Qual é a tua participação aqui, o que tu faz na horta?

A: (...) eu capino, eu faço muda, ah, coleteo matéria orgânica para colocar nos canteiros, enfim, ah, algumas coisas que envolvem a coisa da horta assim, neh, mas eu estava pensando o que eu enquanto técnica em meio ambiente faço de diferente de outro voluntário? Eu acho que é nada assim, hahahaha... Eu acho que todo mundo aqui tem meio que as mesmas atividades, os mesmos, enfim... A mesma importância assim... Então não tem uma hierarquia do tipo assim “ah porque eu fiz um curso e eu sei enfim...” Até porque eu estou aqui enquanto estagiária de um curso de técnico em meio ambiente, mas eu estou fazendo o que é a demanda da horta... Então eu faço o que todo mundo faz, o que a horta precisa, entendeu? Eu estava me questionando isso né?! E que massa, que massa na real... Que está todo mundo aqui e todo mundo pegando junto e fazendo junto e construindo esse espaço junto...(Alana. *Entrevista*, p. 4-5).

O Alana comenta sobre sua formação não ser um ponto de atenção em relação ao que faz ou deixa de fazer na dinâmica da Horta Comunitária. A escolaridade não é ponto importante, se alguém tem uma formação ou conhecimento específico e que pode ser

compartilhado no coletivo, certamente em algum momento, nestes trânsitos, esse conhecimento será “aproveitado” nas dinâmicas. Mas isso não coloca o sujeito em uma posição de autoridade. Até por que não interessando a formação de quem trabalha ali nos canteiros, o aprender a fazer horta se dá “com quem estiver no entorno, envolvida na atividade”. O conhecimento assim vai sendo construído na coprodução do que se vem a fazer:

L: E tu falou uma série de práticas, que tu faz assim, que tu tem feito... E tu consegue localizar assim quem te ensinou? Como tu aprendeu a fazer as coisas?⁵⁴

A: Pois é, eu acho que estou sempre aprendendo assim, sempre que “ah vamos fazer a seguinte atividade”... Então vou aprendendo com muitas pessoas, com quem estiver no entorno, envolvida na atividade... Acho que aquele conhecimento vai sendo passado por aquela pessoa assim, e por diversas pessoas que passam por esse espaço e passam por essa atividade. Enfim, desde os representantes da horta assim até as pessoas que chegam... Voluntárias, estagiárias, enfim...(Alana. *Entrevista*, p. 5).

Não nos parece haver um movimento de exclusão que impeça as pessoas de transitarem entre as diferentes práticas que constituem a Horta Comunitária. Se os sujeitos estão interessados, abertos a compreender e a coproduzir as práticas em conjunto e possuem tempo a disponibilizar, poderão praticar Horta Comunitária. Não há nem *marginalidades da competência* (ou seja, membros que não podem ser participantes de plenos direitos) e nem *marginalidade da experiência* (certas experiências não são plausíveis mas reprimidas, depreciadas ou temidas) como define Wenger (2001, p. 261). Há sempre margem para a negociabilidade, para o arranjo entre as diferenças, que tende a circunscrever a demanda comum, como nos diz Maria Firmina:

(...) Na Horta era todo mundo igual... Todo mundo tentava se ajudar, queria que as coisas dessem certo mas para todo mundo sabe?! Sem eu querer ser melhor que tu, sabe? Essa coisa de competição mesmo eu sentia muito isso dentro da UFRGS... Em todos os laboratórios que eu passei e nos que eu não passei também ouvi falar bastante... E eu sinto que lá na horta não sabe?! Que as pessoas estavam reunidas por um objetivo comum...Eu acho que não aquela coisa de tentar fazer sozinho, enfim, acho que tinha essa coisa da união mesmo. (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 10).

⁵⁴ A entrevista com Alana foi a primeira entrevista e esse trecho serviu muito para que me desse conta de como o binômio ensino-aprendizagem estava sendo operado na formulação da pergunta. Na pergunta lançada à Alana recaio no entendimento de que só se aprende por meio do ensino e depois tendo me dado conta, tento reformular. Fica evidente aí a marca, os vícios de meu percurso enquanto professora. Daí a necessidade de reinvenção, como apontamos na Introdução da tese.

Aprende-se com as pessoas - pelo que dizem - mas também pelo que se faz junto com elas. Ao pegar na enxada, por exemplo, e coproduzir a capina junto aos outros, aos praticantes mais experientes e também junto aos que contribuem de diferentes formas, independentemente de suas modalidades de participação, colando-se às suas práticas:

L: E como tu chegastes a começar a fazer cada coisa dessas que tu cita?

R: Ah eu aprendi muitas coisas com ela (*refere-se à Mirtes*) e claro com essa prática. Ela sempre tinha um comentário, em relação até de como surgiu essa horta, e também à várias coisas como esses quebra ventos, tudo isso... A não utilização de agrotóxicos... Falava que a Horta ali é agroecológica... É uma horta agroecológica... Então sempre essa aprendizagem foi assim, pegando a enxada mesmo neh?! E ali junto colada com o Chico, e o professor Fabrício, e como todas as pessoas que nas terças feiras estavam ali... (Renata. *Entrevista*, p. 5).

Ao ser perguntada sobre seu cotidiano na Horta, Maria Firmina diz das muitas atividades que pelas quais passou. Interessante perceber que atribui essa mobilidade à sua condição de estagiária, mas tendo acompanhado as dinâmicas em campo, percebemos que este trânsito parece não se relacionar a isso apenas, mas à compreensão dos processos que constituem o lugar. É possível também que essa mobilidade seja uma estratégia de captura desse que chega, à medida que o aprendiz não fará só o serviço pesado, mas sim todo tipo de serviço que estiver disposto a fazer e que também for necessário.

L: (...) Mas me conta do cotidiano... Como que era teu cotidiano lá? O que tu fazia?

M: Tá! Eu fiz várias funções assim... O combinado era eu exercer várias funções... Um pouquinho em cada, e depois poder colocar isso no relatório assim de estágio... Porque como era um estágio curricular, eu acabei meio fazendo um pouco de tudo assim?! Mas mais para o final eu estava focada em um ponto, como eu já tinha passado por diversos locais, mais para o final eu já estava mais focada ali na estufa... Que era meio que cuidando... Cuidava mais das mudinhas né?!, Já que eu já tinha aprendido a fazer, fiquei cuidando das mudinhas... Fiquei na parte de molhar as plantas na estufa, de arrumar os vasilhinhos enfim... Aí acabei ficando mais ali... Então normalmente eu ia para lá de manhã, chegava lá de manhã e molhava as plantas da estufa, o que precisava molhar... Às vezes tinha reunião, ou alguma coisa dos grupos... Às vezes tinha alguma coisa, alguma aula, alguma coisa, geralmente tinha... Então a gente ficava nessas aulas e depois ia para as atividades... Eu ajudava também na questão dos canteiros, de arrumar os canteiros para o plantio, e aí eu acho que eu ficava mais nessas partes... Mas de início, eu participei de tudo assim...Tentei participar de todas as etapas, e acabei me pegando mais na estufa... E acho que era basicamente isso a rotina. Eu chegava lá de manhã, participava de algum evento, alguma aula que tivesse, se tivesse acontecendo e se não tivesse acontecendo já ia direto para a estufa para fazer essa parte de cuidado das mudinhas, das plantas... (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 6).

Algo também nos salta aos olhos na fala de Maria Firmina, a palavra “aula”. Ela também participava de “aulas” na Horta Comunitária. E é curioso perceber que na Horta

também aconteciam práticas muito parecidas com o que convencionamos a chamar de aulas. Só que lá são chamadas de oficinas. E são assim chamadas pelos hortelões pois envolvem um planejamento prévio, uma divisão de tarefas estruturada e um “fazer algo” de modo diretivo. Por exemplo, em uma oficina de xaropes para tosse, há o planejamento estruturado de quem irá colher as ervas, o convite a pessoas externas à iniciativa da Horta, e no dia, um responsável irá ser o articulador. Todos que desejam irão realizar diferentes etapas de sua produção, mas ainda assim há uma hora em que há uma explicação mais formal sobre o processo. Nas oficinas, ou “aulas” como chama Maria Firmina, há como se fosse uma marcação entre teoria e prática. Interessante perceber que a explicação mais formal envolve inclusive um registro em papel. No caso da Oficina de Xarope, por exemplo, circulam entre os participantes uma pequena folha com o passo a passo da receita e as propriedades de seus ingredientes. Por este motivo temos ditos que, por mais que este espaço seja um espaço não escolar, ainda assim apresenta marcadores de funcionamento escolares em momentos pontuais.

As aprendizes que entrevistamos também puderam promover oficinas, na verdade, são até estimuladas a isso pelos outros praticantes, para que também “levem seus saberes para a Horta” (Mirtes. Diário de Campo, janeiro de 2019). Janaína promoveu uma oficina de Mini Herbário (figura 23), envolvendo o processo de secagem e prensagem de plantas para confecção de exsicatas⁵⁵. O intuito da Janaína e Bia, que também formulou essa oficina, era que as pessoas conhecessem com detalhes as plantas da Horta Comunitária, e que além disso a Horta tivesse uma espécie de acervo, catálogo sobre as espécies cultivadas.

A oficina aconteceu e teve grande adesão de participantes mais experientes moradores da Lomba do Pinheiro. No entanto, a secagem das plantas para esse fim não continuou tendo sequência a longo prazo, o que nos leva a pensar que talvez catalogar as plantas não seja prioridade para o grupo no momento. Interessante perceber que a proposta de “formar um acervo de plantas secas” para o reconhecimento das mesmas veio de uma aprendiz que tem uma trajetória fortemente escolarizada, que se reconhece no lugar que não-prática, ou seja, teve ainda pouca vivências relacionadas ao plantio naquela comunidade de práticas.

⁵⁵ Exsicata é uma amostra de planta ou alga que é prensada e em seguida seca numa estufa, com temperatura apropriada para o material, que posteriormente são fixadas em uma cartolina de tamanho padrão (A3) acompanhadas de uma etiqueta ou rótulo contendo informações sobre o vegetal, coletor, identificador do material, data de coleta e local, para fins de estudos nas áreas de botânica. Exsicatas geralmente são guardadas em herbários, de modo a serem conservadas por anos. Disponível em

Desde a nossa perspectiva, pelo que observamos, a aderência das pessoas à oficina de Mini Herbário promovida teve amplitude maior pela “inovação estética” da maneira como as plantas estavam sendo apresentadas e também pelo tipo de organização escolar de como a oficina ocorreu, do que propriamente por um interesse para uso *a posteriori* do acervo de tais materiais. Nos arriscamos a dizer que a participação teve uma cara de “*reencontro com a escola*”, tanto pela maneira como foi conduzida - repleta de explicações com termos técnicos precisos - quanto pelos materiais disponíveis para o uso das pessoas – colas, tesouras, canetas, lápis, cartolinas, fitas adesivas entre outros. Tudo aquilo lembrava também um grande trabalho escolar em grupo. Dona Camélia, praticante mais experiente, me deu as pistas do que o encontro a fazia lembrar ao me pedir um favor:

Dona Camélia: Escreve aqui pra mim filha? Que eu esqueci os óculos... Sabe que eu adorava essas coisa de colar no meu tempo de colégio?
Baixa o tom da voz e quase como um baixo resmungo continua.
Dona Camélia: Mas sabe que eu não pude estudá muito...
Eu a olho, pego o lápis e escrevo para ela. Camélia fica em silêncio olhando para folha enquanto escrevo e eu me demoro tentando fazer uma letra melhor do que faço usualmente. Chico que está ao nosso lado exclama:
Chico: Ficou bonito isso daqui né?! (refere-se à planta já seca e fixada à folha).
Dona Camélia ri, afirmando com a cabeça. Vendo que escrevo para Dona Camélia, outras pessoas me chamam para ajudar na escrita. Eu vou. Ajuda-me na tarefa agora uma criança que ainda não sei o nome. (...) Acho que hoje a escola visitou a Horta. (Diário de Campo, dezembro de 2018).



Figura 23. Imagens da Oficina de Mini Herbário – Início da prensagem das plantas dias antes para secagem; Grupo confeccionando as exsicatas na oficina; Criança escrevendo dados na exsicata ; Participante colando as fitas para fixação da planta seca; Exemplar de exsicata já concluída. Fonte: Acervo da autora.

A oficina de Mini Herbário, no entanto, garantiu um grande desafio às aprendizes, conforme nos conta Janaína:

L: Como foi essa experiência?

J: A oficina foi pensada durante muito tempo... Eu e a Bia, aliás, isso é uma coisa importante Lilian, deixa eu te falar... Para falar da oficina eu preciso falar disso. Que eu comecei a falar para as pessoas⁵⁶ sobre a Horta quando eu ia para a aula, quando eu ia para o Jardim Botânico, quando eu ia para todos os lugares eu falava da Horta. E numa dessas eu falei, nem sei se foi pessoalmente ou se foi pelo Instagram, ou se foi por algum outro lugar... E uma colega minha que é a Bia, que é uma colega minha que agora está no Japão, ela viu e veio falar comigo... Mas assim, a gente nunca foi próximas... A gente era colega da Biologia só. E a gente não se falava muito assim... Na verdade a gente só se dava oi. Daí ela disse “eu quero ir para a Horta!”. E aí ela começou a ir para a Horta, aí ela morava na Ipiranga, muito perto da minha casa...Aí a gente se encontrava em uma parada, que era meio do caminho das duas, e pegava o ônibus e ia toda terça de manhã para a Horta. Então a oficina ela foi pensada junto com a Bia, desde o início... Tipo, eu só aceitei, digamos assim, o desafio de fazer a oficina porque ela foi minha parceira e eu fui parceira dela nesse processo sabe? Porque eu considerava um grande desafio, eu pensava: “Como que eu vou fazer uma oficina na Horta?”, “Como que a gente vai colher as plantas e prensar plantas e a gente não tem material?” “A gente não tem material!”. Então tudo na minha cabeça era desafio, eu super pessimista parece...Mas não é, era realmente uma coisa que precisava ser muito bem pensada, e essa questão de que eu sabia no início que eu disse assim: “Bia, se a gente fizer uma oficina o pessoal vai gostar muito sabe! Eu quero muito levar essa ideia adiante...” Então, dito e feito. Eu queria muito que continuasse essa ideia de fazer o catálogo das plantas que era uma ideia que já existia antes de eu estar na Horta. E a oficina marcou isso... Eu nunca tinha estado no lugar de ensinar algo que fosse em um espaço comunitário, tipo em uma horta! (Janaína. *Entrevista*, p. 26).

Para Janaína, transitar nesse lugar de quem também “ensina” foi algo importante, no sentido de que teve a oportunidade de compreender que também poderia contribuir na Horta Comunitária trazendo seus conhecimentos, e que isso também tinha espaço e era, nas suas palavras “legítimo e necessário”:

(...) Foi assim uma grande novidade para mim e eu fiquei muito feliz. Quando eu lembro assim de quando a gente começou a falar, às vezes a Ana chegava assim e falava: “ah, vamos falar um pouco mais devagar e não sei o que...” Sempre pra gente conseguir chegar em todo mundo sabe? Que era muita novidade... Mas quando eu vi as pessoas montando as exsiccatas e colocando... E mostrando como tinham feito, e mostrando orgulhosas... Eu pensava: “Gente, que coisa linda!” E também foi bom para eu ver que sim, eu estava ali para contribuir também sabe? Porque como eu te disse sabe... Eu assumi esse papel às vezes de não saber que eu estava ensinando também na horta. Quando a gente vai pra lá a gente percebe que a gente recebe muito, e como pessoa de fora eu sabia que quem recebia ou que deveria receber mais era quem era da Lomba, porque aquele espaço era para aquelas pessoas...Mas inevitavelmente a gente recebe mais, e não pode, a gente

⁵⁶ Importante ressaltar aqui que a adesão/filiação de Janaína à comunidade de práticas resultou na divulgação da experiência em distintos campos onde circulava e fez com que novos membros também se agregassem à iniciativa, pelo menos temporariamente. O relato de Janaína também causou um efeito em Bia - “eu quero ir para a Horta!” - e elas passaram a frequentar os espaços juntas.

também esquece que a gente também tá lá ensinando, como eu te falei que as pessoas mais velhas esqueciam, eu também muitas vezes esqueci disso. Então essa oficina foi importante para me mostrar que sim, eu estava contribuindo para aquele espaço e que isso é legítimo... Legítimo e necessário. Então foi muito importante para mim enquanto pessoa tipo de restaurar assim essa paixão de, proporcionar um processo de ensino-aprendizagem que seja proveitoso, que seja alegre, que seja possível para aquele espaço. Eu fiquei muito orgulhosa depois assim, eu queria até ter feito alguma avaliação assim falada, para ver o que o pessoal tinha achado, mas no fim foi lá no mesmo dia e o pessoal disse que gostou enfim... (Janaína. *Entrevista*, p. 26).

Janaína traz marcas de sua formação na Licenciatura em Ciências Biológicas ao trazer o binômio ensino-aprendizagem para a nossa conversa na entrevista. Deu a ver deste modo que talvez entenda estes dois processos como intrinsecamente relacionados. Entendemos que essa percepção da aprendiz dá condições de possibilidade para que seja, de certa forma, capturada pela estratégia dos praticantes experientes. Suspeitamos que o orgulho da aprendiz de estar nesse lugar “de ensino” turve o entendimento possível de que ao estar nesse lugar também se compromete publicamente, e ainda mais, com o compromisso mútuo ali existente, que é o de estar como praticante e tocando adiante o projeto da Horta Comunitária. Seria essa modalidade de participação também uma estratégia política para filiação? Pois pensamos que sim à medida em que projeta a aprendiz para um visibilidade antes não experimentada. Só que essa projeção talvez também impõe à aprendiz uma necessidade – a de continuar ali, coproduzindo a Horta Comunitária.

Assim como Janaína, Maria Firmina também pode promover uma oficina, a sua teve como tema os insetos benéficos à horta. Maria Firmina sentiu-se também muito valorizada ao poder transitar nesta modalidade:

L: Me diz uma coisa... Eu lembro que uma vez tu fez uma oficina lá...Me fala dessa experiência um pouco...

M: Sim, nossa acho que foi uma das melhores coisas assim que eu tive na horta... Ah, então, isso fazia parte do meu relatório de estágio... Isso seria uma das coisas que eu levaria...Oficinas para a horta...Aí eu conversei com o Fabrício, conversei com a Mirtes também para a gente ver sobre o que poderia ser... Porque na verdade toda as coisa que tem na horta, todo mundo sabia mais que eu porque eu estava ali para aprender né?! Então eu tentei levar uma coisa que eu tinha o conhecimento, então como eu tinha acabado de sair do laboratório que eu fiquei 2 anos lá na entomologia, eu tentei associar o que eu tinha visto no meu laboratório com o que eu estava vendo na horta... E aí como eu trabalhava com insetos lá, eu levei uma oficina de insetos e falei de insetos que traziam benefícios para horta... Daí eu lembro que foram duas oficinas, um dia foi para as crianças e um dia foi mais geral assim... As duas foram muito boas. As duas tinham muita gente, mas a primeira que eu fiz para as crianças assim e para os adolescentes tinham uns adolescentes maiores, eu lembro que foi muito boa assim porque rolou uma discussão. Foi realmente uma discussão...Eles conversavam, eles faziam perguntas, eles estavam realmente interessados... E eu

acho que foi muito bom assim, eu consegui aprender muito com eles... A Mirtes também e deu uma ajuda ali na dinâmica... Aprendi muito com eles e também acho que eles levaram muita coisa dessa oficina, eles estavam bem interessados... Eu fiz umas figuras, como não tinha energia elétrica, não podia usar enfim, *powerpoint* nada... Eu fiz umas figuras, uns cartazinhos assim, e levei para eles para mostrar... Porque para criança é bom né?! O visual chama muito?! Daí eu pensei: “Bah, só eu ficar falando lá eles não vão nem dar bola... Aí eu levei e eu lembro que eles gostaram bastante...” A gente conversou sobre cada inseto, sobre o que eles poderiam trazer de benefício para a horta... E foi interessante assim eu curti bastante. E foi essa oficina que eu fiz, até teria uma outra oficina, que eu até ia fazer com uma outra menina lá da horta, que era sobre papel... Sobre como reciclar papel... Mas daí ficaria um pouco complicado assim a dinâmica, a logística... Daí a gente acabou não fazendo. (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 8).

Assim como Janaína, Maria também teve como base para formular a oficina uma conversa com praticantes mais experientes. As oficinas nunca acontecem sem que antes haja este momento de orientação prévia. Nesse momento, em geral, há um fluxo de negociação entre o que é demanda da Horta Comunitária e o que é possível ser oferecido tendo em vista os conhecimentos prévios daquele aprendiz. Para além desse momento, no dia da oficina, os praticantes mais experientes não deixam as aprendizes sozinhas nas oficinas, como relata Maria Firmina. Mesmo que quem esteja na posição central naquele momento seja a aprendiz, há o apoio de um ou mais praticantes experientes:

L: Quando tu estava contando dessa oficina tu diz que a Mirtes te ajudou... Me explica isso...

M: Então, ela estava junto com as crianças... Daí eu lembro que eu falava de um inseto, sei lá, da Joanhinha... Aí eu falava, perguntava para eles o que eles sabiam, o que eles conheciam... Aí eu falava o que esse inseto poderia trazer de benefícios. Aí eu falei um pouco também dos insetos serem maioria enfim... Que é um grupo muito grande e tal... E a Mirtes me ajudou muito, até trazendo informações novas... Ela tem aquela coisa mais prática da horta, daí ela falava das joaninhas... O que elas faziam, qual que era a importância delas realmente dentro da horta, como se criava a joanhinha... A gente falou sobre várias coisas, então ela me ajudou trazendo informações novas, então eu falava com os alunos, ela falava, eles falavam... Eu perguntava... E aí gerou uma discussão e tal, entre nós... Entre os alunos, as crianças, eu a Mirtes, bem legal assim... Bem interessante, bem importante porque a Mirtes trouxe bastante sobre a prática na horta. (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 8-9).

Nesse apoio a que se refere Maria, a praticante mais experiente traz o conhecimento encarnado sobre joaninhas, sobre o que elas fazem na Horta Comunitária. Mirtes, nas palavras de Maria, tem “aquela coisa mais prática da horta” e nesse fluxo traz novas informações expandindo os conhecimentos da aprendiz tanto em relação ao conteúdo sobre joaninhas, quando em relação à dinâmica com o grupo de crianças recebidas para a atividade.

Renata também mediou uma oficina na Horta. Conversou com Mirtes para chegar a um tema possível. Pensou-se então em uma oficina de travesseirinhos de ervas. Mirtes sugeriu o tema por dois motivos práticos: o primeiro deles é que ela sabia que muitas pessoas ali tinham dificuldades para dormir e o segundo deles é que fazer travesseiros de ervas também pode ser uma fonte de renda visto que, como lembra a própria Mirtes: “*Já viu que vendem esse tipo de travesseiros até em shopping!*”. Acompanhamos o processo de organização e desenvolvimento da oficina proposta por Renata (figura 24), que desde as primeiras tratativas demonstrou-se muito aberta às colocações de Mirtes, como nos conta:

(...)Um dia conversando com a Mirtes, que ela gosta de contar muita história, ela falava dos travesseiros de ervas, e ela mesmo sugeriu... Ela falou: “ah se tu quiser tu pode tu mesmo até fazer com as mulheres”. E eu achei muito interessante porque depois juntos fomos fazer as coletas das plantas (dos chás) claro com antecedência... Reunimos as mulheres que estavam ali e que já vinham nas terças-feiras... Então teve um dia lá que eu trouxe esse material (refere-se a tecidos de algodão cru, linhas coloridas e agulhas...) Ah, e foi depois da secagem desses chás... Então nós daí utilizamos para fazer os travesseiros, e eu vi que cada uma confeccionou seu travesseirinho ali, de cheiro, assim, conforme seu desejo...Com bordado, e o pessoal ficou ali empenhado... Até passou da hora. Achei isso super interessante, o pessoal gostou e outros muitos deram sugestão. Interessante assim, porque eu no máximo sabia costurar, mas bordar eu não estava muito não... Não estava inteirada não... E pensar assim que tinha uma ensinando a outra, ajudando, e ali tinha o pessoal mais velho, o pessoal mais novo, e outras amigas já trouxeram outras, e uma delas até começou o estágio lá. Isso em relação ao caso dessa confecção dos travesseirinhos... E depois disso uma até comentou que não estava mais utilizando remédios, comprimidos para dormir... Falou que com o próprio travesseirinho ela já conseguiu dormir, sabe que até hoje eu mesmo ainda tenho o meu travesseirinho também, já renovei porque de 6 em 6 meses a gente faz a troca, dos chás, então, eu já coloquei outros chazinhos e é muito bom mesmo... (Renata. *Entrevista*, p. 8).

Renata levou pedaços já cortados de tecidos de algodão cru e linhas para que as pessoas costurassem as capas dos travesseiros e os preenchessem com as ervas secas coletadas uma semana antes na Horta Comunitária. Foram usadas ervas consideradas calmantes como Lavanda, Cidró e Hortelã. Renata ao lembrar a oficina dá a ver o fato de que as participantes experientes se apropriaram de um modo muito particular da experiência. Além da costura e preenchimento do travesseiro, também bordaram – o que não estava na programação da aprendiz, apesar de ter trazido linhas coloridas. Bordar o travesseiro foi algo que tomou a maior parte do tempo na oficina. As mulheres fizeram daquele momento, aquilo que a elas interessava. A aprendiz soltou-se e se deixou levar.

As mulheres que sabiam bordar mostravam como era possível fazer o bordado às outras. E assim aconteceu a oficina de bordado no travesseiro de ervas. Nós também nos pusemos a bordar, e pela falta de experiência com esse material sentimos muita

dificuldade, tanto que o nosso bordado não foi concluído no tempo da oficina – na verdade não voltamos mais a bordar desde então. Foi realmente muito difícil não se enredar nas linhas do bordado e nas conversas das mulheres.

Foram cerca de 20 mulheres que ali participaram, os praticantes homens da Horta Comunitária não ficaram por muito tempo, preferiram depois de um tempo trabalhar nos canteiros. E nesse momento histórias muito difíceis foram sendo contadas, o bordado abriu uma espécie de suspensão no tempo e colocou as participantes em um diferente nível de vínculo. As histórias passaram por distintos temas: filhos perdidos, doenças que não se sabia ainda o diagnóstico, a médica cubana que havia sido deslocada do posto de saúde, o filho que andava precisado de emprego. No meio das histórias, vez por outra, perguntas sobre o bordado:

Lilian: Como é que faz esse ponto mais simples? Eu nunca bordei, só costurei.
Silmara: Espera aí que eu vou te ensinar um ponto... (*Vendo a minha falta de destreza, pega a agulha com a linha de minha mão e faz uma sequência de três pontos no tecido enquanto me explica*) Fura e faz uma laçada assim, passa a linha dentro e fura de novo. Esse é o ponto corrente... Segue fazendo assim que vai dar certo, vai ficar lindo!
Sigo fazendo mas muito devagar, logo percebo que necessitaria de um tempo que não terei. Minhas mãos doem. Bordar é meio coisa de outro mundo para mim, mas não para as companheiras aqui. (Diário de Campo, outubro de 2019)

As modalidades de participação envolvem a disposição das aprendizes em compreenderem que, mesmo em uma atividade programada, de caráter diretivo, como no caso de algumas das oficinas, há possibilidades de desdobramento. Transitar entre as diferentes modalidades em um dado momento pode ser entender que o seu papel é intercambiável no coletivo e que são nessas relações, com as pessoas e coisas, que as aprendizagens acontecem. Ser praticante da Horta Comunitária passa por estar disposto a estes trânsitos mesmo que eles te desconcertem e garantam o encontro com o aquilo que você não sabe – no nosso caso, naquele momento, bordar.



Figura 24. Imagens da Oficina de travesseiros de ervas – Mulher bordando letras de “boa noite”; Uma capa de travesseiro com um coração sendo preenchido com ervas secas; Mesa de trabalho; Costura para finalizar travesseiro; O bordado inacabado da pesquisadora. Fonte: A autora.

Exercer diferentes modalidades de participação significa também difundir aquilo que se aprendeu na Horta Comunitária. E esse movimento é sempre muito estimulado pelos participantes mais experientes, tanto pelo sentido que já expusemos aqui, de garantir a manutenção das práticas da Horta Comunitária por meio de novos membros, quanto o de estimular a aprendiz na construção de sua trajetória de participação. Constituir-se praticante na Horta passa por produzir essa trajetória que inclui conectar as práticas da comunidade em campos adjacentes, produzindo novos significados, tanto em uma esfera individual quanto coletiva. Jussara nos conta da difusão de algumas práticas em sua família:

(...) Eu dei Ora-pro-nóbis para minha filha e o gato comeu, aí ela foi pesquisar e descobriu que os gatos gostam de Ora-pro-nóbis gostam ali das folhinhas de Ora-pro-nóbis e lá eu estimei a comerem sabe?! Eles moravam em um apartamento antes, eu trabalhava com eles e eu estimei eles a comprarem, agora eles têm composteira... (Jussara. *Entrevista*, p. 8).

Jussara também levou mudas para plantar em uma das casas onde trabalha, divulgando as plantas e as práticas aos seus padrões: “ (...) E eles dizem ‘Que planta é essa aqui Jussara?! Foi tu que plantou?’ E eu digo: ‘Foi!’ Então eu sou muito metida nesse sentido assim sabe?! Porque eu sei que eles gostam mas eles não tem tempo né?! (Jussara. *Entrevista*, p. 9). Assim como Jussara, a aprendiz Renata também nos fala dos trânsitos entre diferentes campos de prática e refere-se às experiências no âmbito de sua família:

Essa aprendizagem desse conhecimento eu mesma estou utilizando esses chás, até mesmo para a minha afilhada... Comprei o livro das PANCS⁵⁷, e ela faz o pão integral, ela tem 10 anos e ela com o maninho dela, e com a minha irmã também... Tô sempre levando... “Olha isso aqui é importante...” Porque a gente vê na prática mesmo quando tem esse contato com a horta, tu tá ali, tu está vendo, e até tem mais coragem de utilizar, porque assim, algumas tu até tinha medo, de utilizar... Eu mesma faço meu pão com Bertalha e todas essas coisas aí... E os travesseirinhos como eu fiz... Muita aprendizagem mesmo! (Renata. *Entrevista*, p. 11).

Compartilhamos com outros campos de práticas não apenas os materiais (sementes e mudas) mas também os conhecimentos que constituímos ao longo do tempo. Como Jussara e Renata, enquanto professora de Ciências e Biologia, também pude estabelecer novos fluxos entre a Horta e outro espaço de trabalho, onde desenvolvi um projeto de horta escolar. Percebemos que esses fluxos, não só de materiais, mas de práticas, constituem as

⁵⁷ Plantas Alimentícias Não Convencionais.

trajetórias das aprendizes na comunidade da Horta. Aprender pelo trânsito em diferentes práticas garante aos aprendizes poder exercer novos trânsitos também em outro espaços onde situam-se também como praticantes. Quando a pesquisadora aprendiz, que também é professora de Ciências, pratica Horta Comunitária, ela também amplia seus modos de ser professora (figura 25). Assim como Jussara amplia seus modos de cuidar da família e seu modo de trabalhar. As práticas da Horta Comunitária vazam e os trânsitos nas diferentes modalidades de participação incluem os trânsitos em campos adjacentes.

Figura 25. O que se aprende na Horta Comunitária reflete em práticas para além dela. Imagens da escola onde, ao largo da pesquisa, atuei como professora. Neste espaço, também coproduzi aprendizagens com meus alunos, colegas professores e distintos atores da comunidade escolar.



Fonte: Acervo da autora.

Aprender no exercício das distintas modalidades de participação em uma comunidade de prática envolve mais do que o conhecimento técnico ou do que a habilidade associada ao entendimento da obrigação de execução de determinadas tarefas. Os participantes estão enredados num conjunto de relacionamentos que se dá ao longo do tempo (LAVE e WENGER, 1991). A comunidade se expande a partir de demandas e coisas que interessam às pessoas (WENGER, 1998) e o fato de estarem interligadas neste empreendimento comum, pode suscitar ainda mais os laços de solidariedade. Importante lembrar que para que a comunidade de práticas continue a se expandir, assim englobando demandas até então inexistentes, ela precisa garantir o compartilhamento das histórias de aprendizagem.

Aprender a participar inclui entender e operar o trânsito de diferentes modos de estar junto a outros, no entanto, independentemente da posição ocupada na comunidade, o compartilhamento do repertório é condição necessária ao desenvolvimento da habilidade

de ser com os outros. Jussara destaca sua percepção sobre como a participação na Horta implica em compartilhar conhecimentos tanto no núcleo da própria Horta Comunitária, como para além dela:

(...) Aqui é uma fonte inesgotável de conhecimento, de relacionamento com pessoas diferentes, de pessoas com histórias de vida diferentes, histórias de pessoas que tem ambições diferentes... Focos diferentes. Mas ao mesmo tempo, pessoas que tem alguma coisa em comum, quem não tem alguma coisa em comum não fica aqui né? Tem muitos que não ficaram mas porque estão indo adiante nos seus projetos e até divulgando a horta. E uma coisa que eu acho é que assim... O que a horta te propicia, tem que compartilhar. Eu quando vejo alguma planta aqui na horta, eu sempre lembro de alguém para quem aquilo seria bom... Se eu vejo a Tanchagem digo “*ah que maravilha para tal pessoa*” e se alguém diz “*ah eu tô com problema, eu tô com dor de garganta*”... Eu digo “*ah a Tanchagem lá na Horta tem*”... A gente já sabe né?! E tem aquela outra (*refere-se à outra planta*) que agora tá começando a vim, que ela não gosta de calor e que a gente come a flor... Uma que a gente come a folhazinha, que tem por tudo aqui... (*Faz uma cara de quem esforça-se para lembrar o nome da planta.*) Eu até substituo a folha de alface por ela no sanduíche... A Capuchinha! Pois é, a Capuchinha é bem boa pra dor de garganta e a gente aprende de uma maneira tão informal que grava na mente da gente... Eu vi que a capuchinha era boa para garganta quando eu vi o Evandro da Emater saindo catando capuchinha e eu disse “*Evandro, o que tu vai fazer com essas planta?*”. E ele bem assim “*Ah eu vou fazer chá para minha garganta, que eu tô com muita dor de garganta...*”. Então não é aquela coisa muito didática que em um lugar está escrito porque aquilo ali é um livro e tal, que tu vai lá e consulta quando tu precisa... Tipo, tô sentido tal coisa e eu vou lá e consulto uma planta e vejo o que precisa... Não, aqui não... E aí acaba gravando mais neh pois está nas pessoas que falam, e assim grava mais na mente da gente e aí vão ficando mais os conhecimentos. Eu adoro isso de saber assim. Mas eu não quero ser detentora, de eu ficar com aquilo para mim, eu não sou baú para guardar coisas... Eu amo é compartilhar! E se eu posso e alguém precisa, se alguém tá com essa disponibilidade de receber isso também - porque às vezes as pessoas precisam e não estão com muita disponibilidade pra receber né, nem para ser amar, para serem amadas- então se elas estão disponíveis eu passo adiante sabe? Tanto na parte física da coisa, dando umas como uma muda de um chá ou trazendo um conhecimento que vai instigar... Que vai fazer essa pessoa buscar alguma coisa mais sobre isso... Então isso é bem uma coisa que a horta traz pra gente sabe? Essa realização nesse sentido de compartilhar. Se tu vê as pessoas, e começa a comentar sobre algo que tem aqui, e daí tu e não vai na prateleira do supermercado... tu não vai na farmácia... Até por que não vai encontrar. Tu traz as coisas pras pessoas e a pessoa se lembra de ti quando ouve alguém falar sobre aquilo... É muito gratificante sabe quando vem um e “*ah Jussara eu fui em tal lugar e falaram de Ora-pro-nóbis...*”, “*eu fui em tal lugar e falaram de peixinho da horta, da cará-moela...*” Isso é uma coisa que a horta me proporcionou, de eu conseguir compartilhar essas coisas que aprendi. E as pessoas quando veem aquilo, lembram e às vezes dizem assim de mim “*eu tenho uma amiga minha que tem na casa dela essa planta*” ou “*eu tenho uma amiga me deu a muda*”. E essa amiga assim sou eu! (Jussara. *Entrevista*, p. 13-14).

4.2 A ex-posição como modo de conhecer: das aprendizagens pelas experiências sensíveis

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2008, p. 24).

Temos discutido que aprender é movimento que inclui uma dimensão ontológica, aprender inclui aprender a ser. As aprendizagens podem se constituir de diferentes modos. No trânsito entre as diferentes práticas que constituem a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro é possível dar sentido ao aprender como um movimento de abertura para que possa ser transformado, deslocado ao longo do tempo, dos encontros e relações possibilitadas. O sentido de ex-posição que estamos provocando aqui tem a ver com isso, aprender é estar movimento, deslocando-se, em uma ex-posição, em um frequente estar fora da posição (MASSCHELEIN e SIMONS, 2014, p. 43).

O que dá sentido a esse deslocamento é a possibilidade de olhar para além de qualquer perspectiva individual, e esse ganho torna-se elemento relevante à medida em que a comunidade de práticas tenciona-nos a esse movimento. Aprender em comunidade passa por este exercício recursivo de estar em deslocamento, individual, mas também coletivo. E essa exposição não tem a ver apenas com o tornar-se diferente daquilo que se vem sendo ao logo do percurso, mas tem a ver com a ex-posição em relação à dimensão do não humano. Ex-posição que se dá no tensionamento por relações mais simétricas entre os diferentes entes que habitam o mundo.

Acompanhando Gadamer (1999), podemos afirmar que a experiência, em última análise, nos confronta com a nossa própria limitação, nos oferece a possibilidade de tomada de consciência da nossa finitude e do nosso limite: se estamos passando por uma experiência e isso nos está projetando na direção de um estado inédito de nós mesmos, isso é a evidência da nossa incompletude. Tornar-se pessoa, assumir o humano no humano é, dessa forma, admitir a fragilidade das certezas. Nossas certezas servem para orientar nossos posicionamentos e nossas tomadas de decisão, nossas certezas servem de fundamento para a constituição do rol de valores com os quais operamos os julgamentos que fazemos, em todas as instâncias. Ora, pensando dessa forma, damo-nos conta de que as certezas só têm sentido quando consideradas na particularidade da experiência, ou seja,

quando não valem como certezas definitivas e eternas, mas como convicções precárias e provisórias.

A aprendizagem, nesse contexto, pode ser entendida como uma experiência de deslocamento do sujeito que vê confrontadas suas crenças e convicções e, portanto, é compelido a colocar em questão os valores e certezas com que tem operado, produzindo alterações na sua maneira de ver, sentir, compreender, julgar e atuar sobre o mundo.

As situações de aprendizagem a que nos referimos aqui abrangem essa dimensão sensível em relação ao encontro com o outro, seja pelo compartilhamento de histórias, seja pela mobilidade em um mundo que abrange a experiência de encontro com os não humanos, ou pelas experiências de abertura ao novo, abertura ao estado de experiência. É sobre este conjunto de experiências de aprendizagens que trataremos a partir de agora.

4.2.1 Aprender ouvindo histórias

Das experiências sensíveis que se pode viver na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, há aquelas que podem ser vividas no âmbito do desenvolvimento da habilidade de escutar de modo atento o outro. Essa escuta implica em um deslocamento no aprendiz pois, na maioria das vezes, há uma diferença geracional ali colocada. Preferir calar e se colocar a escutar, de modo aberto, pode ser exercício conscientemente escolhido, como nos conta Janaína:

J: Não é que eu considero assim como algo que pode ser pensado a parte, mas tem a coisa das trocas sabe? Porque quando eu estava lá sempre tinha alguém, além da Mirtes, além do Chico e da Camila, e de tarde além do Fabrício... Isso era muito legal! Eu gostava muito de conviver com as pessoas, mesmo sendo às vezes mais quieta. E isso foi uma coisa que eu aprendi na Horta assim. Eu sou muito falante! E na Horta eu não era tão falante. Eu preferia ficar na minha, ficar quietinha, ficar observando sabe? E percebendo ali... É incrível assim porque sempre tinha uma troca muito legal. Eu conheci história das pessoas... Pude escutar as pessoas de um jeito que eu não tinha feito antes. E eu já tinha vivido em grupos tão legais quanto a Horta... Mas esse tipo de troca eu não tinha tido assim... E ainda mais com pessoas muito mais velhas. Então isso foi um desafio e uma coisa assim que me fez aprender muito! Então eu considero isso assim um elemento a parte do modo como eu vivi a Horta... Porque é algo que me chamou muito a atenção. Essa vivência com as pessoas e com, principalmente, com as pessoas mais velhas... Com os idosos que vão lá. Então às vezes eu tava lá no viveiro e chegava alguém e era aquilo... A gente fazia as mudinhas sempre trocando, sempre conversando e contando da vida e contando dos projetos... Os idosos da Horta são muito cheios de vida, e eles tem muitos projetos, muitas coisas legais que eles fazem... E era muito animador assim... Aprendi muito com essas histórias, nossa, muito mesmo. (Janaína. *Entrevista*, p.20-22.)

Nesse exercício de escutar o outro, se fortalecem também os vínculos de solidariedade. Janaína nos conta dos muitos modos como aprendeu nas práticas: “aprendeu ensinando”, “aprendeu fazendo”, mas também destaca o fato de ter aprendido nas e com as relações. Ampliando sua escuta, expandindo essa habilidade em si mesma:

(...) Eu não esperava assim e mesmo tendo esse encantamento pela parte das relações, eu achava no início que eu ia chegar e ok... Eu tinha noção de que era uma Horta Comunitária e tudo mais, mas é muito intenso sabe Lilian? Que nem muitas vezes se conversava lá... É uma intensidade das relações assim, que vira uma rede e então não tem como... A impressão que eu tinha era que quando eu estava lá o meu trabalho não ia ser... A minha contribuição na Horta não ia ser a mesma, não ia ser suficientemente boa entre aspas se eu não participasse desses processos, das relações... Porque eles fazem parte, na minha opinião, do trabalho da Horta. Eles são intrínsecos na horta, da organização ao funcionamento. É a própria, assim, vida da Horta... A Horta não seria a mesma, na minha opinião, sem essas relações... Então eu acho que eu aprendi muito lá mesmo... Aprendi ensinando, e sabe, aprendi fazendo... Aprendi estando com as pessoas...Essa questão da escuta também... Eu realmente, eu sempre tive dificuldade de escutar, de parar e escutar as pessoas. E eu lá aprendi a fazer isso mais, com muita dificuldade, mas com certeza, na Horta eu aprendi mais assim... Principalmente com as pessoas idosas, sem dúvida (Janaína. *Entrevista*, p. 23).

Assim como Janaína, Maria Firmina também destaca as relações como necessárias e como meio e conteúdo para suas aprendizagens. Entende que ouvir os outros e se relacionar com eles é tão importante ali quanto aprender as técnicas de horticultura. Maria Firmina aprendeu a “coisa do plantio”. Aprendeu a “fazer muda, fazer poda, plantar semente, secar semente, todas essas coisas assim eu acho que são coisas que tu acaba levando para a vida né...- ” (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 5). Mas Maria Firmina também inclui “todo o outro aprendizado” que se desenvolve ali, articulado à comunidade de práticas:

Tem todo o outro aprendizado né?! A questão do companheirismo né?! De conhecer as pessoas, de ouvir, todos esses aprendizados são muito importantes... E falando da questão prática, todas essas coisas que eu aprendi relacionada às plantas, ao plantio e até mesmo em relação aos animais... As crianças lá da horta, também... Eu lembro que nas oficinas assim a gente conversava bastante, então eu acho que esse tipo de aprendizado que eu não tive na universidade assim foi bem importante, e é muito importante para mim até hoje... (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 5).

Em certa altura de nossa entrevista, quando perguntamos sobre os conteúdos dessa aprendizagem, Maria Firmina especifica:

L: Maria, o que tu aprendeu com a/ na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro?

M: Eu acho que eu aprendi a plantar, agora eu tenho uma horta em casa...Não sei se eu te falei?! Tenho uma horta... Eu aprendi a plantar, eu aprendi a fazer muda, eu acho que em relação as plantas... Acho que em relação ao plantio eu aprendi tudo...Não! A gente nunca sabe tudo! Mas aprendi muita coisa... Mas Eu aprendi a ouvir! Porque lá a gente tem que ouvir bastante, e eu acho que eu não tinha isso muito de experiência dos outros lugares que eu tinha vindo...Eu aprendi a ouvir mais as pessoas, a entender mais... E eu desenvolvi um amor tão grande até pela alimentação assim... Acho que a gente não tinha falado sobre isso, mas a questão da alimentação na horta também é bastante importante... É uma das coisas que eu vou destacar... Além das pessoas que eu conheci, é a questão da alimentação... É uma coisa que eu trouxe para a minha casa também. Não era uma coisa que eu me importava muito antes, antes de ouvir e conhecer, e ouvir e conhecer várias coisas que eu ouvi lá, então isso também é uma das coisas que eu destaco que eu aprendi (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 10).

Quando Maria Firmina refere-se à alimentação, compreendemos que talvez não esteja falando apenas de “comer melhor”, de incluir itens mais saudáveis no seu cardápio diário. Mas inferimos que talvez fale também da habilidade de entender a alimentação como um ritual, como algo importante na sustentação daquela comunidade de práticas, como contou em sua entrevista a aprendiz Janaína:

(...) eu nunca fui muito boa com cozinha sabe? E muito menos com cozinha coletiva... Como fazer uma refeição de modo comunitário assim... Isso foi uma coisa que eu amei fazer! E aquela coisa de celebrar essa oportunidade de se alimentar na Horta, de preparar a nossa refeição com o que vinha da Horta quase sempre...(Janaína. *Entrevista*, p. 37).

Na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro almoçar juntos é também uma prática importante dentro desse “outro aprendizado” a que se referiu Maria Firmina. O almoçar juntos envolve colher o que pode ser colhido na quantidade certa para as pessoas que naquele dia estarão presentes no almoço, higienizar o que foi colhido, preparar a comida, dividir os gastos daquilo que alguém trouxe para cozinhar e que não foi plantado na Horta (como por exemplo um quilo de arroz), servir o almoço à mesa, conversar com aqueles que estão à mesa, lavar a louça, reorganizar o espaço da sede, entre outras tantas possibilidades. Todas essas ações são feitas de modo coletivo e implicam também na escuta, no diálogo, na negociação entre pessoas. É desse modo que lemos o que Maria nos conta em relação à alimentação, pois tivemos a oportunidade de partilhar tais momentos onde a habilidade da comensalidade era coproduzida.

Quando Maria Firmina nos conta que aprendeu a ouvir na Horta Comunitária, convidou-a a explicar como essa aprendizagem aconteceu. Ela me conta dos efeitos dessa abertura:

L: Eu queria entender melhor... Como se aprende a ouvir?

M: Então, é que assim...Eu não sei... É que às vezes... Eu vou falar por mim... Eu não tenho muito essa coisa de, não tinha, essa coisa de ouvir histórias... Às vezes as pessoas querem, precisam te falar alguma coisa, e às vezes tu não está disposto, não está receptivo para ouvir. E lá na horta eu aprendi muito isso assim... E eu lembro que eu escutava e era uma coisa que fazia com prazer, de repente nos outros lugares não tinha essa coisa assim, nos outros lugares que eu trabalhei, onde eu estagiei, não tinha essa coisa... As pessoas não se conversavam assim, sabe? Eu aí eu acabei não desenvolvendo essa coisa assim. E lá na horta eu lembro que eu assim, falava bem menos, e ouvia muito... E eu lembro que eu realmente procurava ouvir as pessoas e conhecer e eu gostava muito de ouvir daí as histórias. Eu lembro assim que a Mirtes tinha histórias maravilhosas que ela contava lá da juventude dela... E eu aprendi isso assim, foi uma das coisas que eu aprendi lá com as pessoas, ouvindo e vendo as pessoas, e agora levo para sempre assim...Espero... (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 10-11).

Figura 26. Aprender a ser comensal. Imagens de refeições na Horta Comunitária.



Fonte: Acervo da autora.

Aprender a ouvir é desenvolver habilidade sensível. Não há ali quem ensine a ouvir. Aprender a ouvir é tornar-se sujeito aberto ao outro. Ouvir parece ser desenvolver uma atenção para o fluxo que ali se estabelece. Uma escolha que passa, momentaneamente, a necessidade do outro na frente. Mas que ao mesmo tempo, constitui o vínculo e expande, pensando em um sentido coletivo, a possibilidade de fortalecimento das práticas da Horta. Observamos em campo que Maria Firmina enquanto trabalhava nos canteiros, dava ouvidos às histórias e alimentava com muito interesse as conversas com diferentes pessoas.

Isso enquanto trabalhava sob sol, fazendo horta. Ao ser perguntada sobre essas situações, ela fala das surpresas desse encontro com o outro:

L: Eu me lembro bastante de algumas cenas lá na Horta onde tu conversava com as pessoas nos canteiros enquanto trabalhava... Com diferentes pessoas... Tu teria alguma coisa para me contar, para me dizer, sobre isso?

M: Então...Eu acho que era um momento né?! A preparação dos canteiros, a gente chegava e fazia... Nunca era “Bah vou sozinha!”. Era uma coisa que não era definido, daí tu acabava indo com as pessoas que tu não tinha tanto contato assim... Então tu acaba indo para os canteiros e tal, aí a gente conversava e via que era uma pessoa muito diferente do que a gente imaginava né?! Porque quando a gente conversa de verdade com a pessoa, a pessoa acaba se tornando... Ah, como eu vou dizer? (Risadas) Ah, meio que me perdi... Mas como eu vou dizer? Pode ser meio que uma surpresa assim... Porque às vezes tu imagina que a pessoa é de uma forma e tu conversa com ela e vê que a pessoa é totalmente diferente... Aí eu lembro de várias pessoas, que eu fui com várias pessoas, mas eu acho que uma pessoa que me... Não sei se posso citar nomes né?!

L: Pode, pode citar todos os nomes que depois eles não serão identificados, não te preocupa...

M: Ah então tá...Que era a Dona Camélia... Eu acho aquela mulher maravilhosa, e eu fui algumas vezes com ela, acho que eu passei uma semana inteira indo com ela... E as histórias que ela contava eu lembro que eu ficava assim: “ Gente, eu sou apaixonada por aquela mulher!” Eu falo assim: ela é maravilhosa assim... Ela contava histórias muito fortes assim... Histórias sérias até e ela contava de um jeito tão descontraído, tão leve assim... Que a gente acaba até achando legal assim, achando engraçado, mas ela é realmente uma das pessoas que me marcaram muito na horta... Até dessas conversas assim acho que é ela, a Dona Camélia, mas acho que todo mundo, todo mundo, que eu tive um contato nem que seja mínimo, nessas situações de conversar, e tal, foram conversas importantes. (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 9-10).

Assim como Janaína e Maria Firmina, Renata também ouviu histórias. Renata teve um percurso peculiar, pois como aprendiz na Horta e como estagiária do Curso de Gestão Ambiental propôs-se a visitar a casa de algumas mulheres praticantes da Horta Comunitária para realizar seu trabalho de conclusão de curso sobre o uso de ervas medicinais por mulheres frequentadoras da Horta. Renata percorreu algumas das casas das mulheres que produziam e faziam uso de ervas medicinais. E nesse fluxo compreendeu que era preciso ouvir, mais do que só realizar o trabalho a que havia se proposto:

L: E como te sentiste em relação às visitas?

R: Ah, eu me senti muito bem! Gostei porque elas gostavam de contar histórias, de como é que elas começaram com essas questão das hortas e também contando um pouquinho dos problemas delas... Faz parte também desse encontro com essas mulheres né?! De virem em uma terça feira também para falar, eu acho que é isso que propicia também. Eu já vi assim que na própria preparação das mudinhas elas já vêm contando da vida, de seus problemas, de seus familiares, algumas cantavam também... Então é um momento especial também né. Às vezes eu ficava muito mais tempo do que eu quisesse ficar, mas enfim, eu pensava também: eu já fotografei, já entrevistei... agora vou ter que ouvir! Então é isso. É muito uma questão de ouvir também, de conversar. Porque muitas, ah,

depois que tu começa ali, que elas veem que tu gostou daquela horta daquela conversa, onde fizeram e do jeito que fizeram... Então elas começam a ficar mais libertas, puxam mais assunto, ficam conversando mais com a gente... (Renata. *Entrevista*, p. 8-11).

Nem sempre há um desejo pulsante em escutar, em abrir-se ao outro. É preciso lembrar que os distintos sujeitos operam de formas também distintas no desenvolvimento dessa habilidade de abertura. A experiência de visita às casas proporcionada por sua posição na Horta Comunitária talvez tenha colocado Renata na obrigação de também ouvir, pois afinal de contas “fotografou, entrevistou...” e assim agora ia “ter que ouvir”.

A abertura à experiência com o outro também pode se constituir da necessidade prática em alguma instância, e não por isso será uma aprendizagem menor. A habilidade de compreender que estar em campo é uma experiência compartilhada, e que a pesquisa, assim como as demais práticas que ali se constituem, pode basear-se em uma relação cujas expectativas precisam estar suspensas, é condição, desde o nosso ponto de vista, para poder realizar pesquisa sendo correspondente, ou seja, criando um terreno comum de compreensão na comunidade de práticas. E isso também favorece o trânsito para fora das experiências de nós mesmos.

4.2.2 Aprender movendo-se em um mundo mais que humano

As aprendizagens sensíveis incluem o movimento e a percepção do mundo para além do humano. Trataremos aqui sobre aspectos das experiências de aprendizagem no que se refere a este entendimento. Tomamos emprestada a noção de *aprendizagem em um mundo mais que humano*, descrita por Borges (2014) e Borges, Carvalho, & Steil (2015), que define esse horizonte compreensivo como um movimento de descentração da ideia de como aprendemos. Para além do como se aprende “trata-se também de pensar de forma instigante com o que e com quem aprendemos” (BORGES, 2014, p. 42).

Partimos também da compreensão que o aprendizado é uma habilidade e qualidade dos organismos que habitam o mundo, e não uma característica necessariamente humana (INGOLD, 2011; 2012). Como enfatizam Steil e Carvalho (2014), aprender e saber parecem ser condição necessária para “estar” na materialidade do mundo, o que acontece por meio de um processo contínuo de coprodução do meio ambiente.

Estamos entendendo que as aprendizes que entrevistamos aprendem também por se engajarem em relações que incluem não só a dimensão humana, mas também os não humanos. Praticar Horta Comunitária é estar em relação direta com estes entes. A

comunidade de práticas inclui também a dimensão não humana se compreendemos que a experiência no mundo está imbricada na relação com esses. E essa percepção expandida é presente na fala de nossas interlocutoras.

Praticar horta é conviver, por exemplo, com seres que nos mobilizam de distintas formas. No jogo cotidiano de estar engajado nas diferentes práticas, aos poucos, se consegue entender que ali “*estamos no espaço da natureza, a gente tem que respeitar isso né?! (Jussara. Entrevista, p.5)*”. Em que pese o fato de nossa interlocutora parecer nos alijar enquanto humanos desse espaço, o “espaço da natureza”, parece ser nele o lugar onde há uma presença de seres diversos. Entendemos que “respeitar isso”, como nos disse Jussara, inclui compreender que ali os não humanos estão presentes e que eles agem sobre os humanos, tanto quanto agimos sobre eles. E se eles estão presentes, coproduzindo essa comunidade ampliada, também é possível com eles aprender. Maria Firmina nos conta de uma situação vivida na Horta Comunitária onde aprendeu, com as cobras, sobre a necessidade do uso de botas:

L: Me conta um pouco desse episódio das cobras...

M: Nossa eu fiquei muito traumatizada...Eu lembro até hoje... Eu tenho fotos, até hoje, a gente estava na estufa... Estava eu a profe Glaucia e a Mirtes estava fora... Só estávamos nós na horta, e aí nós estamos plantando nos vasinhos que tem ali em baixo, nas caixinhas... A gente estava plantando, fazendo mudinha, e aí a gente tirou tudo para limpar... Tirou os sacos que tinha com vários vasinhos, e debaixo do saco tinha um ninho de cobras... Não, na verdade a gente viu uma cobra pequena, uma cobrinha pequena que estava dentro do saco, e aí a profe Glaucia puxou o saco para ver e embaixo do saco tinha um ninho... Bah, tinha muitas... Acho que tinha umas cinco ou seis cobras... Aí não gosto nem de pensar... Acho que tinha umas cinco ou seis cobras em baixo do saco... Aí a gente chamou a Mirtes, aí foi uma gritaria... Porque só estávamos nós três na horta e enfim, as cobras saíram e foram para a plantação... Foram para os canteiros... E depois daquilo, enfim, a gente foi para a casa, não ficou na horta... E foi embora depois, mas eu lembro que no outro dia eu não consegui entrar na estufa... E eu não consegui ir para aquele lado onde elas foram, aquele lado acho que tinha couve plantada... Mas lá para os lados dos Hibiscos assim, mas eu não conseguia ir lá...Eu não consegui caminhar no meio, acho que eu fiquei um bom tempo, umas duas semanas só na casa... Daí eu tentava fazer algumas coisas ali, às vezes eu ia lá para o outro canteiro com o Fabrício. Mas eu fiquei um pouco traumatizada sabe?! Porque eu vi que elas foram para lá e eu fiquei muito amedrontada, e daí eu comecei a usar bota né?! Porque eu não usava bota no início...(Faz careta sobre o uso das botas e dá risadas!)

L: (Risos.)

M: Eu digo: “Vou usar bota que acho que é melhor...” (Maria Firmina. Entrevista, p. 6-7).

Usar botas por sentir medo, mudar o ritmo de caminhada, emocionar-se com as cigarras. Aprendemos com a presença e agência desses não humanos à medida em que buscamos nos colocar também em ex-posição, no sentido empregado por Masschelein

(2014) de desapego à posição. Colocar-se em um estado de mobilidade, em estado de atenção plena ao caminho. Percebemos que “descer passeando”, possibilitando sentir-se afetada, foi também habilidade desenvolvida por uma de nossas interlocutoras:

(...) Eu fico muito emocionada com a natureza sabe?! E com esse espaço aqui, de ouvir os pássaros... Eu venho quando eu saio da Avenida para cá, eu venho bem devagarinho...

L: Tu vem da onde mesmo?

J: Agora estou vindo da Cavahada, antes eu vinha pelo Passo das Pedras... Então agora quando eu desço da avenida e eu venho meio que passeando sabe?! Olhando, curtindo, vendo qual o bichinho que está aqui... Um dia eu vinha vindo e tinha uma revoada de cigarras e eu disse “*Meu Deus há quanto tempo eu não via cigarras?!?*”. (Jussara. *Entrevista*, p.7).

Jussara pareceu nos revelar na sua descrição que fora capturada por pequenos elementos que constituíram seu caminho ou, nas palavras de Ingold (2015b, p.24) fora capturada por alguma pequenez - “da dança de luzes e sombras ao voo dos pássaros e latido dos cães, do perfume das flores a poças d’água e folhas caídas, inúmeras pequenezas como caramujos e coquinhos, moedas perdidas e lixinhos reveladores.”. Os pontos atencionais enriquecem a caminhada de Jussara, levando-a talvez, a sensíveis momentos e revelações, mas principalmente, a aproximar-se de um estado de mobilidade e abertura.

Parece ser possível aprender também que não há nomes e números que deem conta da diversidade, em termos de processos e formas de vida e experiência existentes na Horta Comunitária:

(...) Quando tu vai em uma biblioteca ver livros... Aqui é como se fosse uma biblioteca né? Só que a gente não consegue nomear tudo que tem aqui... Não tem nome pra tudo! Tem pessoas que vivem 10 anos aqui e não conseguem saber tudo que tem. E a gente tem aquela mania de ver quantidade né? Dá vontade assim: Quantas plantas por metro quadrado? Quantas plantas diferentes uma das outras tem aqui? Quantas são tradicionalmente cultivadas? Mas isso não tem como né?! E esse é o apaixonante de existir esses lugares! Mas ao mesmo tempo dá uma certa ansiedade...

(Jussara. *Entrevista*, p. 7).

Conhecer as plantas da Horta passa também por entender os efeitos que a presença delas, e de outros não humanos, causam no seu bem estar. Jussara, fala dos efeitos que estar na Horta tem causado em sua vida, principalmente em relação à sua saúde. Aprender a ser diferente do que se vem sendo também é habilidade que se aprende com os fluxos de vida que perpassam a experiência comunitária:

L: Essas plantas que tu cita tu conheceu aqui?

J: Sim eu conheci aqui! O Peixinho da horta, a Capuchinha, a Ora-pro-nobis...Tudo aqui. Eu conhecia mais as plantas que seriam as medicinais, como ervas sabe?! Essas assim alecrim eu já conhecia, a Hortelã, a Tanchagem, a Malva, e algumas até conhecia de ouvir falar bastante... Mas não de perto. Sabe que meu pai tinha problema renal e aí fazia o chá da raiz da salsa né?! Mas daí assim, essas que falei até que eu vi, e algumas outras eu até conhecia identificar... Mas não sabia o potencial delas sabe?! Então eu acho que a horta é uma grande divulgadora disso assim, de uma coisa tipo... Uma certa cultura. E isso está nos meios de comunicação também sabe, no aprendizado das escolas... Acho que já está com a porta escancarada para esse tipo de conhecimento. Percebo que isso de cultivar está sendo mais divulgado, e dado a real importância... Porque se tu for pensar, que tu pode não depender tanto de todo esse sistema assim para te curar, para preservar teu corpo, para ser uma pessoa sadia... E mesmo eu que fumo, eu sei que se eu me alimentar de várias plantas que tem aqui na horta o meu sistema imunológico vai muito bem obrigado. E assim, eu quando eu venho para horta... Sabe, eu tenho um problema sério de depressão. Eu tive crise de ansiedade, eu tive síndrome do pânico e eu tenho claustrofobia que ficou como um presente do pânico. E desde que eu comecei a estar aqui e fui ao médico e não precisei mais de antidepressivo, e eu sei que não é a horta da Lomba do Pinheiro em si, mas é oportunidade de mexer com as plantas, a oportunidade de botar o pé no chão, a oportunidade de mexer na terra, e o convívio com as pessoas que tem uma outra energia, outras vidas diferentes da minha. Não é energia para doença, é energia para saúde! E a gente sabe, eu acredito muito nisso né?! Aqui é um lugar de vida... É vida! Verde! É água! É terra! É sol! E tem os bichos que fazem parte desse ecossistema todo aqui, então a vida está pulsando. É vida gritando aqui na tua volta... Não tem como tu vir para cá sem sair um pouco melhor aqui (Jussara. *Entrevista*, p.15-16.)

Perceber que não é a Horta que “ensina”. Mas que nela e com ela estão sendo produzidas as condições de possibilidades e relações para as aprendizagens. Na Horta Comunitária, ao capinar, além de estarem expostos ao sol, vento, terra sob os pés, os aprendizes se deparam não apenas com a presença das plantas das quais estão pretensamente cuidando ao realizar a ação, mas também com os animais que não conhecem de perto. Renata aprende pelo encontro com eles e também pela forma como as pessoas que estão ao seu redor lidam com a existência desses animais. Aprender a manter a Horta inclui aprender a lidar com os fluxos de vida ali presentes:

L: Tu lista uma série de coisas que tu fez Renata, ao longo do tempo... Tem alguma que tu destaque?

R: Ah sim, eu acho assim importante a capina... Porque aí sim tu está tendo o contato intenso. Eu nunca tinha visto assim tão próximo de mim por exemplo um escorpião sabe?! E daí eu tinha ali o escorpião preto! Depois também tinha a centopeia, uma lacraia ou melhor... Quando tem outras pessoas em outros lugares elas dizem “ah vamos matar” e acabam matando. Melhor não... Porque ela tem a sua utilidade, ali tinha disso. Durante essa capina, eu acho que assim tinha tudo isso muito junto ali... E ali vai surgindo também uns outros organismos que fazem parte do ambiente e que estão juntos de nós, com as plantas né?! Então eu acho pra mim que foi bastante forte essa questão de capina, para aprender isso tudo aí! Para ver também onde a gente vai plantar... Então assim estar junto com a capina e a plantação me deu uma boa ideia de como o pessoal mantém a horta sabe?! (Renata. *Entrevista*, p.6-7.)

Na observação e interação nas e com as práticas de cultivos na Horta, Jussara parece aprender sobre ciclos. Parece ter percebido que “Nada se perde numa horta.” (Jussara. *Entrevista*, p.11-12.). Observou no que estava ali “explícito” a agência de diferentes formas de vida nesses ciclos. Deslocou o seu entendimento pensando que talvez, sob outra perspectiva, não haja desperdício no fato de que um fruto maduro não tenha servido de alimento a um humano. Aprender em um mundo mais que humano tem a ver com enxergar como possíveis outras perspectivas que não as humanas:

(...) Eu fico meio triste de ver assim se há um alimento que tá lá na hora e o pessoal não aproveitou... Eu vejo quanto tomatinho tem, o caqui caiu tudo no chão mas as pessoas burras que não aproveitou... Daí os microrganismos, pássaro e tal aproveitam e daí vai voltar para terra e vai se decompor e está fortificando o solo. Vai tudo de novo... Então não é perder... Eu tinha uma visão meio assim de que era uma perda né... Porque eu achava injusto que não servia ao homem o alimento né.

L: E isso tu aprendeu aqui?

J: Sim aqui! Porque a gente tinha aquela visão assim né “ah caiu na terra e morreu”. Da morte é a vida né... A gente sabe que é um ciclo! Da semente vai dar uma planta. A gente tem isso meio que subentendido, mas aqui fica mais claro, fica explícito. Tu já não considera mais aquilo que caiu no solo, que não foi aproveitado como alimento, como uma perda... Não é uma perda. Ela vai gerar outro alimento pela semente ou vai fortificar o solo e vai gerar vida para outra planta. (Jussara. *Entrevista*, p.11-12.)

Uma maior horizontalidade das relações entre os humanos, ressaltada por nossa interlocutora, parece ser condição de possibilidade para uma certa mobilidade da aprendizagem nas práticas. E nessa mobilidade há também a presença do encontro com outros entes com os quais aprende. Jussara nos dá pistas a respeito:

(...) Sabe, eu vim pra esse lugar porque era bom para mim, eu ia fazer um estágio num lugar aberto e lidar com algo que eu gosto que seriam as plantas, na terra... É uma coisa mais horizontal, não há uma autoridade ou uma pessoa que eu tenho que estar me policiando, tipo um chefe. E também não é aquela coisa assim “ah a fulana veio para cá e eu vou ensinar ela e ela vai me pagar pelo serviço”... Não, também não. Aqui tu aprende a todo momento: tu olha para o lado e enxerga uma planta que tu não conhece e percebe ela... Tu olha para o lado e vê uma planta no estágio diferente que estava no dia anterior, e daí tu consegue entender o que por exemplo a temperatura influenciou, no que que a chuva influenciou...(Jussara. *Entrevista*, p.16.)

É possível aprender na convivência com posições díspares que são ocupadas não apenas por humanos, mas também por não humanos. Na perspectiva de Jussara, as plantas

do contexto da Horta Comunitária também parecem dar a ver as possibilidades de coexistência entre os diferentes.

(...) Essa convivência das coisas, com as coisas, com os outros... Até com as formigas né? Até com o que a gente considera ruim... Nós humanos poderíamos ser mais assim. Porque olha pras plantas, quantas plantas diferentes convivem? Mesmo as plantas que tem o mesmo nome elas estão em estágios diferentes... Umas já deram frutos, outras deram flor, outras estão em um lugar que crescem menos, ou mais... É assim com a gente também... Os humanos. (Jussara. *Entrevista*, p.23)

As aprendizagens que acontecem na Horta Comunitária tem implicação na vida cotidiana das pessoas. É o que nos diz Jussara ao tratar de sua experiência com a planta de nome popular Peixinho-da-horta:

L: Não só hoje Jussara, eu te vejo sempre falando da planta *Peixinho-da-horta*, do quanto tu não sabia dela... Me fala um pouco sobre como tu conheceu, se tu lembra como é que tu aprendeu sobre o Peixinho e sobre outras plantas...

J: Eu aprendi aqui que ele tinha gosto de peixe e eu achava muito estranho né... E tipo assim, agora eu passo por um pé de Peixinho e me dá vontade de reverenciar ele por que é brincadeira né?! Um alimento interessante! Qualquer planta, quanto tu começa a ver a natureza não como Como é que eu vou te dizer? Algo à parte, tu consegue, tu começa a sentir que tu faz parte da natureza e que tu não é superior a ela.... O ser humano tem essa mania de se achar superior, de achar que ele domina a natureza. Eu dou tanta risada disso sabe? Esses fenômenos assim da natureza que tem e eu amo, eu amo assim essas coisas bem catastróficas... Porque é assim que ela (refere-se à natureza) mostra o seu poder... Ela vem e pergunta: quem vocês acham que são? Acham que vão dominar? Desviam um rio, chove e causa enchente, por que é o rio que vai buscar o seu espaço de volta! E em relação ao Peixinho se tu for ver... O Peixinho não gosta de sol e ele sobreviveu muito nesse verão né?! E foram dias horríveis e tinha um canteiro que estava meio sombreado por causa das árvores lá perto do pé de goiaba, perto daquelas couves e tal... Dois canteiros na verdade. E tinha esse outro bem exposto no sol... Esses mais da sombra estavam lindos, as folhas né? E apesar de toda essa seca aí você pegava o Peixinho lá do sol e tu olhava que tinha várias folhas mortas na base do pé e aquilo que parecia que estava morrendo não estava... Aquilo tava dando vida para o que estava mais na superfície, não na superfície, mas para aquilo que estava mais exposto ao sol... Essas folhas mais de cima estavam sendo mantidas por aquelas que estavam morrendo lá embaixo, as de baixo que estavam rentes na terra serviam de adubo e seguravam a umidade né?! Foi a Mirtes que me deu esta atenção... Daí eu atentei que era verdade. Eu gosto muito de fazer sabe, eu faço assim como se fosse uma torta verde... Eu misturo com a folha da batata doce... Pico folha de Peixinho, Ora-pro-nóbis, e as folhas de Língua de vaca e aí eu faço tipo uma tortinha na frigideira... Corto como se fosse pizza, em triângulos e carrego por aí pra comer... Eu levo para faculdade e o pessoal come e adora. Lá no IF uma amiga minha que foi embora pra Santa Catarina levou uma mudinha de Peixinho daqui que eu dei para ela... Ela fez uma reunião de despedida assim daí muita gente levou e deu um presente para ela que se formou em Gestão Ambiental. No dia que se deu a mudança dela eu levei Peixinho pronto porque eu sabia que a mudança ia sair e ela não ia ter nem fogão, já tinham desconectado tudo. Eu fiz e eles adoraram (Jussara *dá risadas com a lembrança...*).

E levei a mudinha e eles levaram para Santa Catarina... Ela botou uma foto dela no carro com as plantas no carro... Sabe que eu tenho uns grupos de redes sociais, que estou assim de páginas de cultivo, de identificação botânica... Tem um grupo que tem umas pessoas e aí tu começa a compartilhar fotos de plantas e as pessoas meio que enlouquecem... “*Consegue uma muda para mim...*” (Jussara. *Entrevista*, p.12-13.)

Após Mirtes ter “dado a atenção” sobre as estratégias de sobrevivência da espécie, Jussara passa a observá-la e a fazer uso da mesmas na sua alimentação, incluindo aí nos lanches que leva para se alimentar no Instituto Federal, onde é aluna. O lanche que produz com a planta da Horta não alimenta só Jussara, mas a seus colegas de aula. Jussara também nos diz que presenteou uma amiga com uma muda da planta que conheceu na Horta.

A circulação das plantas e dos conhecimentos produzidos em campos adjacentes evidenciam efeitos das aprendizagens de Jussara, aprendizagens sensíveis, que foram garantidas pela “atenção dada” por Mirtes, mas que se incorporam de modo prático em sua vida, contribuindo com novos modos de se alimentar que não se reduzem a sua experiência individual, mas a experiência também das pessoas com quem divide as práticas nestes campos adjacentes, produzindo aprendizagem expansiva (ENGSTROM, 2013), ou seja, expandindo a relação entre distintas comunidades de prática, que ampliam suas formas de agir no/com a mundo. Pelo intercâmbio de materiais e conhecimentos entre diferentes comunidades de prática, Jussara expande os repertórios de modos de ser que compartilha nestes espaços.

Aprender com o Hibisco



Hibiscus sabdariffa - Ilustração de Tiago Ferraz

O Hibisco, a que já nos referimos no trabalho tantas vezes, tem como nome científico *Hibiscus sabdariffa*, e é uma espécie resistente, de fácil cultivo e manejo. Foi trazido para a Horta Comunitária por Mirtes, tendo boa aceitação pelos frequentadores, o que se deve ao fato de suas propriedades terem sido amplamente divulgadas por meio de oficinas na própria Horta Comunitária.

O cultivo do Hibisco envolve mutirões para plantio, manejo e colheita. E envolve a divulgação por meio de chás que são servidos na Horta em eventos que lá acontecem. A planta já foi estudada por um aluno da Universidade Federal do Pampa do curso de

Engenharia de Alimentos, que segundo relatos, vinha buscar grande quantidade de Hibiscos para seu Trabalho de Conclusão sobre um iogurte produzido à base da planta.

Conta Fabrício, um dos participantes referência da Horta Comunitária da Lomba, que a professora Ingrid Barros, professora do Curso de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que trouxe a espécie para o estado e que também é apoiadora da Horta Comunitária, levava os Hibiscos para a secagem nas estufas da Faculdade de Agronomia e depois esses retornavam à Lomba para comercialização. Com a professora aposentada, essa secagem já não acontece desse modo, sendo Fabrício, um dos coordenadores da Horta, o responsável por realizar a secagem em sua casa, já que a Horta Comunitária não conta com luz elétrica.

Os praticantes dizem com orgulho que sustentam a Horta com base nessa cultura. A planta é comercializada na própria horta, e a venda das sépalas, partes avermelhadas que envolvem a cápsula de sementes, que é a parte utilizada principalmente, é feita para pessoas diversas que vem buscar no tempo da colheita. As sépalas são comercializadas tanto frescas quanto secas. Essa comercialização é feita pelos moradores da Lomba participantes da Horta entre seus conhecidos e vizinhos.

Como já descrevemos em outros momentos, há um controle rígido sobre o dinheiro arrecadado (via mural de prestação de contas) e que retorna para Horta por meio da aquisição de ferramentas e insumos necessários como itens de higiene utilizados na casa sede.

Sendo uma espécie rústica e tendo valor alimentício, medicinal e também ornamental, o Hibisco é não humano famoso no território da Lomba do Pinheiro. Já tomou páginas inteiras do Jornal do bairro, jornal de grande circulação entre os moradores (Figura 24), e também reportagens realizadas pela Emater⁵⁸.

Ao acompanhar os ciclos de cultivo dos anos de 2018 e 2019 na Lomba do Pinheiro, nos engajamos nas diferentes etapas: semeadura a lanço no canteiro (feitos a partir de agosto), transplante das pequenas mudas do canteiro para pequenos vasos a serem vendidos, transplante das pequenas mudas para cultivo no canteiro definitivo preparado com prévia capina, manejo envolvendo capina seletiva de espécies que competem com o Hibisco, regadio feito à mão com recipientes regadores, colheita, retirada das sementes e

⁵⁸ Se você deseja conhecer especificidades do cultivo do Hibisco e ver imagens dele na própria Horta Comunitária, pode assistir a reportagem da Emater no link: <https://www.youtube.com/watch?v=SFO6frVzFOo>

secagem ao sol, pesagem das quantias para a venda, consumo do chá (quente ou gelado), das geleias e do arroz com Hibisco.

Assim como Jussara, que nos contou que aprendeu com os ciclos que observou, podemos dizer que nós também aprendemos nas e com as práticas relacionadas ao ciclo do Hibisco. Aprendemos que é possível deslocar a necessidade de pertencimento que nossa sociedade direciona ao consumo para a construção de lógicas que nos fazem viver e sustentar a vida de outros modos, quem sabe menos egoístas.

Podemos dizer que aprendemos sobre sustentabilidade, por mais piegas que isso possa parecer. Mas não sobre a sustentabilidade amplamente discutida no âmbito do capitalismo verde, que só faz produzir cada vez mais desigualdade, pobreza e morte. Aprendemos com o Hibisco a sustentabilidade no sentido de seguir sustentando a vida, os processos que multiplicam a vida de forma simples, apesar de todo o trabalho e dificuldade que isso implica, pois na dimensão cultural há sempre a disparidade entre os sujeitos, e deste modo, não há atalhos para a dificuldade na coexistência entre as diferenças. O Hibisco não nos dá descanso, quando um ciclo termina, já é hora de (re) começar o plantio. Sustentar a vida e construir um horizonte comum junto ao outro, aos outros, também não.

Aprender a sustentar a vida de outro modo que não seja consumindo e produzindo informações para algoritmos que nos devoram, não é, principalmente no contexto em que vivemos, uma aprendizagem simples. Mas o que queremos dizer é que é uma aprendizagem possível, e que pode ser coproduzida nas mais diferentes relações. Incluindo na relação com os não humanos, neste caso específico, o Hibisco.

A perspectiva "mais do que humana" envolve mudanças no horizonte compreensivo no que se refere ao entendimento sobre aprendizagem. Destacamos na tese, o fato da aprendizagem não ser uma função predominantemente mental, mas um "movimento" da vida, envolvendo o sujeito humano como um todo, bem como sua relação com os vários ambientes que constituem o mundo (CARVALHO, STEIL & BRANDÃO, 2020). Por isso mesmo entendemos que a aprendizagem é também situada (LAVE, 1991).

Figura 27. A divulgação do Hibisco.

HIBISCO E SUAS PROPRIEDADES MEDICINAIS E GASTRONÔMICAS



Hibisco está em plena época de colheita

O hibisco (*Hibiscus sabdariffa*, Malvaceae) também é conhecido no Brasil como rosela, vinagreira ou quiaboda-guinê e apresenta grande valor alimentício e medicinal. É uma espécie originária da Índia e do leste da África. Introduzida no Brasil adaptou-se muito bem para o cultivo em clima tropical e na Região Sul no período de primavera e verão. É uma planta arbustiva de grande apelo ornamental seja pela coloração de suas folhas, flores ou pela cor vermelho intenso das sépalas que re-

cobrem os frutos.

É a planta símbolo da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro em Porto Alegre e tem se constituído em importante matéria prima para empreendimentos da agroindústria familiar do Rio Grande do Sul.

Como alimento são utilizadas suas folhas, as sépalas que protegem os frutos e suas sementes. As folhas são consumidas como hortaliça no norte e nordeste do Brasil, dando origem a pratos como o arroz de cuxá da

culinária tradicional do Maranhão. As sépalas de constituem em produto alimentício de grande versatilidade, sendo utilizadas em preparações de bebidas quentes, como chás, ou frias como sucos, capilés, spritzbier, águas saborizadas, entre outras possibilidades. Mas se constituem em matéria prima valiosa em preparações como xaropes, doces em pasta, muito apreciadas em geléias e chutney para acompanhar carnes assadas, bem como em receitas salgadas como no preparo de patês. As sementes, ricas em proteínas e um pouco amargas, são trituradas, transformadas numa espécie de farinha para elaboração de sopas e utilizadas na África como alimento e quando torradas são usadas como substituto do café.

Sob o aspecto nutricional, o hibisco é importante fonte de vitaminas A, B e C, e de minerais como ferro e fósforo, além de ser fonte de proteínas. Suas sépalas ricas em polifenóis e antocianinas lhes conferem propriedades antioxidantes.

Como planta medicinal estudos científicos comprovaram sua ação anti-hiperten-

siva, redução do colesterol e suas propriedades antioxidantes podem proporcionar proteção ao fígado e rins.

Esta espécie é bastante rústica, de fácil cultivo e manejo. É propagada através de mudas obtidas pela sementeira das sementes e transplantadas para o local definitivo quando apresentam de 10cm a 15cm de altura. Pesquisas indicam que a adubação aplicada no preparo do local de plantio com composto orgânico de cama de aviário (10 t/ha) tem se mostrado muito promissora para a obtenção de alto rendimento de frutos. O espaça-

mento de plantio é de 0,70 a 0,80cm entre plantas e de 1m a 0,80cm entre filas de plantas.

O período de colheita dos frutos na Região Sul se dá de dezembro a março e as sépalas podem ser utilizadas ao natural ou conservadas desidratadas ou congeladas para fins de uso como matéria prima na indústria alimentícia ou para a elaboração de chás medicinais.

Por: Professora Ingrid de Barros
Foto: Valtencir Cruz

GELÉIA DE HIBISCO



Instruções

4 colheres de sopa de flor de hibisco desidratada
1 caneca de açúcar demerara orgânico.
1 caneca de água quente
2 maçãs médias

Modo de Preparo

Prepare o chá de hibisco acrescentando as 4 colheres de sopa da flor de hibisco desidratada à caneca de água quente. Então, bata tudo no liquidificador até triturar bem a maçã. Leve ao fogo e mexa até atingir a consistência de geleia

Fonte: Reportagem do Jornal Vitrine Lomba do Pinheiro

– Edição 19/Ano 4. Março de 2018.

4.2.3 Aprender na experiência de abertura

“Ovelha não é pra mato”

Ao observar alguém que “tira mais fotos das plantas do que trabalha”, alguém “pouco disponível ou “muito seletivo” em relação às práticas da Horta Comunitária,

comumente os praticantes mais experientes sentenciam que “Ovelha não é pra mato!” (Diário de Campo, agosto de 2018). Pelos contextos observados, entendemos que a sentença, embora pareça, não é determinista, não quer dizer que a pessoa não possa vir desenvolver habilidades, também não tem a ver com o quanto a aprendiz já apresenta de conhecimentos prévios sobre plantio. A sentença se refere especificamente ao quanto o aprendiz está aberto àquilo que ali se passa.

Na Horta Comunitária, aquele que não se mostra disponível por vezes é entendido como essa “ovelha”, pois afinal de contas, a disponibilidade para o mato – ou seja, para toda a adversidade que envolve praticar Horta Comunitária naquele espaço – é condição para uma plena participação (LAVE, 1991; WENGER, 2001). A abertura às diferentes experiências mostra-se como ponto comum nas histórias de aprendizagem de nossas interlocutoras. E entendemos que esse processo de abertura ao outro, seja ele humano, não humano, é ao mesmo tempo condição para a aprendizagem e também efeito dela.

A experiência de abertura por parte dos aprendizes talvez possa estar relacionada a uma dimensão pragmática, que vem na esteira de uma necessidade objetiva de se vincular à dado contexto de prática, mas também pode se desdobrar, ao longo do tempo, em uma abertura à alteridade, abertura ao outro. Um outro díspar e que se apresenta de formas e perspectivas tão diferentes que provoca a necessidade recursiva de ex-posição e, por isso, de (re)exame do sujeito deslocado, o que garantiu a abertura. Estamos entendendo que as práticas na Horta Comunitária podem acionar essas disponibilidades.

Para que haja possibilidade desse efeito, cabe também ao sujeito implicado estabelecer uma brecha para que a experiência se desdobre. Cabe à “ovelha ampliar seu hábitat”. Cada aprendiz, a seu modo, faz um movimento característico neste sentido. Um movimento em direção a certa disponibilidade para com o que se vai viver ali.

Quando perguntada sobre como aprendeu a fazer aquilo com o que tem se envolvido na Horta, Jussara nos dá pistas dessa condição de abertura:

(...) Sabe Lilian, vivendo isso daqui... Tu aprende vivendo, no querer viver e ver. Aprende abrindo teus olhos né, as pessoas te ajudando a tu abrir teus olhos né?! Por isso que eu digo que tudo está conectado... Tu tem que vir com a tua mente meio que aberta assim... Se tu quer entender, se tu quer compreender... Tem que vir e não precisa nem ter consciência que tu quer aprender (Jussara. *Entrevista*, p. 16-17).

Jussara nos diz que há uma abertura, uma disponibilidade, mas há também pessoas “te ajudando a tu abrir teus olhos”, uma espécie de mediação. Essa mediação, conforme

veremos mais adiante, dá-se de formas diferentes. Mas em comum está, na maior parte das vezes, a centralidade na agência de quem aprende.

Interessante pensarmos que as práticas que constituem a Horta também tem caráter de abertura, pois há a possibilidade de atribuição de inúmeros sentidos sobre elas. E esses sentidos - e aprendizagens – são tão múltiplos quando os sujeitos envolvidos. Assim, ao que nos parece, a coprodução da Horta Comunitária é movimento que inclui a interferência – e expansão – nas práticas que a constituem, e essas interferências se dão a partir da interpretação que os sujeitos fazem sobre as próprias práticas.

Mas esse caráter de abertura das práticas a que estamos nos referindo não se aplica a todas elas. Há sim algumas que nos parecem ser mais “frouxas” – no sentido de alargamento da possibilidade interpretativa sobre a prática. Um exemplo pode ser a promoção das trilhas na Horta Comunitária na qual cada sujeito que promove a caminhada na trilha traz pontos atencionais que julga pertinentes, ou seja, há ali o emprego de uma maior maleabilidade no exercício daquela prática. Outras práticas, no entanto, nos parecem menos frouxas. Implicam em um maior número de definições, que embora ao longo do tempo podem ser reestruturadas, ainda assim seguem determinados códigos referentes as ideias difundidas na comunidade de práticas. Um exemplo de prática menos frouxa é a colheita do Hibisco, para a qual há códigos mais estruturados sobre como lidar com a planta. Por exemplo: cortar com uma ferramenta (podão, faca ou tesoura) o que será colhido ao invés de arrancar de modo a não “machucar” as plantas. Sendo assim não há negociação de sentido em relação a tal ponto e por isso, a prática é menos frouxa.

Em que pesem essas reflexões sobre o caráter de abertura relacionados às práticas, nos interessa olhar nesse momento as experiências de aprendizagem e os efeitos provocados nas aprendizes. Talvez essa abertura necessária às aprendizes, a que nos referimos, aproxime-se do que Pereira (2011, p.114) nomeie como atitude estética, ou seja “uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento “em si”, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que produz em mim, na minha percepção, no meu sentimento.” Aprender (n)a Horta Comunitária requer colocar-se em uma posição de vulnerabilidade aos efeitos do que se vive. Aprender na ex-posição, nas sucessivas e diferentes posições assumidas ao longo do tempo, ao que nos parece, tem a ver com isso.

A experiência de aprender a chegar na Horta Comunitária causou efeitos em Janaína. Para que pudesse estar na Horta precisou aprender a lidar com seus medos, seus limites. No entanto, se “nós nos constituímos e constituímos ao mundo realizando composições e arranjos com a realidade circundante” e se “a realidade, aquilo que

existe (seja concreta e materialmente, seja abstrata e conceitualmente) não é mera exterioridade, mas algo que me constitui tanto quanto eu a constituo.” (PEREIRA, 2014, p.111), Janaína, ao que nos parece, optou por produzir novos sentidos sobre esses sentimentos e construir novos arranjos, expandindo, assim, suas habilidades. Abriu-se à experiência na perspectiva de compreender os efeitos que essa teria sobre seus modos de ser:

(...) por mais que a gente saiba que exista violência em todo lugar, o jeito como minha família encarou, por exemplo, foi difícil. Porque eu sempre fui essa pessoa mais, por mais que eu fosse bastante independente, acredito eu, sempre teve essa questão do cuidado... Por ser uma menina, por ser uma mulher e por estar em um espaço em que eu não estava acostumada. E por todo um contexto que se divulga sobre a Lomba do Pinheiro, e que a gente sabe que a Horta não está livre, nem um pouco livre disso... E eu sempre fui muito transparente assim, comigo mesma e com a minha família, de dizer os riscos que tem na região, porque eu acho que para a gente encarar bem as coisas a gente precisa estar ciente dos riscos que algo tem né? Então no início, foi uma coisa que pesou... Não tem, não posso negar isso porque sim eu tinha medo. Quando uma vez eu me deparei com o fato de que eu tinha chegado lá e vi que não tinha ninguém na horta, eu fiquei com medo... Eu me enfiei ali onde tem aqueles banquinhos, à direita de quem está chegando na entrada da horta... Nossa, eu me escondi naquele lugar até chegar alguém. Porque não tinha como saber, tinha os caras lá em cima da obra, que eu não conhecia direito, eu tinha recém chegado... E ah, naquele espaço não tinha ninguém, só que sempre pode ter alguém escondido no mato como em qualquer lugar nesse planeta... É era tipo assim, era um medo que eu tinha, então pesou... Mas nunca me desanimou assim, sabe? Nunca me desanimou mesmo assim... Até teve um dia que eu estava lá com o Fabrício de tarde e a gente ouviu uns tiros, lá na volta... Não muito perto, mas na volta... E a gente pegou as coisas e saiu. Eu estava assustada, óbvio, eu não estava acostumada com isso. Eu nunca vivi em algum lugar que tenha esse tipo de conflito... Mas por outro lado foi sim um aprendizado que eu tive, eu aprendi com certeza a valorizar a minha vida, a valorizar os espaços que eu estou. Bah, chega a me emocionar isso... (*Janaína fica nitidamente emocionada, seus olhos enchem de água e sua voz fica embargada.*) Valorizar sabe?! O espaço que eu moro assim... As coisas que tu tem... Porque aquele pessoal que chega lá na Horta, eles vivem esse tipo de conflito o dia todo, sabe? O dia todo, todos os dias, e, seja onde eles moram, seja na própria Horta, ou com pessoas que eles conheçam... Então assim, a Horta é a vida assim sabe, o que acontece dentro da Horta acontece na Lomba do Pinheiro, então por isso que eu não desanimei sabe? Porque eu precisa sair também da minha bolha, eu tinha muito isso... A Horta me mostrava todos os dias que eu vivia numa bolha sabe. Por mais que eu fosse muito consciente, de várias coisas que eu sei que já tinham mudado... A minha visão política, a minha visão econômica, a visão social... Ela engloba essa compreensão, mas é que tu não vai entender completamente se tu não vive um espaço desse sabe? (...) (Janaína. *Entrevista*, p. 28).

No caso de Janaína, aprender a estar na posição de vulnerabilidade tem um sentido duplo. Liga-se ao medo das ameaças objetivas que percebia e também aos efeitos relacionados à sua subjetividade, ao efeito produzido de “sair da bolha”. Janaína parece escolher ser diferente do que vem sendo. No entanto, trata-se também de um jogo de mútua

interferência, de composição de possibilidades que constituem Janaína e a comunidade em que está implicada, pois a partir desse episódio o grupo a ajuda também na organização da sua chegada, explicando sobre os horários e combinando encontros para que descesse pelo mesmo caminho só que agora acompanhada. Em campo, passamos a descer, inclusive, o caminho com Janaína.

Para as aprendizes que vem de outros lugares da cidade de Porto Alegre, aprender a chegar na Lomba do Pinheiro tem a ver com uma abertura necessária ao trânsito pela cidade, mas também uma disponibilidade ao exercício de compreensão de como as relações se configuram no Bairro da Lomba do Pinheiro, como nos conta Alana. Aprender a chegar à Horta passa por estar disponível a entender os fluxos do bairro e suas implicações:

A: Tá, vamos começar pelo início, aprendi a chegar na Horta primeiramente... hahahaha

L: Me conta isso...

A: É, eu não conhecia a Lomba, é um aprendizado muito forte porque é abrir essas portas para que eu pudesse estudar a Lomba, para que eu pudesse estudar como é o formato desse bairro, da onde vem as pessoas, quem frequenta a Horta, qual é a trajetória dessas pessoas... Enfim, eu não sabia dessa trajetória de pessoas que foram, que fluíram com a dinâmica do êxodo rural e que se fixaram aqui nesse espaço, então eu não conhecia toda essa trajetória, da Lomba, foi um conhecimento muito forte assim... Conhecer sobre a Lomba, conhecer mais sobre a Lomba e conhecer com as pessoas da Lomba e enfim esse foi um aprendizado, aprendi a chegar na Lomba...

L: Alguém te ensinou⁵⁹ a chegar aqui?

A: Alguém me ensinou a chegar aqui, acho que a primeira pessoa que me ensinou foi a Bela, que era essa minha amiga que vinha, mas a partir disso ah, eu vim, e ah, porque primeiro eu pegava um ônibus, porque eu vinha até a PUCRS, daí eu ia lá e pegava um ônibus, daí eu vi que não era vantagem porque eu podia descer no viaduto São Jorge que lá passava mais ônibus para eu vir para cá... Primeiro eu só pegava o Pinheiro, daí depois “ah mas o Rápida também pode”... Ah tá, então tá. Daí a partir disso fui descobrindo esses caminhos, essas formas de chegar aqui, daí aqui aprendi mais sobre as pessoas que aqui estavam, e sobre enfim, sobre o bairro assim, e sobre a influência da igreja franciscana, a influência das lideranças comunitárias, e desses movimentos de luta assim comunitária... Fui aprendendo sobre isso e sobre o histórico da Lomba... Aí, enfim, sobre, sobre o entorno também porque eu lembro que quando eu comecei o estágio estava naquela fase de furtos na sede e tal... Então eu pude entender mais sobre as dinâmicas do entorno, sobre quem passa por aqui, como passa, como chega, então pude entender um pouco mais sobre isso também.(Alana. *Entrevista*, p. 9-10).

⁵⁹ A entrevista com Alana foi a primeira entrevista que realizei, e como havia enfatizado ainda no primeiro capítulo da tese, nessa pergunta falseio e reitero o binômio ensino-aprendizagem, recaindo na compreensão que eu mesma critico. Escolho visibilizar o acontecido justamente para tratar deste deslocamento, desta virada interpretativa que muitas vezes acontece discursivamente, mas encontra dificuldades, pelas marcas de nossos processos de institucionalização, em operar até mesmo na ação da pesquisadora. Em que pese essa minha falha, penso que esta me rendeu boas reflexões e discussões, e penso que é justo para isso que aqui estamos.

A abertura como condição na participação tem também uma dimensão de exposição na agência do corpo no mundo. O aprendiz passa a movimentar-se de diferentes formas naquele espaço. E, se conhecer tem a ver com deslocar-se, ser diferente do que sem vem sendo envolve incluir outras possibilidades de movimento, cada vez mais intenso, em termos do que as práticas requerem de seu corpo no espaço da Horta. A abertura envolve também essa disponibilidade.

Ao conversarmos com Renata sobre o volume de trabalho que envolve cuidar de uma Horta, ela nos conta das dificuldades relativas às práticas, mostrando-se disponível, apesar do trabalho “duro e cansativo”:

L: Eu lembro que ao longo do teu estágio, tu dizia algumas coisas assim sobre a tua percepção do volume de trabalho que requer uma horta Renata...

R: Ah é sabe?! Porque eu não tive muito contato com sítio... E tu precisa de ter muitas pessoas para cuidar, colaborar, então assim ali o trabalho ele é bem intenso...Assim, a gente até consegue fazer pouca coisa né, assim em um período de 4 horas... E também porque cansa bastante neh?! Ali pegar uma enxada, tu carregar um adubo nas costas, na época a gente tinha até que ficar carregando a água para locais mais longes, porque existe essa questão da roubalheira das mangueiras né?! Porque as mangueiras como facilitam o trabalho né?! E às vezes quando tu via... “Poxa, roubaram uma mangueira!” Aí tu voltava para o balde né?! Para os regadores...E assim é! Um trabalho duro e bem cansativo, a gente ficava bem cansada mesmo! Mas estar em contato ali com o sol, isso aí tudo também é muito bom! (Renata. *Entrevista*, p. 7).

Quando nos referimos a sujeitos *experientes* ou *experimentados*, estamos falando de alguém que não apenas se fez através de experiências, mas, principalmente, de alguém que está aberto a novas possibilidades de experiência. “O sujeito experimentado é sempre o mais radicalmente não-dogmático, já que, justamente por ter aprendido tanto, está aberto para realizar novas experiências e aprender com elas” (CARVALHO, FARIAS e PEREIRA, 2011, p. 44). A experiência é sempre “experiência fundamental da finitude humana” (GADAMER, 1999, p. 527), por isso o experimentado é aquele que está consciente dessa limitação.

Quando nos referimos a abertura necessária ao processo de aprendizagem na prática estamos nos indagando sobre as “condições de possibilidade da aprendizagem” (LAVE, 2019 apud GOMES et al, 2019, p.119). Na escuta de nossas interlocutoras, tanto em campo quando das aprendizes entrevistadas, compreendemos que a disponibilidade ao que vem – ao mato – é recurso que , no contexto investigado, torna a aprendizagens possível.

“Uma trilha com os caciques” - Sobre um convite à abertura

A prática de dividir o trabalho em pequenos grupos de pessoas é estratégia comum no âmbito da Horta Comunitária. Quando a Horta sedia eventos ligados à agricultura urbana, essa costuma ser a estratégia utilizada para receber um grande número de pessoas. De tal forma, os visitantes, que vem de diferentes pontos da cidade, podem contar com o auxílio de um mediador, um praticante assíduo e em geral experiente, o qual também sinaliza algumas normas do espaço, como por exemplo, a impossibilidade de arrancar plantas sem antes conversar com as referências que estão no papel de anfitriões, ou a impossibilidade de pisar encima dos canteiros.

Em dezembro de 2019, aconteceu um evento na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro no intuito de divulgar e reunir pessoas ligadas ao tema da agricultura urbana. Para a ocasião foi organizada uma tarde de oficinas abrangendo temas como compostagem e adubação, produção de mudas, captação de água da chuva por sistema de cisterna, irrigação, bem como uma trilha voltada à educação ambiental. As oficinas ocorriam de modo concomitante e duravam um tempo determinado, assim os grupos de visitantes – que somavam aproximadamente o número de 80 pessoas – deslocavam-se de um tema a outro, podendo participar de diferentes oficinas. Os mediadores das oficinas eram em sua maioria, participantes da Horta Comunitária.

Na organização do evento, que aconteceu semanas antes, os praticantes mais experientes expuseram a necessidade de todos os hortelões participarem como mediadores em alguma das oficinas. Os pequenos grupos foram então dividindo-se nas frentes de trabalho, que obedecia a um certa norma implícita– a presença de pelo menos um sujeito mais experiente nas práticas de agricultura urbana. No entorno deste sujeito, duplas de aprendizes, ou de participantes pouco assíduos faziam parte do trabalho, que resumia-se, nas palavras dos interlocutores a “permitir o acesso às experiências da Horta”.

Deste modo então a pesquisadora também precisou assumir um lugar ali. Participou como mediadora, junto a outro experiente participante da Horta na oficina da trilha de educação ambiental. Verbalizou que em um primeiro momento gostaria apenas de observar, pois não tinha conduzido aquela trilha ainda e não se sentia apta para tanto. O hortelão então olha sério para ela e diz de modo respeitoso: *“Fica tranquila!”*

A trilha ocorre em um fragmento de mata mais preservado e é estruturada a partir de algumas paradas chave que incluem a observação de pontos específicos.

Chama a atenção o caráter voltado ao tema da justiça ambiental assumido nas falas do praticante experiente: *“Este palanque aqui (aponta para um palanque sem fio de cerca) serve para lembrar que ainda existem cercas dividindo o mundo entre aqueles que tem mais e tem menos. Os de baixo ficam com as sobras de tudo...”* (Diário de Campo, dezembro de 2019).

O primeiro grupo participante da trilha era composto por crianças, adultos jovens moradores do bairro e alguns visitantes de outros locais da cidade. Ao terminarmos a trilha com esse grupo, o hortelão experiente avisa discretamente que a próxima trilha será guiada pela aprendiz, que naquele momento ainda está confiante, pois com modos de professora ⁶⁰percorreu a trilha atenta aos detalhes e inclusive pensou em outros pontos a destacar. Toda a confiança que criara foi imediatamente abalada pelo diálogo que se sucedeu na sequência. O mediador, segurando uma garrafa de água nas mãos e falando pausadamente atribui uma tarefa para aprendiz:

Fabrício: Tu guia a trilha agora tá?!
Lilian: Claro! Se eu precisar daí tu me ajuda né?
Sem responder a pergunta, ele continua.
Fabrício: E agora é a trilha dos caciques!
Lilian: Como assim caciques?
Fabrício: Ué, dos especialistas... Tem até professor da universidade.
(Diário de Campo, dezembro de 2019).

Percorremos a (mesma) trilha. Os pontos atencionais que Fabrício havia destacado na última volta muito pouco serviram à aprendiz, que teve de abrir mão da “programação”. Os caciques da universidade queriam falar de outras coisas, de outros pontos de atenção. Um dos caciques fez uma correção em uma das falas:

Lilian: Pessoal, vocês conhecem esta planta aqui? Ela dá nome que ao arroio!
Cacique A: Taquara!
Lilian: Taquara! É em homenagem à ela o nome do arroio que corre aqui atrás! (Aponto com uma das mãos.) As folhas da Taquara servem aqui para que a gente possa cobrir, por exemplo, os canteiros da Horta e não deixar o solo à mostra. Nossos irmãos indígenas usam sua fibra pra fazer cestaria e também material de pesca..
Cacique: Nossos indígenas? Deixa eu fazer uma correção! Eles não são coisas para serem nossos!
Lilian: No sentido de serem nossos irmãos... Mas realmente, não são nossos não! Ou são?
A discussão entre os caciques da universidade segue. Começam a falar sobre colonização.. Eu me abstenho. Fabrício me olha, ensaia um sorriso. Eu sinto vontade de rir. É como se ele me dissesse: “Entendeu? Essa é a trilha dos caciques!” Eu então abro mão dos pontos atencionais. Percebo que talvez os

⁶⁰ Nesse momento fazia pequenas “notas mentais” com pontos atencionais sobre o caminho.

caciques queiram falar das coisas de suas “cabeças”, percebo também que andam mais rápido. Talvez já não enxerguem o que olham. (Diário de Campo, dezembro de 2019).

Se para conhecer é preciso romper com o modelo estacionário (Ingold, 2015) e se colocar no processo de deslocamento, nos desafiamos a pensar sobre a experiência vivida e dentre as inúmeras possibilidades interpretativas que se revelam nessa cena, o modo como Fabrício nos convoca ao desafio frente aos “caciques” parece revelar um plano, um convite. Algo que no mínimo coloca a aprendiz de frente com um limite, desacomodando-a, provocando-a a estar aberta a essa situação frente aos “caciques” da universidade. Levando-a a pensar sobre o exercício de novas modalidades de engajamento com as práticas existentes no âmbito da Horta.

Talvez também haja uma intenção filosófica pois não é o que se diz no momento da trilha que está em jogo na relação praticante experiente e aprendiz - “O que está em questão não é o que nós fazemos, o que nós deveríamos fazer, mas o que, ultrapassando nosso querer e fazer, nos sobrevém, ou nos acontece (GADAMER, 1999, p. 14)”. Aprender pela experiência de abertura parece ter a ver com desenvolver a habilidade de abrir mão das antecipações.

4.3 Aprender como fazer: das aprendizagens técnicas

As aprendizagens referentes às práticas de cultivo incluem conhecimentos que são construídos ao longo do tempo com o grupo, com a participação na comunidade de práticas, através dos diferentes modos de participar, exercidos pelas aprendizes em contato com a e na Horta Comunitária. Aqui apresentamos algumas situações de aprendizagem que envolvem este agrupamento de práticas e experiências particulares.

4.3.1 Aprender por expedientes de repetição

Aprender por meio da repetição das práticas não é algo inaugural dentro do campo das teorias de aprendizagem. Entendemos que os expedientes de repetição foram um dos modos presentes nas trajetórias de aprendizagem de nossas interlocutoras.

A repetição, comum à rotina de manejo da Horta Comunitária, não tem a ver com uma estruturação monótona de mera memorização. O desenrolar e a compreensão da dinâmica de trabalho – que inclui, por exemplo, aprender os nomes e propriedades

medicinais de algumas plantas – acontece através do convívio sistemático dentro da casa de mudas, ao lado de praticantes mais velhos e com as plantas. Alana diz das coisas que aprendeu na casa de mudas, o lugar onde iniciou suas práticas na Horta:

(...) Aí propriamente eu lembro que eu comecei pelas mudas, fui conhecendo as mudas, no grupo de senhoras que estavam ali nas mudas. Então a gente faz mudas nas caixas de leite... Enfim, aprende como cada planta, tipo, nessa feitura de muda tu vai conhecendo um pouco mais sobre as plantas... Eu lembro que eu cheguei lá na estufa sabendo bem menos, agora eu acho que eu consigo identificar várias daquelas plantas, acho que todas que estão ali... Mas quando eu cheguei não... Eu fui aprendendo sobre isso assim, sobre o nome das plantas, sobre a propriedade medicinal delas... (Alana. *Entrevista*, p.10.)

O processo de trabalhar na casa de mudas é algo comum nas trajetórias dos aprendizes, tendo acompanhado o percurso do grupo percebo que é uma prática de entrada. Nós também começamos nossas práticas ali.

Os expedientes de repetição a que nos referimos tem dupla sustentação. A repetição consiste em um leque pequeno de uma sequência de atividades que devem ser feitas cada vez que se vai trabalhar na casa de mudas (regar as mudas, retirar as folhas secas, desprezar as mudas que estão mortas na composteira, cortar as caixas de leite reaproveitadas para preencher de terra e desse modo poder fazer novas mudas, entre outras). As aprendizes permanecem executando as tarefas por um tempo – que não é um tempo padrão, varia de aprendiz para aprendiz – e é a permanência nessa condição, ali naquelas atividades, que caracteriza a repetição.

Na casa de mudas, por meio da repetição das práticas ao longo das semanas, que no caso desta pesquisadora durou 2 meses, percebi que as aprendizes acabam desenvolvendo a atenção para características como o cheiro das plantas, suas folhas, tamanhos das mudas, modos de plantio. A atenção para estas características e propriedades se dá à medida em que se coproduz o plantio de mudas com as pessoas engajadas na atividade, ouvindo suas histórias, conversando sobre “coisas da vida” e ao mesmo tempo ouvindo-as falar sobre as plantas, o que envolve também – não podemos deixar de destacar – expedientes de ensino, que também se repetem. Por vezes, os nomes das plantas e as dinâmicas de cultivo voltadas à estas vão sendo nomeadas e repetidas – por diferentes pessoas que também, mas não todos os dias, estão produzindo mudas ali no contexto de prática. E assim as aprendizes vão ampliando seus repertórios ao ouvirem, memorizarem, mas também ao atribuírem sentidos múltiplos ao que praticam.

Desse modo, os expedientes de repetição envolvem tanto a repetição de atividades em que se engajam as aprendizes, quanto aquilo que é repetido pelos hortelões mais experientes de modo também intencional – como expediente de ensino. Nesse sentido precisamos enfatizar que quem repete o faz também para fixar, para demarcar, ou se assim preferirmos, para ensinar. Ao longo do tempo, entendemos que na Horta Comunitária alguns conhecimentos envolvem sim dinâmicas de ensino, mas que esse ensino assume diferentes formas, que logo exploraremos. A aprendizagem na casa de mudas também contempla essa abordagem, por meio da repetição do que se fala, e das orientações.

A repetição, nestes dois sentidos, é parte do cotidiano. E, embora haja uma grande diversidade de práticas, em um curto espaço de tempo, as práticas de manejo se repetem. E os aprendizes assim passam por esses expedientes e, tendo conhecido algumas plantas e também se entrosado às pessoas, pois a casa de mudas é um espaço de promoção nesse sentido, passam a trabalhar em outros espaços da Horta.

A repetição também tem a ver também com os ciclos acompanhados pelos praticantes ao longo do tempo. Ao manejarem os cultivos e observarem as plantas cultivadas em um ano, e depois no outro, percebem padrões, e estabelecem comparações que dependem mais do engajamento e observação de determinada prática, do que propriamente da orientação de um praticante mais experiente:

Aprendi que tem plantas que no seu período de início de vida elas não gostam de outras plantas perto delas. Uma delas que eu aprendi na horta é o Hibisco. Depois que ela se desenvolveu, a uma certa altura, a um certo distanciamento da superfície, as outras plantas próximas a ela não incomodam... Mas no início do desenvolvimento logo que foi semeada, e até uns 20 centímetros de altura, a gente deve manter limpo em volta... (Jussara. *Entrevista*, p.25.)

Ao lado de Jussara acompanhei dois ciclos de plantio de Hibisco e em que pese o fato de eu não poder afirmar que tais conhecimentos trazidos por ela neste trecho não necessariamente tenham sido construídos somente pela observação na repetição, é importante enfatizar que o engajamento no trabalho ao longo do tempo e a repetição da dinâmica de cultivo das plantas, ou seja, a rotina estabelecida do espaço, são condições importantes nessa construção.

Algumas práticas são aprendidas por uma repetição de tentativas e erros. A capina pode ser uma delas. É uma atividade intensa, repetitiva e que requer força, habilidade na percepção e seleção do que se quer arrancar e do que se quer deixar crescer. A repetição das tentativas e erros é coproduzida também de modo coletivo, ela conta com o olhar

atento de um companheiro mais experiente, a quem se pode pedir confirmação. É como se esse o aval tornasse a prática mais confiante, não importando a qualidade da execução. Alana, desloca a perspectiva da tentativa e erro como algo individual, e destaca a interlocução com um praticante mais experiente:

L: Tu fala de uma historicidade que tu compreende, que tu precisa fazer a leitura dessa historicidade para saber como tu vai agir e praticar... E aí eu te pergunto: como que se aprende isso?

A: Com as pessoas, com as pessoas que estão há mais tempo aqui... Eu acho que estando com elas assim e tipo “*Ah vou capinar... Ah é assim que faz?*”

L: Como é que tu fez? Porque tu fala que tu tinha mais ou menos uma noção da capina, mas como é que tu fez, como é que tu fez quando viu alguém capinando?

A: Eu lembro que um dia eu estava com o Chico lá no canteiro e a gente estava tirando capim assim que estava na volta do que a gente queria cultivar assim, acho que era couve... A gente estava lá tirando capim e eu: “*Ah, é assim Chico?*”... E ele “*Ah, mais ou menos não sei o que...*” daí foi meio que ensinando a partir disso, a partir dessa tentativa e erro... E desse... Enfim, dessa experiência coletiva que estava acontecendo ali... (Alana. *Entrevista*, p. 6).

Na dinâmica que nos conta Alana, o praticante experiente orienta, ela imita e repete. Pelas sucessivas repetições do ato de capinar, sendo que a cada tentativa sucede um erro ou um acerto, o aprendiz vai desenvolvendo uma habilidade e, ao refletir sobre ela, produz um conhecimento.

A repetição a que nos referimos aqui não tem a ver com mecanização irrefletida dos processos de cultivo, tampouco com a estruturação de um dado passo a passo de toda e qualquer prática. A repetição aqui aparece como modo pelo qual os praticantes mais novos compreendem as técnicas gerais ligadas aos diferentes cultivos, ela enovela-se aos ciclos, tanto ao ciclo da trajetória de aprendizagem do aprendiz como ao ciclos naturais nos quais as práticas se fazem. Mas os expedientes de repetição também envolvem a repetição daquilo que se quer ensinar, pois afinal de contas, embora nosso foco sejam os processos de aprendizagem, também pelo ensino se pode aprender.

4.3.2 Aprender fazendo junto

Como já enfatizamos as práticas aprendidas na Horta não compreendem somente o plantio. Aprender a praticar Horta Comunitária também envolve, por exemplo, a manufatura daquilo que é plantado. Na situação descrita por Alana, aprender a fazer caldo de cana é uma prática cuja aprendizagem passa pela demonstração feita por um praticante, mais experiente. Alana aprende a fazer caldo de cana ao realizar a atividade junto a Fabrício, entendendo as condições necessárias para tal, como nos dá pistas:

A: A gente tava lá tirando as Tiriricas⁶¹ lá, e daí estava um sol, um sol, um sol... Daí fechou o tempo assim muito rápido e começou a chover... Daí a gente veio correndo aqui para a horta porque começou a chover forte, daí a gente ficou um tempo ali... A gente pensou a partir disso que não dá para ir para a horta... E tinha cana, que tinha colhido e daí a gente foi fazer caldo de cana! (*Risos*)

L: Mas que beleza! (*Risos*)

A: E foi muito massa porque eu nunca tinha operado naquela máquina, naquela prensa.

L: Aham.

A: E é muito legal, daí a gente fez cana e enfim aprendi como fazer caldo de cana... Que tu corta, porque não pode colocar a cana inteira porque se não fica muito pesado pra tu mexer na manivela. Então tu corta, daí tu passa um pedaço, depois passa outro, depois passa os dois pedaços juntos... Enfim, daí a gente fez caldo de cana nesse momento...

L: Uma aprendizagem que tu teve então?

A: Sim, enfim, o Fabrício me ensinou assim, tinha uma série de elementos que estavam propícios para esse momento... Tinha a cana, tinha a prensa da cana, tinha a chuva que veio (*risos*). Todo um cenário assim, e vários elementos não humanos ali presentes... Enfim eu perguntei sobre a máquina e ele disse “*Ah tu nunca fez?*” daí eu disse “*Não, não fiz!*”. “*Ah, então vamos fazer*” e fomos lá e fizemos assim...

Rimos juntas.

L: Daí tomaram caldo de cana...

A: Eu levei, eu levei uma garrafa de caldo de cana... (Alana. *Entrevista*, p. 7-8).

O relato de Alana sobre o momento em que aprendeu a fazer caldo de cana envolveu uma série de gestos com os braços, antebraços e mãos articulados por ela no momento de entrevista. Mesmo estando sentada, gesticulou mostrando com seu corpo, (braços abertos) o tamanho da cana utilizada bem como o movimento que fazia para girar a manivela da prensa. Alana destaca o convite de Fabrício para a prática, e a pergunta sobre se já conhecia os procedimentos. No entanto, parece perceber que não são apenas estes os fatores que contribuem para que o mediador propusesse o convite. Cita os elementos não humanos que são condições de possibilidade para a aprendizagem – a cana que pelo ciclo já estava colhida, a prensa disponível, a chuva que interrompeu a prática de trabalho no canteiro.

Pela fala de Alana, a mediação de Fabrício foi, nesta cena, apenas um dos elementos. No entanto, foi a leitura de Fabrício, o convite para o inesperado, e sua atenção que convocaram Alana para a situação de aprendizagem. Fazer junto, neste caso, parece ser trazer atenção também para as condições de possibilidade da coprodução do caldo de cana.

⁶¹ Nome popular da espécie *Cyperus rotundus*, planta rasteira, resistente às altas temperaturas, às chuvas e ao encharcamento. Quando se alastra impede o crescimento das demais plantas nos canteiros e por isso é comum que os praticantes da Horta retirem-na.

As aprendizes recebem convites para fazer junto. Assim como Alana, Jussara também nos conta da situação em que Chico a convida para plantar mandioca⁶². Há nesse sentido uma intencionalidade ali presente – talvez um plano. Essa intencionalidade pode compreender a ocupação do tempo da aprendiz, a tentativa de ensinar uma prática de modo a ampliar sua força de trabalho no grupo, ou simplesmente, dividir a carga de trabalho.

L: Jussara, tu disseste de uma vez que tu foi plantar mandioca com o Chico... Me conta mais como é que foi isso.

J: O Chico pegou e disse que tinha uma rama grande ali naquele espaço (*aponta com as mãos*) que a gente normalmente fica ali perto da estufa né?! Eu acho assim... Ele (*refere-se ao Chico*) tem uma sensibilidade que ele meio que lê assim o que tu aprendeu, o que tu precisa... Eu acho que ele sente o que tu está querendo alguma coisa e, às vezes, nem tu sabe o que que é né... E aí ele disse assim pra mim: tu quer ir lá comigo plantar? Era época adequada de plantar, eu estava ali disponível... O que eu acho muito importante na horta é eles te impressionarem, incentivarem, te mostrarem como faz... (...) (Jussara. *Entrevista*, p.9.)

A “sensibilidade” a que se refere Jussara tem a ver como uma leitura da disponibilidade da aprendiz. Se há essa abertura, há convites para fazer junto, – “tu quer ir comigo plantar?”. Ir junto plantar significa participar de modo periférico da prática (LAVE,1991), constituindo assim mais uma possibilidade de dar prosseguimento à trajetória de participação da aprendiz e conseqüentemente da comunidade onde se insere. Há também uma dimensão no plano do simbólico em aprender a plantar mandioca. O aipim/mandioca tem uma importância alimentar considerável naquele contexto já que seus tubérculos constituem grande fonte de carboidratos. Pesquisadores que seguem as práticas envolvendo o cultivo do aipim/mandioca costumam dizer que esse cultivo encontra-se em diferentes contextos ecológicos (terra firme/várzea) e também socioculturais (populações indígenas, mestiças, de colonos e até mesmo na agricultura urbana) (EMPERAIRE, 2005). A mandioca é um alimento tanto das áreas urbanas como das áreas rurais, é sinônimo de autonomia alimentar por sua composição nutricional e também pelas possibilidades de manufatura que apresenta. Isso talvez nos dê pistas do sentido que o convite tem para Jussara.

Plantar mandioca envolve uma série de conhecimentos específicos a serem construídos pela aprendiz, como o entendimento do tamanho da rama a ser utilizada no plantio, a profundidade a que será plantada, o critério para o espaço escolhido. Fazer junto

⁶² Aipim e mandioca aqui estão sendo usados como sinônimos. Referem-se à planta da espécie *Manihot esculenta* Crantz, espécie comestível.

a um participante mais experiente pode envolver também escutar uma narrativa sobre o que se faz, os motivos pelos quais se faz e a tentativa, por parte de quem media, de medir/quantificar – de modo a fazer ver as características importantes para o domínio da técnica – como por exemplo o tamanho da rama.

Fazer junto envolve, por parte da aprendiz, observar, seguir tipo “sombra” imitando o praticante mais experiente, mas também, em alguns casos, escutar suas explicações:

L: E como é que foi nesse dia? Me conta... Ele te chamou? Como foi?
J: Nós estávamos naquela função normal da horta assim... E por isso que eu digo da sensibilidade sabe?! Parece que ele sentiu né porque foi do nada... Estava ali naquele espaço que a gente convive ali embaixo do maracujá e eu nem tinha visto que era rama de aipim... Ele disse: “Tu quer plantar?” E eu disse: “Eu quero...” Mas sabe que eu nem sabia como é que se plantava... Já tinha ajudado a colher com os meus tios tudo... E eu fui assim, onde ele vai eu vou atrás... E ele disse: “É que eu quero plantar...” E eu já fui seguindo ele, eu já era a sombra dele, aí eu já vi todo o processo... Porque daí ele foi e ele pegou o facão, cortou às 3 raminhas tipo uns 25 cm e já fomos para o lugar adequado em um canteiro - ali o terceiro canteiro ali em direção ao pomar ali (*me aponta com as mãos a direção*). E ele disse assim “ah é nessa profundidade aqui que se planta...” Mas ele vai dizendo e já vai fazendo, já fez o buraco. Ele me explicou que eu botava a rama deitadinha, um pedaço ali cobria com terra e dava uma apertadinha com pé em cima para fixar bem a terra em cima. E aí foi todo aquele processo até acabar. Foi minha primeira vez que eu plantei né...(Jussara. *Entrevista*, p. 10-11).

Seguir o praticante mais experiente é estratégia de aprendizagem importante, pois afinal de contas não há muitos rituais de controle formais, tais como anotações das datas em que os cultivos foram iniciados, por exemplo, que auxiliem em um processo de independência da aprendiz. Essas dinâmicas ficam centradas nas pessoas, por isso segui-las é estratégia necessária:

(...) Mas a batata doce eu acho uma dificuldade e eu amo batata doce então eu digo que eu quero pegar o Chico colhendo batata doce para eu ver qual é o exato momento, ter uma referência assim de como está a folha, como está a rama da superfície, para saber o horário, a hora certa de colher. Porque como a gente não tem esse controle assim do que é plantado e quando é plantado, uma anotação para tu saber o tempo... Daí tem que ser esse conhecimento que já é natural dele, que ele conseguiu aprender no tempo. Porque numa produção na tua casa tu sabe quando tu semeou, e dali uma semana já está previsto que vai começar a aparecer o brotinho e tal e quando tu vai poder fazer tudo direitinho... Mas aqui na horta como são várias pessoas fazendo nem sempre tem essa coisa de ver todo o processo. (Jussara. *Entrevista*, p. 10-11).

O reconhecimento no processo de reprodução de certas práticas dentro do espaço da Horta é algo que mobiliza os afetos de Jussara e a torna disponível para novas situações de aprendizagem. A disponibilidade caracteriza os aprendizes que fazem junto, e o mediador,

quem “puxa a prática”, tateia e oferece recursos para aquele que está ali, disponibilizando-se, possa fazer junto. Não se convida a fazer junto alguém que não deseja saber este algo, por isso a pergunta “*Tu quer aprender a plantar mandioca?*” é mais do que um convite, mas o entendimento de que o aprender a fazer passa pelo desejar saber fazer, pelo engajamento, abertura e envolvimento da aprendiz:

Hoje olhei um canteiro ali de Hibisco que eu e a Renata semeamos né?! E é muito grande e é muito gratificante! E os aipim que eu plantei...Que eu e Chico... Deu maravilhoso! Tem umas pessoas iluminadas na horta... Ele (*refere-se ao Chico*) disse assim: “Tu quer aprender a plantar mandioca?” E eu disse: “Quero!”. “Então vem cá!” me disse. E ele foi lá e pegou a rama, cortou os pedaços, foi lá e mostrou o lugar ideal... Me falou, abriu o buraco e mostrou como colocava a rama, como eu tapava... E agora a rama com um metro e meio ali de mandioca né?! Então é muito gratificante!! É muito emocionante sabe?! (...). (Jussara. *Entrevista*, p. 7).

É importante reconhecer que os aprendizes não são sujeitos que necessariamente não sabem, aprendendo (conhecimentos) que advém de alguém que sabe. Ao contrário, os aprendizes estão engajados em aprender junto aos outros, visto que a aprendizagem é situada na/feita de/ é parte das relações entre as pessoas, contextos e práticas (LAVE, 1991).

4.3.3 Aprender também pelos expedientes de ensino – “*Uma aprendizagem menos expositiva e hierárquica*”

Ao largo de nossas entrevistas as interlocutoras foram evidenciando que aprender a praticar Horta Comunitária também tem a ver com estar em relações que abrangem expedientes de ensino. E nesse sentido, muito embora tenhamos enfatizado a dimensão da aprendizagem como prática, compreendemos também que os processos de formação também podem carregar muito de ensino. A diferença é que no caso dos processos da Horta Comunitária, os expedientes de ensino, quando acontecem, estão pautados na relação comunitária, coletiva, cooperativa e fundadas em vínculos de solidariedade, na necessidade comum da estruturação de repertório (também comum), que caracterizam uma comunidade de práticas. Quem ensina, nesse sentido, o faz também para assegurar essas relações, acolhendo no entanto ao aprendiz e aquilo que sabe. Diferentemente dos processos que ocorrem na escola, muitas vezes pautados pela violência simbólica.

Na orientação, pelo que nos parece, o praticante mais experiente também tenta “selecionar aquelas coisas dentro do âmbito da experiência existente que têm a promessa e

a potencialidade de apresentar novos problemas, que estimulando novas formas de observação e juízo expandem a área da experiência posterior” (DEWEY, 1979, p. 76). A orientação pode incluir assim também caráter expansivo em relação ao desenvolvimento das habilidades do aprendiz.

Os conhecimentos técnicos necessários aos manejos dos canteiros parecem ser *aprendidos na prática*, como nos contam nossos informantes. E essa prática passa pela imersão do sujeito no contexto de sua produção mas também por uma orientação dos praticantes mais experientes. A inserção na prática não necessariamente passa por uma ação estruturada de ensino, mas também por ela, como nos indica Maria Firmina:

L: E como é que tu aprendeu essas coisas lá?

M: Aprendi na prática mesmo (*dá risadas fazendo cara de pensativa*). Aprendi na prática... Muitas coisas... O pessoal mesmo... O pessoal me ajudava muito, me mostravam como é que era... A Mirtes né?! Uma pessoa maravilhosa, ela sabe é muito atenciosa... E ela te ensina... Ela tem muito conhecimento e ela me ensinava muito... (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 5).

Maria Firmina, ao contar sobre sua chegada à Horta Comunitária, cita a acolhida das pessoas que a receberam, enfatizando que *“lá as pessoas são muito dispostas a ensinar”* (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 4-5). Mas esse lugar de quem aprende por que alguém ensina, não necessariamente coloca a aprendiz em lugar de passividade. A maleabilidade do contexto de aprendizagem ao longo do tempo pode deslocar estas posições. Maria Firmina fala sobre como, logo que chegou na Horta, foi acolhida e *“levada pela mão”*:

L: Quando tu chegou lá... Como foi essa tua chegada na Horta? Como foram acontecendo as coisas?

M: Então... Meu primeiro contato foi com o Fabrício... Assim como eu falei... Ele conversou comigo, me apresentou a horta e realmente eu nunca tinha nem pisado em uma Horta Comunitária, na real assim acho que nem em uma horta assim... Eu não conhecia, não tinha esse contato, dentro da universidade a gente não tem esse tipo de contato assim... Com esse tipo de trabalho. Pelo menos na época que eu estava no curso não tinha... E ele me apresentou assim e eu fiquei bem encantada porque era um lugar muito grande, eu não tinha ideia que era um lugar tão grande eu pensei que era um lugar menor assim... Não sei, imaginei que fosse menor...Aí ele me apresentou, me mostrou, e aí quando eu iniciei assim eu, eu lembro que no dia que eu comecei tinha muita gente... Acho que era uma terça feira e tinha muita gente...Eu lembro que foi uma coisa meio, porque a gente não conhece né?! A gente fica pensando que dentro da cidade que a gente mora tem coisas que a gente acaba não conhecendo... E era um projeto muito bonito, é um projeto muito bonito né?! Aí eu lembro que eu não sabia fazer muita coisa... Não tive esse contato né?! Mas as pessoas lá são muito dispostas a ensinar... Então sempre tinha alguém para te ensinar, claro que se tu não sabia vinha lá e pegava pela mão e te levava, te mostrava, dizia como é... Então eu acho que eu fui muito bem acolhida, por todos, pelo Fabrício, pela Mirtes, por todo o pessoal, eu

lembro assim que na terça feira tinham várias senhorinhas né?! E elas ajudavam muito, nossa elas contavam altas coisas que a gente nem fazia ideia sobre nome de planta, sobre como plantar, então, eu me senti muito acolhida assim, na horta... (Maria Firmina. *Entrevista*, p. 4-5).

Embora não desenvolva exatamente as táticas utilizadas nessa condução, Maria Firmina utiliza-se da palavra ensino. E é interessante perceber que tal característica também tem relação com o praticante mais velho que desenvolve a mediação, suas características e até mesmo com a necessidade de estruturação colocada pela aprendiz. Coincidentemente ou não, Mirtes, além de praticante experiente e líder comunitária na Lomba do Pinheiro, também é gestora em uma escola de Educação Infantil e podemos pensar que as marcas da escola, vez ou outra, também estão presentes nessas mediações.

Demonstrar e orientar parecem se relacionar também com o controle sobre a prática. E, em que pese a fluidez dos processos que se desenvolvem no espaço da Horta Comunitária, há sim uma margem onde não é possível negociar, práticas menos frouxas, como já anunciamos. Há que se compreender que alguns modos de fazer já estão ali instituídos. Não que o domínio da técnica seja cristalizado, mas há uma historicidade, também certa tradição no modo como algumas práticas se desenvolvem. Em certa medida, o conhecimento que ali se constitui também abrange práticas tradicionais de cultivo da terra, implicando em conhecimentos a partir da experiência. As práticas assim também se pautam pelos enunciados que perpassam a história da Horta, como por exemplo o cultivo ecológico.

Os expedientes de ensino, como a orientação, também podem vir como estratégia para a reiteração da filiação em relação a estes conhecimentos tradicionais. Renata, ao contar sobre seu cotidiano na Horta destaca a orientação dos praticantes mais experientes:

L: E o que tu fazias? Me conta um pouco do teu cotidiano lá...

R: Então assim, colocávamos o adubo nas plantas, fazíamos a capina que é muito interessante e muito necessária também... Até que ela é meio discutível, algumas coisas tu tem que ter muito cuidado também para não tirar. Porque aquelas plantas podem ser invasoras para alguns e para outros não, então essa é uma das atividades que nós sempre estávamos sob orientação, ou da Mirtes ou do professor Fabrício... Mas eu tive mais contato mesmo com a Mirtes e com o marido dela, o Chico... Mas então isso assim, de ir buscar os adubos, fazer então essa capina, a plantação, cuidar as mudas, as preparações das mudas ali no próprio - dá para se dizer estufa... Rega, muito importante a rega, ainda mais que a gente passou por aquele período seco... (Renata. *Entrevista*, p. 5)

Quando perguntamos a Renata sobre as orientações recebidas, ela especifica que há uma dimensão de escolha para o aprendiz no sentido de que pode escolher o que irá

praticar, mas ao mesmo tempo, a depender da complexidade daquilo que escolhe, passará por orientações, como explica:

L: (...) Renata, agora há pouco tu falou de uma orientação para as atividades... E também que se pode escolher a atividade para fazer... Tu podes me descrever um pouco isso?

R: Ah assim, por exemplo assim, a colocação do adubo, já fui junto buscar esse adubo ali no aviário. Então essa orientação que digo no sentido de que se tu vai colocar o adubo próximo da planta tu pode queimá-la, a quantidade de adubo... Sim tu pode escolher a atividade que tu quer, ah tu quer ficar adubando mais, tu quer ficar fazendo mais mudas, mas tu tem essa orientação de o quanto vai no potinho, de cada caixa de leite que tu utilizava para fazer essas mudas, então tem que ter também essa orientação, de como preparar essa base, esse solo para a planta.. A muda, como tirar a muda da horta. Então claro que a gente tem essas orientações, mas se a pessoa quiser ficar mais realizando as mudinhas, não tem problema, se não gosta tanto de capinar, também não é tão problemático... Então é isso de sempre ter orientação... Tu não pode chegar lá a revelia e plantar o que tu quiser, então tu tem que pedir então essa “recepção”,então, essa conversa... (Renata. *Entrevista*, p. 13).

Interessante perceber o destaque que Renata faz sobre não ser possível “chegar lá a revelia e plantar o que tu quiser”. Sendo uma comunidade, a prerrogativa do coletivo antecede a vontade individual, e a decisão do que pode ou ser plantado, principalmente pelo aprendiz, passa pela anuência dos praticantes mais experientes. Em geral, os recém chegados acabam nem se habilitando a realizar este tipo de empreendimento. Fica implícito que nesse sentido é preciso, como nos conta Renata “ pedir então essa “recepção, então, essa conversa...” de orientação.

É evidenciada, dentro das rotinas acompanhadas pelos praticantes mais jovens, a presença da orientação de um praticante mais experiente, e este praticante está imerso nas atividades, também sendo parte desse conjunto de práticas, colaborando na criação de possibilidades para que as aprendizes se insiram com crescente independência no âmbito da comunidade práticas.

Assim como Renata, Jussara nos conta de uma situação que também passou por uma orientação com Chico. A aprendiz teve uma dúvida sobre a planta Louro e o modo como Chico conduziu seu questionamento foi acompanhando-a até a planta, situando a dúvida de Jussara e explicando sobre o que viam:

(...) um dia eu estava com uma dúvida sobre uma planta, um pé de louro não daqui, e o Chico prontamente disse assim pra mim “Vamos lá ver de perto o pé daqui... Vamos!” E aí a gente foi lá e ele mostrou inclusive que tinha ovinhos e ele tirou, botou na mão e eu até tirei a foto né... pra lembrar que era prejudicial pro pé aqueles ovinhos que ele me explicou. Porque mesmo quando vemos os ovinhos nas plantas a gente não sabe se é bom ou ruim...

(Jussara. *Entrevista*, p. 10).

Interessante perceber que a depender da experiência prévia do aprendiz, a orientação de certa técnica pode desdobrar-se em inúmeras reflexões, e expandir a aprendizagem sobre inúmeros temas, como nos informa Janaína, ao contar sobre uma situação na qual aprende a enraizar pedaços de caules de roseiras para multiplicar mudas de rosas usando batatas:

L: Janaína, me conta desse episódio da batata e da roseira...

J: Ah, a gente tava fazendo muda... Cortando vários pedaços da roseira... Por que tem as roseiras na Horta né? Aí ela veio (*refere-se a Mirtes*) para nós no viveiro e falou que dava para colocar um pedaço do galinho dela assim e cortar na diagonal e colocar na batata... Eu não me lembro qual era a batata que ela usou naquele dia... Mas era uma batata! E eu aprendi isso assim... Que a roseira enraíza... Ela disse assim “vai enraizar mais rápido”! Daí coloca a batata na terra ao invés de colocar só o galinho de rosa, da roseira no saquinho da muda ou na caixinha de leite sabe?! A gente colocou a rosa ali com a batatinha e deu... Deve ser porque ali tem mais nutrientes e tal daí por isso ela enraíza mais fácil... Bah mas isso me marcou sabe?! Porque é um troço super simples que deve dar para fazer com várias plantas na realidade, não só com a roseira... Mas isso foi um lance muito legal! Esse tipo de coisa que se tu tá na academia, se tu tá só na academia, só na sala quadrada, tu não vai ter contato... Então a gente precisa abrir os olhos para o mundo que está ao nosso redor... Porque assim, a academia acha às vezes que se basta, que vai resolver os problemas do mundo... E tipo, às vezes a academia está lá, super achando que está arrasando sabe? Super fazendo as suas pesquisas e meu... A comunidade está anos luz na frente, sabe? Já está tipo, fazendo altas coisas para resolver os problemas locais, e às vezes ainda arrisca, por ter essas super ideias e ser ocupada pela academia. É claro que várias coisas foram feitas por projetos que a academia pretendeu levar a adiante... Projetos de extensão num lugar como a horta faz diferença e tal... Mas é muito difícil tu ter toda essa questão do protagonismo sabe? Continuar esse protagonismo das lideranças da própria comunidade, e, esse bater pé, pela defesa, de uma ideia... É possível nesses espaços sabe? É possível porque eles vão se configurando assim, e isso foi o que eu aprendi também... (Janaína. *Entrevista*, p. 32-33).

Janaína, ao tratar daquilo que aprendeu na Horta Comunitária também se refere à dimensão do ensino, mas um ensino que se passa de modo diferente, pois é um espaço “que te acolhe, com o que tu sabe e com o que tu não sabe”. O ensino no sentido empregado pelas interlocutoras se desenvolve como processo paulatino, que respeita o conhecimento da aprendiz, garantindo que expanda aquilo que já sabe:

J: Eu sempre tive gosto mas eu não fazia muito... Então também, a Horta foi um aprendizado, neste quesito assim... Eu aprendi a fazer muda lá... Não que eu não soubesse nada assim... Mas as pessoas vinham e “ah, faz desse jeito...” E eu fazia daquele jeito por que aquelas pessoas já estavam lá há muito mais tempo na Horta, já conheciam como aquelas plantas ali se comportavam... Então nesse sentido assim, eu até sabia fazer aqueles trabalhos que estavam ali, mas talvez de um jeito diferente. Então as minhas referências para as coisas que eu fazia eram com meu vô e minha mãe que gostam muito de jardinagem na realidade... Meu

vô até tinha uma horta no centro, agora ele não tem mais, destruíram o terreno que ele fazia a Horta, mas enfim...Mas também na UFRGS assim a gente convivia com o pessoal do Viveiros Comunitários que tem atrás...Não sei se tu já foi ali na Biologia? (Eu aceno com a cabeça que sim...) Então alguma coisa assim, da parte da rega, de fazer mudas, algumas poucas coisas assim eu aprendi ali... Mas o básico. E com o meu vô e com minha mãe... Mas o resto foi na Horta, com as pessoas de lá. Com essas relações, com essas trocas. Era mais com essa curiosidade de aprender algo novo, e de contribuir. E o que chama chama a atenção na Horta também é que é um espaço que te acolhe, com o que tu sabe e com o que tu não sabe... Então eu fui para lá assim sabe, e eu acho que isso também foi muito importante porque eu me sentia livre naquele espaço sabe? Livre no sentido de...Disso assim... Eu sempre fui muito rígida, e ainda tenho vários resquícios disso em mim sabe? Então na Horta, foi mais... “Ok, sabe?! Relaxa Janaína, faz o que tu pode agora...”. E o Fabrício tinha muito disso: “Ah, tudo bem... Tá ótimo!” E se não está ótimo também tudo bem...Tu não precisa ser perfeita. Então, são esses também os aprendizados.... Foram assim sabe?! Eu não aprendi nada de forma agressiva na Horta, eu fui aprendendo conforme as dinâmicas iam acontecendo, conforme as pessoas iam chegando, e cada uma ensinava de um jeito e cada uma sabia de um jeito. Algumas nem sabiam que estavam ensinando, mas estavam super ensinando... Então foi assim para mim, foi bem fluido e ia indo assim. (Janaína. *Entrevista*, p. 24).

Janaína, nos fala que as pessoas na Horta Comunitária muitas vezes ensinam, sem saber que ensinam. Pelos modos como praticam e também pelo modo como se relacionam – fora de uma lógica hierárquica - com os conhecimentos e pessoas com quem coproduzem a comunidade de práticas:

L: Me explica melhor sobre isso que tu falou... De não saber que estão ensinando... Como assim?

J: Eu acho que tem a ver com essa complexidade de tudo que acontece na Horta. De romper! A horta rompe com essa lógica de hierarquia e hierarquização do conhecimento. Então uma pessoa que chegava lá e não tinha, não tinha doutorado, não tinha mestrado, não tinha graduação sabe... Ela sabia tanto, e sabe tanto quanto essas. Nesse sentido que eu digo...E principalmente em relação a essa convivência com as pessoas mais idosas... Elas muitas vezes falavam: “ah não mas eu nem sei das coisas...” A Mirtes mesmo falava: “ah tu que está estudando isso, tu que está lá na graduação...” Mas não, eu não sei disso sabe? “Tu que me ensina...Eu é que aprendo contigo”. Então nesse sentido assim... É tanta coisa que as pessoas sabem naquele espaço, que talvez em outros espaços não seja valorizado. E quando elas chegam lá e ensinam essas coisas, elas não sabem que ensinam... Então a gente precisa dizer às vezes “Bah, brigado por ter me mostrado essas coisas hoje porque eu não sabia...”. Para essas pessoas se darem conta de que elas estão de fato ensinando os outros... É nesse sentido assim. Porque tudo que tu colocar a disposição daquele espaço na Horta, vai ser aproveitado por alguém... Seja porque tu conscientemente faz isso, porque tu quer, e porque tu acha que é bom, ou porque tu chega lá de mal humor, sei lá, e aquilo vai entrar na dinâmica da Horta e vai de algum modo contribuir... Pode não ser na hora, pode ser horroroso na hora, mas em algum momento aquilo lá vai ensinar alguém! Então, sempre, essa é a minha hipótese... Sempre que alguém vai na horta alguém está ensinando e alguém está aprendendo... (Janaína. *Entrevista*, p. 24-25).

Em que pese a declaração de Janaina evidenciando que a Horta Comunitária rompe com uma lógica hierárquica, concordamos com o sentido empregado pela interlocutora

quando se refere à atenção que a formação acadêmica ocupa dentro das práticas – quase nula. As formações são diluídas nas dinâmicas cotidianas na comunidade e servem, majoritariamente, apenas quando à disposição para ampliação do compromisso dos aprendizes em relação à própria comunidade de práticas resultando na ampliação das possibilidades da mesma. No entanto, entendemos que a hierarquia pode se estabelecer de outros modos, menos violentos e perceptíveis mas que ainda assim possa estar presentes apesar dos vínculos de solidariedade e comprometimentos mútuos presentes. A hierarquia, desde a nossa compreensão, existe no sentido de que os praticantes mais experientes são praticamente a horta encarnada, no sentido do tanto que sabem em relação à como a história dessa comunidade de práticas se constituiu. E embora sejam compreendidos como referência e exerçam hierarquias em relação a falar sobre a experiência da Horta em eventos públicos, ainda assim, não operam de modo opressor por este motivo. E essa característica chama a atenção das aprendizes, como também reitera Alana ao tratar do conhecimento “mais comunitário e circular” que identificou:

o que eu buscava assim, o que eu sinto falta no curso assim, no currículo do curso, é essa prática assim, e esse contato maior com, enfim, entender de modo mais empírico e menos teórico assim... Fazer uma aprendizagem um pouco menos... Diferente! Um pouco menos expositiva, menos hierárquica ou coisa assim... De um professor falando, enfim, só explanando alguma coisa e aquele formato quadrado e eu queria fazer um estágio que, que fosse o oposto disso que eu conseguisse estar mais em contato com isso, mais em contato com a terra... Vinculado a um conhecimento mais comunitário, e mais circular assim, e, eu acho assim que na horta, assim, enfim, ele é assim. (Alana. *Entrevista*, p. 4).

Os expedientes de ensino estão presentes no âmbito das dinâmicas que constituem a Horta Comunitária. No entanto, o que os interlocutores dão a ver é que esse se dá de modo mais “circular” se formos pensar de modo comparativo à escola, como o faz Alana. Nossas interlocutoras parecem se pautar no entendimento de que a aprendizagem e ensino se enlaçam. E parcialmente estamos de acordo com nossas companheiras de Horta, pois como se refere Janaína “Sempre que alguém vai na horta alguém está ensinando e alguém está aprendendo... (Janaína. *Entrevista*, p.24-25)”, a questão é, desde nosso entendimento, que o sujeito que está aprendendo não necessariamente aprende por que o outro ensina. As aprendizagens pelos expedientes de ensino, segundo o que tentamos evidenciar, são apenas um dos modos que se inserem na aprendizagem referente às práticas de cultivo, todas elas, panos de fundo para o que se desenvolve a partir destas cenas, a aprendizagem como prática situada.

4.3.4 Aprender tentando (e convocando ajuda)

A maneira como as aprendizas desenvolvem habilidades em relação às técnicas de cultivo, inclui a tentativa, a exploração da prática e também a pergunta – meio de convocar a ajuda e anuência de praticantes mais experientes. Entendemos que Jussara aponta que a tentativa de aprender a fazer mudas por estaquias⁶³ inclui a mobilização dos conhecimentos já construídos em outras ocasiões e que talvez não consiga nomear. Aprender na tentativa e convocando ajuda envolve um movimento de abertura a este outro que, quando é convocado orienta, endossa, corrige, e tem a chance de interpelar:

(...) E o aprender quando a gente faz a muda de estaquia. É meio que instintivo mas eu nunca tomo a iniciativa, não me sinto segura ainda para isso. Mas eu já sei mais ou menos assim quando está na hora daquela, daquele que brotou da estaquia ir para um lugar definitivo... Mas eu sempre pergunto para a Mirtes: “Mirtes, o que tu acha?”. “Eu acho que já está na hora de ir para a terra, de sair da casa de mudas né...”. E para o Fabrício também eu pergunto então isso é muito gratificante. (Jussara. *Entrevista*, p. 11).

Tentar fazer é experimentar-se de um jeito novo. E aprender deslocando-se neste novo modo não exclui a escuta e a interlocução com o outro, com quem se coproduz a experiência na Horta. Ir *aos poucos e ir fazendo*, sob a tutela do outro, com sua mediação, na sua copresença, é um modo de tornar-se experiente na prática, desenvolver habilidade. As habilidades, não são transmitidas, mas se refazem, incorporadas no humano em desenvolvimento, através da formação e da experiência na execução de tarefas situadas (INGOLD, 2000). Tentar, errar, protelar o encontro com o erro por meio da pergunta:

L: E quando tu diz assim, que por exemplo a capina, que a capina é discutível... Como assim? Como tu aprendeste a fazer?

R: Ela (*continua a falar de Mirtes*) sempre nos indicava os locais, assim a mim, para os outros também... E eu sempre estava junto! Por exemplo, quando tem excesso de tiririca (planta), a tiririca ela pode se dar muito bem junto com a alface... Daí deixa. Também tinha um agrônomo ali presente às vezes, o Sandro que falava que tinha um agricultores que se davam muito bem com a tiririca, junto com as alfaces da plantação, então a gente tirava mas não tudo, sempre sob orientação ou da Mirtes, ou então do agrônomo... Que indicasse corretamente. Sempre com essa orientação e fazendo né?! Perguntando! “É possível? Não é possível que se tire?”... Também porque é muito na base do experimento ali na horta né?! A própria Mirtes diz que está sempre aprendendo, então é muito esse cuidado aos poucos e fazendo. (Renata. *Entrevista*, p. 6).

⁶³ Método comumente usado para propagar diversas espécies vegetais, que consiste em propiciar ou estimular o enraizamento de porções (estacas) de caules e ramos ou de folhas.

Renata evidencia um ponto importante: as técnicas não estão dadas, podem ser construídas pelo experimento. O *experimento* inclui o entendimento de que se pode tentar fazer diferente, tentar ser, tentar olhar e tentar pensar de outros modos. Há uma dimensão negativa aí presente. A negativa inerente àquilo que falta, que pode ser de outro modo. Há, no entanto, um destaque que precisamos fazer, no intuito de distinguir *experimento* e *experiência*. A noção trazida por Renata abrange uma dimensão metodológica e genérica, o que caracteriza um experimento, segundo as pistas de Bondía (2002, p.28). A experiência, no entanto, é subjetiva, singular. Nas palavras do autor:

Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (BONDÍA,2002, p. 28.).

Ao experimentar-se na técnica de tentar afastar as formigas cortadeiras, Jussara “*comprova*” a fala dos praticantes experientes. E essa comprovação aparece pois há lugar para tentativa, há lugar para a dúvida sobre o que dito. Há o lugar para o erro, mesmo que ele não aconteça num dado momento. Nesse sentido, Jussara pode experimentar, baseando-se numa necessidade apresentada pelo contexto (“o ataque” de formigas cortadeiras), técnicas das quais ouviu falar:

Aprendi por uma necessidade da horta, e comprovei, que a folha da mamoneira picadinha próximo a formigueiros e plantas que tu queira evitar que as formigas cortadeiras ataquem, inibe a formiga cortadeira... Porque ela vai chegar naquele alimento que esta mais próximo, já em um tamanho reduzido, e ela vai pensar que é um alimento normal...Só que tem que estar... não pode estar cortado há muito tempo né? É meio que tu cortou a mamona e colocou ela ali, e se secar aquela mamona ali ela (*a formiga*) não vai levar. A folha tem que estar verdinha como uma outra planta que serve para o alimento dela... Ela não come a planta né. Isso a gente aprendeu lá também... Ela faz um processo digestivo lá, e se ela levar para o formigueiro dela, vai causar uma intoxicação e eu consegui comprovar em dois formigueiros que eu extingui lá na horta usando a folha da mamona. Só que é um processo que tem que ser feito periodicamente, porque se tu bota perto do formigueiro e a mamona seca, já não vai servir... Então tu tem que ter esse controle mais...quase que diário né?! (Jussara. *Entrevista*, p.26.)

O processo de tentar inclui observação atenta, necessidade de deslocamento e tempo. Um tempo necessário à repetição até que se atinja o resultado pretendido. Nesse caminho, mas não só nele, não se pode esquecer que há uma dimensão de sofrimento, em maior ou menor escala. Entendemos que se os processos de aprendizagem envolvem

necessariamente ex-posição/deslocamento, há também aí um sofrimento presente. A isso se refere Gadamer (1999) quando trata de experiência de finitude, do dar-se conta do limite da condição humana. Na mesma direção Bondía (2005, p.25) enfatiza a necessidade da abertura como condição para entendimento desta negatividade, daquilo que falta: “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.”

Maria Firmina aprende com os companheiros de Horta certa técnica para fazer mudas, quando estas não vingam, se entristece e em resposta elabora uma estratégia sozinha:

Aprendi muita coisa com ela mas muita coisa eu meio que aprendi na prática... “Tem que fazer tal coisa!” E eu ia lá e acabava fazendo... Eu lembro que eu era péssima com fazer mudinhas... Eu sempre plantava as mudinhas e elas não nasciam e eu ficava muito triste... E foi uma coisa que eu fui aprendendo na prática assim, fui desenvolvendo uma técnica, observando... E no final estava dando certo... Então eu acho que eu aprendi com as pessoas... Elas me ensinaram muito. E aprendi algumas coisas no sofrimento de tentar fazer sozinha... (*Suspira e ri bastante.*) (Maria Firmina. *Entrevista*, p.6.)

Interessante perceber que o tentar fazer sozinha vem depois da experiência com o grupo. O grupo cria condições de possibilidade para que Maria Firmina desenvolva suas habilidades tentando. Embora tente realizar sozinha a tarefa, e sofra nessa tentativa, já há uma iniciação à técnica que precede esse tentar, uma outra aprendizagem desenvolvida talvez no *fazer junto*, e que mobiliza a aprendiz a esse momento, agora, solitário.

Aprender tentando (e convocando o outro para ajudar) parece ser compreender que os caminhos para a resolução de algo são múltiplos, visto em uma situação de aprendizagem em comunidade convivem também “uma comunidade de pontos de vista, tradições e interesses múltiplos” (ENGESTRÖM, 2013, p.72). Desse modo, toda a tentativa de fazer, pode expandir, de certa forma, o repertório de modos encontrados antes, expandindo também o fluxo de interações e modalidades do contexto onde as práticas se inserem. A multiplicidade de modos de resolução para as questões é fonte tanto de problemas quanto de inovações, implica em contradições. Estas contradições são fonte de mudança e movimento, e dizem da dimensão expansiva e educativa da atividade (ENGESTRÖM, 2013, p.72) e da prática situada (LAVE, 1991).

Aprender na tentativa também implica em entender que os conhecimentos e habilidades podem ser incoerentes, contraditórios e, por isso, passíveis, sempre, de

questionamento. E este é o fundamento da habilidade inerente à atitude crítica, pensar que as coisas podem ser diferentes do que vem sendo (FOUCAULT, 1995). Aprender pela tentativa pode também ser estar implicado no exercício da crítica.

4.3.5 Aprender de vista ou por observação

Ajoelhei-me em frente a uma cerca, ao lado de Chico, que a consertava. Quando eu chegava à Horta ia cumprimentar a todos, percorrendo os espaços, onde os pequenos grupos, ou pessoas sozinhas, trabalhavam. Chico naquele dia puxou mais tempo de conversa e o assunto saiu da cerca. Ele me contou do dia em que fez um benzimento para alguém que estava com cobreiro⁶⁴:

C: Daí guria, eu fui no mato, peguei as erva e me vim pra fazer o trabalho...
L: Mas como que tu sabia o que tinha que pegar pra cura Chico?
C: Bah guria! Isso aí eu aprendi de vista!
(Diário de Campo, janeiro de 2018.)

Aprender de vista. Chico não me dá mais pistas sobre o que isso significa. Eu tento, ele me desconversa. Ao longo do tempo de convivência na Horta aprendo que muito é aprendido de vista, na observação do outro, uma observação consentida. Nessa observação nada é ensinado, demonstrado, ou enfatizado. Talvez tenha entendido o que seja aprender de vista, talvez minhas companheiras aprendizes definam, com suas experiências, que aprender de vista é observar de perto o circuito vivo que está ligado à determinada técnica. Observar estando em movimento junto àquilo que se observa. Aprender de vista tem a ver com acompanhar no tempo algo inédito, e que talvez não se repita, como a cultivar ovinhos de um animal que não conheça para compreender de que modo interage com a plantas:

Porque da outra vez que eu estava com o Sandro ali e a gente viu uma planta e tinha uns ovinhos e eu falei para o Sandro “eu vou levar, vou cultivar e depois eu vou te dizer qual é a lagarta que nasceu daqui... Se é maléfica ou benéfica, tá?!” Então esse aprendizado assim é de tu acompanhar sabe? Igual aconteceu que eu já tirei várias fotos... Inclusive eu tirei a foto - é a foto mais linda que tem minha na Horta - aquela quando eu tô de chapéu ali acocada onde eu plantei as mandiocas né... Eu chamo de mandioca, outros chamam de aipim... E agora sabe... Ver que eles estão maiores que eu, o tamanho das ramas sabe e saber que logo logo eu acho que já vai dar pra colher né... Eu estou na expectativa por que o Chico disse assim: “Tu que vai colher...” (Jussara. *Entrevista*, p. 10).

⁶⁴ Nome popular para uma série de doenças de pele que causam erupções.

Aprender pela observação, este *aprender de vista*, não se encerra em uma técnica em si, no domínio de como se capina, como se prepara a terra, mas na compreensão do conjunto de possibilidades necessárias a essas práticas, tais como as posições dos sujeitos ali imbricados no seu exercício. Não é sobre saber previamente ou aprender a técnica em si, é sobre compreender as lógicas de sua produção e estar aberto a isso:

L: Quando tu fala capina, tu já sabia capinar quando chegou aqui?

A: Eu tinha uma ideia assim, mas quando cheguei aqui, isso também é muito, isso também é muito doido assim... O como cada coisa tem uma historicidade de como se faz, o como se faz assim... Por exemplo, tem uma historicidade de como mexer na terra aqui na horta assim... Por que tem vários tipos de plantio, mas daí se convencionou de que nesse espaço vai se plantar assim... Por quem está puxando, enfim, por como se foi construído ao longo do tempo... Eu acho que todas as atividades trazem uma historicidade, na prática delas assim, então eu acho que também é plausível que a gente chegue aberto a entender qual é um pouco dessa historicidade que veio se construindo, e como chega até ti agora, nesse momento, meio que entender a trajetória para tu entender como se faz agora assim, então é isso assim eu acho... (Alana. *Entrevista*, p. 5-6).

Acompanhamos o processo de Alana, que aprende a capina engajada no capinar, de vista, observando os modos como os praticantes mais experientes o fazem. Neste mesmo sentido, Janaína destaca o modo como aprendeu a conduzir as atividades de educação ambiental junto às crianças com o professor Fabrício, destacando o modo como Fabrício conduzia a atividade, mais do que pragmaticamente, o que fazia:

E eu lembrei de mais três aprendizados que para mim foram fundamentais... Parece que a entrevista continuou acontecendo⁶⁵... O primeiro dele é com as crianças que a gente recebia... Por que ah, a gente acha muito bonito assim, eu sempre achei muito bonito assim quando eu ouvia relato de atividades com crianças em Hortas, mas eu nunca tinha participado de alguma. E ver que crianças de 3 aninhos podiam regar uma planta e plantar uma mudinha e se admirar e sair assim encantada pela Horta... Isso foi muito simbólico para mim. Eu aprendi muito observando essas crianças e assim desmistifiquei várias coisas em relação ao próprio aprendizado delas. O quanto é possível incentivar desde bem novinhas que seja possível... O Fabrício conduzia assim de maneira extraordinariamente incrível assim, essas atividades... Tornava isso realmente muito fácil e simples assim... Era muito leve. (Janaína. *Entrevista*, p. 37).

⁶⁵ Alguns participantes pediram para complementar suas entrevistas. Este trecho foi retirado de um dos áudios que Janaína nos enviou e que constam transcritos nesta tese junto à Entrevista de Janaína. A pista de que a “entrevista continuou acontecendo” nos leva a pensar que a experiência da entrevista foi positiva, pois as reflexões seguiram, podendo seguir assim também os efeitos do encontro.

Aprender pela observação envolve desenvolver atenção às pequenas nuances dentro de cada prática. E tal aprendizagem é facilitada pela disponibilidade do aprendiz em estabelecer relações sobre aquilo que observa, como nos conta Renata:

L: E tu me disse há pouco que lá na Horta é tudo na base do experimento... Queria que tu explicasse melhor isso.

R: Porque tu pode experimentar de tudo... Tu pode até dizer: “ah não... eu deixei ali aquela plantinha agora, olha só que interessante ela até está ajudando as outras hortaliças”. Porque chega um momento que ela está fazendo sombra, então isso tudo também auxilia... Tu pode até manter a planta por mais tempo porque não resseca o solo daí as outras plantas ajudam nisso, elas vão dando esses nutrientes também... Então a gente vai percebendo ali, vai tocando com a mão, e vai vendo que o solo está úmido, e tu pensa assim: “bah poderia estar muito mais seco, ainda se estivesse sem as plantas”. Claro isso depois de uma estiagem, assim claro de um bom tempo de seca, aí realmente fica difícil... Mas assim tu chega lá e tu vai tocando, e tu vê mesmo como umas plantas auxiliam as outras na prática, então é assim essa verificação assim neh?! E os brotinhos vindo, a gente vai vendo eles vindo... E isso tudo é muito interessante. (Renata. *Entrevista*, p. 7).

Os humanos e não humanos são mediadores das aprendizagens, os brotos que germinam, as joaninhas, o sabor das frutas... Parece que, com tudo o que se apresenta no mundo é possível aprender desde a observação, é o que entendemos também segundo as pistas de Jussara:

Aprendi que existe uma hora certa para poda, e que a poda é essencial para o desenvolvimento tanto das frutíferas, como dos vegetais da horta... Aprendi que tem a hora certa também de fazer as mudas. Cada muda tem um determinado período que ela pode ser feita de cada vegetal. Aprendi que todos os vegetais tem um ciclo, é claro... E que alguns, dependendo do teu objetivo, a floração deve ser mantida ou não. A manutenção da floração é ótimo pra as abelhas e alguns que tentam e pensam em comercializar... Ela (*a floração*) influencia no sabor... Então depende do teu objetivo para cada planta. Aprendi que a joaninha existe em em uma grande diversidade e que ela é que vem fazer a limpeza da planta, aprendi isso com o Evandro da Emater. Os ovinhos da joaninha são um bom sinal no sentido de que vai haver várias joaninhas jovens sedentas por alimento, e também que as joaninhas sentem uma coisa que agente não sente... que a planta está doente e elas vão lá fazer a limpeza da planta. Então quando agente vê uma joaninha em uma planta, mesmo que os nosso olhos não percebam ela está limpando... Ela está limpando... O que é ótimo para nós seres humanos. E nós no nosso olhar não conseguiríamos detectar, talvez só depois em um processo mais avançado da planta agente detectasse que havia algo errado... Algum fungo, algo que seve de alimento para a joaninha e que prejudica a planta né? (Jussara. *Entrevista*, p. 25).

Por vezes, a observação da presença e do cultivo de certa planta, por exemplo, pode expandir conhecimentos e imagens cristalizadas, que aparentemente, de nada tem a ver com os “saberes técnicos” ligados às práticas de cultivo. No entanto, a experiência de ver

uma roça de cana na cidade pode dizer dos muitos modos possíveis de habitar a mesma cidade:

Aprendi sobre cana de açúcar, eu nunca tinha visto pessoalmente uma cana plantada... Achava até que era uma coisa de extensões grandes (*de terra*)... Não tão na cidade né. Da cana de açúcar, aprendi por causa da Horta...(Jussara. *Entrevista*, p. 25).

Nesse sentido empregado por Jussara, a observação parece ter caráter expansivo (ENGESTRÖM, 2013), em termos de possibilidades interpretativas que desenvolveu sobre a realidade. Ao ver a cana sendo plantada na cidade, amplia o que já sabe, desenvolve novos conhecimentos, e assim pode avançar em complexidade, tanto sobre a técnica utilizada no plantio, quanto em relação ao que entende sobre as possibilidades de plantio na cidade.

Ao observar a Horta como campo de práticas diversas e em transformação, os aprendizes passam a ter que buscar respostas para perguntas de toda ordem que envolvem os manejos, expandido a maneira como interagem com a comunidade de práticas. Jussara nos conta de sua pesquisa sobre a bananeira e conecta essa pesquisa ao uso de parte da bananeira na prática de feitura de xarope:

(...) Sobre as bananeiras, por causa das bananeiras da horta eu acabei indo pesquisar que após a retirada de um cacho, o pé é cortado porque ele não vai dar outro cacho de banana. Então é uma coisa maravilhosa... Valorizar mais o coração da bananeira, principalmente através do xarope que é feito com ele na horta... (Jussara. *Entrevista*, p. 25).

Observando as dinâmicas, os modos e as motivações das outras pessoas com quem se compartilha as práticas, é possível também ampliar repertórios sobre modos diferentes de fazer coisas que sempre fizemos. A expansão vem como efeito dessa observação. Em relação à hábitos relacionados à alimentação, por exemplo, observar e conversar também é caminho para aprender sabores desconhecidos, possibilidades de novos sabores. É oportunidade de mudar, e expandir o repertório, não só do tempero da comida, como nos conta a interlocutora, mas, talvez, de ampliar modos de ser:

L: Tem mais alguma coisa que tu queira me contar sobre as tuas aprendizagens aqui, sobre as coisas que tu aprendeu?

J: Sabe? Eu era uma pessoa que usava até caldo de galinha na comida e não uso mais sabia? (*Risadas*) É como diz o outro... Fizeram tanta guerra por causa de

especiarias e o pessoal fica usando Sazon? Caldo Maggi?⁶⁶ Eu fiquei encantada esses dias quando o professor José Maria estava pegando uns temperos e falou sobre isso dos temperos e falou do nirá... Aí eu peguei e levei o alho nirá e temperei em casa, comi comida com alho nirá... Digo “meu Deus que sabor!”. E é essa coisa de sabor mesmo, de tu comer pêssego, comer a pêra ali, comer goiaba ali, é uma das coisas que eu acho muito bom também, é que a gente, vai mudando... (Jussara. *Entrevista*, p. 23).

São variados os conteúdos daquilo que se aprende de vista. Grande parte das pessoas que ali chegam são adultas, tem uma história de vida, trazem incorporadas experiências e modos de ser e estar no mundo, que de certa forma trazem à baila para a experiência comunitária. Assim, para alguns, a Horta não inaugura saberes relacionados ao plantio. Plantar, no caso de Jussara, é uma prática que se inicia na infância e que se atualiza, desde outros modos e até mesmo outras demandas, na Horta Comunitária:

L: Hoje eu te percebi plantando ali com Mirtes, com todo um cuidado, um manejo... Como tu aprendeu a fazer isso Jussara?

J: O plantar de ver plantar... Desde pequena eu aprendi quando eu ia com a família assim, o pai plantava alho e cebola no nosso pátio nos fundos. Não tinha essa de ser o quintal, eram os fundos da casa e era bem grande assim, e meu pai plantava cebola e tinha aquelas réstias... Fazia aquelas réstias de cebola e deixava secando pendurado no galpão nos fundos também. E eu adorava plantar milho e debulhar milho também. E os meus tios trabalhavam em uma fazenda também, então não tinha tempo ruim... Não tinha sol quente, a gente ia lá e o arado era puxado por bois sabe, tem aquele negócio que vai cortando sabe? E a gente adorava fazer uns buraquinhos, botar a semente e tampar. Que coisa mais maravilhosa... então desde criança, bem de criança uns 10 anos, eu já fazia isso... Aprendi algumas coisas nessa época da vida.

L: E isso de semear nas caixas de leite como tu fez com Mirtes?

J: Não, isso eu aprendi aqui na horta com as mulheres na casa de muda. E uma coisa te leva a outra... Tu aprende uma coisa e começa a pesquisar porque a gente tem bastante fonte de informação?! Onde eu trabalho eles até agora guardam os recipientes de ovos pra mim fazer semeadura, rolinhos papelão também por que eu já sei que dá para incorporar direto na terra... Mas essa da caixinha de leite, apesar de eu não achar o adequado por causa de todo a composição da caixa de leite em si, pelo menos vamos reutilizar as coisas... Então isso é uma chance que a gente tem de dar uma vida mais prolongada para esse lixo. Isso eu também aprendi aqui, vendo fazer aqui. Porque, a caixa de leite é terrível... Eu sou do tempo que a gente comprava leite na garrafa de vidro... O leiteiro passava com uma charretinha puxada a cavalo e deixava o leite. (Jussara. *Entrevista*, p. 20).

Aprender de vista diferentes práticas, por meio da observação envolve dar-se conta que o processo de aprendizagem implica em mudanças e na expansão de conhecimentos. Expansão em termos discursivos, mas também em termos da ação dos envolvidos. A aprendizagem no sentido de formar-se, educar-se, de tornar-se diferente daquilo que se vem sendo. Observar pode levar ao estabelecimento dessa expansão, pois não há

⁶⁶ Marcas de temperos prontos industrializados.

substituição daquilo que se aprende, mas um recursivo processo de derivação, ou como nos indica Jussara, na situação de aprendizagem “uma coisa leva à outra”.

Em termos dos conhecimentos técnicos, específicos relacionados aos manejos da Horta, não há um aprender como processo fora do sujeitos, mas modos e aprendizagens particulares, relacionados a estes sujeitos aprendizes que se engajam nas práticas, em cada umas das situações narradas que entendemos como constituintes de nosso olhar nesta pesquisa. A aplicabilidade do conhecimento dá-se pela integração do conhecimento como prática, é fruto da aprendizagem com a e na prática, onde abstrato e concreto, humanos e não humanos estão interimplicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Temos de produzir alguma coisa que ainda não existe e que não podemos saber o que será.”

(FOUCAULT, 2010, p. 325)

Há que se ter um pouco de coragem e persistência para escrever em tempos de pandemia. Talvez concluir a escrita de uma tese nesse momento de tanto desalento e mortes seja uma indecência, ou, também, a expressão de um desejo profundo de permanecer viva, em movimento. Para seguir na escrita, considere o desejo de sair do *looping* estacionário das certezas. Estou viva aqui, deslocando-me e na tentativa de provocar deslocamentos. E, por isso, escrevi, para seguir.

Um amigo disse-me que *uma tese não termina, ela para de avançar por um tempo*. É assim que sinto o que está acontecendo. Tenho um prazo, mas a tese não terminou. Não terminará com as considerações. O que a leitora leu até agora é um desfecho possível. A tese possível, neste tempo possível de tantas inseguranças no qual tentamos permanecer entendendo como viver.

Aprender a viver em um mundo em transformação. De modo geral, é disso que trata esta tese: é sobre perceber fluxos de vida, tentar segui-los, misturar-se a eles, tornar-se parte e aprender a ser. Pode parecer piegas, mas a vida é o mote desta tese. Aprender a viver com outros, constituindo-se junto a eles, em um encontro repleto de disparidades, mas também de possibilidades. Parece distópica a necessidade de reafirmar a vida?

O futuro distópico é o hoje. Aos poucos – nem tanto aos poucos assim –, ele veio a ser. E com o nosso aval. Nós permitimos. Cocriamos a distopia. Mas se criamos o que vivemos, temos chances de criar também outras possibilidades, mas não sem encarar os problemas, evitando prescrever um final feliz. Como provoca Pereira (2008, p.11): “[...] se trata, talvez, de tomarmos em consideração que nossos projetos sociais e nossas utopias sejam considerados projetos sem fim...”. Uma luta incessante em que “nossas utopias se concebiam sempre no tempo e na relatividade das contingências, e não da direção de uma quietude universal ou de um estado de paz plena ou liberdade absoluta”.

Nesta tese, seguindo os fluxos da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, procuramos responder à pergunta: “que experiências de aprendizagem acontecem neste particular espaço comunitário?”. Em 2017, tentando fugir das promessas, das estruturas de

consolação⁶⁷, aos poucos, fomos situados naquela experiência, aprendendo a fazer pesquisa ali, percebendo e construindo experiências de aprendizagem compartilhadas. Tentando seguir a trilha de nosso objetivo geral: *conhecer as experiências de aprendizagem no contexto de uma horta urbana comunitária*.

Ao longo do Capítulo 1, *preparamos o terreno* e apresentamos nossas opções de acordo com as teorias usadas como ferramentas para cercar dois importantes conceitos: aprendizagem e comunidade. No que se refere à *aprendizagem*, tomamos os escritos de Ingold (2010; 2015; 2020), Engström (2013) Lave (1991; 1996) e Wenger (2001) como inspirações. Em relação à *comunidade*, operamos com ideias pautadas em diferentes autores, aproximando-nos das contribuições de Esposito (2009) e Barcellona (1996), articulando as contribuições desses autores com o sentido de comunidade de práticas (Lave, 1991; Wenger, 2001). Ao longo das discussões do trabalho, observamos também a necessidade de diálogo com outros autores, dos quais destacamos Dewey (1979; 1977), autor que nos serviu no diálogo sobre aprendizagem e experiência. A partir daí, mais do que nos filiar a uma definição procuramos destacar pontos que nos auxiliaram a construir o horizonte interpretativo da tese.

Na sequência, no Capítulo 2, *seguimos os fluxos da comunidade* em questão e apresentamos nossas estratégias metodológicas, bem como enfatizamos os marcadores de rigor da tese. Discutimos sobre os deslocamentos proporcionados pela observação participante e também como chegamos à segunda etapa de nosso percurso metodológico – as entrevistas com as aprendizes. Ainda, descrevemos nossas estratégias de análise e nossas preocupações éticas ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa.

No Capítulo 3, apresentamos *práticas que constituem a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro*, tentando, desse modo, contemplar dois de nossos objetivos específicos: *Dar visibilidade à história da horta urbana comunitária, entendendo-a como lugar de aprendizagem; identificar processos que constituem a comunidade em questão*. Nesse capítulo, apresentamos o campo, as implicações de nossa participação, bem como os processos e situações de aprendizagens que se constituíram.

No Capítulo 4, *Aprender (n)a horta urbana: práticas e experiências em comunidade*, procuramos, então, seguir os objetivos de *refletir sobre as situações de aprendizagem vividas na experiência de pesquisa e problematizar e refletir sobre as experiências de aprendizagem do grupo de aprendizes entrevistadas*. Nesse capítulo, circunscrevemos as

⁶⁷ Falo sobre a idealização inicial que nos acometeu no início do projeto de pesquisa.

possibilidades apresentadas por nossas interlocutoras e também as nossas experiências de aprendizagem em três grandes categorias. Em *Aprender a participar: das aprendizagens políticas*, debatemos sobre a *aprendizagem pela filiação/adesão* à iniciativa comunitária, os processos de aprendizagem *pelas práticas de coexistência das posições díspares* e as aprendizagens garantidas pelo engajamento na *mobilidade das distintas modalidades de participação*. No item *A ex-posição como modo de conhecer: das aprendizagens pelas experiências sensíveis*, apresentamos as práticas de *aprender ouvindo histórias*, por meio das *experiências de mobilidade em um mundo mais que humano* e nas *experiências de abertura ao outro*. Em *Aprender como fazer: das aprendizagens técnicas*, circunscrevemos majoritariamente as experiências relacionadas às técnicas de horticultura na horta urbana em questão, apresentando aprendizagens a partir das práticas de *expedientes de repetição, de fazer junto, de expedientes de ensino, de aprender tentando (e convocando ajuda)* e também na *aprendizagem de vista ou por observação*. Apresentamos assim, um inventário, que embora precário e insuficiente, tentou abarcar os modos de aprender evidenciados pelos interlocutores.

Ao longo do trabalho, defendemos a tese de que, neste particular espaço comunitário, as experiências de aprendizagens dos praticantes referem-se às práticas de técnicas relacionadas à horticultura no espaço urbano e também às experiências de aprendizagem que provocam deslocamentos de ordem subjetiva, que se referem tanto a habilidades em termos sensíveis quanto ao desenvolvimento de habilidades em termos políticos. *Aprender (n)a horta urbana*, com a experiência em comunidade, pode ser tornar-se não só alguém que desenvolveu apenas habilidades em termos do cultivo de plantas de modo agroecológico, mas, principalmente, alguém que desenvolveu habilidades em termos de abertura ao outro, ao diálogo, capacidade de negociação e a capacidade reflexiva sobre a complexidade do que é viver em sociedade. As experiências oferecem novas texturas para que se amplie o potencial de negociabilidade dentro de cada sujeito, podendo expandir, *a posteriori*, a negociabilidade para além das experiências individuais.

Estamos, no contexto atual, necessitados desse tipo de habilidades, já que a ausência de diálogo e negociação, como sabemos, é condição para os autoritarismos, e também seu efeito. Com isso, não estamos dizendo que as experiências comunitárias são essencialmente boas, pois também entendemos que, na incomunicabilidade com campos adjacentes, podem produzir seu próprio fim. Estamos defendendo, no entanto, que é na prática de ser comunidade que aprendemos sobre sua própria precariedade e finitude.

Na tensão da relação indivíduo-sociedade, entendemos que há uma incompatibilidade sempre presente. Sendo assim, não se trata de ir atrás de uma estratégia que, nas palavras de Pereira (2008, p. 11), “*resolva ou suplante essa incompatibilidade, mas dar conta de uma forma de comunidade que considere essa diferença e a tome como diferença irreduzível*”, de modo que possamos construir possibilidades a partir dessa tensão. Podemos fazer outro movimento, longe das promessas, seguir na trilha de tomar “o inevitável por inevitável e o condicional por condicional, tentando viver assim, uma vida menos iludida (ainda que mais cética)”. Dessa vida mais cética, talvez possam surgir vínculos de solidariedade mais fortes, já que estes serão “estabelecidos pela contingência da liberdade”.

Ao longo da tese, apresentamos uma noção ontológica de aprendizagem, baseada na participação em uma prática compartilhada com outros humanos e não humanos para pensar a educação de sujeitos mais sensíveis e politicamente engajados. Esta perspectiva diz respeito a aprender como aprender a ser, habitar e adquirir habilidades para ser reconhecido e pertencer a uma certa comunidade de prática. Estas comunidades são variadas, ampliadas, mas sempre se situam em um sistema específico de relações com o mundo, portanto, aprender é sempre um processo cultural e historicamente situado.

Quando nos referimos a “aprender a ser”, defendemos a necessidade de compreender a existência como uma experiência multirreferencial – ser é ética, é cultura, é história, é política, é sensibilidade, é estética. Portanto, aprender a ser não se reduz a aprender a ser “de certo modo”, “de certa maneira”, “com um dado propósito”, mas aprender a ser no mundo. Afetamos e somos afetados pela realidade o tempo todo, agimos sobre e sofremos a ação de humanos e não humanos o tempo todo – quais os significados que extraímos, atribuímos e produzimos sobre essa experiência existencial? Que sentidos são fabricados e manejados quando aceitamos com naturalidade as nossas próprias crenças e convicções?

Ora, o fato de termos experimentado o relativo esvaziamento do Estado como fundamento último das políticas não quer dizer que devamos nos projetar no extremo particularismo da experiência subjetiva como fonte única de todos os valores e juízos. As experiências coletivas e participativas, como a que relatamos neste trabalho, são instâncias privilegiadas para enxergarmos como a realidade opera, na fronteira entre as políticas públicas e as práticas comunitárias, possibilitando permanentes deslocamentos em todos os envolvidos. Estado e comunidade, humanos e não humanos – todos afetam e são afetados mútua e constantemente.

Dessa permanente afecção resultam situações de experiência que, em última análise, servem para questionar as convicções e as certezas que cada instância ali envolvida vinha operando, no sentido de proporcionar permanentemente a pergunta pelo fundamento das coisas: por que as coisas estão sendo como estão sendo? Esse exercício, ainda que não seja sempre feito na forma da racionalidade clássica, mas com diferentes modos de desconfiar das coisas, do mundo, das atitudes, das leis, das verdades e das teorias, serve para lançar os sujeitos na aventura de fabricar uma verdade provisória em que se apoiar. Diferentemente das instâncias autoritárias da ciência e das políticas públicas, a experiência coletiva e comunitária possibilita o permanente colocar em questão das certezas e convicções, faculta o contínuo debate, proporcionando uma experiência democrática que se caracteriza não pela prevalência da vontade de uma suposta maioria, mas pelo exercício da dúvida, por perguntar-se acerca dos pretensos fundamentos das decisões e determinações. O abandono dos marcadores de certeza (MARCHART, 2009) nos lança em uma aventura de aprendizagem ímpar: diferentemente de aprender as verdades sobre as coisas, aprendemos que as verdades são construções fabricadas em meio à disputa de convicções dos sujeitos que se arvoram a ocupar posições momentaneamente hegemônicas. Experiências sensíveis dessa natureza nos abrem para a impossibilidade da certeza, o que, tardiamente, temos aprendido não apenas com a natureza e o ambiente, mas também com a própria humanidade.

Nesse sentido, adquirir habilidades para um mundo possível passa por participar de comunidades ambientais, ou ambientalizadas, ou, ainda, comunidades que, mesmo sem quaisquer desses rótulos, estejam engajadas em relações e valores que pautem a vida, a proliferação da vida baseada na pluralidade. Este foi o sentido de refletir sobre a experiência de uma Horta Urbana, na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, no Sul do Brasil, mesmo nesse tempo em que vivemos – no qual já enterramos 246⁶⁸ mil mortos pela pandemia, em que 24,7% dos brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza⁶⁹, no qual há aumento de 29,54% (em relação a 2018) do desmatamento na Amazônia brasileira⁷⁰ e no momento em que batemos recordes históricos na liberação de novos venenos para uso do agronegócio (493 novos pesticidas aprovados em 2020⁷¹).

⁶⁸ Ao longo do processo de escrita, os números continuam subindo.

⁶⁹ Segundo dados do IBGE referidos na matéria disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2020/11/12/antes-da-pandemia-brasil-tinha-517-milhoes-abaixo-da-linha-da-pobreza-diz-ibge.htm> (Acesso em 10/02/2021).

⁷⁰ Disponível em http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5294 (Acesso em 10/02/2021)

⁷¹ Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/01/27/ano-de-2020-bate-recorde-de-liberacao-de-agrotoxicos-e-componentes-industriais.ghtml> (Acesso em 10/02/2021)

Contra o presente distópico que produz a morte em um volume assustador e expressivo, seguimos pensando que as coisas podem ser diferentes do que vem sendo, seguimos lutando e tentando, mesmo que timidamente, produzir e inventar diferentes formas de viver, de reafirmar a vida.

Termino aqui enfatizando que o processo de construção da tese causou na autora muitos efeitos que ainda não foram possíveis de serem traduzidos em palavras, tamanho deslocamento gerado pela experiência vivida nos diferentes momentos. O texto que apresentei aqui traz algumas marcas, possibilidades reflexivas e analíticas que foram desenvolvidas ao longo do tempo, mas é preciso destacar que outros tantos desdobramentos ficaram de fora, e por tal motivo se configuram como perpétua possibilidade. Ciente também das limitações desta tese manifesto o desejo de que, ainda assim, ela possa provocar, de algum modo, reflexões potentes e divergentes sobre os temas discutidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 5, 2002.

ACSELRAD, Henri. Ambientalização das lutas sociais – o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 103- 119, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Autêntica, 2013.

ANTILLANO, Laura. **Elogio a la comunidade**. Caracas: Consejo Nacional de la Cultura de la Republica Bolivariana de Venezuela, 2004.

ALANA. **Entrevista**. Porto Alegre, 26/11/2019.

BARACHINI, Teresinha. Objeto-roupa: atos de presença. **Gama**, v. 5, p. 62-70, 2017.

BARCELLONA, Pietro. **Postmodernidad y comunidad**. 2.ed. Madri: Editorial Trotta, 1996.

BAUERMANN, Laura. A dança do brincante: um estudo sobre a aprendizagem em espaços de festa popular. 2016. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BEDIN, Luciano. **Ainda escrever** – 58 combates para uma política do Texto. Porto Alegre: Lume Editor, 2017. 73p.

BIZARI, Douglas R.; CARDOSO, Jean C. Reuse water and urban horticulture: alliance towards more sustainable cities. **Horticultura Brasileira**, v. 34, n. 3, p. 311-317, 2016.

BORGES, Marcelo Gules. Formas de aprender em um mundo mais que humano : emaranhados de pessoas, coisas e instituições na ambientalização do contexto escolar.

2014. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BORGES, Marcelo Gules; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. A juçara vai à escola: aprendizagem entre pessoas, coisas e instituições. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 309-329, 2015.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRANCO, Marina Castelo; DE ALCÂNTARA, Flávia A. Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira?. **Horticultura Brasileira**, v. 29, n. 3, p. 421-428, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Resolução 510/2016**: ética em pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde, Brasília.

CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão; PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; GONÇALVES, Teomar Magalhães. Agricultura urbana e segurança alimentar no Brasil: desafios e perspectivas. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2016.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo, Editora Cortez, 5ª. Ed. 2010. (Coleção Docência em Formação).

CARVALHO, I. C. de M.; TONIOL, R. Ambientalização, cultura e educação: diálogos, traduções e inteligibilidades possíveis desde um estudo da educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. esp., p. 1-12, 2010.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; FARIAS, Carmen Roselaine; PEREIRA, Marcos Villela. A missão "ecocivilizatória" e as novas moralidades ecológicas: a educação ambiental entre a norma e a antinormatividade. **Ambient. soc.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 35-49, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; SCHMITT, Lilian Alves; & PEREIRA, Marcos Villela. Educação e sustentabilidade: aprendizagens em uma horta urbana. **Pedagogía Social Revista Interuniversitaria**, v. 37, p. 173-183. 2021.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de educação**, v. 11, n. 31, p. 7-18, 2006.

CONSELHO POPULAR DA LOMBA DO PINHEIRO TÍTULO. Blog do Conselho Popular da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, 19 de dezembro de 2015. Disponível em <http://cplombadopinheiro.blogspot.com/2015/12/horta-comunitaria-da-lomba-do-pinheiro.html>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

DE LA FARE, Mónica; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Ética e pesquisa em Educação**: tensões entre autonomia e regulação. In: SANTOS, Luis Henrique Sacchi; KARNOPP, Lodenir Becker (Org.). **Ética em pesquisa em Educação** : questões e proposições. Porto Alegre: PPGEDU: UFRGS, 2017.

DA CUNHA CARNEIRO, Luiz Carlos; PENNA, Rejane. **Porto Alegre: de aldeia a metrópole**. Marsiaj Oliveira, 1992.

DE LA FARE, Mónica; DE MOURA CARVALHO, Isabel Cristina; VILLELA PEREIRA, Marcos. Ética e pesquisa em educação: entre a regulação e a potencialidade reflexiva da formação. **Educação**, v. 40, n. 2, 2017.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. 15a. edição. 97p.

DEWEY, J. **Democracy and education**. New York: Free Press, 1977.

DURKEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

EMPERAIRE, Laure. A biodiversidade agrícola na Amazônia brasileira: recurso e patrimônio. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, v. 32, p. 31-43, 2005.

ENGESTROM, Yrjö, . Aprendizagem expansiva: por uma reconceitualização pela teoria da atividade. In: ILLERIS, Knud (ed). **Teorias Contemporâneas da Aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013, pp.235-245.

ENGUIITA, M. F. Educação e teorias da resistência. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 3-16, jan./jun. 1989.

ESPOSITO, Roberto. **Comunidad, inmunidad y biopolítica**. Herder Editorial, 2009.

FAO - **FOOD AND AGRICULTURAL ORGANIZATION**. La lucha contra el hambre y la pobreza: Perspectivas económicas y sociales. Informes de Política, v.10, p.1-2, 2010. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/012/al377s/al377s00.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

FAO - **FOOD AND AGRICULTURAL ORGANIZATION**. Comité de Agricultura. Agricultura urbana. 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/urban-agriculture/es/>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, v. 10, p. 58-78, 1999.

FOUCAULT, Michel. ¿ Qué es la crítica?[Crítica y Aufklärung]. **Daimon Revista Internacional de Filosofía**, n. 11, p. 5-26, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **O saber como crime**. Ditos e escritos VII. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

FOUCAULT, Michel . “Aula de 17 de janeiro de 1979”, “Aula de 24 de janeiro de 1979”, “Aula de 28 de março de 1979”. In: **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. “Aula de 5 de janeiro de 1983” In. **O governo de si e dos outros**. São Paulo, Martins Fontes, 2010. (p.3-39).

FOUCAULT, Michel. **Conversa com Michel Foucault** . Ditos e escritos VI. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

FÜSTER, Ketulyn. Conselhos gestores de unidades de conservação : espaços de aprendizagem através da participação social. 2018. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992.

GOMES, Ana Maria Rabelo; FARIA, Eliene Lopes; BERGO, Renata Silva. Aprendizagem na/da etnografia: reflexões conceitual-metodológicas a partir de dois casos bem brasileiros. **Revista da FAEEBA**, v. 28, n. 56, p. 116, 2019.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. 2013.

HISTÓRICO DA HORTA COMUNITÁRIA. **Histórico**. Porto Alegre, RS, 2018. 20p.

HOLANDA, AB de. **Dicionário Prático da Língua Portuguesa: Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/O Dia, p. 175, 1993.

INGOLD, T. **The perception of the environment**: essays in livelihood, dwelling and skill. London/New York: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, v. 33, n. 1,2010.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015. 390p.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015a.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020. 124p.

IPIRANGA, Ana Silvia Rocha et al. Aprendizagem como ato de participação: a história de uma comunidade de prática. **Cadernos Ebape. br**, v. 3, n. 4, p. 01-17, 2005.

JANAÍNA. **Entrevista**. Porto Alegre, 21/10/2020.

JUSSARA. **Entrevista**. Porto Alegre, 17/03/2020.

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. São Paulo: Três estrelas, 2013.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015. 286p.

LAMPREIA, Carolina. (1992). **As propostas anti-mentalistas no desenvolvimento cognitivo: Uma discussão de seus limites**. Tese de Doutorado Não Publicada. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LAVE, Jean. "Teaching as learning, in Practice". **Mind, Culture, and Activity**. Vol. 3, nº3, 1996. pp.149-164.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. New York: Cambridge University Press. 1991.

LAVE, Jean. A prática da aprendizagem. In: ILLERIS, Knud (ed). **Teorias Contemporâneas da Aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013, pp.235-245.

MAAS, Larissa; MALVESTITI, Rosane; GONTIJO, Leila Amaral. O reflexo da ausência de políticas de incentivo à agricultura urbana orgânica: um estudo de caso em duas cidades no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00134319, 2020.

MARIA FIRMINA. **Entrevista**. Porto Alegre, 04/06/2020.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia a escola**. Autêntica, 2014.

MASSCHELEIN, Jan. “E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. V. 33 (1), Jan,-Jun., 2008. pp. 35-48.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOUFFE, Chantal. Cidadania, democracia e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 3, p.1126, out. 2003.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014. PEREIRA, Marcos Villela. Utopias contemporâneas para a vida coletiva. **Travessias**, v. 2, n. 1, 2008.

PEREIRA, Marcos Villela. Contribuições para entender a experiência estética. **Revista Lusófona de Educação**, n. 18, p. 111-123, 2011.

PEREIRA, Marcos Villela. Educação de qualidade: perspectivas e desafios. In: BONHEMBERGER, Marcelo; MENTGES, Manuir (orgs.). **Educação marista: perspectivas e desafios**. São Paulo: FTD, 2016. v. 1, p. 117-133.

PEREIRA, Marcos Villela. Crítica e tolerância: considerações sobre diversidade, diferença e indiferença. **Diálogos Latinoamericanos**, n. 24, p. 14-24, 2015.

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. Santa Maria: EdUFSM, 2016.

PINHEIRO, Leandro R. **Itinerários versados**: questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016.

PORTELLI, Alessandro et al. História oral como gênero. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 22, 2001.

RENATA. **Entrevista**. Porto Alegre, 01/06/2020.

SENNETT, Richard. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, v. 2, 2012.

SCHMITT, Lilian Alves. **Aprender (n)a Horta - Diário de Campo**. Porto Alegre: 2017-2020.

SILVA, José Graziano da; DEL GROSSI, Mauro Eduardo; FRANÇA, CG de. Fome Zero: a experiência brasileira. **Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário**, p. 93-99, 2010.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias ecológicas:

delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WELSCH, Wolfgang. Mudança estrutural nas ciências humanas: diagnóstico e sugestões. **Educação**, v. 30, n. 62, p. 237-258, 2007.

WENGER, Etienne. **Comunidades de práctica**: Aprendizagem, significado e identidad. Barcelona: Paidós, 2001, 335.

ZAAR, Miriam Hermi. “Agricultura urbana: algunas reflexiones sobre su origen y expansión”.Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**,v. XVI, n. 944, 2011. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/b3w-944.htm>. Acesso em : 10 de maio de 2019.

ZAAR, M. H. A agricultura urbana e periurbana (AUP) no marco da soberania alimentar. **Sociedade e Território**, v. 27, n. 3, p. 26-44, 28 dez. 2015.

APÊNDICE I



ESCOLA DE
HUMANIDADES

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Educação

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Porto Alegre, ____ de maio de _____.

À
Coordenação da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro.

Prezados,

Vimos, por intermédio deste, apresentar-lhe o projeto de pesquisa intitulado “*Aprender em comunidade: práticas e experiências em uma horta urbana*”, que tem por objetivo compreender como os participantes do espaço aprendem nas práticas em comunidade.

Em relação às estratégias metodológicas, a pesquisa se utiliza de observação participante, metodologia na qual a pesquisadora observa enquanto desenvolve práticas e atividades cotidianas junto ao grupo, bem como entrevistas com participantes convidados. Eventualmente, a participação da pesquisadora pode trazer algum desconforto aos participantes e, por isso, qualquer um pode desistir, a qualquer momento. Observo que a participação nesta pesquisa não acarretará em nenhum ônus ou benefícios diretos aos participantes. Indiretamente, os participantes desta pesquisa estarão contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Para tanto, vimos solicitar sua autorização para acessar as práticas do local, bem como outras produções oficiais do grupo tais como registros sobre Histórico da Horta, cartazes, arquivos digitais de folderes de divulgação e etc.

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira
Escola de Humanidades/PUCRS
Orientador da Pesquisa

Lilian Alves Schmitt
Aluna do Doutorado em Educação
Escola de Humanidades/PUCRS
Matrícula: 171906

APÊNDICE II



ESCOLA DE
HUMANIDADES

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONCORDÂNCIA INSTITUCIONAL

Porto Alegre , ____ de _____ de 201_.

À

Comissão Científica da Escola de Humanidades
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS
Ilmo. Coordenador da Comissão Científica
Prof. Dr. André Ricardo Salata

Declaramos que temos conhecimento do projeto de Pesquisa intitulado “*Aprender em comunidade: práticas e experiências em uma horta urbana*”, proposto pelos pesquisadores Lilian Alves Schmitt (pesquisadora) e Marcos Villela Pereira (orientador), cujo objetivo é investigar os processos educativos no contexto da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, na tentativa de compreender como os participantes do espaço aprendem nas e com as práticas em comunidade.

Declaramos termos sido devidamente informados pela pesquisadora do objetivo do estudo, dos recursos metodológicos utilizados e dos possíveis desdobramentos da pesquisa e autorizamos a pesquisadora a utilizar os dados produzidos na elaboração de sua tese de doutorado e outras possíveis publicações .

Atenciosamente,

p/ Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro

APÊNDICE III



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Me chamo Lilian Alves Schmitt, sou estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e desenvolvo a pesquisa “*Aprender em comunidade: práticas e experiências em uma horta urbana*”, orientada pelo Professor Dr. Marcos Villela Pereira. A referida pesquisa se propõe a investigar os processos educativos no contexto da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro na tentativa de compreender como os participantes do espaço aprendem nas práticas em comunidade. Em relação às estratégias metodológicas, a pesquisa se utiliza de observação participante, metodologia na qual a pesquisadora observa enquanto desenvolve práticas e atividades cotidianas junto ao grupo, bem como entrevistas com participantes convidados. Eventualmente, isso pode trazer algum desconforto aos participantes e, por isso, qualquer um pode desistir, a qualquer momento. Observo que a participação nesta pesquisa não acarretará em nenhum ônus ou benefícios diretos aos participantes. Indiretamente, os participantes desta pesquisa estarão contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Cabe salientar que a participação é voluntária e que você tem a absoluta liberdade de decidir não participar ou desistir de continuar a qualquer momento. Quaisquer dúvidas relativas a este estudo poderão ser esclarecidas pela pesquisadora através dos fones (51) 982009674 (meu) ou (51) 991577041 (do orientador), ou pelos emails lilian.schmitt@acad.pucrs.br ou marcos.villela@pucrs.br.

Atenciosamente,

Lilian Alves Schmitt
Matrícula: 17190665-4

Prof. Dr. Marcos Vilella Pereira
Orientador

Declaro ter sido devidamente informado/a pela pesquisadora do objetivo do estudo, dos recursos metodológicos utilizados e dos possíveis desdobramentos da pesquisa. Ciente das informações anteriormente citadas, consinto em participar desta pesquisa e autorizo a pesquisadora a utilizar os dados que fornecerei na elaboração de sua tese de doutorado e de outras possíveis publicações. Declaro também ter recebido uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Participante

Local e data

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - Versão I - Canto Ecumênico

ANEXO II - Versão II - Canto Ecumênico

ANEXO III – Caminhando, obra de Lygia Clark.

ANEXO IV – Entrevista de Alana

ANEXO V – Entrevista de Jussara

ANEXO VI – Entrevista de Renata

ANEXO VII – Entrevista de Maria Firmina

ANEXO VIII – Entrevista de Janaína

ANEXO I

Versão I - Canto Ecumênico

Toda Semente

Toda semente é um anseio de frutificar

E todo fruto é uma forma de a gente se dar

Põe a semente na terra, não será em vão

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão

Toda palavra é um anseio de comunicar

E toda fala é uma forma de a gente se dar

Põe a semente na terra, não será em vão

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão

Todo tijolo é um anseio de edificar

E toda obra é uma forma de a gente se dar

Põe a semente na terra, não será em vão

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão

Todo poema é um anseio de se expressar

E todo canto é uma forma de a gente se dar

Põe a semente na terra, não será em vão.

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

ANEXO II

Versão II - Canto Ecumênico

Põe a semente na terra

Põe a semente na terra, não será em vão.

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

Toda Mãe-Terra é um apelo pra sermos irmãos,
e toda roça é um convite para o mutirão.

Põe a semente na terra, não será em vão.

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

Toda colheita é um chamado pra se ajudar,
e toda venda é um momento de se organizar.

Põe a semente na terra, não será em vão.

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

Todo suor é uma enxada a gerar comida,
e toda luta é um arado a arrancar mais vida.

Põe a semente na terra, não será em vão.

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

Toda chuva é uma bênção que faz germinar,
e todo sangue é uma força para libertar.

Põe a semente na terra, não será em vão.

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

Todo serviço é um anseio de compartilhar,
e o compromisso é uma forma de a gente se dar.

Põe a semente na terra, não será em vão.

Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

ANEXO III

1964: Caminhando

“Caminhando é o nome que dei à minha última proposição. Daqui em diante atribuo uma importância absoluta ao ato imanente realizado pelo participante. O “Caminhando” leva todas as possibilidades que se ligam à ação em si mesma: ele permite a escolha, o imprevisível, a transformação de uma virtualidade em um empreendimento concreto.

Faça você mesmo um caminhando: pegue uma dessas tiras de papel que envolvem um livro, corte-a em sua largura, torça-a e cole-a de madeira que obtenha uma fita de Moebius.

*Em seguida tome uma tesoura, crave uma ponta na superfície e corte continuamente no sentido do comprimento. Preste atenção para não recair no corte já feito – o que separaria a faixa em dois pedaços. Quando você tiver dado a volta na fita de Moebius, escolha entre cortar à direita ou à esquerda do corte já feito. Esta noção de escolha é decisiva. **O único sentido dessa experiência reside no ato de fazê-la. A obra é seu ato.** À medida que se corta na faixa ela se afina e se desdobra em entrelaçamentos. No fim, o caminho é tão estreito que não se pode mais abri-lo. É o fim do seu atalho.*

Cada caminhando é uma realidade imanente que se revela em sua totalidade durante o tempo de expressão do espectador-autor.

De saída, o “Caminhando” é apenas uma potencialidade. Vocês e ele formarão uma realidade única, total, existencial. Nenhuma separação entre sujeito-objeto. É um corpo-a-corpo, uma fusão. As diversas respostas nascerão de suas vozes.”⁷²

⁷² CLARK, Lygia. **Lygia Clark**. Textos de Lygia Clark, Ferreria Gullar e Mário Pedrosa. Rio de Janeiro. FUNARTE. 1980. 60p. il. (incl. Color) (Arte brasileira Contemporânea)



ANEXO IV

Entrevista: Alana (A)

Entrevistadora – Lilian Alves Schmitt (L)

Porto Alegre, 26 de novembro de 2019.

Tempo da entrevista: 33'26''

Local: Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro

Relembrei o convite que havia feito e iniciamos com a leitura e conversa sobre TCLE.

L: Me fala um pouco de ti Alana... Teu nome, idade, o gênero com o qual tu te identifica... O que mais tu quiser...

A: Tá bom! Eu sou Alana, tenho 21 anos, sou uma mulher branca... *(Pela cor de suas bochechas e movimento das mãos presumo que está um pouco envergonhada.)*

[...]

L: E que ocupações assim Alana que tu está exercendo no momento? Coisas que tu exerce e que tu gostaria de destacar na tua apresentação...

A: Tá... Então... Atualmente eu faço estágio e sou voluntária aqui na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Ah, estou finalizando um curso técnico em meio ambiente no Instituto Federal... Junto a isso também faço uma graduação na UFRGS em Ciências Sociais, ah, também tenho um vínculo de bolsa lá na UFRGS que eu participo de um projeto chamado Yoga na Comunidade... Que é um projeto que visa levar a prática de yoga para lugares que não tem acesso a essa prática assim, então estou dando aula de yoga lá na zona sul nas sextas feiras, de tarde, aí também sou uma pesquisadora assim referente a essa bolsa, eu faço diário de campo dessas aulas, também faço observação participante, e, é isso, tenho esse vínculo...

Camila passa por nós e nos pergunta:

C: Vocês levam quanto tempo?

L: É indefinido, mas a gente pode interromper, não tem problema...

C: A gente tinha uma reunião aqui pra fazer...

L: Mas não era a partir das dez?

C: É, a Mirtes falou agora, mas de repente...

L: Tá tranquilo, não, só porque a gente tinha esse horário de dez... Daí por isso começamos aqui.

C: Sim, claro, que horas são agora?

L: Agora são nove...

C: É, de repente mais uns 15 minutos?

L: Não, é que aqui não tem muito formato...

C: É... *(faz uma cara de quem pede desculpa e não quer atrapalhar)*.

L: Mas tranquilo. Sem galho.

Olho para Alana deixando na mão dela se continuamos ou não, para minha surpresa ela retoma:

A.: Enfim... Essas são as vinculações mais latentes assim, nesse momento, não sei se é isso...

L: Isso aí. Tu não precisa ter uma preocupação assim em me responder certo, ou errado tá *(risos meus de nervosa)*... Tu é moradora da zona sul Alana?

A: Eu sou moradora da zona sul, eu moro no bairro cristal...

L: Uhum...

A: Ah, próximo ao Shopping Barra.

L: E como é que tu ficou sabendo da Horta aqui, conta um pouco da tua história de como tu chegou aqui, na Lomba do Pinheiro.

A: Aham, então, eu conheci, eu conheci a horta por uma amiga, que vinha assim algumas tardes aqui e, enfim, a gente se encontrava na faculdade, na UFRGS, depois que ela vinha às tardes ela ia para a UFRGS...

L: Como que é o nome dela?

A: Isabela.

L: Isabela...

A: E ela vinha com a Mara, não sei se tu conhece?

L: Aham...Conheço sim!

A: Ela vinha com a Mara e depois ela ia para a aula e levava algumas coisinhas da horta assim, contava um pouco da experiência dela, e enfim foi me despertando essa curiosidade em mim de conhecer esse lugar e até que a primeira vez que eu vim, se eu não me engano, a primeira vez que eu vim foi no Pré-ERGA... *(O pré-ERGA foi um evento ocorrido na Horta de encontro e preparação para o IV Encontro Regional de Grupos de Agroecologia da região Sul a ser realizado na cidade de Maquiné – RS em 2019).*

L: Aham...

A: Foi no Pré-ERGA, e ficava muito lotado, muito muito, legal... E tava a colheita do hibisco também, um momento muito especial assim, eu lembro assim porque eu tinha aula no sábado de tarde assim então eu só podia ficar de manhã, mas foi muito especial. Já deu para conhecer um pouquinho do espaço. Ah, a partir disso uma outra tarde eu vim e deu para apresentar a horta para uma amiga também, então fui começando a me aproximar do espaço, mas esse vínculo se deu mais forte através do estágio, enfim, assim, que eu fiz esse contato contigo, e, e, tive uma constância para estar aqui nesse lugar assim...

[...]

L: E o que te faz assim, sair da zona sul assim, porque querendo ou não, tu vem de transporte público...

A: Sim...

L: Que eu lembre tu vem de ônibus?

A: Sim eu pego dois ônibus...

L: O que te faz assim, sair da zona sul e vir fazer o teu estágio aqui? Porque existem muitas possibilidades de estágio...

A: Aham...Então, o que eu buscava assim, o que eu sinto falta no curso assim, no currículo do curso, é essa prática assim, e esse contato maior com, enfim, entender de modo mais empírico e menos teórico assim... Fazer uma aprendizagem um pouco menos... Diferente! Um pouco menos expositiva, menos hierárquica ou coisa assim... De um professor falando, enfim, só explanando alguma coisa e aquele formato quadrado e eu queria fazer um estágio que, que fosse o oposto disso que eu conseguisse estar mais em contato com isso, mais em contato com a terra... Vinculado a um conhecimento mais comunitário, e mais circular assim, e, eu acho assim que na horta, assim, enfim, ele é assim.

L: Tu encontraste uma correspondência assim com o que tu esperava... Isso que tu diz de circularidade?

A: Aham, com certeza, sim é... Eu não sei nem explicar, assim muitas vezes o como acontece, as dinâmicas que acontecem aqui... Porque é muito fluido, muito orgânico, chega alguém daí acrescenta... Então assim o conhecimento vai sendo construído de uma forma muito natural, parece assim que enfim, que o conhecimento vai sendo construído com a sintropia da natureza, então é tudo assim, eu acho muito lindo isso assim... Então, me motiva a estar aqui. Enfim, e continuar vindo após o período de estágio porque enfim o vínculo foi aberto e eu acho assim que ele não vai se fechar tão cedo...

L: Tu consegue dizer assim o que tu faz aqui... Qual é a tua participação aqui, o que tu faz na horta?

A: Algumas coisa neh, engraçado que agora estou escrevendo meu relatório de estágio e estou conseguindo meio que canalizar isso, mas enfim eu capino, eu faço muda, ah, coleteo matéria orgânica para colocar nos canteiros, enfim, ah, algumas coisas que envolvem a coisa da horta

assim, neh, mas eu estava pensando neh, o que eu enquanto técnica em meio ambiente faço de diferente de outro voluntário? Eu acho que é nada assim, hahahaha... Eu acho que todo mundo aqui tem meio que as mesmas atividades, os mesmos, enfim... A mesma importância assim... Então não tem uma hierarquia do tipo assim “ah porque eu fiz um curso e eu sei enfim...” Até porque eu estou aqui enquanto estagiária de um curso de técnico em meio ambiente, mas eu estou fazendo o que é a demanda da horta... Então eu faço o que todo mundo faz, o que a horta precisa, entendeu? Eu estava me questionando isso né?! E que massa, que massa na real... Que está todo mundo aqui e todo mundo pegando junto e fazendo junto e construindo esse espaço junto...

L: Quando tu fala assim Alana “Ah o que a horta precisa...” Tu acha que consegue fazer essa leitura do que a horta precisa?

A: Pois é... Quem faz essa leitura do que a horta precisa? Pois é, então, não sei... hahahaha (*ri e parece ser tomada de surpresa com a pergunta*)... Daí agente vai pensar naquilo né, a gente precisa da horta talvez... Quais são as nossas expectativas em relação a esse espaço? Então a gente precisa construir para que a gente possa colher essas expectativas que a gente projeta sobre esse espaço... Não sei, então agora estamos plantando hibisco porque a gente quer colher hibisco em fevereiro, então tipo, enfim, é, eu acho que o espaço em si não tem nenhuma demanda efetiva, não sei, mas talvez nós enquanto coletivo assim, já, temos algumas demandas no espaço assim não sei...hahahaha (*faz uma pausa*)

L: E tu falou uma série de práticas, que tu faz assim, que tu tem feito... E tu consegue localizar assim quem te ensinou? Como tu aprendeu a fazer as coisas?

A: Pois é, eu acho que estou sempre aprendendo assim, sempre que ah vamos fazer a seguinte atividade... Então vou aprendendo com muitas pessoas, com quem estiver no entorno, envolvida na atividade... Acho que aquele conhecimento vai sendo passado por aquela pessoa assim, e por diversas pessoas que passam por esse espaço e passam por essa atividade. Enfim, desde os representantes da horta assim até as pessoas que chegam... Voluntárias, estagiárias, enfim...

L: Quando tu fala capina, tu já sabia capinar quando chegou aqui?

A: Eu tinha uma ideia assim, mas quando cheguei aqui, isso também é muito, isso também é muito doido assim... O como cada coisa tem uma historicidade de como se faz, o como se faz

assim... Por exemplo, tem uma historicidade de como mexer na terra aqui na horta assim... Por que tem vários tipos de plantio, mas daí se convencionou de que nesse espaço vai se plantar assim... Por quem está puxando, enfim, por como se foi construído ao longo do tempo... Eu acho que todas as atividades trazem uma historicidade, na prática delas assim, então eu acho que também é plausível que a gente chegue aberto a entender qual é um pouco dessa historicidade que veio se construindo, e como chega até ti agora, nesse momento, meio que entender a trajetória para tu entender como se faz agora assim, então é isso assim eu acho...

L: Tu fala de uma historicidade que tu compreende, que tu precisa fazer a leitura dessa historicidade para saber como tu vai agir e praticar... E aí eu te pergunto: como que se aprende isso?

A: Com as pessoas, com as pessoas que estão há mais tempo aqui... Eu acho que estando com elas assim e tipo “*Ah vou capinar... Ah é assim que faz?*”

L: Como é que tu fez? Porque tu fala que tu tinha mais ou menos uma noção da capina, mas como é que tu fez, como é que tu fez quando viu alguém capinando?

A: Eu lembro que um dia eu estava com o Chico lá no canteiro e a gente estava tirando capim assim que estava na volta do que a gente queria cultivar assim, acho que era couve... A gente estava lá tirando capim e eu: “Ah, é assim Chico?”... E ele “Ah, mais ou menos não sei o que...” daí foi meio que ensinando a partir disso, a partir dessa tentativa e erro... E desse... Enfim, dessa experiência coletiva que estava acontecendo ali...

L: Tu cita uma série de práticas...A capina, feitura de mudas, enfim...

A: Se aprende de modos diferentes e são atividades diferentes, mas como estamos nesse mesmo ambiente, nesse mesmo sistema de aprendizado que enfim, que rola aqui, acho que há congruências entre esses aprendizados mas elas acontecem de modos diferentes sabe?! Não sei tanto medir ...Mas acho que há coisas em comum, mas são atividades diferentes e então elas se aprendem de modos diferentes...

L: Vou te pedir pra tu me relatar as tuas tardes assim, como eram os teus dias aqui assim... Tu vinha de manhã? Tu vinha de tarde?

A: Aham, quintas a tarde...

L: Isso, quintas as tardes... Me fala um pouco dos teus dias, que dias tu vinha mesmo?

A: Eu vinha terça de manhã e quintas às tardes... Terça de manhã é um momento que reúne muita gente neh, e que geralmente é o dia mais lotado da horta, e na quinta de tarde, assim, bem menos gente, que geralmente eu tenho contato com o Fabrício, com, agora nessas últimas vezes com a Jussara... Então, enfim, dinâmicas bem diferentes assim, ah, hm...

L: Como assim? Descreve um pouco...

A: Por exemplo no penúltimo dia, não, no último dia que era quinta de tarde chegou as madeiras lá da horta que foi desmontada no Palácio Piratini. Então as madeiras estavam todas aqui, a gente levou lá para dentro porque ontem iam vir as crianças. Vieram as crianças então as madeiras não poderiam estar aqui... E então a gente fez esse transporte, tinha muita madeira e a gente levou lá para dentro, meio que acumulou lá dentro... Aí, na quinta passada, sem ser essa na anterior, eu e o Fabrício a gente estava lá atrás tirando o capim em volta, que estava em volta das batatas doce, que dá bastante tiririca lá, então a gente tava lá tirando, nesse processo bem manual de tirar com a mão assim né tudo que está em volta...

L: Quando fala tiririca, tu já conhecias?

A: Não, não conhecia, não conhecia tiririca. Ah, enfim muitos aprendizados, hahaha... E é isso, eu acho que o Knuppi que é aquele cara que escreve o livro das PANCS (*Plantas Alimentícias Não Convencionais*), ele fala de um analfabetismo botânico... E eu acho que muita gente está nesse enfim, nesse processo de não reconhecer, de não saber, de não conseguir identificar e eu também me identifico nesse processo. E agora eu já consigo identificar muito mais, espécies assim... E ter mais, enfim, consigo entender um pouquinho mais disso...

L: Tri.

A: A gente tava lá tirando as tiriricas lá, e daí estava um sol, um sol, um sol... Daí fechou o tempo assim muito rápido e começou a chover... Daí a gente veio correndo aqui para a horta porque começou a chover forte, daí a gente ficou um tempo ali... A gente pensou a partir disso que não

dá para ir para a horta... E tinha cana, que tinha colhido e daí a gente foi fazer caldo de cana!
(*Risos*)

L: Mas que beleza! (*Risos*)

A: E foi muito massa porque eu nunca tinha operado naquela máquina, naquela prensa.

L: Aham.

A: E é muito legal, daí a gente fez cana e enfim aprendi como fazer caldo de cana... Que tu corta, porque não pode colocar a cana inteira porque se não fica muito pesado pra tu mexer na manivela. Então tu corta, daí tu passa um pedaço, depois passa outro, depois passa os dois pedaços juntos... Enfim, daí a gente fez caldo de cana nesse momento...

L: Uma aprendizagem que tu teve então?

A: Sim, enfim, o Fabrício me ensinou assim, tinha uma série de elementos que estavam propícios para esse momento... Tinha a cana, tinha a prensa da cana, tinha a chuva que veio (*risos*). Todo um cenário assim, e vários elementos não humanos ali presentes... Enfim eu perguntei sobre a máquina e ele disse “*Ah tu nunca fez?*” daí eu disse “*Não, não fiz!*”. “*Ah, então vamos fazer*” e fomos lá e fizemos assim...

Rimos juntas.

L: Daí tomaram caldo de cana...

A: Eu levei, eu levei uma garrafa de caldo de cana...

L: Bah! Te deu!?

A: Me dei muito!

L: E tem alguma coisa que tu aprendeu aqui na horta que tu não esperava assim... Ter aprendido?

A: Eu acho que tudo que eu aprendi eu não imaginava ter aprendido, assim, quer dizer, algumas coisas sim... Mas grande parte das coisas foi tipo “uau, nossa!”, eu não tinha projetado tanto o que eu ia aprender ou não e foi tipo muita surpresa constante... Todos os dias, todos os momentos que eu estava aqui... E foram aprendizados que de certa forma eu não podia prever que eu, enfim,

que eu ia fazer caldo de cana, eu não esperava... Eu não visualizava que eu ia aprender esse tipo de coisa assim.

L: E o que tu esperava? Porque tu fala que bah não esperava, e o que tu esperava aprender aqui?

A: Aham, o que eu esperava aprender... Eu acho que eu esperava mais estar nesse espaço, enfim, conviver com esse espaço, acho que essa era a minha projeção assim... Estar na horta, assim sabe? Estar nesse espaço que eu possa sair um pouco dessa urbanidade... Enfim, que eu possa estar nesse espaço de convivência, e a partir disso eu acho que essa era minha expectativa. E a partir disso surgiram muitos aprendizados e enfim, é muita coisa...

L: O que tu consegue me dizer mais sobre as coisas que tu aprendeu?

(Pessoas chegam para a reunião e todos se cumprimentam)

A: Ta, vamos começar pelo início, aprendi a chegar na horta primeiramente... hahahaha

L: Me conta isso...

A: É, eu não conhecia a Lomba, é um aprendizado muito forte porque é abrir essas portas para que eu pudesse estudar a Lomba, para que eu pudesse estudar como é o formato desse bairro, da onde vem as pessoas, quem frequenta a Horta, qual é a trajetória dessas pessoas... Enfim, eu não sabia dessa trajetória de pessoas que foram, que fluíram com a dinâmica do êxodo rural e que se fixaram aqui nesse espaço, então eu não conhecia toda essa trajetória, da Lomba, foi um conhecimento muito forte assim... Conhecer sobre a Lomba, conhecer mais sobre a Lomba e conhecer com as pessoas da Lomba e enfim esse foi um aprendizado, aprendi a chegar na Lomba..."

L: Alguém te ensinou a chegar aqui?

A: Alguém me ensinou a chegar aqui, acho que a primeira pessoa que me ensinou foi a Bela, que era essa minha amiga que vinha, mas a partir disso ah, eu vim, e ah, porque primeiro eu pegava um ônibus, porque eu vinha até a PUCRS, daí eu ia lá e pegava um ônibus, daí eu vi que não era vantagem porque eu podia descer no viaduto São Jorge que lá passava mais ônibus para eu vir para cá... Primeiro eu só pegava o Pinheiro, daí depois "ah mas o Rápida também pode"... Ah tá,

então tá. Daí a partir disso fui descobrindo esses caminhos, essas formas de chegar aqui, daí aqui aprendi mais sobre as pessoas que aqui estavam, e sobre enfim, sobre o bairro assim, e sobre a influência da igreja franciscana, a influência das lideranças comunitárias, e desses movimentos de luta assim comunitária... Fui aprendendo sobre isso e sobre o histórico da Lomba... Aí, enfim, sobre, sobre o entorno também porque eu lembro que quando eu comecei o estágio estava naquela fase de furtos na sede e tal... Então eu pude entender mais sobre as dinâmicas do entorno, sobre quem passa por aqui, como passa, como chega, então pude entender um pouco mais sobre isso também. Aí propriamente eu lembro que eu comecei pelas mudas, fui conhecendo as mudas, no grupo de senhoras que estavam ali nas mudas. Então a gente faz mudas nas caixas de leite... Enfim, aprende como cada planta, tipo, nessa feitura de muda tu vai conhecendo um pouco mais sobre as plantas... Eu lembro que eu cheguei lá na estufa sabendo bem menos, agora eu acho que eu consigo identificar várias daquelas plantas, acho que todas que estão ali... Mas quando eu cheguei não... Eu fui aprendendo sobre isso assim, sobre o nome das plantas, sobre a propriedade medicinal delas...

C: Ô gurias, se vocês puderem vir...

L: Ahh, então tá Alana... Vamos interromper pra seguir lá com o pessoal... Daí a gente continua outra hora, pode ser?

A: *(Ela sorri e faz semblante como se quisesse continuar falando...)* Aham pode ser sim!

Eu desligo o gravador e seguimos caminhando para a sede, vamos combinando de se falar pelo aplicativo de mensagens para que depois do período de férias voltemos a conversar.

Embora tente retomar a entrevista com Alana em outro dia, ela não responde mais às minhas mensagens via aplicativo. Meus dias de trabalho na Horta não coincidem mais com os dias de trabalho dela, acredito que tenha trocado o número de seu celular. Ao concluir a transcrição da entrevista envio-a à Alana, que não responde para etapa de conferência

ANEXO V

Entrevista: Maria Jussara Pereira (J)

Entrevistadora – Lilian Alves Schmitt (L)

Porto Alegre, 17 de março de 2020.

Tempo da entrevista: 1h31'25''

Local: Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro

Jussara e eu sentamos na entrada da Horta, em uma clareira da borda de mata, na sombra. Peço permissão para ligar o gravador e Jussara me consente enquanto segue uma conversa sobre a planta alimentícia de nome popular cará-moela.

L: Na casa do meu pai tem esse cará-moela e as folhas são gigantescas...

J: Eu plantei lá nos meus patrões...

L: Onde que é a casa dos seus patrões Jussara?

J: Ali no Petrópolis.

L: Então assim, já que tu autorizou o gravador vai ficar aqui então nos gravando enquanto a gente conversa...

J: Sim, claro.

L: Mas eu preciso lembrar de algumas questões... Vou te mostrar o termo de consentimento esclarecido Jussara, aquele que falei...

J: Sei, eu já participei de outras pesquisas.

L: Tem meu nome, o nome do projeto, novidade não tem nenhuma?! Só afirma o que eu tô fazendo... Que é observação aqui na horta, trabalhando e observando junto, e diz que isso não vai te trazer nenhum dano e também nenhum ganho... Tipo: não vou te pagar nenhum bônus e essas coisas... E tu podes desistir né?! Desistir da entrevista a qualquer momento... Isso é bastante

importante... Pode ser um “Ah Lilian deu né, chega... Eu não quero participar mais!” Porque tu se sente, sei lá, com algum desconforto...” Então eu vou deixar contigo (*refiro-me ao TCLE impresso*) e no final da entrevista, se tu desejar tu assina uma cópia. Uma fica contigo e outra cópia fica comigo... (*ela me olha com quem disesse “Chega da explicação!”*) Tá, tu sabe disso né...

Rimos juntas.

L: Eu gostaria de que tu começasse te apresentando... Teu nome completo, idade, e algumas coisas que tu queira dizer de ti...

J: Meu nome completo é Maria Jussara Pereira, eu tenho 57 anos, iniciei na horta com 56 anos... Já vai fazer um ano que eu estou aqui. E sobre mim?! Uma mulher que trabalha e priorizô criar os filhos para depois voltar a estudar... Eu acho muito importante trabalho na vida da mulher, eu já trabalhava com artesanato, então eu nunca fui dependente economicamente... Eu carregava os filhos para feiras de artesanato, estava com saudade das comidas feitas nos acampamentos e quando eu pude mesmo voltando a estudar eu acabei por priorizar filhos. Meu filho já estava no segundo grau, já tinha feito curso técnico um tempo... Depois ele estava meio assim não estava querendo fazer o ensino superior eu disse para ele vamos fazer o Enem, vamos aí eu aí eu fui, ele foi...Ele foi para casa da namorada fez a primeira prova, na segunda ele se atrasou e não foi e eu fui sozinha. E eu entrei com a nota do ENEM no IF... Eu já tinha um amigo que tinha dito “Ah vai estudar se tu gosta de estudar é bom para ti vai no Instituto Federal...” E aí eu entrei na Gestão Ambiental no decorrer desse do meu curso eu fui ver procurando as minhas coisas guardadas eu vi o quanto eu já me interessava por isso mesmo antes porque eu tinha várias reportagens guardadas da Zero Hora, do nosso mundo, do campo e lavoura que falava das plantações... Já tinha impresso... Um amigo meu tinha me dado sobre hortas. Eu tenho um polígrafo enorme que fala sobre horta e é dele e sobre as plantas... Eu já participava de alguns eventos dentro da área mais holística assim, que até teve no interior onde eu morava... Umam freira que fazia, que fazia essa com pendão para ver a energia das plantas e eu fui com esse meu amigo que me deu esse polígrafo. Então as coisas se encaminharam. Eu acho que nada é por acaso né, deu fazer isso entrar no Instituto Federal, fazer Gestão Ambiental, e dentro da gestão conviver com pessoas que conheci uma horta né... E uma era a Graziela, que era amiga da Dani, que fazia estágio aqui... E aquela história de pessoas que vêm do interior, que cultivavam

seus alimentos, aquelas coisas né, que tinha a vó que tinha chácara e os meus tios eram capatazes de fazenda aquela coisa assim, e ahh, sempre gostei mas não tinha... A mãe era aquelas assim que usava pimentão, tomate, coisa e jogava tudo no pátio assim e nascia espontaneamente né... No fundo do pátio... Então era maravilhoso eu sempre fui encantada com isso.

L: Onde que era isso Jussara, onde é que tu nasceu?

J: Eu nasci em Camaquã mas eu só fui nascer lá, eu era de Tapes... Me criei em Tapes e a coisa que mais me encanta nas plantas é o germinar delas que a gente vê a resistência que que é a luta pela vida né?! Independente da pessoa, né, então é uma coisa que me chama bastante atenção, e quando eu vim na horta...

L: Tu veio pelo Instituto Federal conhecer a horta?

J: Pelo Instituto Federal... Eu já tinha conhecimento de outras pessoas né, e aí, eu digo pra professora “quem sabe vamos lá?!”. E a professora encantada com agroecologia né uma geógrafa né, e ela veio e trouxe nós aqui só que daí quando ficaram dando as explicações eu já fui lá em volta da Mirtes... Que estava com uma enxada e eu já queria mexer né com a enxada parecia criança quando vê um brinquedo novo e vai no lugar e uau, depois tudo aquilo né... E uma das coisas que eu sei que eu sou muito falha com a horta é em um certo comprometimento e rigor de cumprir as minhas datas e horários (*se refere às horas de estágio*). Estou ciente aí já é um problema meu pessoal ou emocional, sei lá... Não é que não seja seguir regra mas quando estou aqui eu digo “Puxa porque eu não venho todos os dias!”. Eu sei o quanto me faz bem e o quanto o quanto se aprende assim né... Aí eu fico muito ansiosa porque eu queria aprender tudo de uma vez só.

Jussara dá risadas contando. E continua...

J: E aí a gente esquece também né porque a mente já tem muita informação né mas eu não queria ficar num lugar presa... Eu tenho claustrofobia e eu pensei “ Se eu tiver que fazer meu estágio, Deus o livre eu fazer em um lugar que tiver que ficá presa numa sala encerrada...” Eu já trabalhei em escritório mas eu não tinha esse problema quando eu trabalhava então é o lugar ideal né... Não é um lugar fechado e bah assim tu não tem um convívio obrigatório também. Se tu quer ficar com várias pessoas na volta tu fica com várias pessoas na volta, se tu não quer... Se tu não tá

legal tu vai fazer teu trabalho em outro local porque o espaço é muito grande e todos necessitam do trabalho né, de mexer na terra de tirar um inço, de transplantar, de carregar um esterco umas coisas...Então eu fico morrendo de vontade de trazer todo mundo para cá e eu ao mesmo tempo não entendo porque as pessoas que já participaram se afastaram... Como é que conseguem? Eu sei que as pessoas tem outra vida, sei que elas estão caminhando e ao mesmo tempo estão trabalhando em outras hortas, estão plantando, estão divulgando o que aprenderam aqui, eu sou uma que saiu daqui e lá na faculdade eu já dei muda de Ora-pro-nóbis para muita gente e de peixinho e falo e faço e levo para eles comerem... Ah meu Deus bem bem louca!

L: O peixinho tu já cozinhava antes?!

J: Não eu sabia de algumas coisas antes de vir para horta mas mais na área de chá de erva medicinal... Assim da Tanchagem ser muito boa, da Espinheira-santa ser muito boa, já aquela coisa do se alguém está com diarreia tu faz o chá do broto da goiaba ou da folha da Pitangueira...Pros meus filhos eu não comprava xarope... Para os meus filhos eu sempre fiz com guaco, eu tinha uma vizinha perto que tinha guaco que eu buscava sempre e para dor de barriga eu chamava de maçanilha, que é a camomila. Então essas coisas... O funcho sempre mas não tão didático e não tão mais por uma questão de herança de conhecimento de antepassados assim não é uma coisa que tu pegasse um livro e lesse e descobrisse mas agora, por exemplo, com o negócio da horta eu aprendi muito mais todos os dias né?! E uma coisa que eu sinto assim na horta que eu não consigo mais ir num lugar e comprar alguma coisa que tu possa plantar. Não em uma feira,por exemplo, mas no mercado eu passo por aqueles lugares assim que meu Deus que horror tu comprar aquilo que tu sabe que é só comércio, só aparência, porque se tu ver uma goiaba igual a gente colhe aqui na horta... Porque se tu ver uma goiaba no mercado com essa aparência ninguém compra e ela é muito mais saudável do que aquela que está lá lindona...É muito difícil né comprar um brócolis, uma couve, eu nunca mais comprei né e o bom da horta é no sentido que tu aprende isso... Eu já era a favor a gente não tem que comer coisas que não está na época de comer, a gente não tem que se não está no tempo dela... Está sendo usado várias coisas que a gente não quer consumir, não é saúde né?! E ao mesmo tempo se não é do nosso estado... Ah mas como eu fiz esses dias, louca para comer alface mas eu disse assim “Não é época de alface se for encontrar não é nossa!”... Aqui só se for por hidroponia mas a gente sabe que não é né?! Significa se nós temos uma disponibilidade em uma variedade grande é sinal de que ela consumiu

muito CO2 no caminho até chegar ali né?! Isso é horrível!! E como tu quer saúde?! Se você está provocando algo que não é bom para saúde e além do que essa aparência mais vistosa é pura ilusão e aqui na horta a gente tem muita coisa com aparência linda também... Frutas e verduras e coisas sem usar agrotóxico mas a gente sabe que aquela para produzir, para produzir aquela quantidade que é distribuída nos mercados não existe essa possibilidade... Esses dias eu estava pensando aconteceu com uma pessoa aqui na horta que me disse assim “Eu acho orgânico muito caro!”... E eu “Mas tu viu o trabalho que dá?” E é uma pessoa que foi acolhida aqui dentro... Aí tu vê que não tem uma produção grande e tu vê a vantagem da horta é que ela não visa o lucro! Se ela visasse o lucro a gente ia enveredar para o outro lado né! Porque qualquer produção grande vai acabar não se contentando com o ciclo natural da planta, vai querer acelerar por que é a maneira que tu precisa para o ganho financeiro grande... Quando eu entrei eu pensei “Poxa porque a gente não vende né?! Talvez a participação não seja tanta justamente por causa disso...” As pessoas não veem como uma fonte de lucro financeiro, mas elas não entendem o lucro na saúde... Já estão tendo uma economia porque elas não vão gastar em medicamento e é muita burrice né?! Ah eu vou investir o tempo lá e não vai vir dinheiro né?! Eu acho que tempo é o maior investimento nosso porque não volta no tempo... Não tem... Não tem banco de horas nessa vida né?! Mas as pessoas não levam em consideração que se elas vierem aqui além de elas vão se sentir bem... Não tem como se sentir mal. Não gosto de aranha? Não gosta de formiga? Mesmo que tenha medo de cobra não é em todo o espaço que tem isso né?! Aqui é a natureza... Nós que estamos no espaço da natureza, a gente tem que respeitar isso né?! Elas não vem porque elas não vão consumir alguma coisa... Elas vão deixar e vão consumir algumas coisas que vão curar algumas coisas nelas e elas não vão precisar ir para uma farmácia. Isso que é incrível!! Eu fico assim doente de ver a minha irmã que diz assim “ Ah eu tomo Omeprazol!”. Eu falo para ela não toma eu já tomei Omeprazol muito na minha vida... Uma colega esses dias...Um colega, que se queixou de dor de cabeça, ela botou a mão na testa dele na sala de aula “Ah tu tá meio febril... Tu quer um ibuprofeno?” Eu disse assim: “porque tu vai dar um ibuprofeno para ele?”... “ Ah ele está em um estado meio febril”. E eu disse: “Tu mediu a temperatura dele? É uma dor de cabeça... Se eu estou com dor de cabeça e depois se não passar eu vou descobrir o que que me levou a essa dor de cabeça...”. Daí o colega disse: “Pode ter sido um pouco da tensão do dia... Esses dias foi a primeira vez que eu fiz alguma coisa que eu tive que descer lá embaixo na Bento para fazer foi isso que me deixou meio tenso assim e aí me deixou com dor de cabeça...” Nem

sabe o que ele tem e vai dar remédio assim e outra coisa assim... Se um dia for necessário medicamento esse de laboratório de farmácia que vai comprar na farmácia e o seu organismo já está resistente... Ele não está adaptado por qualquer coisinha daí tu toma um medicamento, tu se automedica... É o que a gente tava falando hoje (*Jussara refere-se a uma conversa sobre automedicação que aconteceu no mesmo dia entre participantes da Horta*) por que quando tu ver várias pessoas consultam com o mesmo médico... Cada um com um sintoma diferente e cada um vai só que todas elas saem com a prescrição do mesmo medicamento... Alguma coisa está errada né?! Alguma coisa está errada... Nós somos seres únicos cada um é único no mundo.

L: Em relação a isso que tu me conta Jussara... Desde quando tu chegou, como foram teus dias aqui? O que tu fez desde quando chegastes à Horta pela primeira vez?

J: Tu diz assim de prática?

L: O que tu queira dizer... Como vem sendo teus dias aqui?

J: Tinha umas assim... hahaha Quando a minha irmã me pergunta assim “Aonde você estava?” e eu digo “estava lá na horta...” E ela diz “então eu sei que você está bem porque ela sabe que eu volto assim leve da horta”. Em relação a convivência a gente sabe que todo mundo é um ser único e todo mundo tem uma história. Eu acho que eu tenho facilidade de ter empatia, de conseguir ver os lados e tal, mas sim a gente tem com algumas pessoas um elo maior... Uma coisa, uma energia que nos atrai uma na outra... Na convivência né, em relação assim à prática eu me dei bem com todas as pessoas, todos os colegas. Às vezes tem uma questão que a gente meio que se decepciona porque tu cria expectativas... O professor disse assim uma vez para mim: “Eu não me decepciono com as pessoas porque eu não crio expectativas...” Eu acho que isso é meio utópico... Eu acho que sempre tu tem uma expectativa de convivência, de aprendizado que aquela pessoa tenha afinidades, pense algumas coisas parecidas contigo... Por que são umas pessoas que são e tem um capitalismo desses... Como eu vou lhe dizer? Doentio! Dessa pressão toda... Uma pessoa assim ela não vai se sentir bem aqui porque ela não vai conseguir mudar quem está aqui e quem está aqui não visa esse lado competitivo né?! Por que meio que na natureza a gente colabora com a natureza e usufrui dela, a gente não consegue impor nada para ela e se impor alguma coisa não vai ser positivo né?! Não vai colher algo positivo né?! Que é que tem toda a energia de fazer alguma coisa porque a gente quer fazer... Porque a gente acredita

naquilo... Ninguém vai plantar uma semente, vai fazer uma estaquia ou fazer um transplante ou alguma coisa e pensa “eu vou te botar aqui mas eu quero que tu morra”... Não, “eu quero que tu nasça né?!” Então você está sempre pensando... Hoje olhei um canteiro ali de hibisco que eu e a Renata semeamos né?! E é muito grande e é muito gratificante! E os aipim que eu plantei... Que eu e Chico... Deu maravilhoso! Tem umas pessoas iluminadas na horta... Ele (*refere-se ao Chico*) disse assim: “Tu quer aprender a plantar mandioca?” E eu disse: “Quero!”. “Então vem cá!” me disse. E ele foi lá e pegou a rama, cortou os pedaços, foi lá e mostrou o lugar ideal... Me falou, abriu o buraco e mostrou como colocava a rama, como eu tapava... E agora a rama com um metro e meio ali de mandioca né?! Então é muito gratificante!! É muito emocionante sabe?! Eu choro por qualquer coisa... Eu fico muito emocionada com a natureza sabe?! E com esse espaço aqui, de ouvir os pássaros... Eu venho quando eu saio da Avenida para cá, eu venho bem devagarinho...

L: Tu vem da onde mesmo?

J: Agora estou vindo da Cavahada, antes eu vinha pelo Passo das Pedras... Então agora quando eu desço da avenida e eu venho meio que passeando sabe?! Olhando, curtindo, vendo qual o bichinho que está aqui... Um dia eu vinha vindo e tinha uma revoada de cigarras e eu disse “Meu Deus há quanto tempo eu não via cigarras?!”. Mas eu sou daquelas que me presto... Como eu estava no trabalho esses dias, eu estava viajando, era uma hora da manhã e eu peguei o celular e fui lá na rua para gravar um grilo e gravei o som do grilo porque fazia muito tempo que eu não ouvia o som do grilo... E lá tinha cigarra também e eu ficava lá tentando proteger ela dos gatos. Porque os gatos ficavam no bico dela, para pegar... Eles adoram pegar esses bichinhos e é muito isso aqui... (*Faz uma breve pausa como se lembrasse de algo e continua.*) Quando tu vai em uma biblioteca ver livros... Aqui é como se fosse uma biblioteca né? Só que a gente não consegue nomear tudo que tem aqui... Não tem nome pra tudo! Tem pessoas que vivem 10 anos aqui e não conseguem saber tudo que tem. E a gente tem aquela mania de ver quantidade né? Dá vontade assim: Quantas plantas por metro quadrado? Quantas plantas diferentes uma das outras tem aqui? Quantas são tradicionalmente cultivadas? Mas isso não tem como né?! E esse é o apaixonante de existir esses lugares! Mas ao mesmo tempo dá uma certa ansiedade...

Hoje o negócio da Bardana mesmo... Tinha umas folhas lindas de Bardana ali que a Ingrid mostrou e aquela Adelaine disse que usava para o cabelo... E eu já tinha lido há algum tempo

sobre bardana só não tinha gravado porque eu já li em relação às ervas medicinais... A gente procura muito o conhecimento com tudo na vida, a necessidade nos faz procurar né? Então eu sei de espinheira-santa porque o meu pai tinha problema estomacal e era de tomar Espinheira Santa e a Tanchagem. A gente usava muito quando era pequena a malva também. E com o tempo eu fui descobrindo que a tanchagem é equivalente à malva... Não à malva cheirosa, aquela outra... (*me mostra o formato da folha da malva a que se referia desenhando enquanto falava uma folha com seu dedo indicador direito na palma da mão esquerda*). Então aonde eu trabalho eles também plantam agora... Quando eu mudei para o apartamento a minha patroa mandou no *whats* para mim “Agora tua horta vai ser aqui em casa!”. Eu já plantei cará moela lá e plantei batata doce, um monte de coisa... E ela tem um pé maravilhoso que eu levo de lá ... É a ora-pro-nóbis... Que as folhas estão enormes lá... Eu acho que é porque é cortada. Porque como ela vai se alastrando e tem vizinho do lado, acontece de cortar. Eu dei Ora-pro-nóbis para minha filha e o gato comeu, aí ela foi pesquisar e descobriu que os gatos gostam de ora-pro-nóbis gostam ali das folhinhas de ora-pro-nóbis e lá eu estimulei a comerem sabe?! Eles moravam em um apartamento antes, eu trabalhava com eles e eu estimulei eles a comprarem, agora eles têm composteira com minhoca australiana... Então eu levo de lá o chorume para mim e eu posso levar o quanto quiser. Eu mesmo só que acabei cuidando mais a composteira do que eles porque eles esquecem de botar as folhas secas e aí fica muita umidade e as coitada das minhocas estão se afogando. E uma das coisas que eu digo... É meio que se atrai as energias né?! Faz oito anos que eu estou com eles aí eles mudaram para uma casa e eu continuei com eles... Eu digo: “Vocês me sacanearam, vocês moravam em um apartamento dois dormitórios e uma criança e aí foram para uma casa, uma criança e um gato e aí adotaram uma menina... Aí já era duas crianças e um gato, agora adotaram outro gato e eu digo já são seis aqui...Pelo amor de Deus vocês estão explorando né?!

Eles são super juntos no salário então está de boa, eles todos os anos automático assim aí eles dizem “Jussara temos que falar daquele aumento...” Daí eu digo assim: “ah mas o governo deu índice lá que se vocês aplicar ele vai diminuir meu salário, por quê aí eles falam valor e eu digo tá, e eu dou palpite... Sabe aquelas coisas que tu faz com um tempo? Aí eu penso “eu tenho que me podar um pouco”. Ele é professor na UFRGS né... E aí esses dias eu coloquei - ele é meu amigo no face - aquela (*refere-se a um meme*) da pessoa quando tá em casa e alguém toca na tua campainha e tu pega a bolsa sabe?! Se for uma pessoa que tu não quer receber tu diz que tu tá saindo e se for uma pessoa que você quer receber você diz que tá chegando... Aí meu patrão

botou lá: “mas com criança não funciona”, botou no comentário no Face... E aí eu botei, “nem comigo né!” Porque às vezes ele tá com o braço na porta e aqui, eu falando com ele e ele tem que sair mas a gente perde muito tempo conversando... Daí é complicado sabe? Então às vezes ele chega em casa e pega e avisa “Jussara eu vou lá para o café!”. Daí vai trabalhar no café com note dele para ele poder ficar lá e trabalhar e eu não atrapalhar ele e ele não me atrapalhar porque um atrapalha o outro porque a gente fica conversando muito. E ele em relação a horta... Todos eles sabem da minha paixão, todos eles sabem aí eu digo que tem tal coisa que eu aprendi... Aí sim! Duas mudas de cará-moela que eu plantei perto do limoeiro está subindo e aí eu botei chorume ali, que aí já vai para o limoeiro e aí ela sobe no limoeiro... E um dia lá perto do pé de bananeira, porque tem um pé de bananeira lá... E eles dizem “Que planta é essa aqui Jussara?! Foi tu que plantou?” E eu digo: foi! Então eu sou muito metida nesse sentido assim sabe?! Porque eu sei que eles gostam mas eles não tem tempo né?! Eles tem dois gatos, dois filhos, os dois trabalhando for a... E a gente sabe que a manutenção - claro que se tu plantar vai nascer - mas se não está na terra adequada, não está na luminosidade adequada, é isso que tem que cuidar né?! Uma coisa que eu não consegui fazer pegar lá foi o peixinho... Já plantei vários que levei daqui e não consegui que pegasse, acho que é muito sol.

L: Jussara, tu disseste de uma vez que tu foi plantar mandioca com o Chico... Me conta mais como é que foi isso.

J: O Chico pegou e disse que tinha uma rama grande ali naquele espaço (*aponta com as mãos*) que a gente normalmente fica ali perto da estufa né?! Eu acho assim... Ele (*refere-se ao Chico*) tem uma sensibilidade que ele meio que lê assim o que tu aprendeu, o que tu precisa... Eu acho que ele sente o que tu está querendo alguma coisa e, às vezes, nem tu sabe o que que é né... E aí ele disse assim pra mim: tu quer ir lá comigo plantar? Era época adequada de plantar, eu estava ali disponível... O que eu acho muito importante na horta é eles te impressionarem, incentivarem, te mostrarem como faz... Porque um dia eu estava com uma dúvida sobre uma planta, um pé de louro não daqui, e o Chico prontamente disse assim pra mim “Vamos lá ver de perto o pé daqui... Vamos!” E aí a gente foi lá e ele mostrou inclusive que tinha ovinhos e ele tirou, botou na mão e eu até tirei a foto né... pra lembrar que era prejudicial pro pé aqueles ovinhos que ele me explicou. Porque mesmo quando vemos os ovinhos nas plantas a gente não sabe se é bom ou ruim... Porque da outra vez que eu estava com o Sandro ali e a gente viu uma planta e tinha uns

ovinhos e eu falei para o Sandro “eu vou levar, vou cultivar e depois eu vou te dizer qual é a lagarta que nasceu daqui... Se é maléfica ou benéfica, tá?!” Então esse aprendizado assim é de tu acompanhar sabe? Igual aconteceu que eu já tirei várias fotos... Inclusive eu tirei a foto - é a foto mais linda que tem minha na horta - aquela quando eu tô de chapéu ali acocada onde eu plantei as mandiocas né... Eu chamo de mandioca, outros chamam de aipim... E agora sabe... Ver que eles estão maiores que eu, o tamanho das ramas sabe e saber que logo logo eu acho que já vai dar pra colher né... Eu estou na expectativa por que o Chico disse assim: “Tu que vai colher...”

L: Ele disse...

J: Ele disse que eu que vou colher...Então eu já sei que ele vai lembrar quando estiver perto de colher que é eu que vou colher...

L: E como é que foi nesse dia? Me conta... Ele te chamou? Como foi?

J: Nós estávamos naquela função normal da horta assim... E por isso que eu digo da sensibilidade sabe?! Parece que ele sentiu né porque foi do nada... Estava ali naquele espaço que a gente convive ali embaixo do maracujá e eu nem tinha visto que era rama de aipim... Ele disse: “Tu quer plantar?” E eu disse: “Eu quero...” Mas sabe que eu nem sabia como é que se plantava... Já tinha ajudado a colher com os meus tios tudo... E eu fui assim, onde ele vai eu vou atrás... E ele disse: “É que eu quero plantar...” E eu já fui seguindo ele, eu já era a sombra dele, aí eu já vi todo o processo... Porque daí ele foi e ele pegou o facão, cortou às 3 raminhas tipo uns 25 cm e já fomos para o lugar adequado em um canteiro - ali o terceiro canteiro ali em direção ao pomar ali (*me aponta com as mãos a direção*). E ele disse assim “ah é nessa profundidade aqui que se planta...” Mas ele vai dizendo e já vai fazendo, já fez o buraco. Ele me explicou que eu botava a rama deitadinha, um pedaço ali cobria com terra e dava uma apertadinha com pé em cima para fixar bem a terra em cima. E aí foi todo aquele processo até acabar. Foi minha primeira vez que eu plantei né...Aí a gente queria que ficasse uns matos na volta para não ficar tão visível e chamar a atenção porque senão nem está na hora de colher e vem os vândalos e arrancam o pé inteiro da mandioca que eles conhecem a folha da mandioca... Sabe que eu conhecia a folha também mas uma das dificuldades que a gente tem é saber a hora exata de colher uma raiz e eu acho bem difícil, eu acho mais fácil a beterraba o nabo e a cenoura que tu vê que ela se expõe um pouquinho acima do solo... Mas a batata doce eu acho uma dificuldade e eu amo batata doce

então eu digo que eu quero pegar o Chico colhendo batata doce para eu ver qual é o exato momento, ter uma referência assim de como está a folha, como está a rama da superfície, para saber o horário, a hora certa de colher. Porque como a gente não tem esse controle assim do que é plantado e quando é plantado, uma anotação para tu saber o tempo... Daí tem que ser esse conhecimento que já é natural dele, que ele conseguiu aprender no tempo. Porque numa produção na tua casa tu sabe quando tu semeou, e dali uma semana já está previsto que vai começar a aparecer o brotinho e tal e quando tu vai poder fazer tudo direitinho... Mas aqui na horta como são várias pessoas fazendo nem sempre tem essa coisa de ver todo o processo. Acho que são poucas experiências que tem assim de quem plantou e vai cuidar e vai colher... E eu vou passar por essa experiência, é um ciclo... E não são ciclos curtos de produção... A produção natural não é né?! Então eu acho que essa é uma das coisas mais bacanas assim. De ver o Hibisco também é muito legal... E o aprender quando a gente faz a muda de estaquia. É meio que instintivo mas eu nunca tomo a iniciativa, não me sinto segura ainda para isso. Mas eu já sei mais ou menos assim quando está na hora daquela, daquele que brotou da estaquia ir para um lugar definitivo... Mas eu sempre pergunto para a Mirtes: “Mirtes, o que tu acha?”. “Eu acho que já está na hora de ir para a terra, de sair da casa de mudas né...”. E para o Fabrício também eu pergunto então isso é muito gratificante. Hoje quando eu estava ali na estufa vendo aqueles tomatinhos, as pessoas acham tão difícil cultivar os alimentos porque elas não querem ter o trabalho também né?! Eu acho uma horta fora da tua residência uma coisa interessante, mas se tu puder ter ela na tua residência também é. Porque tu não vai conseguir comer um pé de alface inteiro, então tu vai lá e se tu vai fazer um chazinho de alface de noite e tal, tu vai lá e vai pegar uma folha, duas... Se tu vai fazer um sanduíche tu vai lá e pega uma folha, duas e faz o teu sanduba né?! E se tu vai comprar tu tem que se condicionar a comprar o que vai comer no espaço de tempo porque se não tu vai perder aquilo tudo ali... E na horta não vai se perder, independente de tu consumir ou não porque ela vai voltar para o solo né? Nada se perde numa horta. Eu fico meio triste de ver assim se há um alimento que tá lá na hora e o pessoal não aproveitou... Eu vejo quanto tomatinho tem, o caqui caiu tudo no chão mas as pessoas burras que não aproveitou... Daí os microrganismos, pássaro e tal aproveitam e daí vai voltar para terra e vai se decompor que está fortificando o solo. Vai tudo de novo... Então não é perder... Eu tinha uma visão meio assim de que era uma perda né... Porque eu achava injusto que não servia o homem o alimento né.

L: E isso tu aprendeu aqui?

J: Sim aqui! Porque a gente tinha aquela visão assim né “ah caiu na terra e morreu”. Da morte é a vida né.... A gente sabe que é um ciclo! Da semente vai dar uma planta. A gente tem isso meio que subentendido, mas aqui fica mais claro, fica explícito. Tu já não considera mais aquilo que caiu no solo, que não foi aproveitado como alimento, como uma perda... Não é uma perda. Ela vai gerar outro alimento pela semente ou vai fortificar o solo e vai gerar vida para outra planta.

L: Não só hoje Jussara, eu te vejo sempre falando da planta *Peixinho-da-horta*, do quanto tu não sabia dela... Me fala um pouco sobre como tu conheceu, se tu lembra como é que tu aprendeu sobre o peixinho e sobre outras plantas...

J: Eu aprendi aqui que ele tinha gosto de peixe e eu achava muito estranho né... E tipo assim, agora eu passo por um pé de peixinho e me dá vontade de reverenciar ele por que é brincadeira né?! Um alimento interessante! Qualquer planta, quanto tu começa a ver a natureza não como Como é que eu vou te dizer? Algo à parte, tu consegue, tu começa a sentir que tu faz parte da natureza e que tu não é superior a ela.... O ser humano tem essa mania de se achar superior, de achar que ele domina a natureza. Eu dou tanta risada disso sabe? Esses fenômenos assim da natureza que tem e eu amo, eu amo assim essas coisas bem catastróficas... Porque é assim que ela (refere-se à natureza) mostra o seu poder... Ela vem e pergunta: quem vocês acham que são? Acham que vão dominar? Desviam um Rio, chove e causa enchente, por que é o Rio que vai buscar o seu espaço de volta! E em relação ao peixinho se tu for ver... O peixinho não gosta de sol e ele sobreviveu muito nesse verão né?! E foram dias horríveis e tinha um canteiro que estava meio sombreado por causa das árvores lá perto do pé de goiaba, perto daquelas couves e tal... Dois canteiros an verdade. E tinha esse outro bem exposto no sol... Esses mais da sombra estavam lindos, as folhas né? E apesar de toda essa seca aí você pegava o peixinho lá do sol e tu olhava que tinha várias folhas mortas na base do pé e aquilo que parecia que estava morrendo não estava... Aquilo tava dando vida para o que estava mais na superfície, não na superfície, mas para aquilo que estava mais expostos ao sol... Essas folhas mais de cima estavam sendo mantidas por aquelas que estavam morrendo lá embaixo, as de baixo que estavam rentes na terra serviam de adubo e seguravam a umidade né?! Foi a Mirtes que me deu esta atenção... Daí eu atentei que era verdade. Eu gosto muito de fazer sabe, eu faço assim como se fosse uma torta verde... Eu misturo com a folha da batata doce... Pico folha de peixinho, ora-pro-nóbis, e a língua de vaca e

aí eu faço tipo uma tortinha na frigideira... Corto como se fosse pizza, em triângulos e carrego por aí pra comer... Eu levo para faculdade e o pessoal come e adora.

Lá no IF uma amiga minha que foi embora pra Santa Catarina levou uma mudinha de peixinho daqui que eu dei para ela... Ela fez uma reunião de despedida assim daí muita gente levou e deu um presente para ela que se formou em Gestão Ambiental. No dia que se deu a mudança dela eu levei peixinho pronto porque eu sabia que a mudança ia sair e ela não ia ter nem fogão, já tinham desconectado tudo. Eu fiz e eles adoraram (*Jussara dá risadas com a lembrança...*).

E levei a mudinha e eles levaram para Santa Catarina... Ela botou uma foto dela no carro com as plantas no carro... Sabe que eu tenho uns grupos de redes sociais, que estou assim de páginas de cultivo, de identificação botânica, de pancs... Tem um grupo que tem umas pessoas e aí tu começa a compartilhar fotos de plantas e as pessoas meio que enlouquecem... “Consegue uma muda para mim...” (*Faz uma pausa na fala.*)

L: Jussara, como é que tu descreve a tua experiência aqui...

J: Dá um pause para eu fumar um cigarro?

L: Claro!

J: E pra comer minha banana...

L: Claro

J: Eu falo tanto...

L: Quanto a isso nem se preocupa não...

(Jussara fuma seu cigarro e come uma banana enquanto eu a espero para retomar... Os pássaros cantam ao nosso redor e eu consigo escutar ao longe alguém que canta próximo ao som de uma roçadeira.)

Sem que eu precise falar, depois de fumar e comer ela retoma:

J: Em relação a horta eu tenho muita sede de conhecimento... Eu acho que o que eu aprendi aqui, ninguém tira de ti. Tu vai adequar ao teu momento na tua vida... Se o que tu aprende te serve ou não, mas eu acho que nunca é demais aprender... Aqui é uma fonte inesgotável de conhecimento, de relacionamento com pessoas diferentes, de pessoas com histórias de vida diferentes, histórias de pessoas que tem ambições diferentes... Focos diferentes. Mas ao mesmo tempo, pessoas que tem alguma coisa em comum, quem não tem alguma coisa em comum não fica aqui né? Tem muitos que não ficaram mas porque estão indo adiante nos seus projetos e até divulgando a horta. E uma coisa que eu acho é que assim... O que a horta te propicia, tem que compartilhar. Eu quando vejo alguma planta aqui na horta, eu sempre lembro de alguém para quem aquilo seria bom... Se eu vejo a tanchagem digo *“ah que maravilha para tal pessoa”* e se alguém diz *“ah eu tô com problema, eu tô com dor de garganta”*... Eu digo *“ah a tanchagem lá na horta tem”*... A gente já sabe né?! E tem aquela outra (*refere-se à outra planta*) que agora tá começando a vim, que ela não gosta de calor e que a gente come a flor... Uma que a gente come a folhazinha, que tem por tudo aqui... (*Faz uma cara de quem esforça-se para lembrar o nome da planta.*) Eu até substituo a folha de alface por ela no sanduíche... A Capuchinha! Pois é, a Capuchinha é bem boa pra dor de garganta e a gente aprende de uma maneira tão informal que grava na mente da gente... Eu vi que a capuchinha era boa para garganta quando eu vi o Sandro da Emater saindo catando capuchinha e eu disse “Evandro, o que tu vai fazer com essas planta?”. E ele bem assim “Ah eu vou fazer chá para minha garganta, que eu tô com muita dor de garganta...”. Então não é aquela coisa muito didática que em um lugar está escrito porque aquilo ali é um livro e tal, que tu vai lá e consulta quando tu precisa... Tipo, tô sentido tal coisa e eu vou lá e consulto uma planta e vejo o que precisa... Não, aqui não... E aí acaba gravando mais neh pois está nas pessoas que falam, e assim grava mais na mente da gente e aí vão ficando mais os conhecimentos. Eu adoro isso de saber assim. Mas eu não quero ser detentora, de eu ficar com aquilo para mim, eu não sou baú para guardar coisas... Eu amo é compartilhar! E se eu posso e alguém precisa, se alguém tá com essa disponibilidade de receber isso também - porque às vezes as pessoas precisam e não estão com muita disponibilidade pra receber né, nem para ser amar, para serem amadas- então se elas estão disponíveis eu passo adiante sabe? Tanto na parte física da coisa, dando umas como uma muda de um chá ou trazendo um conhecimento que vai instigar... Que vai fazer essa pessoa buscar alguma coisa mais sobre isso... Então isso é bem uma coisa que a horta traz pra gente sabe? Essa realização nesse sentido de compartilhar. Se tu vê as pessoas, e começa a comentar

sobre algo que tem aqui, e daí tu e não vai na prateleira do supermercado... tu não vai na farmácia... Até por que não vai encontrar. Tu traz as coisas pras pessoas e a pessoa se lembra de ti quando quando ouve alguém falar sobre aquilo... É muito gratificante sabe quando vem um e “ah Jussara eu fui em tal lugar e falaram de Ora-pro-nóbis...”, “eu fui em tal lugar e falaram de Peixinho da horta, da Cará-moela...” Isso é uma coisa que a horta me proporcionou, de eu conseguir compartilhar essas coisas que aprendi. E as pessoas quando veem aquilo lembram e às vezes dizem assim de mim “eu tenho uma amiga minha que tem na casa dela essa planta” ou “ eu tenho uma amiga me deu a muda”. E essa amiga assim sou eu!

L: Essas plantas que tu cita tu conheceu aqui?

J: Sim eu conheci aqui! O Peixinho da horta, a Capuchinha, a Ora-pro-nobis...Tudo aqui. Eu conhecia mais as plantas que seriam as medicinais, como ervas sabe?! Essas assim alecrim eu já conhecia, a hortelã, a tansagem, a malva, e algumas até conhecia de ouvir falar bastante... Mas não de perto. Sabe que meu pai tinha problema renal e aí fazia o chá da raiz da salsa né?! Mas daí assim, essas que falei até que eu vi, e algumas outras eu até conhecia identificar... Mas não sabia o potencial delas sabe?! Então eu acho que a horta é uma grande divulgadora disso assim, de uma coisa tipo... Uma certa cultura. E isso está nos meios de comunicação também sabe, no aprendizado das escolas... Acho que já está com a porta escancarada para esse tipo de conhecimento. Percebo que isso de cultivar está sendo mais divulgado, e dado a real importância... Porque se tu for pensar, que tu pode não depender tanto de todo esse sistema assim para te curar, para preservar eu corpo, para ser uma pessoa sadia... E mesmo eu que fumo, eu sei que se eu me alimentar de várias plantas que tem aqui na horta o meu sistema imunológico vai muito bem obrigado. E assim, eu quando eu venho para horta... Sabe, eu tenho um problema sério de depressão. Eu tive crise de ansiedade, eu tive síndrome do pânico e eu tenho claustrofobia que ficou como um presente do pânico. E desde que eu comecei a estar aqui e fui ao médico e não precisei mais de antidepressivo, e eu sei que não é a horta da Lomba do Pinheiro em si, mas é oportunidade de mexer com as plantas, a oportunidade de botar o pé no chão, a oportunidade de mexer na terra, e o convívio com as pessoas que tem uma outra energia, outras vidas diferentes da minha. Não é energia para doença, é energia para saúde! E a gente sabe, eu acredito muito nisso né?! Aqui é um lugar de vida... É vida! Verde! É água! É terra! É sol! E tem

os bichos que fazem parte desse ecossistema todo aqui, então a vida está pulsando. É vida gritando aqui na tua volta... Não tem como tu vir para cá sem sair um pouco melhor aqui.

L: No início da entrevista tu falou assim sobre o quanto se aprende aqui...

J: Infinitamente se aprende aqui!

L: Me fala mais sobre tuas aprendizagens, como foi que aconteceram?

J: Sabe, quem não está conectado aqui, vai se afastar...

L: Como assim? Conectado?

J: O conectado é tu querer, tu compartilhar, querer algo que seja para o bem comum também... Se tu vem buscar algo somente para ti, eu acho que logo tu te afasta daqui. Não no sentido de que tu não vai ter um bem para ti sabe?! Mas aqui tem mais o outro... E assim, independente de participar ou não participar da parte mais holística da horta, das reuniões, da yoga, ou da meditação, ou dos círculos, tu vai aos poucos se conectar meio que com uma coisa mais interna... Mais não material sabe? Então se a pessoa não está disponível, se isso não é uma busca, mesmo que inconsciente da pessoa desiste... Sabe, eu vim pra esse lugar porque era bom para mim, eu ia fazer um estágio num lugar aberto e lidar com algo que eu gosto que seriam as plantas na terra... É uma coisa mais horizontal, não há uma autoridade ou uma pessoa que eu tenho que estar me policiando, tipo um chefe. E também não é aquela coisa assim “ah a fulana veio para cá e eu vou ensinar ela e ela vai me pagar pelo serviço”... Não, também não. Aqui tu aprende a todo momento: tu olha para o lado e enxerga uma planta que tu não conhece e percebe ela... Tu olha para o lado e vê uma planta no estágio diferente que estava no dia anterior, e daí tu consegue entender o que por exemplo a temperatura influenciou, no que que a chuva influenciou...

L: Mas como tu aprendeu isso? Até sobre as influências que tu cita...

J: Sabe Lilian, vivendo isso daqui... Tu aprende vivendo, no querer viver e ver. Aprende abrindo teus olhos né, as pessoas te ajudando a tu abrir teus olhos né?! Por isso que eu digo que tudo está conectado... Tu tem que vir com a tua mente meio que aberta assim... Se tu quer entender, se tu quer compreender... Tem que vir e não precisa nem ter consciência que tu quer aprender. Por isso eu digo que a gente vai sabendo fazer parte da natureza, já não tem mais aquela divisão de

ser humano fora e superior. Tem esse aprendizado de que nada se perde, sabe?! Tu vê a folha da bananeira que está amarelada, entende porque que ela está assim né. Entende qual é o ciclo disso... E aí assim, o bom de aqui não ser relacionado a ganhos financeiros, essa coisa de não vender, assim no sentido de troca com moeda, é que tu respeita mais esses ciclos, tu aprende que os ciclos das coisas podem ser diferentes... Porque senão tu vai só te condicionar a viver só de um jeito, do jeito que mais tem aí. Esses tempo eu estava lá em casa, e tinha uma muda de couve do ano todo, e aí apareciam os ovinhos e a lagartinha vinha comendo... Só que aí como eu não ia comer a folha, não ia me fazer falta tipo assim, eu eu não ia consumir, eu deixei a lagarta comer ali... Sim, eu sabia vai nascer outra folha. Daí quando eu pensava que eu ia precisar para fazer um suco, ou outra coisa, eu ia lá onde eu via que tinha os ovinhos da lagarta, tirava com o dedo... Eu tirava os ovinhos quase que individualmente assim neh, e botava em outro lugar. Dava pra dividir. Dá pra dividir. Aí tem gente que diz “ah mas é sujo!”. O que que é sujo meu? Sujo é o que a gente anda vivendo. De ver essa degradação, e ver essa falta de respeito com o outro, com o ser humano, de ver as pessoas morrendo... Morrendo aqui (*aponta em direção ao Arroio Taquara que é margeado por casas sem saneamento*) de fome... Isso sim é sujo! Pessoas morrendo de fome por causa de egoísmo, por causa de outras pessoas que plantam lavouras e mais lavouras... O que? De soja? Pra manter o sistema capitalista! Hoje quando eu vinha vindo para cá eu passei pelo Ecoville ali, e vi aquela incoerência ali... Tu derruba algo natural para construir casas, e aí tu planta uns mato artificial e diz que a pessoa vai viver no meio da natureza? Vai para o inferno! Eu fico meio que assim... Me dá vontade de fazer uma excursão e levar o pessoal para horta, porque se tu fica no centro ali nos prédios, e nos ônibus, e no asfalto com aquela impermeabilização, com aquele calor, tu não entende... Tudo é minimizado pela presença da natureza. A gente agradece o sol porque sem o sol não tem vida, sem a chuva não tem vida, então as pessoas dizem “ah eu não quero que chova porque eu vou para tal lugar”. Então que não chova onde tu vai, mas deixa nós aqui com a chuva precisada... E ao mesmo tempo a convivência na horta faz a gente perceber o quanto o planeta é um todo e que não tem a lixeira fora do planeta ali largada para colocar o teu lixo. E o que tu faz no lugar, repercute no outro sempre. Eu fico meio chateada de ver quando engrandecem os outros países desenvolvidos e dizendo assim “não estão deixando fazer tal coisa lá porque o país deles tem consciência...”. Eles não tão deixando lá, mas eles exploraram o Brasil... Então eles não são tão inteligentes, porque não tão entendendo o planeta como um todo. Eles não estão vendo... Acham que o ciclo

de chuva é influenciado só pelo que aconteceu localmente? Não é!! E a mesma coisa aqui na horta... A gente vê a importância de todo um conjunto de fatores vivendo isso...

L: Jussara, tem algum momento que tu tenha vivido aqui... Uma experiência que tu considere marcante?

J: Essa coisa de eu plantar...Eu adoro ver o germinar... E eu acho que uma das coisas mais importantes, marcantes aqui assim é o compartilhar. Aqui é sempre compartilhado. O aprendizado na horta é contínuo. Tu passa e alguém “Ah tu viu aquela planta ali?” e já fala da planta. Ou se é uma coisa diferente aí já tem um pra te dizer “Ah essa veio de tal lugar, foi fulano que doou a muda...” e já te conta a história do fulano. Eu tava aqui uma vez e vi o Sandro com um feijão que um cara do Peru deu para ele lá em Esteio e ele trouxe pra cá... Eu nem sei direito onde é o Peru sabe?! Hahaha Então, a gente vê que essas pessoas que tão mexendo com a terra assim desse jeito aqui da horta, elas não são egoístas...Elas gostam de compartilhar, elas gostam de conhecer. Aí tu vê aqui na horta, as pessoas que vem visitar, até de outro país... Essas pessoas do Canadá, e veio aquela menina aqui também que é de um lugar da América Latina... Elas levam uma bagagem de conhecimento, a gente leva uma bagagem de conhecimento também. Cada vez que tu vem na horta tu sai com alguma coisa, porque tu aprendeu sempre algo. Nunca é uma coisa assim “puxa hoje eu fui na horta e fiz uma coisa que é rotina...” Não existe uma rotina desse jeito assim, a gente sabe que tem passo a passo de coisas... Por exemplo se tu vai plantar, tem que ver aonde que vai plantar, qual é a luminosidade que vai precisar, o que vai ter na volta, quais as plantas que gostam de ter plantinhas grudadas nelas, por que tem outras que não gostam... Daí a gente tem que preparar a terra. E pra isso existe mais um passo a passo, mas não tem rotina. Tu não entra aqui e bate um cartão e sai assim que nem um soldadinho marchando e vamo por que sim. É flexível, assim como tu está em um lugar, tu pode estar em outro... Assim como tu pode estar colocando uma semente na terra lá de um lado, e daí tu já vai saber plantar aquela coisa...Por exemplo, hoje foi 38 sementes do Pinheiro Castanho que foram plantadas ali né?! (*Aponta na direção da estufa de mudas...*) Aí tu pensa assim: “Bah vou lá plantar...É só enfiar a semente na terra.” Tá, tem que enfiar na terra mesmo, mas vai ter alguém pra te dizer que tu vai pegar uma caixinha de leite, tu vai cortar, porque tem que cortar para drenar e não apodrecer a semente dentro... Daí tu vai botar terra ali, numa proporção mais ou menos certa, nem rasa nem muita terra, daí tu vai pressionar um pouco a terra, pra não deixar muito solto e vai

botar uma aguinha. Depois vai colocar a semente... E aí tu já vai saber que vai deixar na sombra. Depois que ela germinar, tu vai botar ela no sol... Aí tem um passo a passo mas não é uma coisa assim rigidamente... É que tu está ali com alguém que sabe, tu tá ali, já está lá bisbilhotando, olhando fazer... Faz com a pessoa e aprende. Daí já depois vê o pé de caqui, já foi ver os hibiscus, e a todo momento já dá pra admirar alguma coisa. Tem cada coisa linda... Viu que coisa mais linda que está aquele girassol lá? Aquelas roseiras? Eu não consigo passar perto dos peixinhos da horta e não dar uma olhadinha neles sabe?! Porque daí tu vê que ele tá gordinho, como estão as folhas... Experiência específica daí acho que são tantas sabe?! Para mim tudo que é marcante está também relacionado às pessoas... O dia que eu vim antes daquela oficina que teve das Hortas Urbanas que houve, um dia antes eu fui com o Marcelo e a gente tava abrindo ali para fazer composteira. Muito gratificante tu fazer parte, tu se sentir parte de uma comunidade... Às vezes eu não gosto muito de dar muito pitaco, às vezes até eu sei mas eu não gosto muito, porque é uma horta comunitária e eu gostaria que a comunidade da Lomba estivesse mais aqui... Empoderada sabe? Eu gostaria muito. Às vezes a gente fica meio triste por que vem gente de longe e falta gente daqui... Tipo, tu mora num outro lugar, eu moro num outro, a Alana mora em outro, a Paula mora em outro... Todo mundo assim. Daí tem também gente mais da comunidade o Fabrício, e aí a Silmara, algumas que a gente vê mais assim... E ao mesmo tempo a gente fica se perguntando o por quê? Eu entendo algumas coisas assim que quem tem tempo para trabalhar na horta já não tem mais saúde e força muitas vezes para trabalhar na horta... E quem tem a força, a juventude para trabalhar, tá no mercado de trabalho para ganhar o pão de cada dia. Eu entendo e acho complicado isso também... Se tu pensar na população que tem na Lomba do Pinheiro é um absurdo né? E o quanto eu converso com pessoas fora daqui e elas falam “Ah eu já morei na Lomba do Pinheiro...”, “Ah eu não sabia que tinha uma horta lá...” Meu Deus mas tá até nas redes sociais, tá na rede... Essa coisa também do orgânico as pessoas gostam muito, mas todo mundo diz “Ah eu fui na feira do Bonfim...” Vai lá na horta meu! Vai lá conhecer tu nem sabe a variedade, a quantidade, a qualidade que tem lá, claro a horta não vai para a feira? E é na periferia. *(Risadas)* Por isso que é complicado... Se tu pensar e ver o pé o girassol ali... Não, o pessoal vai lá e compra um pacotinho de semente né... A cúrcuma, que dá pra plantar... Não, eu vou lá e compro raladinho o pozinho... Então a gente fica as vezes agradecida por poder fazer parte, e ao mesmo tempo triste, e por isso eu divulgo bastante para ver se mudam as mentalidades.

L: Hoje eu te percebi plantando ali com Mirtes, com todo um cuidado, um manejo... Como tu aprendeu a fazer isso Jussara?

J: O plantar de ver plantar... Desde pequena eu aprendi quando eu ia com a família assim, o pai plantava alho e cebola no nosso pátio nos fundos. Não tinha essa de ser o quintal, eram os fundos da casa e era bem grande assim, e meu pai plantava cebola e tinha aquelas réstias... Fazia aquelas réstias de cebola e deixava secando pendurado no galpão nos fundos também. E eu adorava plantar milho e debulhar milho também. E os meus tios trabalhavam em uma fazenda também, então não tinha tempo ruim... Não tinha sol quente, a gente ia lá e o arado era puxado por bois sabe, tem aquele negócio que vai cortando sabe? E a gente adorava fazer uns buraquinhos, botar a semente e tampar. Que coisa mais maravilhosa... então desde criança, bem de criança uns 10 anos, eu já fazia isso... Aprendi algumas coisas nessa época da vida.

L: E isso de semear nas caixas de leite como tu fez com Mirtes?

J: Não, isso eu aprendi aqui na horta com as mulheres na casa de muda. E uma coisa te leva a outra... Tu aprende uma coisa e começa a pesquisar porque a gente tem bastante fonte de informação?! Onde eu trabalho eles até agora guardam os recipientes de ovos pra mim fazer sementeira, rolinhos papelão também por que eu já sei que dá para incorporar direto na terra... Mas essa da caixinha de leite, apesar de eu não achar o adequado por causa de todo a composição da caixa de leite em si, pelo menos vamos reutilizar as coisas... Então isso é uma chance que a gente tem de dar uma vida mais prolongada para esse lixo. Isso eu também aprendi aqui, vendo fazer aqui. Porque, a caixa de leite é terrível... Eu sou do tempo que a gente comprava leite na garrafa de vidro... O leiteiro passava com uma charretinha puxada a cavalo e deixava o leite. Então nas fazendas eu também tomei leite saindo da teta da vaca... De tu ir ajudar a pegar a teta lá e tu botar a canequinha lá embaixo e tomar. Claro que é uma coisa que já não se faz hoje em dia, é impossível tu pensar nisso... Só se tu criou o bezerro desde que nasceu e tu sabe o que ele come, e não tem esses hormônios e remédios. Porque isso é impensável hoje em dia de se fazer, Deus o livre, tu vai tomar um monte de antibiótico direto do bicho... *(Faz uma pausa na fala.)*

[...]

L: Tem alguma coisa que tu tenha aprendido na horta que tu não esperava aprender, Jussara?

J: Aí eu não sei... Mas acho que tudo que eu aprendi eu esperava. É aquela coisa que tu acaba criando expectativa... Talvez não esperasse aprender na dimensão que é de aprender com troca de conhecimento sabe? Eu já sabia dessa questão da gente não “limpar” como diz o outro, de tirar todos os inço que as pessoas consideram sujeira... Eu sabia até que a planta, que a raiz dela está beneficiando a outra por baixo da terra e tal, que tá abrindo caminho, está deixando o solo aerado... Que daí dá melhor infiltração e que a raiz segurava o solo e evitava erosão e tal. Mas eu sabia muitas coisas por didática sabe?! Por livros e tal, por ser uma coisa que me interessava... Mas o, eu acho que talvez não sabia, é que tudo isso era possível dentro de Porto Alegre?! Tão próximo da “civilização” como diz o outro sabe? Na cidade. Aqui é como se fosse um refúgio... E as pessoas pensam “ah um parque!” como se fosse um lugar de contato com a natureza. Tá! Ótimo! Mas é tão moldadinho assim um parque, adequado geograficamente... Então acho que o aprender aqui na horta não tem uma coisa específica, tem várias coisas.

L: Isso que tu fala sobre o compartilhamento... Já te vi falando algumas vezes pela Horta sobre precisarmos valorizar esse espaço comunitário...

J: Eu falo do comunitário porque eu acho Lilian que tipo um ideal da civilização... Uma coisa comunitária é comum. Comum a todos. É uma coisa que é pra ser horizontal, que é para ser compartilhamento em todos os sentidos... Ninguém é superior a ninguém, inferior a ninguém na capacidade de produção. Porque se tu não pode capinar, tu planta... Se tu não pode tocar o serviço de pé, tu acocora... Então o comunitário vem nesse sentido, de ser uma comunidade, de se ajudar, de ser uma irmandade assim sabe... E aí a gente fica um pouco triste por que, as pessoas estão competindo muito aí fora. Talvez elas não estejam preparadas para o comunitário, mas eu acho que o comunitário, o solidário, o estar junto, o convívio é o ideal para o ser humano... A gente não precisa conviver diariamente, não precisa estar grudado no outro, saber tudo da vida das pessoas, tipo essas coisas de porque esse dia que tu nasceu, com quem é que casou... Para mim isso não é saber, conhecer a pessoa. A minha terapeuta floral uma vez falou que eu sou muito sonhadora, que eu fantasio muito, e às vezes isso me deixa triste mas eu digo assim “ ah que bom que eu sou assim né?” Sabe, eu acho que a gente é tão rico... Se o pessoal conseguir entender a sua riqueza aqui nesse lugar, principalmente nesse espaço... Isso aqui ia ser lotado sempre, tem tanto por fazer, tanto para aprender e tanto para compartilhar. Eu na minha crítica penso às vezes que as pessoas são pobres é porque elas também não não sabem qual é a

verdadeira riqueza... São pobres porque elas não aproveitam as oportunidades. Por quê? O que tu precisa mais? Aí que tem um lugar, que não é imposto, que tu tem opção, que tu tem o privilégio de se sentir, de fazer parte dele... Bah, é uma benção. É uma coisa maravilhosa, é uma oportunidade que eu digo assim: o IF me deu isso! Conhecer a Horta! Eu podia estar na FEPAM da vida como uma maior parte dos colegas estão, na SMOV... Tem colegas fazendo estágio assim mas é uma das coisas que eu acho mais nojenta... Foi como a Camila disse para mim hoje, “ai como tu é exibida!”, e eu sou muito exibida por ter feito essa ligação do IF com a horta... Porque não existia a possibilidade, não existia esse vínculo de pessoas, e depois que eu vim, vários já fizeram. Até já fizeram os estágios e saíram, e isso eu me sinto bem nojenta! Eu me acho, e eu digo assim “fui eu que consegui.” Meio egoísta é aquela coisa pequenininha mas, me permito essa pequenês de pensamento sabe? Porque a Renata veio e já fez, a Alana também... Veio a Carol que acabou desistindo. Veio aquela outra menina lá...

L: A Mel...

J: A Mel... E vai vir mais gente, eu que tô sempre falando... Não tem maior orgulho do que fazer parte disso aqui, e o que eu puder divulgar... Eu que sugeri que a horta fosse para nossa semana acadêmica e foi acatado. E foi a horta para a semana acadêmica? Então eu tenho maior orgulho assim de todas esses encontros.

L: Tem mais alguma coisa que tu queira me contar sobre as tuas aprendizagens aqui, sobre as coisas que tu aprendeu?

J: Sabe? Eu era uma pessoa que usava até caldo de galinha na comida e não uso mais sabia? (*Risadas*) É como diz o outro... Fizeram tanta guerra por causa de especiarias e o pessoal fica usando Sazon? Caldo Maggi? Eu fiquei encantada esses dias quando o professor José Maria estava pegando uns temperos e falou sobre isso dos temperos e falou do nirá... Aí eu peguei e levei o alho nirá e temperei em casa, comi comida com alho nirá... Digo “meu Deus que sabor!”. E é essa coisa de sabor mesmo, de tu comer pêssego, comer a pêra ali, comer goiaba ali, e uma das coisas que eu acho muito bom também, é que a gente, vai mudando... Eu era meio acumuladora. Daí saio daqui e vou fazer umas receitas, dou para os outros...É aquilo, de não vai ficar guardando as coisas só pra ti também. E assim, tu quase nunca vai ver a pessoa levar duas sacoladas, por exemplo, de couve daqui... Não faz sentido né? É aquela coisa boa que tem que

as vezes a Mirtes diz assim “Tu vai pegar um verde para ti?” E aí eu digo “não, eu ainda tenho...”. E é aí que a gente vê como nosso pensamento foi ficando diferente, saiu diferente daquela pessoa que quer levar vantagem do tipo “ah é de graça eu fui lá e trabalhei uma hora ou duas e estou levando isso, um monte...” É diferente sabe, por isso que eu te falo dessa coisa da comunidade. Essa mudança é emocionante, eu acho que até vou chorar...

(Rimos as duas e Jussara fica com os olhos repletos de lágrimas.)

J: É muito apaixonante também guria... Tu sair e ver esse colorido todo. Eu sempre fui desde pequena fissurada em cores... Até meu professor de Biologia disse que eu deveria fazer Biologia por que eu adorava fazer os formatos diferentes, as texturas diferentes, a cor diferentes... E aqui é o paraíso para isso da cor. Porque eu vejo muito assim, muito seres superiores, algo mais além...Essa convivência das coisas, com as coisas, com os outros... Até com as formigas né? Até com o que a gente considera ruim... Nós humanos poderíamos ser mais assim. Porque olha pras plantas, quantas plantas diferentes convivem? Mesmo as plantas que tem o mesmo nome elas estão em estágios diferentes... Umas já deram frutos, outras deram flor, outras estão em um lugar que crescem menos, ou mais... É assim com a gente também... O humanos. Ah eu acho que vou chorar, então eu acho que eu vou parar...

(Rimos juntas e Jussara mostra-se emocionada com as relações que fez na sua fala.)

L: Jussara, eu te agradeço, te agradeço muito pela possibilidade de te escutar, muito obrigada mesmo.

J: Obrigada você!

L: Um questão Jussara, eu quero saber como tu gostaria de ser identificada?

J: Não não mas eu não tenho esse problema...

L: Tu deseja que eu te identifique?

J: Pode me identificar porque eu acho que até o fato de eu ser uma estudante praticamente idosa, quase com 60 anos no Instituto Federal... Não é que eu queira me engrandecer mas eu acho que serve de ajuda para algumas pessoas...

L: Quantos anos tu tens?

J: Estou com 57.

L: Ok, usarei teu nome se tu preferes.

J: Acho que isso pode servir para as pessoas verem que a gente não está morta... Que a gente é útil, que a gente é produtiva... E que a gente aprende em qualquer idade!

L: Ok! Valeu, muito obrigada viu!

(Nos despedimos e eu desligo o gravador.)

Em 19 de março de 2020, alguns dias depois da entrevista, Jussara me envia uma mensagem via aplicativo de mensagens anunciando que enviará áudios complementando aquilo que havia conversado comigo na entrevista:

“Bom dia! Fiquei lembrando a tua pesquisa e depois notei que você direcionava as perguntas para o que foi aprendido na horta e que minhas respostas não foram tão objetivas nesse sentido. Te mandarei um áudio listando meu aprendizado de uma maneira mais objetiva. Talvez você possa usar.”

Aúdio 1 – 4:09

Aprendi que existe uma hora certa para poda, e que a poda é essencial para o desenvolvimento tanto das frutíferas, como dos vegetais da horta... Aprendi que tem a hora certa também de fazer as mudas. Cada muda tem um determinado período que ela pode ser feita de cada vegetal. Aprendi que todos os vegetais tem um ciclo, é claro... E que alguns, dependendo do teu objetivo, a floração deve ser mantida ou não. A manutenção da floração é ótimo pra as abelhas e alguns que tentam e pensam em comercializar... Ela (*a floração*) influencia no sabor... Então depende do teu objetivo para cada planta. Aprendi que a joaninha existe em em uma grande diversidade e que ela é que vem fazer a limpeza da planta, aprendi isso com o Evandro da Emater. Os ovinhos da joaninha são um bom sinal no sentido de que vai haver várias joaninhas jovens sedentas por alimento, e também que as joaninhas sentem uma coisa que agente não sente... que a planta está doente e elas vão lá fazer a limpeza da planta. Então quando agente vê uma joaninha em uma

planta, mesmo que os nossos olhos não percebam ela está limpando... Ela está limpando... O que é ótimo para nós seres humanos. E nós no nosso olhar não conseguiríamos detectar, talvez só depois em um processo mais avançado da planta agente detectasse que havia algo errado... Algum fungo, algo que seve de alimento para a joaninha e que prejudica a planta né?

Aprendi sobre cana de açúcar, eu nunca tinha visto pessoalmente uma cana plantada... Achava até que era uma coisa de extensões grandes (*de terra*)... Não tão na cidade né. Da cana de açúcar, aprendi por causa da horta... Sobre as bananeiras, por causa das bananeiras da horta eu acabei indo pesquisar que após a retirada de um cacho, o pé é cortado porque ele não vai dar outro cacho de banana. Então é uma coisa maravilhosa... Valorizar mais o coração da bananeira, principalmente através do xarope que é feito com ele na horta... Aprendi que agente não deve colher ervas medicinais após a chuva, porque a chuva levou muito da energia da erva medicinal, então se agente vai precisar da erva tem que ver a previsão de chuva para a gente colher antes.

Áudio 2 – 2:28

Aprendi que tem plantas que no seu período de início de vida elas não gostam de outras plantas perto delas. Uma delas que eu aprendi na horta é o hibisco. Depois que ela se desenvolveu, a uma certa altura, a um certo distanciamento da superfície, as outras plantas próximas a ela não incomodam... Mas no início do desenvolvimento logo que foi semeada, e até uns 20 centímetros de altura, a gente deve manter limpo em volta... Aprendi por uma necessidade da horta, e comprovei, que a folha da mamoneira picadinha próximo a formigueiros e plantas que tu queira evitar que as formigas cortadeiras ataquem, inibe a formiga cortadeira... Porque ela vai chegar naquele alimento que esta mais próximo, já em um tamanho reduzido, e ela vai pensar que é um alimento normal... Só que tem que estar... não pode estar cortado há muito tempo né? É meio que tu cortou a mamona e colocou ela ali, e se secar aquela mamona ali ela (*a formiga*) não vai levar. A folha tem que estar verdinha como uma outra planta que serve para o alimento dela... Ela não come a planta né. Isso a gente aprendeu lá também... Ela faz um processo digestivo lá, e se ela levar para o formigueiro dela, vai causar uma intoxicação e eu consegui comprovar em dois formigueiros que eu extingui lá na horta usando a folha da mamona. Só que é um processo que

tem que ser feito periodicamente, porque se tu bota perto do formigueiro e a mamona seca, já não vai servir... Então tu tem que ter esse controle mais...quase que diário né?!

Áudio 3 – 3:17

Aprendi que nada na natureza, se não houver a interferência humana predatória, será desperdiçado... O alimento que fica em certas alturas e os pássaros vêm e se alimentam, esse alimento que nós consideraríamos humano... Ele (*refere-se ao pássaro*) vai propagar aquele alimento. E o que cair no chão e não for aproveitado para consumo humano, vai servir para fortificar o nosso solo. Então não existe desperdício na natureza, existe desperdício na nossa realidade capitalista de quem colhe e muitas vezes deixa estragar o alimento na espera de um bom preço. Existe desperdício quando se joga fora ao invés de dar para a população, para levantar o preço, né? Porque muitas vezes não vale a pena o transporte até o local de comercialização então eles jogam fora... Coisa que se poderia doar se não quisessem ter um custo de transporte. Podiam entrar em contato com alguma instituição que fosse lá e buscasse, gratuitamente... E a instituição teria esse custo de transporte né? Mas não... Eles preferem não gastar o transporte para vir no local, às vezes não é uma opção não, a gente entende isso... Às vezes eles não tem o capital para isso, pelo valor pago ao agricultor pelo seu produto se ele levar o transporte estando caro e o valor estando baixo, vai prejudicar ele e ele não tem como se manter né...Mas existe meios de isso não ir fora! Não deveria ser feito apenas para o controle, para ti, tu ganhar mais né... valorizar o seu produto. Quando há uma grande safra, às vezes é tão grande essa safra que daí baixa o valor do produto, e eles acabam desperdiçando mesmo né... Porque não é nem colocado em um lugar onde aquilo é um ganho para o solo... Simplesmente para apodrecer lá, quem qualquer lugar. E é triste ver isso em um país, em um planeta onde as pessoas morrem de fome... Eu acredito realmente que não temos necessidade de produção maior de alimentos... O que existe é a má distribuição desses alimentos, em relação ao que o mercado pede.

Áudio 4 – 0:34

Na horta eu também aprendi sobre outras PANCs...Ah, eu não conhecia... Nunca tinha visto um pé de ora-pró-nobis. Eu conhecia hibisco só da caixinha de chá, né?! E daquela propaganda que

falava do hibisco como emagrecedor... E hoje eu tenho muitos chás e temperos em recipientes dentro da minha casa!

Eu respondo as mensagens de Jussara agradecendo: “Jussara! Muito obrigada pelos áudios! Vou escutar com muita dedicação! Obrigada por tudo!”

ANEXO VI

Entrevista: Renata (R)

Entrevistadora – Lilian Alves Schmitt (L)

Porto Alegre, 01 de junho de 2020.

Tempo da entrevista: 47’51’’

Local: Entrevista realizada via plataforma de conferência Google Meet – Devido à pandemia esta foi a maneira mais segura para nosso encontro.

L: Então tá guria! Estamos nos encontrando aqui e eu estou reiterando o convite de tu participar da pesquisa que tenho desenvolvido no Doutorado.

R: Sim claro... Já falamos sobre tua pesquisa.

L: Então Renata, essa entrevista vem aí para a gente conversar sobre a tua experiência de estágio lá na Horta da Lomba. As perguntas que eu vou te apresentar ao longo da nossa conversa vão ir nessa direção... (Explico o foco da entrevista pois nas conversas que antecederam a mesma Renata em sua fala demonstrou receio em “não saber responder” o que eu perguntaria...Por isso começo nessa tentativa.)

R: Sim! Ok então!

L: Antes disso queria saber Renata, tu recebestes o Termos de Consentimento Livre e Esclarecido que te enviei?

R: Não é um link né?

L: Não, eu (re)enviei agora há pouco para ti um e-mail com o termo de consentimento livre e esclarecido para que tu possas ler depois da nossa conversa, e caso concordes, me sinalizar...

R: Ah não cheguei abrir o e-mail eu acho... Acho que não...

L: Não tem problema... Tu queres que eu compartilhe a tela aqui contigo e a gente leia juntas agora?

R: Ai vou querer sim!

L: Então eu vou compartilhar agora tela contigo para que tu possas ter acesso ao TCLE, aos objetivos da pesquisa, à metodologia... Me lembro que tu tinhas me falado que conhecia o que era um TCLE.

R: Sim, sim, aham, sim...

L: Vou te apresentar ele e depois seguimos nossa conversa...

R: Sim!

L: Consegue enxergar aí?

R: Ah consigo sim!

L: Renata então... Muito engraçada essa situação né?! Eu nunca tinha feito uma entrevista, por vídeo né (risadas de nervosa)...

R: Então, pois é... Eu é a segunda vez que me encontro com alguém assim... Não foi entrevista né, na verdade foi com a minha coordenadora ainda do IFRS...

L: Ah que bom, então já tens experiência com este formato virtual...

R: É muito bom para este momento!

L: Vou te relembrar então desse convite que eu já te fiz pessoalmente tá Renata... Para participar da pesquisa. E eu estou projetando o TCLE aí na tela compartilhada para que tu possas acompanhar a leitura e eu vou fazer essa leitura em voz alta e eu gostaria de te dizer que qualquer coisa que tu não compreenda ao longo da leitura que tu pode ficar à vontade para ir me perguntando algo que não tenhas compreendido... Tá bom?

R: Aham, sim, pode deixar!

L: Então tá...

Realizo a leitura do TCLE sem nenhuma intercorrência. Opto por começar pelo termo para poder ter de alguma forma o registro da concordância oral via gravação de áudio do encontro online. Renata optou por ler a parte do TCLE em que concorda ser entrevistada e ceder sua entrevista para a pesquisa. Renata também me encaminhou resposta do recebimento do TCLE via endereço de email.

L: Muito obrigada pela leitura juntas Renata, essa parte que a gente está fazendo agora é meio burocrática assim mas ela é importante tanto para a pesquisadora quanto para ti, entrevistada... Depois eu gostaria que tu me certificasse que recebeu a cópia, no teu e-mail, quando tu fores dar uma olhada... Eu usei aquele e-mail do Gmail (*cito o endereço*), é esse?

R: Isso, é esse mesmo!

L: Eu tenho uma cópia impressa e assinada por mim e pelo meu orientador e quando a gente conseguir se encontrar eu vou te fornecer essa cópia física... Desejas receber?

R: Claro! Fica certo sim, quero a cópia física...

L: Isso! Eu quero começar te perguntando um pouco assim sobre ti. Gostaria que falasse um pouco de ti nesse primeiro momento...

R: Então eu sou Renata, fiz biologia, fui professora por 32 anos, trabalhei sempre em escolas estaduais e por último na rede municipal, e fiz pós-graduação na PUC, em zoologia, depois fiz mestrado com protistas. Não fiz ainda o doutorado, então seria isso a minha apresentação... Seria isso?

(Fico aflita com a pergunta de Renata ao fim de sua breve apresentação. Ela foi uma estagiária muito querida na Horta, segundo os frequentadores da Horta é uma “pessoa de poucas palavras e de muito trabalho...” Opto por pular a pergunta que me faz sobre e ir adiante...)

L: Onde tu mora Renata? Próximo da Lomba do Pinheiro?

R: Não, aí é que está né.... É assim: sempre pegando dois ônibus para chegar até lá, então assim, é bem longinho... Queres que eu diga assim o endereço?

L: Não, não... Estou tentando localizar de onde tu vens...

R: Bairro Independência...

L: E... Como que tu chegastes à horta comunitária?

R: É que já no último curso que eu fiz... Que foi de Gestão Ambiental no IFRS, então nós tínhamos ali o projeto integrador e seguia ali o Jardim Sensorial ali no IFRS. Todos nós participamos disso por 4 semestres, e nisso conversando com a Jussara, eu disse que seria interessante e que eu gostaria de fazer o meu estágio em um local livre né... Ao ar livre! E gosto muito, de horta, e do tema da produção de alimento... Então aí que a Jussara já estava em contato, já ia à horta da Lomba do Pinheiro, e falou que esse seria um local que eu iria gostar... Então nunca em um primeiro momento que eu pensei assim, digamos, assim: ruim por que o local ser tão longe... Até mesmo porque Escola Municipal eu já estava acostumada a pegar dois onibus, e ir assim na periferia, em lugares mais longe também, então tudo isso facilitou também, essa minha ida até lá...

L: E como foi esse tempo de chegada, me conta um pouco da tua história lá...

R: Ah sim... Eu já conhecia a Mirtes, mas ela não me conhecia... Porque eu já tinha participado sim de minicursos, sei lá seminários dá para se dizer, a Mirtes mesmo, e começou com plantas alimentícias não-convencionais, aí eu já via aquela mulher trazendo aqueles chás, espalhando e todo mundo cheirando aqueles chazinhos né no meio dos seminários... Achei tudo muito interessante, e perguntei para ela onde ela estava trabalhando... Trabalhando? Bom! É trabalho também! E isso me motivou também, quer dizer, eu só a conheci, mas eu não tinha ideia de que eu iria, porque foi bem antes, do estágio... Mas depois dessa história e de ter feito cursos com PANCS né, sobre plantas alimentícias não-convencionais, então foi quando a Jussara me falou de Mirtes. Na verdade eu relembrei dela no dia em que eu fui lá na horta e eu acho que a Jussara não tinha me passado, ou me falou não sei, o nome Mirtes, mas eu não me lembrei que já tinha feito curso com ela... Então quando eu cheguei lá isso tudo foi muito interessante, porque eu vi aquela mulher simples assim, com todo aquele conhecimento, e eu achei muito interessante... E essa variedade de plantas que encontramos lá, claro que plantas medicinais principalmente, e as hortaliças também, isso tudo para quem precisar, para pessoas que surgem... Então a entrega

das plantas, das hortaliças, mas isso eu achei legal assim! E o local nossa, me admirei né, um lugar bem grande ali na Lomba do Pinheiro, praticamente rural, porque depois eu vi até vacas mugindo, e isso foi muito interessante né, a parte rural mesmo da Lomba do Pinheiro, a parte rural da cidade. *(Fica sorrindo ao lembrar e falar dos mugidos.)*

L: E o que tu fazias? Me conta um pouco do teu cotidiano lá...

R: Então assim, colocávamos o adubo nas plantas, fazíamos a capina que é muito interessante e muito necessária também... Até que ela é meio discutível, algumas coisas tu tem que ter muito cuidado também para não tirar. Porque aquelas plantas podem ser invasoras para alguns e para outros não, então essa é uma das atividades que nós sempre estávamos sob orientação, ou da Mirtes ou do professor Fabrício... Mas eu tive mais contato mesmo com a Mirtes e com o marido dela, o Chico... Mas então isso assim, de ir buscar os adubos, fazer então essa capina, a plantação, cuidar as mudas, as preparações das mudas ali no próprio - dá para se dizer estufa... Rega, muito importante a rega, ainda mais que a gente passou por aquele período seco... Depois veio bastante chuva, mas depois começou a faltar a chuva... E também aqueles encontros de terça feira! Porque foi justamente ali que, a gente se encontrava e que eu fiz meu TCC... Foi no caso, quando eu encontrei essas mulheres, de terça feira, principalmente as mulheres. Mas então que a gente fazia, a recepção das pessoas, quando vinham à horta, principalmente nas terças feiras vinha bastante gente mas nos outros dias vinha também, e a gente acompanhava isso, e acho que praticamente era isso que eu fazia... Esse conhecimento sempre junto de tudo, porque eu não tinha muita ideia de muita das plantas medicinais, cheguei a conhecer lá mesmo...

L: E como tu chegastes a começar a fazer cada coisa dessas que tu cita?

R: Ah eu aprendi muitas coisas com ela *(refere-se à Mirtes)* e claro com essa prática. Ela sempre tinha um comentário, em relação até de como surgiu essa horta, e também à várias coisas como esses quebra ventos, tudo isso... A não utilização de agrotóxicos... Falava que a Horta ali é agroecológica neh... É uma horta agroecológica... Então sempre essa aprendizagem foi assim, pegando a enxada mesmo neh?! E ali junto colada com o Chico, e o professor Fabrício, e como todas as pessoas que nas terças feiras estavam ali...

L: E quando tu diz assim, que por exemplo a capina, que a capina é discutível... Como assim? Como tu aprendeste a fazer?

R: Ela (*continua a falar de Mirtes*) sempre nos indicava os locais, assim a mim, para os outros também... E eu sempre estava junto! Por exemplo, quando tem excesso de tiririca (planta), a tiririca ela pode se dar muito bem junto com a alface... Daí deixa. Também tinha um agrônomo ali presente às vezes, o Sandro que falava que tinha um agricultores que se davam muito bem com a Tiririca, junto com as alfaces da plantação, então a gente tirava mas não tudo, sempre sob orientação ou da Mirtes, ou então do agrônomo... Que indicasse corretamente. Sempre com essa orientação e fazendo né?! Perguntando! “É possível? Não é possível que se tire?”... Também porque é muito na base do experimento ali na horta né?! A própria Mirtes diz que está sempre aprendendo, então é muito esse cuidado aos poucos e fazendo. Muitas eu já sabia que eram invasoras, mas invasoras entre aspas, porque elas também auxiliam na umidade, são indicadores do solo, se é um solo mais compacto... Por exemplo a guanchuma! Depois muitas também que são invasoras, mas são chás! Até também o professor... (*risadas pois mostra não saber o nome do professor que também visita a Horta*) Ah eu esqueci o sobre nome dele... Mas ele também fala das invasoras também, muito também para a utilização até de pomadas, até para os pets né, em relação a algumas serem contra pulgas... E isso tudo serve para a comunidade mesmo! Quando ele preparava esses materiais para as oficinas para a comunidade, eu não cheguei a participar, não pude, mas eu sei que a própria Mirtes dizia depois: “essa aí é a erva de Santa Maria... Muito bom até para o combate de diversas enfermidades...” Falando do que dizia o professor Wiest.

L: Tu lista uma série de coisas que tu fez Renata, ao longo do tempo... Tem alguma que tu destaque?

R: Ah sim, eu acho assim importante a capina... Porque aí sim tu está tendo o contato intenso. Eu nunca tinha visto assim tão próximo de mim por exemplo um escorpião sabe?! E daí eu tinha ali o escorpião preto! Depois também tinha a centopeia, uma lacraia ou melhor... Quando tem outras pessoas em outros lugares elas dizem “ah vamos matar” e acabam matando. Melhor não... Porque ela tem a sua utilidade, ali tinha disso. Durante essa capina, eu acho que assim tinha tudo isso muito junto ali... E ali vai surgindo também uns outros organismos que fazem parte do ambiente e que estão juntos de nós, com as plantas né?! Então eu acho pra mim que foi bastante forte essa

questão de capina, para aprender isso tudo aí! Para ver também onde a gente vai plantar... Então assim estar junto com a capina e a plantação me deu uma boa ideia de como o pessoal mantém a horta sabe?!

L: E tu me disse há pouco que lá na Horta é tudo na base do experimento... Queria que tu explicasse melhor isso.

R: Porque tu pode experimentar de tudo... Tu pode até dizer: “ah não... eu deixei ali aquela plantinha agora, olha só que interessante ela até está ajudando as outras hortaliças”. Porque chega um momento que ela está fazendo sombra, então isso tudo também auxilia... Tu pode até manter a planta por mais tempo porque não resseca o solo daí as outras plantas ajudam nisso, elas vão dando esses nutrientes também... Então a gente vai percebendo ali, vai tocando com a mão, e vai vendo que o solo está úmido, e tu pensa assim: “bah poderia estar muito mais seco, ainda se estivesse sem as plantas”. Claro isso depois de uma estiagem, assim claro de um bom tempo de seca, ai realmente fica difícil... Mas assim tu chega lá e tu vai tocando, e tu vê mesmo como umas plantas auxiliam as outras na prática, então é assim essa verificação assim neh?! E os brotinhos vindo, a gente vai vendo eles vindo... E isso tudo é muito interessante.

L: Eu lembro que ao longo do teu estágio, tu dizia algumas coisas assim sobre a tua percepção do volume de trabalho que requer uma horta Renata...

R: Ah é sabe?! Porque eu não tive muito contato com sítio... E tu precisa de ter muitas pessoas para cuidar, colaborar, então assim ali o trabalho ele é bem intenso... Assim, a gente até consegue fazer pouca coisa né, assim em um período de 4 horas... E também porque cansa bastante neh?! Ali pegar uma enxada, tu carregar um adubo nas costas, na época a gente tinha até que ficar carregando a água para locais mais longes, porque existe essa questão da roubalheira das mangueiras né?! Porque as mangueiras como facilitam o trabalho ne?! E as vezes quando tu via... “Poxa, roubaram uma mangueira!” Aí tu voltava para o balde né?! Para os regadores...E assim é! Um trabalho duro e bem cansativo, a gente ficava bem cansada mesmo! Mas estar em contato ali com o sol, isso aí tudo também é muito bom!

L: Renata, lembro que tu promoveu dois momentos em que tu era uma espécie de mediadora... Momentos em que tu centralizou atividades na Horta. Pode me contar um pouco sobre esses momentos...

R: Ah sim! Lá no início do estágio tu falou né que os estagiários deveriam fazer uma oficina neh?! *(Tendo sido responsável pelos estagiários da Horta, apresentei à Renata no início de seu estágio a contrapartida pedida pelos Coordenadores da Horta como algo a ser feito por todos os estagiários – Todos os estagiários deveriam oferecer uma oficina de tema de sua escolha à comunidade da Lomba do Pinheiro.)* Então eu comecei a pensar no que né?! Um dia conversando com a Mirtes, que ela gosta de contar muita história, ela falava dos travesseiros de ervas, e ela mesmo sugeriu... Ela falou: “ah se tu quiser tu pode tu mesmo até fazer com as mulheres”. E eu achei muito interessante porque depois juntos fomos fazer as coletas, das plantas (dos chás) claro com antecedência... Reunimos as mulheres que estavam ali e que já vinham nas terças-feiras... Então teve um dia lá que eu trouxe esse material (refere-se a tecidos de algodão cru, linhas coloridas e agulhas...) Ah, e foi depois da secagem desses chás... Então nós daí utilizamos para fazer os travesseiros, e eu vi que cada uma confeccionou seu travesseirinho ali, de cheiro, assim, conforme seu desejo... Com bordado, e o pessoal ficou ali empenhado... Até passou da hora. Achei isso super interessante, o pessoal gostou e outros muitos deram sugestão. Interessante assim, porque eu no máximo sabia costurar, mas bordar eu não estava muito não... Não estava inteirada não... E pensar assim que tinha uma ensinando a outra, ajudando, e ali tinha o pessoal mais velho, o pessoal mais novo, e outras amigas já trouxeram outras, e uma delas até começou o estágio lá. Isso em relação ao caso dessa confecção dos travesseirinhos... E depois disso uma até comentou que não estava mais utilizando remédios, comprimidos para dormir... Falou que com o próprio travesseirinho ela já conseguiu dormir, sabe que até hoje eu mesmo ainda tenho o meu travesseirinho também, já renovei porque de 6 em 6 meses a gente faz a troca, dos chás, então, eu já coloquei outros chazinhos e é muito bom mesmo...

L: E o teu TCC Renata? Teve relação com a Horta que eu lembre...

R: Fomos pensando o que fazer de TCC... Eu fiz Gestão Ambiental, então primeiro o professor tinha indicado uma gestão lá dentro da horta... Mas daí eu pensei assim: “poh, aqueles canteiros já estão todos direcionados neh?!” Porque daí eu teria que implementar muita coisa, levantar muitos problemas e dar sugestões, e é muito difícil porque aquilo ali já é uma horta implantada há

muitos anos... Vamos supor assim que a gente fizesse algo para colocar pessoas assim, ah, mas não é bem esse o termo, os cadeirantes... Os cadeirantes neh, eles mesmos, é bem complicado deles chegarem lá... E até dentro da horta, porque eu tinha pensado nessa possibilidade, de fazer algo com isso neh?! Agora eu não vou lembrar nem o nome... Já esqueci! Mas assim: no caso da deficiência física de como as pessoas chegam ali sabe?! Mas depois disso chegamos ao grupo de mulheres... Pensamos então em aproveitar essas mulheres que estão aí na terça feira e vamos ver... Porque todas dizem que tem uma hortinha em casa, e foi ali que eu vi, que eu fiz o TCC daí né?! Indo na casa de 12 delas, mais ou menos isso, e fui fazendo as fotografias delas, fazendo as imagens e elas me contando, muito também relacionado a horta neh?! Tinha mudinhas que tu tinha visto lá na Horta, e elas se trocavam, muitas tinham hortinhas... Algumas até diziam “Ah, a minha horta é toda em lata, é toda em PET...” E eu dizia... “Ah, é isso que importa neh, desde que a pessoa também faça a sua produção.” E eu também vi que elas também são muito conhecedoras e até dos próprios pais, avós, que passaram essa tradição de cultivar ainda as hortas que acontecem justamente em mulheres mais velhas... Todas eu posso dizer assim que são mais velhas, e muitas foram me contando: “ah, meu filho não quer saber de chá, ele toma medicamento direto!”. “Ele vai direto nos hambúrgueres...Não quer saber de tirar nada da horta!” Elas estão encontrando também essa dificuldade, de os mais jovens não estarem interessados. Então era uma coisa interessante, que às vezes está se perdendo também neh?! Por isso que eu fiz meu enfoque baseado nessa etnobotânica ali no TCC... Justamente buscando esses conhecimentos que estão meio que se perdendo, mas ali ainda meio que por ser uma zona meio rural, não posso dizer que seja rural, mas ela ser mais rural, ela tem todo um aspecto... E assim como que elas em suas casas, como que elas conseguem?! Tem umas até que são referência, auxiliam pessoas que buscam. Teve até uma delas que mora perto de uma UPA, e ela disse que ia lá e muitas vezes até fazia essa indicação, dos chás...

L: E como foi para ti fazer essas visitas Renata?

R: Ah as entrevistas foi tudo conversando com elas nas terças feiras lá na Horta, porque era ali que elas tem esse encontro... É uma data já prevista que se fariam os encontros porque ali também elas faziam o almoço delas neh, ali também tem a orientação da Camila terapeuta ocupacional lá na Horta. Então ela também já me passou outras pessoas e elas vinham em função disso... Elas entravam, faziam as mudinhas...Porque tinham umas mais velhas, daí fica meio

difícil de pegarem uma enxada. Então assim elas faziam o trabalho que elas gostassem, e que também ficassem em pé, porque isso também é importante para uma pessoa mais velha, essa coisa de estar se curvando na horta neh?! Isso também é uma das coisas que eu também pensei... Não é todo mundo que ainda tem, essa, digamos assim, essa disponibilidade física né?! Então por isso que elas fazem as mudinhas e nisso eu conversei com elas ali, fazendo as mudinhas, depois fazendo o almoço, algumas ficavam outras não, e foi por ali o contato e uma foi indicando a outra...

L: E foi aí que chegaste a visitar as casas das mulheres?

R: Isso, visitei... Eu ia às tardes! Às vezes saía dali da horta, e às vezes ia... Ah fui em um sábado também... Aí a própria, bom vou dizendo nomes delas aqui, mas não deveria...

L: Não te preocupa em relação a isso, os nomes não vão ser divulgados... Não te preocupa.

R: Tá bom! A própria Silmara uma vez em um sábado já combinamos e ela já me indicou uma outra amiga dela, que eu nem conhecia... Mas que já tinha ido na horta... Então assim o foco era isso: pessoas que conhecessem a Horta em algum momento, então assim, que tinham alguma relação e que também cultivassem. Notei também que uma indicava a outra, porque também neh, chegar uma pessoa desconhecida, neh?! E a gente também faz estágio por pouco tempo até ter digamos, assim, ah, que as pessoas te aceitem neh?! Que tu chegue na casa neh?! Então foi um pouco difícil, porque elas têm as atividades delas também...

L: E como te sentiste em relação às visitas?

R: Ah, eu me senti muito bem! Gostei porque elas gostavam de contar histórias, de como é que elas começaram com essas questão das hortas e também contando um pouquinho dos problemas delas... Faz parte também desse encontro com essas mulheres né?! De virem em uma terça feira também para falar, eu acho que é isso que propicia também. Eu já vi assim que na própria preparação das mudinhas elas já vem contando da vida, de seus problemas, de seus familiares, algumas cantavam também... Então é um momento especial também né. As vezes eu ficava muito mais tempo do que eu quisesse ficar, mas enfim, eu pensava também: eu já fotografei, já entrevistei... agora vou ter que ouvir?! Então é isso. É muito uma questão de ouvir também, de conversar. Porque muitas, ah, depois que tu começa ali, que elas veem que tu gostou daquela

horta daquela conversa, onde fizeram e do jeito que fizeram... Então elas começam a ficar mais libertas, puxam mais assunto, ficam conversando mais com a gente...

L: E o que tu leva dessa tua experiência na horta Comunitária da Lomba do Pinheiro Renata?

R: Sabe?! Ah, eu levo que as pessoas que vão para lá elas sempre se sentem bem... Buscam assim o seu... buscam o aprendizado de uma coisa, mas elas buscam também o querer estar em contato com as pessoas. Então é isso que eu aprendi, que mesmo sendo longe, é importante esse contato com as pessoas, com as plantas, tu ter a tua própria produção, agora eu comecei assim... Voltei de Montenegro, então assim, eu estou tendo a minha hortinha, já estou fazendo as minhas colheitas. Então até eu mesma já aprendi muito com tudo isso, porque o que tu tem ali de orgânico. Não sei se tu está me vendo agora... *(Refere-se a alguma dificuldade de conexão na internet.)*

L: Estou, estou te vendo, estou te vendo perfeitamente...

R: Ah, que agora deu uma coisa aqui... Ah, agora continuou, mas então é assim... Essa aprendizagem desse conhecimento eu mesma estou utilizando esses chás, até mesmo para a minha afilhada... Comprei o livro das PANCS, e ela faz o pão integral, ela tem 10 anos e ela com o maninho dela, e com a minha irmã também... Tô sempre levando... “Olha isso aqui é importante...” Porque a gente vê na prática mesmo quando tem esse contato com a horta, tu tá ali, tu ta vendo, e até tem mais coragem de utilizar, porque assim, algumas tu até tinha medo, de utilizar, eu mesma faço meu pão com “bertalha” e todas essas coisas aí... E os travesseirinhos como eu fiz... Muita aprendizagem mesmo! E de saber que as pessoas vem de outros locais, as universidades estão lá dentro né?! E tem o pessoal, as crianças que são recebidas das escolas, então é isso: é um local que tu chega ali e tu já está ouvindo os pássaros... Tu tá andando ali e tu estás ouvindo os pássaros, sentindo outros cheiros, bem diferente aquele cheirinho do mato, esse contato todo é muito bom...

L: Tu chegaste a fazer alguma trilha?

R: Ah sim, eu fiz uma trilha guiada acompanhada... Primeiro quem fez foi o professor Fabrício, e um dia eu acompanhei a trilha, porque eu nunca tinha feito ainda, então entrei ali e fiz uma das

voltas... Fiz uma outra também a completa, sim, porque depois ela chega e faz uma parte que tem até um canteirinho de futebol, para a garotada, é legal isso...

L: E essa vivência da trilha...

R: Ela foi bem rapinha assim, porque o que eu fiz eu peguei uma parte finalzinha, já tinham feito o outro lado. Mas assim também aquela “serrapilheira” que se busca ali dentro para colocar na horta... Bem importante também que se extrai dali, e tem a composteira também, que fica fica ali no local, na beira da trilha, mas ali dentro também, aquela umidade... Bem mais fresquinho, mas eu vi muito desse *Pinus eliotis* que ele é exótico, esse ali chega até ser problemático... E tem bastante ali, e ele tem até uma indicação de cada pinheiro ali, sei que a UERGS teve uma pessoa ali, e também a UFRGS, estudando o manejo, mas acho até que deu uma parada isso daí...

L: Renata, como tu descrevia o teu estágio na Horta da Lomba?

R: Era um estágio que eu posso dizer assim que eu gostei, porque era o que eu queria... Estar ao ar livre, e por assim, não tem essa obrigatoriedade de tu fazer essa atividade, eu pude fazer as atividades que eu gosto ne?! Ah, claro, que sempre com orientação... Então achei isso maravilhoso, o conhecimento que eu obtive e assim essa vontade de continuar com essa prática na terra...

L: Depois que tu finalizaste o teu estágio tu tem ido na Horta da Lomba?

R: Sim, aham... Eu continuei ali em janeiro, fevereiro, agora março eu não me lembro se eu fui algum dia, acho que não. Também agora por causa agora dessa questão da epidemia, então eu já fico mais assim por casa mesmo. Já tenho essas precauções...

L: Aham...

R: Mas eu continuei sim, mas daí como voluntária...

L: Tu quer me dizer mais alguma coisa sobre a tua experiência lá?

R: Assim... Que vale a pena, que as pessoas que vão lá, vão muitos alunos da agronomia, e é um bom local assim que é de encontro, que tu pode escolher as atividades que tu queira desenvolver, então vale a pena fazer esse estágio lá!

L: Renata, agora há pouco tu falou de uma orientação para as atividades... E também que se pode escolher a atividade para fazer... Tu podes me descrever um pouco isso?

R: Ah assim, por exemplo assim, a colocação do adubo, já fui junto buscar esse adubo ali no aviário. Então essa orientação que digo no sentido de que se tu vai colocar o adubo próximo da planta tu pode queimá-la, a quantidade de adubo... Sim tu pode escolher a atividade que tu quer, ah tu quer ficar adubando mais, tu quer ficar fazendo mais mudas, mas tu tem essa orientação de o quanto vai no potinho, de cada caixa de leite que tu utilizava para fazer essas mudas, então tem que ter também essa orientação, de como preparar essa base, esse solo para a planta.. A muda, como tirar a muda da horta. Então claro que a gente tem essas orientações, mas se a pessoa quiser ficar mais realizando as mudinhas, não tem problema, se não gosta tanto de capinar, também não é tão problemático... Então é isso de sempre ter orientação... Tu não pode chegar lá a revelia e plantar o que tu quiser, então tu tem que pedir então essa “recepção”, então, essa conversa... Até mesmo essa questão de indicação de medicação né?! Eu ouvi muito essa preocupação deles, porque eu era uma pessoa que não ficava indicando qual chá tomar... Sempre as pessoas buscavam, e essa dosagem é preocupante, o quanto que a pessoa pode ou não, quantas folhas utilizar, na própria dosagem, sei lá acho que prolonguei um pouco a conversa (*risadas*)...

L: Não, é isso aí... Te escuto.

R: Porque fazia parte também... Eu via que um perguntava para o outro... Olha está chegando agora, essa pessoa aqui, e a gente estava ali presente na horta e às vezes as pessoas chegam e estão pedindo por um chá e elas devem ser orientadas, de como utilizar e eu acho que isso também não cabia a gente... Exatamente como estagiário, eu até posso apontar, olha é bom para isso é bom para aquilo, porque eu sei que tem que ter esse cuidado, tanto é que no meu TCC, quando foi ali, e foi discutido também se falou sobre isso que é a preocupação com dosagem dos chás. E isso não era sobre nossa responsabilidade, enquanto estagiários, eu acho que só se a gente tivesse recebido alguma orientação antes, mas isso não, então isso ficaria até mais para a Mirtes, e o Chico. Essas pessoas que estão ali e tem bem mais conhecimento sobre essa

dosagem... Mas é isso né, não é só chegar e ir plantando, tem que ir perguntando de como colocar as mudinhas...Porque também é um local que está assim há anos, e às vezes tem um lugar que não tem um solo tão adequado e as pessoas que têm esse conhecimento, sabem qual é o local mais adequado para tal planta medicinal, e hortaliça...

L: E Renata, e as reuniões que aconteciam na horta e que tu participava... O que tu destacarias dessas reuniões?

R: É eu acho que essas reuniões algumas pessoas assim não estavam de acordo... Ou então se afastaram de algumas questões assim: digamos, da própria construção, como assim, a questão da irrigação... Isso tem muitos problemas né?! As pessoas se afastavam mas depois voltavam regularmente assim sabe... É tudo uma questão de não levar tão a sério, tem umas pessoas que levam muito a sério essas discussões. Eu acho que sempre tem que ficar aberto, porque aquele mês ali do início de agosto, acho que praticamente foi até setembro, teve um mês que eu fui assim com bastante intensidade, assim bem intensivo, e eu percebi que aquilo vai e volta assim a questão da irrigação... Mas não adianta esquentar muito a cabeça, essas reuniões são abertas, tu pode falar o que tu quiser, claro que todo mundo se respeitando, mas as pessoas falavam, e as vezes não concordando muito se afastam. E depois de um tempo vão retornando para a horta... Eu acho assim que por isso mesmo elas são formativas, mas que essa questão assim de pegar junto em tudo ainda falta um pouco?! Por que na capina assim precisaria de mais pessoas né?! Então, há vários problemas né?! Esses roubos que aconteceram... Isso aí também ficou difícil né?! Porque já na vinda ali os chás de hibisco, os xaropes, tudo aquilo foi para angariar, digamos assim, instrumentos para horta, e depois tu vê tudo isso ser roubado, fica difícil mesmo né? Então também tem esses momentos bem difíceis, e outros mais descontraídos... Então eu acho assim que é normal, mas sempre estava aberto, quando as pessoas quisessem se manifestar, se manifestavam, mas esse assunto da participação sempre vai e volta né... *(Renata pergunta sobre a hora sinalizando, ao que me parece, que quer terminar...)*

L: Te agradeço muito Renata pela tua participação... Até que foi rápido né?! *(risos)*

R: Ah sim...

L: Te agradeço muito, pela nossa conversa... Eu acho que é sempre importante que a gente possa pensar sobre as nossas experiências. Obrigada pela tua disponibilidade, de estar falando aqui nesse momento que é um momento muito difícil pelo qual todos nós estamos passando assim, distantes um dos outros, não podendo conviver como a gente costuma conviver... Então te agradeço por essa disponibilidade. A minha última pergunta para ti é como tu deseja ser identificada?

R: Eu prefiro que não me identifique pelo meu nome.

L: Perfeito, fica o registro.

R: Muito obrigada, tchau tchau...

L:Tchau...Nos vemos em algum momento na Horta!

R: Isso! Abraços! Tchau!

ANEXO VII

Entrevista: Maria Firmina (M)

Entrevistadora – Lilian Alves Schmitt (L)

Porto Alegre, 04 de junho de 2020.

Tempo da entrevista: 43'56''

Local: Entrevista realizada via plataforma de conferência Google Meet – Devido à pandemia esta foi a maneira mais segura para nossa encontro.

L: Vou dar o play aqui já que tu me autorizou para ficar registrada a nossa conversa Maria...Então assim, esse termo que eu estou te apresentado, ele formaliza o nosso encontro... Apresenta os detalhes da pesquisa, como já havia te mencionado... Vamos ler juntas?

M: Vamos sim!

(Leitura do TCLE compartilhado na tela do encontro online sem intercorrência)

L: Caso tu concorde com o que lemos e queira participar eu gostaria que tu fizesse a leitura dessa declaração, ali abaixo, dizendo o teu nome, e a data de hoje... Isso não precisa ser feito agora, nem hoje, podes me enviar adiante. Fica na tua escolha...

M: Vou fazer agora...

(Leitura da declaração feita pela entrevistada)

L: Então tá Maria...Gostaria que tu começasse se apresentando, destacando coisas que tu acha que são importantes... O tempo é teu.

M: Bom, então ah... Meu nome é Maria Firmina, eu sou formada em Biologia, me formei pela UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2018, e eu atualmente estou cursando Gestão Ambiental e isso foi até da da Horta né? Porque é eu acho que vou falar aqui depois, mas eu acho que eu acabei aprendendo muita coisa que não teve no curso de Biologia... Um outro lado assim... Uma idéia, umas influências... E ao chegar a esse momento do estágio da Horta eu

tive... Esse segundo curso que é Gestão Ambiental, o trabalho com educação... Dou aula em dois cursinhos agora ao longo da semana, e também dou aulas particulares, acho que é isso...

L: Eu queria te pedir só um, vamos ver se vai ser possível... Tem algumas partes da tua fala que estão ficando muito baixas, eu não sei onde que é o teu microfone...

M: É que eu estou com celular, eu posso tentar colocar um fone...

L: Vê se é, vê se é possível... Porque tem umas partes que eu não te escuto direito... Tua voz fica mais grave eu não te escuto.

M: Péra aí que eu vou ver se eu consigo colocar...

L: Tá bom, muito obrigada!

(Barulhos da casa e do microfone sendo plugado...)

M: Péra aí, estou voltando... Agora vai!

L: Muito obrigada! Pode continuar então, Maria... Eu parei na parte em que tu me dizia que estava cursando, começando a cursar Gestão Ambiental...

M: Está me ouvindo melhor agora?

L: Muito melhor, muito melhor!

M: Ah, então tá... Eu não ouvi a parte que tu falou agora...

L: Disse que parei de te ouvir quando tu estava começando a falar que começou a cursar Gestão Ambiental e que isso era uma influência assim...

M: Sim então, eu quando comecei a Biologia eu tinha uma ideia bem assim, bem definida quando eu iniciei a Bio, de ir para uma parte e trabalhar com pesquisa... Com genética! Foi meu primeiro assim, e depois eu comecei a trabalhar com a Zoologia, sempre em laboratório, então quando eu iniciei na Horta assim eu, meio que mudou totalmente a minha ideia... Porque essa vivência, essa coisa mais prática a gente não tem no curso de Biologia, então quando eu comecei ir lá eu meio que mudei a minha visão assim do que eu queria, e aí eu iniciei o curso de Gestão Ambiental, daí

foi bem influência do que eu vi lá, não por influência do que eu vi no curso de Biologia mesmo. E isso né?! Além de estar cursando a gestão, eu dou aula em dois cursinhos... Não sei se tu tinha pego essa parte? Dois cursinhos populares... Trabalho com educação popular, inclusive, faria agora a prova do mestrado para educação, na FACED (*refere-se à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*)... Mas enfim, foi adiando assim como todas as outras coisas... Não sei quando vai sair novamente, para trabalhar, tentar ligar essas duas áreas né?! Que é a educação popular e a educação que é fora desse contexto formal também...

L: Tu tá morando onde Maria? Me conta um pouco...

M: Eu moro em Viamão...

L: Viamão...

M: Eu moro em Viamão. Eu moro... É um bairro periférico, é um bairro periférico, eu falo que eu moro no trevo, eu fico entre Porto Alegre, Viamão e Alvorada. Bem no meio assim, onde fica a divisa de tudo. Ah, é um bairro... Eu gosto bastante daqui, apesar de ultimamente estar, não sei ser muito violento assim, mais perigoso assim, do que era antes... Mas acho que todos os lugares agora estão, e é um lugar que tem bastante escolas assim, acho que a gente tem aqui umas quatro escolas no bairro. Ele é um bairro bem grande assim, e vêm crianças de outros lugares estudar aqui, e eu estudei aqui né?! É um lugar que eu não tenho... Claro que a gente sempre pensa em crescer profissionalmente, mas é um lugar que eu não tenho a pretensão de sair daqui, independente do que vai acontecer assim é um lugar que eu gosto...

L: O lugar da Maria?

M: Isso! É isso!

L: E Maria... Como tu chegou até a Horta, como foi de fazer o estágio lá?

M: Então, eu... A Horta foi meu estágio curricular... Meu estágio obrigatório... E eu recentemente já tinha saído do meu laboratório onde eu trabalhava, que era um laboratório de entomologia, a gente trabalhava com insetos... E eu fiquei dois anos nesse laboratório, fiz meu TCC lá, e eu também já tinha trabalhado em escolas né?! Trabalhei em uma escola do município de Porto Alegre e também trabalhei no colégio de aplicação da UFRGS, e daí eu estava procurando um

estágio e já estava no limite ali da data para encontrar né... Para enviar o local lá para a COMGRAD, mas não encontrava porque era sempre as mesmas coisas... Ou era um laboratório... E eu não conseguia mais, porque eu fiquei muito tempo em laboratório... Eu já estava meio que saturada assim... E aí o que eu queria né, que era genética... Que eu falei que era a minha ideia inicial, quando eu fui trabalhar com genética eu lembro que não tinha vaga para trabalhar, nem como voluntário porque era um dos mais concorridos, aí eu não estava conseguindo encontrar nada... Já estava deixando para fazer no outro semestre, o estágio, já tinha meio que desistido assim, quando a gente recebeu um folder, todos os alunos da Bio receberam um folder da horta, eu acho que foi a primeira vez que eu vi... Foi a primeira ou segunda vez que eles anunciaram para o curso de Bio, um folder pedindo estagiários... Estagiários voluntários... Aí eu entrei em contato, falei com o Fabrício e acho que no outro dia já fui e conversei com ele, e tal... Adorei a horta, adorei o Fabrício assim... Uma energia muito boa, e a gente já se acertou e eu já iniciei... Eu acho que a melhor coisa que me aconteceu foi eu não ter encontrado um lugar para fazer estágio antes...

L: E o que tu fazia quando tu chegava lá assim... Como foi?

M: Tu diz assim no primeiro dia assim ou quando eu cheguei para conversar?

L: Quando tu chegou lá... Como foi essa tua chegada na Horta? Como foram acontecendo as coisas?

M: Então... Meu primeiro contato foi com o Fabrício... Assim como eu falei... Ele conversou comigo, me apresentou a horta e realmente eu nunca tinha nem pisado em uma Horta Comunitária, na real assim acho que nem em uma horta assim... Eu não conhecia, não tinha esse contato, dentro da universidade a gente não tem esse tipo de contato assim... Com esse tipo de trabalho. Pelo menos na época que eu estava no curso não tinha... E ele me apresentou assim e eu fiquei bem encantada porque era um lugar muito grande, eu não tinha ideia que era um lugar tão grande eu pensei que era um lugar menor assim... Não sei, imaginei que fosse menor... Aí ele me apresentou, me mostrou, e aí quando eu iniciei assim eu, eu lembro que no dia que eu comecei tinha muita gente... Acho que era uma terça feira e tinha muita gente... Eu lembro que foi uma coisa meio, porque a gente não conhece né?! A gente fica pensando que dentro da cidade que a gente mora tem coisas que a gente acaba não conhecendo... E era um projeto muito bonito, é um

projeto muito bonito né?! Aí eu lembro que eu não sabia fazer muita coisa... Não tive esse contato né?! Mas as pessoas lá são muito dispostas a ensinar... Então sempre tinha alguém para te ensinar, claro que se tu não sabia vinha lá e pegava pela mão e te levava, te mostrava, dizia como é... Então eu acho que eu fui muito bem acolhida, por todos, pelo Fabrício, pela Mirtes, por todo o pessoal, eu lembro assim que na terça feira tinham várias senhorinhas né?! E elas ajudavam muito, nossa elas contavam altas coisas que a gente nem fazia ideia sobre nome de planta, sobre como plantar, então, eu me senti muito acolhida assim, na horta... Eu gostei muito, gostei muito, e é um lugar que eu sempre falo, sempre falo para o Fabrício que eu pretendo voltar mais, e uma hora vai... Então acho que é isso acho que o acolhimento na horta é sem igual.

L: E quando tu fala que aprendeu a fazer muitas coisas... Como assim, Maria?

M: Então, muitas coisas que... Tu pensa né?! Quando tu pensa Biologia tu pensa nessas coisas... Mas quando tu está cursando tu vê que não é né?! A gente aprende muita teoria... Bom, tu sabe né?! É muita teoria porque tem muito conteúdo... E daí a gente acaba não aprendendo essas coisas mais práticas assim... E coisas básicas que tu precisa para o teu dia a dia... E a coisa do plantio, fazer muda, fazer poda, plantar semente, secar semente, todas essas coisas assim eu acho que são coisas que tu acaba levando para a vida né?! São aprendizados muito importantes e que tu não tem dentro de uma universidade, por motivo de não ter tempo também, realmente são muitas coisas, são muitas outras coisas... E eu aprendi lá na horta... E claro né?! Tem todo o outro aprendizado né?! A questão do companheirismo né?! De conhecer as pessoas, de ouvir, todos esses aprendizados são muito importantes... E falando da questão prática, todas essas coisas que eu aprendi relacionada às plantas, ao plantio e até mesmo em relação aos animais... As crianças lá da horta, também... Eu lembro que nas oficinas assim a gente conversava bastante, então eu acho que esse tipo de aprendizado que eu não tive na universidade assim foi bem importante, e é muito importante para mim até hoje...

L: E como é que tu aprendeu essas coisas lá?

M: Aprendi na prática mesmo (*dá risadas fazendo cara de pensativa*). Aprendi na prática... Muitas coisas... O pessoal mesmo... O pessoal me ajudava muito, me mostravam como é que era... A Mirtes né?! Uma pessoa maravilhosa, ela sabe muito atenciosa... E ela te ensina... Ela tem muito conhecimento e ela me ensinava muito... Aprendi muita coisa com ela mas muita coisa eu

meio que aprendi na prática... “Tem que fazer tal coisa!” E eu ia lá e acabava fazendo... Eu lembro que eu era péssima com fazer mudinhas... Eu sempre plantava as mudinhas e elas não nasciam e eu ficava muito triste... E foi uma coisa que eu fui aprendendo na prática assim, fui desenvolvendo uma técnica, observando... E no final estava dando certo... Então eu acho que eu aprendi com as pessoas... Elas me ensinaram muito, e aprendi algumas coisas no sofrimento de tentar fazer sozinha... *(Suspira e ri bastante.)*

L: (Risos!) Eu não tenho como não rir da situação com as mudas... Pois tendo acompanhando o processo eu lembro... Não tem como não dar uma gaitada ao lembrar do sofrimento. Mas me conta do cotidiano... Como que era teu cotidiano lá? O que tu fazia?

M: Tá! Eu fiz várias funções assim... O combinado era eu exercer várias funções... Um pouquinho em cada, e depois poder colocar isso no relatório assim de estágio... Porque como era um estágio curricular, eu acabei meio fazendo um pouco de tudo assim?! Mas mais para o final eu estava focada em um ponto, como eu já tinha passado por diversos locais, mais para o final eu já estava mais focada ali na estufa... Que era meio que cuidando... Cuidava mais das mudinhas né?!, Já que eu já tinha aprendido a fazer, fiquei cuidando das mudinhas... Fiquei na parte de molhar as plantas na estufa, de arrumar os vasinhos enfim... Aí acabei ficando mais ali... Então normalmente eu ia para lá de manhã, chegava lá de manhã e molhava as plantas da estufa, o que precisava molhar... Às vezes tinha reunião, ou alguma coisa dos grupos... Às vezes tinha alguma coisa, alguma aula, alguma coisa, geralmente tinha... Então a gente ficava nessas aulas e depois ia para as atividades... Eu ajudava também na questão dos canteiros, de arrumar os canteiros para o plantio, e aí eu acho que eu ficava mais nessas partes... Mas de início, eu participei de tudo assim...Tentei participar de todas as etapas, e acabei me pegando mais na estufa... E acho que era basicamente isso a rotina. Eu chegava lá de manhã, participava de algum evento, alguma aula que tivesse, se tivesse acontecendo e se não tivesse acontecendo já ia direto para a estufa para fazer essa parte de cuidado das mudinhas, das plantas...

L: E como tu aprendeu a cuidar dessas mudinhas? Como ficou definido que tu cuidaria dessas mudas?

M: Eu acho que na verdade isso foi definido por mim mesmo... Porque era um lugar que eu gostava muito... Eu gostava de ficar lá na estufa, que é um lugar fechadinho e eu sempre gostei

muito dali... E eu fiquei um pouco traumatizada né depois do episódio das cobras... Não sei se tu lembra mas eu fiquei muito tempo sem entrar lá na estufa... Eu não conseguia entrar na estufa aí eu acabei indo fazer outras coisas... Mas eu acho que foi eu mesma que defini, porque como eu gostava muito daquele lugar, eu lembro que quando eu chegava eu perguntava: “Ah, tem alguma coisa para fazer que seja mais urgente? Que precise ser feito?” Aí se não tinha eu ia para a estufa, então meio que acabou virando uma rotina para mim assim... Chegar e cuidar das plantinhas da estufa.

L: Me conta um pouco desse episódio das cobras...

M: Nossa eu fiquei muito traumatizada...Eu lembro até hoje... Eu tenho fotos, até hoje, a gente estava na estufa... Estava eu a profª Glaucia e a Mirtes estava fora... Só estávamos nós na horta, e aí nós estamos plantando nos vasinhos que tem ali em baixo, nas caixinhas... A gente estava plantando, fazendo mudinha, e aí a gente tirou tudo para limpar... Tirou os sacos que tinha com vários vasinhos, e debaixo do saco tinha um ninho de cobras... Não, na verdade a gente viu uma cobra pequena, uma cobrinha pequena que estava dentro do saco, e aí a profª Glaucia puxou o saco para ver e embaixo do saco tinha um ninho... Bah, tinha muitas... Acho que tinha umas cinco ou seis cobras... Ai não gosto nem de pensar... Acho que tinha umas cinco ou seis cobras em baixo do saco... Aí a gente chamou a Mirtes, aí foi uma gritaria... Porque só estávamos nós três na horta e enfim, as cobras saíram e foram para a plantação... Foram para os canteiros... E depois daquilo, enfim, a gente foi para a casa, não ficou na horta... E foi embora depois, mas eu lembro que no outro dia eu não consegui entrar na estufa... E eu não consegui ir para aquele lado onde elas foram, aquele lado acho que tinha couve plantada... Mas lá para os lados dos hibiscos assim, mas eu não conseguia ir lá...Eu não consegui caminhar no meio, acho que eu fiquei um bom tempo, umas duas semanas só na casa... Daí eu tentava fazer algumas coisas ali, as vezes, eu ia lá para o outro canteiro com o Fabrício, mas eu fiquei um pouco traumatizada sabe?! Porque eu vi que elas foram para lá e eu fiquei muito amedrontada, e daí eu comecei a usar bota né?! Porque eu não usava bota no início...*(Faz careta sobre o uso das botas e dá risadas!)*

L: *(Risos.)*

M: Eu digo: “Vou usar bota que acho que é melhor...”

L: É uma boa essa história essa...

M: Acho que eu tive até pesadelo com aquelas cobras...

L: Imagino...

M: Eu me lembro isso virou um caos na época...Virou um caos...Eu tenho uma foto, esses dias eu tinha uma foto no meu celular...

L: Me diz uma coisa... Eu lembro que uma vez tu fez uma oficina lá...Me fala dessa experiência um pouco...

M: Sim, nossa acho que foi uma das melhores coisas assim que eu tive na horta... Ah, então, isso fazia parte do meu relatório de estágio... Isso seria uma das coisas que eu levaria...Oficinas para a horta...Aí eu conversei com o Fabrício, conversei com a Mirtes também para a gente ver sobre o que poderia ser... Porque na verdade todas as coisas que tem na horta, todo mundo sabia mais que eu porque eu estava ali para aprender né?! Então eu tentei levar uma coisa que eu tinha o conhecimento, então como eu tinha acabado de sair do laboratório que eu fiquei 2 anos lá na entomologia, eu tentei associar o que eu tinha visto no meu laboratório com o que eu estava vendo na horta... E aí como eu trabalhava com insetos lá, eu levei uma oficina de insetos e falei de insetos que traziam benefícios para horta... Daí eu lembro que foram duas oficinas, um dia foi para as crianças e um dia foi mais geral assim... As duas foram muito boas. As duas tinham muita gente, mas a primeira que eu fiz para as crianças assim e para os adolescentes tinham uns adolescentes maiores, eu lembro que foi muito boa assim porque rolou uma discussão. Foi realmente uma discussão...Eles conversavam, eles faziam perguntas, eles estavam realmente interessados... E eu acho que foi muito bom assim, eu consegui aprender muito com eles... A Mirtes também e deu uma ajuda ali na dinâmica... Aprendi muito com eles e também acho que eles levaram muita coisa dessa oficina, eles estavam bem interessados... Eu fiz umas figuras, como não tinha energia elétrica, não podia usar enfim, *powerpoint* nada... Eu fiz umas figuras, uns cartazinhos assim, e levei para eles para mostrar... Porque para criança é bom né?! O visual chama muito?! Daí eu pensei: “ Bah, só eu ficar falando lá eles não vão nem dar bola... Aí eu levei e eu lembro que eles gostaram bastante...” A gente conversou sobre cada inseto, sobre o que eles poderiam trazer de benefício para a horta... E foi interessante assim eu curti bastante. E foi

essa oficina que eu fiz, até teria uma outra oficina, que eu até ia fazer com uma outra menina lá da horta, que era sobre papel... Sobre como reciclar papel... Mas daí ficaria um pouco complicado assim a dinâmica, a logística... Daí a gente acabou não fazendo.

L: Quando tu estava contando dessa oficina tu diz que a Mirtes te ajudou... Me explica isso...

M: Então, ela estava junto com as crianças... Daí eu lembro que eu falava de um inseto, sei lá, da Joaninha... Aí eu falava, perguntava para eles o que eles sabiam, o que eles conheciam... Aí eu falava o que esse inseto poderia trazer de benefícios. Aí eu falei um pouco também dos insetos serem maioria enfim... Que é um grupo muito grande e tal... E a Mirtes me ajudou muito, até trazendo informações novas... Ela tem aquela coisa mais prática da horta, daí ela falava das joaninhas... O que elas faziam, qual que era a importância delas realmente dentro da horta, como se criava a joaninha... A gente falou sobre várias coisas, então ela me ajudou trazendo informações novas, então eu falava com os alunos, ela falava, eles falavam... Eu perguntava... E aí gerou uma discussão e tal, entre nós... Entre os alunos, as crianças, eu a Mirtes, bem legal assim... Bem interessante, bem importante porque a Mirtes trouxe bastante sobre a prática na horta.

L: Eu me lembro bastante de algumas cenas lá a Horta onde tu conversava com as pessoas nos canteiros enquanto trabalhava... Com diferentes pessoas... Tu teria alguma coisa para me contar, para me dizer, sobre isso?

M: Então... Eu acho que era um momento né?! A preparação dos canteiros, a gente chegava e fazia... Nunca era “Bah vou sozinha!”. Era uma coisa que não era definido, daí tu acabava indo com as pessoas que tu não tinha tanto contato assim... Então tu acaba indo para os canteiros e tal, aí a gente conversava e via que era uma pessoa muito diferente do que a gente imaginava né?! Porque quando a gente conversa de verdade com a pessoa, a pessoa acaba se tornando... Ah, como eu vou dizer? (Risadas) Ah, meio que me perdi... Mas como eu vou dizer? Pode ser meio que uma surpresa assim... Porque às vezes tu imagina que a pessoa é de uma forma e tu conversa com ela e vê que a pessoa é totalmente diferente... Aí eu lembro de várias pessoas, que eu fui com várias pessoas, mas eu acho que uma pessoa que me... Não sei se posso citar nomes né?!

L: Pode, pode citar todos os nomes que depois eles não serão identificados, não te preocupa...

M: Ah então tá...Que era a Dona Camélia... Eu acho aquela mulher maravilhosa, e eu fui algumas vezes com ela, acho que eu passei uma semana inteira indo com ela... E as histórias que ela contava eu lembro que eu ficava assim: “ Gente, eu sou apaixonada por aquela mulher!” Eu falo assim: ela é maravilhosa assim... Ela contava histórias muito fortes assim... Histórias sérias até e ela contava de um jeito tão descontraído, tão leve assim... Que a gente acaba até achando legal assim, achando engraçado, mas ela é realmente uma das pessoas que me marcaram muito na horta... Até dessas conversas assim acho que é ela, a Dona Célia, mas acho que todo mundo, todo mundo, que eu tive um contato nem que seja mínimo, nessas situações de conversar, e tal, foram conversas importantes.

L: E tem alguma coisa que tu destacaria do teu estágio lá na horta?

M: Eu acredito que toda essa questão do aprendizado mesmo... De ter conhecido coisas que eu não fazia ideia assim... Ah, deixa eu pensar... Eu lembro que eu conheci muita gente: eu lembro que tinha o pessoal da Agronomia, tinha os professores, eu lembro que eu conheci muita gente da universidade também... Que quando eu estava na universidade eu não tinha contato assim... Conheci lá na Horta! Fiz muito amigos! Acho que isso é importante... Amigos que apesar da distância a gente sempre leva junto... Tu é uma delas! E é isso sabe?! Acho que eu destaco isso: as pessoas que eu conheci... São pessoas maravilhosas! Os amigos que eu fiz! Porque se eu parar para pensar...Eu fiz durante a universidade, durante a faculdade, durante o curso inteiro eu sempre fiz um estágio, um laboratório... E eu não tenho pessoas desses estágios, desses lugares que eu tenha contato ainda...Então eu acho isso muito importante assim, a questão das pessoas que eu conheci sabe?! É o que eu destaco... Eu sentia que nos laboratórios era uma competição muito grande, as pessoas ficavam, acho que era aquela coisa... As pessoas precisavam se destacar, queriam se destacar e ficavam em uma concorrência sabe?! Uma coisa que na horta não tem... Na Horta era todo mundo igual... Todo mundo tentava se ajudar, queria que as coisas dessem certo mas para todo mundo sabe?! Sem eu querer ser melhor que tu, sabe? Essa coisa de competição mesmo eu sentia muito isso dentro da UFRGS... Em todos os laboratórios que eu passei e nos que eu não passei também ouvi falar bastante... E eu sinto que lá na horta não sabe?! Que as pessoas estavam reunidas por um objetivo comum...Eu acho que não aquela coisa de tentar fazer sozinho, enfim, acho que tinha essa coisa da união mesmo.

L: Maria, o que tu aprendeu com a/na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro?

M: Eu acho que eu aprendi a plantar, agora eu tenho uma horta em casa...Não sei se eu te falei?! Tenho uma horta... Eu aprendi a plantar, eu aprendi a fazer muda, eu acho que em relação as plantas... Acho que em relação ao plantio eu aprendi tudo...Não! A gente nunca sabe tudo! Mas aprendi muita coisa... Eu aprendi a ouvir! Porque lá a gente tem que ouvir bastante, e eu acho que eu não tinha isso muito de experiência dos outros lugares que eu tinha vindo...Eu aprendi a ouvir mais as pessoas, a entender mais... E eu desenvolvi um amor tão grande até pela alimentação assim... Acho que a gente não tinha falado sobre isso, mas a questão da alimentação na horta também é bastante importante... É uma das coisas que eu vou destacar... Além das pessoas que eu conheci, é a questão da alimentação... É uma coisa que eu trouxe para a minha casa também. Não era uma coisa que eu me importava muito antes, antes de ouvir e conhecer, e ouvir e conhecer várias coisas que eu ouvi lá, então isso também é uma das coisas que eu destaco que eu aprendi.

L: Eu queria entender melhor... Como se aprende a ouvir?

M: Então, é que assim...Eu não sei... É que às vezes... Eu vou falar por mim... Eu não tenho muito essa coisa de, não tinha, essa coisa de ouvir histórias... Às vezes as pessoas querem, precisam te falar alguma coisa, e às vezes tu não estás disposto, não estás receptivo para ouvir. E lá na horta eu aprendi muito isso assim... E eu lembro que eu escutava e era uma coisa que fazia com prazer, de repente nos outros lugares não tinha essa coisa assim, nos outros lugares que eu trabalhei, onde eu estagiei, não tinha essa coisa... As pessoas não se conversavam assim, sabe? Eu aí eu acabei não desenvolvendo essa coisa assim. E lá na horta eu lembro que eu assim, falava bem menos, e ouvia muito... E eu lembro que eu realmente procurava ouvir as pessoas e conhecer e eu gostava muito de ouvir daí as histórias. Eu lembro assim que a Mirtes tinha histórias maravilhosas que ela contava lá da juventude dela... E eu aprendi isso assim, foi uma das coisas que eu aprendi lá com as pessoas, ouvindo e vendo as pessoas, e agora levo para sempre assim...Espero...

L: Tu leva mais alguma coisa dessa experiência? Dessa experiência na Horta da Lomba?

M: Então... Eu levo muita coisa, como eu falei eu até mudei muita coisa dentro da minha vida, da minha rotina né?! A questão da alimentação, agora a gente está se alimentando bem melhor aqui, agora a gente tem uma horta, a minha horta que eu fiz... Eu tento! É que a minha família é muito grande né?! Agora mesmo tinha um monte de gente falando, acho que agora não dá para ouvir,

então, estou tentando levar para eles também essa questão da alimentação...Essa questão de ser mais saudável... E e essas coisas eu acho que eu vou levar pra sempre assim e com certeza, com certeza começou tudo na Horta. Porque com certeza se eu não tivesse passado por esse estágio eu não estaria fazendo essas coisas assim...

M: E como chegou na Gestão Ambiental, como chegou nessa ideia de mestrado, me conta essa história aí...

L: A Gestão Ambiental... Na verdade o que eu queria ter feito quando eu me formei... Na verdade tinha tanta coisa que eu queria fazer e eu não conseguia me decidir... Não, daí eu falei: eu quero trabalhar com educação ambiental! E também isso por influência da horta, porque eu lembro que aquelas oficinas foram uma coisa muito boa assim! Me passaram uma coisa muito boa e foi uma coisa que eu realmente gostei de fazer... Então eu tentei, procurei em vários lugares, curso de Educação Ambiental e eu não encontrei... Só encontrei algumas pós assim mas era a distância em Educação Ambiental e eu não gostei muito... Aí eu iniciei uma pós em Gestão Ambiental, também em uma universidade a distância, fiz um mês e também achei ruim, que não estava funcionando muito assim... Aí eu parei de fazer, mas com aquela coisa: Não, eu preciso fazer alguma coisa! Mas alguma coisa que eu goste de verdade! Aí eu me lembrei assim que foi bem quando saiu o edital, do curso de Gestão Ambiental do Instituto Federal, que tem tanto aqui em Viamão quanto em Porto Alegre... Aí estavam divulgando o de Porto Alegre, aí eu pensei: “ah, vou tentar!”. Aí fui lá, fiz a prova e iniciei o ano passado o curso... Estou agora no segundo semestre... Aí foi uma coisa que realmente...Tu lendo o currículo deles tu vê muita coisa de educação ambiental, tem a parte de gestão de resíduos que eu acho bem interessante, e é uma coisa que a gente não aprende na faculdade de Biologia... Aí seria uma pós, mas como eu não encontrei eu acabei optando por fazer um outro curso! E aí a coisa do mestrado, eu também estava nessa coisa de fazer uma especialização, uma pós... Mas eu não estava conseguindo me achar assim... Por que o que eu queria ou não tinha aqui, ou tinha que ser pago, e não tem?! É muito caro realmente! E aí eu pensei no Mestrado em Educação, porque ele é um mestrado bem mais amplo assim... Abre várias janelas assim, para outras coisas também... E como eu trabalho com educação popular, nos dois cursinhos onde eu dou aula a gente trabalha com educação popular... A gente tem muitas formações sobre isso... Aí eu pensei em tentar o mestrado para essa área, assim, com uma linha de pesquisa voltada para educação popular... E depois a minha ideia

foi essa, seguindo na gestão, fazendo o curso de gestão ambiental e o mestrado em educação popular... Mas que em algum momento que os dois se encontrem. Não sei se vou conseguir... Não sei se vai ser possível... Mas a minha ideia era essa.

L: Maria, fico muito feliz em saber das notícias, fico muito feliz pela nossa conversa também. Tem mais alguma coisa que tu queira me contar sobre essa experiência na Horta, mais alguma coisa para a gente fechar porque a gente já está acabando pela hora que tu me deu antes...

M: Acho que não, ah eu sou péssima assim quando me falam para dizer uma coisa aleatória... (Risadas) Mas que eu me lembre eu acho que não... *(Olha pra a hora no celular e eu corro para fechar dentro do tempo que combinamos.)*

L: Então tá, a gente está encerrando a nossa entrevista Maria, te agradeço pela disponibilidade... Muito obrigada mesmo!

M: Passou rápido!!!

L: Passou rápido...

M: Passou muito rápido mesmo... Então tchau tchau Lilian!

L: Tchau, muito obrigada mais uma vez!

ANEXO VIII

Entrevista: Janaína (J)

Entrevistadora – Lilian Alves Schmitt (L)

Porto Alegre, 21 de outubro de 2020.

Tempo da entrevista: 1h38'07''

Local: Entrevista realizada via plataforma de conferência Google Meet – Devido à pandemia esta foi a maneira mais segura para nossa conversa.

L: Primeiramente gostaria de te agradecer por ter topado, Janaína. Vou trazer algumas questões para ti, para a gente pensar, para a gente conversar...

J: Tá!

L: Em termos de diálogos com os objetivos do TCLE que te enviei, nossa conversa vai por onde estou trabalhando a tese... Sobre a questão das aprendizagens nesse contexto da Horta urbana da Lomba. Então tenho entrevistado algumas pessoas que tiveram vivido as experiências dentro da horta... E agora quero contar com a tua entrevista... É importante destacar que gostaria que ficasse à vontade assim para caso tu não queira responder a alguma coisa, ou queira simplesmente concluir com nossa entrevista... Tudo isso faz parte!

J: Tá bom!

L: Tem alguma dúvida em relação ao TCLE que te enviei?

J: Não...

L: Algo que tu leu ontem no TCLE que não ficou entendido para ti? Que não ficou específico para ti?

J: Não, não. Achei bem claro e entendi tudo e me ajudou a entender que eu não sabia bem qual era o foco da tua pesquisa então foi bom, já deu para ter uma noção um pouco melhor...

L: Ah, que bom! O termo é algo importante dentro da pesquisa e o importante é que tu entendas o que tu leu e tal, se a gente estivesse juntinhas seria de outra forma. Mas se tu conseguistes ler e

compreender os objetivos da pesquisa e entender o processo, é suficiente. Depois eu vou te encaminhar a transcrição da nossa entrevista...

J: Tá! (*Janaína sorri parecendo surpresa.*)

L: Daí nessa transcrição tu vai poder, sei lá, suprimir algum trecho do teu desejo... Bom enfim tipo um “Lilian eu não gostei do que eu falei e quero mudar”... Também tem essa possibilidade, certo?

J: Certo!

L: Eu quero só te pedir então, se tu me autoriza a gravar em áudio a nossa conversa?

J: Autorizo!

L: Para que eu possa depois fazer essa transcrição.

J: Pode gravar!

L: Beleza.

J: Eu vou só desligar aqui para que não interromper em nada... (*Refere-se ao seu telefone celular.*)

L: Janaína, primeiro eu vou pedir para que tu se apresentes, destacando coisas que tu deseja destacar de ti... Então, te apresenta...

J: Tá! Então eu sou a Janaína, eu sou formada em Biologia, fiz tanto a licenciatura quanto o bacharelado, e eu demorei um tempo... Eu já vou misturar assim, a minha apresentação com a questão da horta... Eu demorei um tempinho assim para descobrir o que eu gostava mesmo assim, para levar adiante na minha vida profissional né?! Foi mais no final da graduação que eu descobri que a botânica era algo que me fascina assim né? E somando com a parte da educação então... Eu fiz antes de entrar no mestrado em botânica eu fiz uma cadeira que era de etnobotânica, com a professora Mara Ritter, lá na UFRGS... E ela levou a gente para a horta, foi assim que eu conheci a horta... E eu estava à procura de um lugar para fazer o estágio, estágio de bacharelado que eu estava ainda para concluir né?!, Já tinha me formado na licenciatura mas faltava o bacharelado, daí eu me fascinei pela horta assim né?! Então assim, eu apresento junto comigo porque eu

acredito que a horta virou parte de mim assim, tão parte de mim que esse afastamento me dói, assim, profundamente, porque para mim a horta é isso assim, a horta quando a gente vai assim aberto, de coração, a gente não consegue fazer com que a horta não seja mais parte de nós... Me influenciou muito assim. Então, hoje, muitas das coisas que eu sou, inclusive profissionalmente, e das coisas que eu quero ser, eu lembro da horta, eu me espelho no que eu vivi e nas pessoas da horta. E é isso assim o que eu acho que por enquanto eu posso apresentar de mim, vão surgindo outras coisas durante a entrevista eu acho...

L: Qual tua idade Janaína? Para eu seguir a conversa também e depois a escrita... Tu poderias me dizer como tu te identifica em relação ao gênero?

J: Tá! Eu tenho 26 anos, completo 27 em fevereiro... E eu me identifico como mulher.

L: E tu chegou na horta pela disciplina de etnobotânica...

J: Sim, eu fiz como aluna especial e eu queria justamente já fazer alguma coisa do mestrado antes de entrar no mestrado, porque eu tinha feito uma seleção e não tinha passado. Então foi por isso que eu segui no bacharelado... E não fui direto para o mestrado depois da licenciatura. Daí, nossa, foi incrível assim porque eu estava naquela semana surtando assim... Porque eu estava procurando um lugar para estagiar e nada eu gostava e eu pensava: “nossa o que que eu vou fazer?”. Aí veio, surgiu a horta assim, e a horta não estava listada assim né, como Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro... No site que tem as possibilidades de estágio, então eu não cheguei a pensar, se eu não me engano estava como cooperativa, estava pelo CNPJ...

L: Como Associação...

J: Isso, como Associação... Então não me chamou atenção, não entendia... Não fui atrás sabe?! Então o fato de ter ido na horta, foi um marco... Foi fundamental. Aí logo depois eu comecei o estágio, logo depois de ir lá, então foi assim que eu conheci...

L: Tu já conhecias alguém? Tinha alguma referência lá?

J: Eu passei a conhecer na visita porque daí a Camila, a Camila e a Mirtes nos acolheram... Na visita, e a Camila comentou: “Ah, vi que tu está com o moletom da Biologia, a gente já teve estagiário aqui”... Daí ela comentou da Dani, e a Dani sempre foi muito, nossa, gosto muito da

Dani... A gente trabalhou juntas também na Biologia, no PET Biologia, então foi muito bom assim, foi uma referência muito importante falar com ela, ver como ela tinha conseguido fazer o estágio, para conhecer mais, para ver se de fato eu iria gostar, me adaptar... Então foi legal assim né?! Então eu conhecia a Dani, daí depois eu fui conhecendo as outras pessoas.

L: E sobre a tua chegada Janaína, eu lembro que tu... morava antes em Gravataí na época? Não? Me conta um pouco...

J: Não, eu morava antes em Gravataí...

L: Onde é que tu estavas morando, nessa época quando tu começou?

J: Eu estava em Porto Alegre já, porque, ah, quando eu descobri que eu queria a Botânica, como uma coisa que eu queria levar a diante, eu comecei a buscar estágios para fazer e bolsa de iniciação científica... Aí surgiu uma oportunidade no Jardim Botânico de Porto Alegre, e aí eu passei para essa seleção. Nesse início de bolsa que começou em janeiro de 2017, eu continuei indo de Gravataí até Porto Alegre. Mas daí começou a ficar insuportável assim, porque eu tinha que acordar 5 da manhã e trabalhando 4 horas por dia eu chegava em casa tipo 2 e meia da tarde... Então o deslocamento era horrível, então nessa época eu comecei a ver para ir morar em Porto Alegre. Então eu fui morar em Porto Alegre em março, e eu não me lembro agora quando eu comecei o estágio, mas fazia pouco tempo que eu estava morando em Porto Alegre neh, então, aí que horror eu não lembro quando, mas é que aconteceu tanta coisa, nesse período...

J: Não tem problema...

L: Ordenar tudo às vezes é difícil... Mas enfim, eu já estava em Porto Alegre, isso foi uma das coisas que pesou positivamente para eu aceitar o estágio, porque se eu estivesse morando em Gravataí ia ser muito difícil... Ia ser tipo, praticamente impossível, na realidade eu cumprir... E eu já não consegui cumprir toda a carga horária, eu fiquei devendo na horta, isso é uma coisa que depois eu quero te contar, mas, nossa... Se eu morasse em Gravataí seria inviável, porque a questão de deslocamento pesa, Gravataí - Porto Alegre e indo para a horta mais ainda...

L: Entendi! Eu vou ter que te pedir desculpas e interromper só um minuto porque está acontecendo uma questão aqui... Estão batendo insistentemente na porta da minha casa, então eu vou te pedir um minuto e a gente já segue a conversa...

J: Tá beleza!

Sigo para atender a porta e volto rapidamente. Generosa, Janaína me espera de modo muito tranquilo. No retorno, logo após me desculpar, retorno para o foco do que conversávamos.

L: Onde estávamos? Na dificuldade do deslocamento entre Porto Alegre e Gravataí...

J: Sim, é que eu comecei a morar perto no Jardim Botânico, então eu caminhava 10 minutos, pegava um ônibus ali na perimetral e ia para a Horta. Então eu chegava em 20 minutos na Horta... Eram raros os ônibus, mas pelo menos eu tinha essa possibilidade, porque se fosse de Gravataí para a Horta seria muito difícil... Porque os ônibus são ainda mais raros, e aí não ia bater o horário... Eu ia ficar mofando na parada constantemente, mais do que eu fiquei nesse período. Então foi muito bom assim, ter estado em Porto Alegre, naquele momento foi decisivo para eu aceitar o estágio lá.

L: Tu falas que tu chegou até a horta pela disciplina de Etnobotânica... Mas o que te fizeste ficar? O que te fizeste escolher a horta como teu lugar de estágio?

J: Primeiro que foi um impacto que acho que é para todo mundo que chega na Horta imagino... O impacto com entrar em um terreno que está praticamente abandonado, e aí tu vai descendo aquela lombinha e quando tu chega lá em baixo, parece assim um mundo a parte... E isso foi assim que eu lembro que foi a primeira coisa que me impactou muito assim... Eu cheguei e “nossa!”... Eu chego a me arrepiar assim de lembrar... De verdade assim porque... Ah, eu cheguei assim e... “Não pode ser sabe?!” Eu não tinha experiência com horta urbana, eu não conhecia esse mundo assim... E a horta, a horta da Lomba eu acho uma coisa muito exuberante... E quando eu estava na horta a gente chegou a visitar outras... E eu pude ir e é inacreditável assim neh?! Então eu, só o fato de chegar lá e ver todo aquele espaço e ver toda aquela diversidade, aquela organização, ter uma pessoa ali para nos receber... Foi a Camila que conduziu mais essa conversa, junto com a Mirtes, mas a Camila que deu uma puxada mais. Bah, eu achei aquilo incrível assim! E também o fato de quando elas foram apresentando a Horta, eu vi que era um projeto diferente... Elas apresentam assim, sempre como de praxe assim né?! Essa questão de apresentar o lado social da horta, que é de fato o mais importante... E isso ficou muito claro... Então eu percebi naquela primeira apresentação uma oportunidade de trabalhar não só com a botânica strito senso, mas de ampliar os horizontes... De realmente estar em um espaço que atribuísse várias facetas de mim

enquanto estagiária, porque naquele momento me encantou aquela visão do espaço. Na hora eu já pensei: “eu quero estar aqui!”. Então não foi só o encantamento de “ai que legal vou falar para as pessoas...” Não, foi tipo “quero participar!”, “eu quero contribuir com esse espaço!” e “eu também quero receber!”... E isso foi uma coisa que sempre quando eu vou em algum lugar eu fico pensando... O que eu posso receber desse lugar? Mais do que oferecer sabe? E isso foi, acho que isso foi decisivo... Porque os outros lugares que eu procurava, eu não via isso sabe... Eu pensava: “ah eu vou trabalhar, vou ficar sentada lá em uma cadeira e vou fazer o que estão me mandando...” Mas eu não vou ser ensinada sabe? Eu não vou participar da dinâmica, eu não vou também interferir de fato naquele processo... E na horta quando a Mirtes falou e a Camila falou, de como funcionava... Eu vi que era diferente! Que tinha algo de diferente naquele espaço tempo dali né. Então, essas dinâmicas me chamaram atenção assim... Que elas falaram... Mas eu diria que o principal foi o encantamento sabe? E de fato chegar naquele lugar e dizer: “nossa esse lugar não existe!”. Sabe? Eu lembro de ficar muito encantada sabe, muito encantada... Eu não tirava o sorriso do rosto sabe? E daí quando a Camila falou que podia, porque na realidade, eu cheguei e não sabia que podia fazer estágio ali... Eu estou contando meio que tudo junto porque foi como as coisas se organizaram na minha cabeça... Mas eu não sabia que podia fazer estágio... Então eu já tive um encantamento de chegar ali e pensar: “nossa que lugar massa!”. E quando ela falou parece que fez assim um eco na minha cabeça, sabe? “Bah que legal!” Eu fiquei muito emocionada, então esse encantamento assim sabe? Acho que a horta provoca isso né?! Tocou em mim e em outras pessoas que eu conversei também assim...

J: E tu consegue visualizar os motivos desse encantamento? Será que a gente pode chegar nisso?

L: Eu acho que depende de qual contexto a pessoa chega lá na horta... Falando em mim com esse primeiro encantamento... Eu digo que foi com o tamanho daquele espaço, aquela, diversidade das plantas ali... Porque eu como uma pessoa que gosta de botânica, eu comecei a pensar “nossa, tem muita coisa aqui!”. E também essa questão - mas daí falando para mim né Lilian - tu olha para aquele espaço e já vê que não é uma agricultura tradicional né?! Tanto pela questão da riqueza, das plantas, como do sistema que se pretende enquanto agroecológico... A gente vê isso enfaticamente assim... Tu faz uma fotografia daquele espaço e tu vê que não é convencional. Então isso é uma das coisas que chamou minha atenção! E agora assim vou desenrolar desse primeiro encantamento também assim o fato de ser comunitário... Me chamou muita atenção!

Porque eu tinha ido em poucos espaços que de fato funcionavam mesmo com todos os desafios... E a horta enquanto comunitária, ela funciona, na minha opinião, muito bem! E acho incrível isso! Depois que eu fui trabalhando lá, como estagiária e como voluntária é que eu fui perceber isso... O quanto isso realmente me chamava atenção... Eu lembro que cada dia que eu saia da horta era um aprendizado novo, que eu tinha que ficar digerindo sabe... Eu ia para casa assim com uma sensação de muito preenchimento! E muita coisa para realmente pensar e digerir. Porque são muitas dinâmicas ao mesmo tempo, e eu acho que para quem chega na Horta e permanece isso chama atenção... Porque a gente vai pra lá e a gente ah faz as coisas juntas, faz a horta juntas... Mas esse lado que é do comunitário, que é das próprias trocas né? De estar sempre conversando com alguém... Falando, mas muito mais escutando! Para mim foi assim... Isso eu acho que atrai... É um espaço que atrai, acolhe, acolhe tanto as pessoas de fora da Lomba, mas muito mais quem é de dentro. E isso é uma coisa que me chamou muito a atenção quando eu estava lá... Que aquele espaço é um espaço de amparo, não é só uma Horta sabe? Claro que se fosse só uma horta, digamos assim convencional, já seria muito para a comunidade... Mas era muito mais que isso, muito mais! Nossa, eu perdi a conta de quantas pessoas eu vi chegarem lá com problemas... E sempre tinha alguém que podia, não resolver imediatamente aquele problema porque às vezes eram problemas muito complexos, mas sempre tinha alguém para tentar pelo menos acolher aquela pessoa... Dar um abraço naquela pessoa. E é impossível, é impossível quando tu está lá não se deparar com essa realidade e não se apavorar positivamente. Porque foge muito sabe? Acho que a Horta é um ponto fora da curva... Dentro dessa lógica, dentro desse espaço urbano... É um ponto fora da curva, dentro, não só da lógica do espaço urbano mas das relações mesmo. Dessas relações que são rápidas, que são conflituosas muitas vezes... Baseadas na pressa, no imediatismo... Na horta não, na horta as coisas acontecem no tempo que tem que acontecer... E isso me encantou muito assim. É muita coisa, nossa... É difícil pôr em palavras de modo objetivo tudo que a gente aprende na horta...

J: Janaína, gostaria que tu descrevesse um pouco como eram os teus dias lá...

L: Então, tinha dias que eu ia de manhã e tinha dias que eu ia de tarde. Conforme o que dava em função de que eu ainda estava fazendo algumas disciplinas. E também por que eu não abandonei, não pude abandonar o meu estágio no Jardim Botânico porque se eu abandonasse lá eu não ia conseguir entrar no mestrado. Eu precisava melhorar o meu currículo... Então assim nesse

período de estágio foi um furacão mas quando eu ia de manhã eu convivía com a Mirtes, principalmente, com o Chico, e com a Camila às vezes, e de tarde eu ficava com o Fabrício, que era supervisor do meu estágio... Falando mais assim das lideranças da horta... Quando eu cheguei lá eu coloquei assim, tipo uma restrição para o meu trabalho... Eu não podia capinar porque eu tenho problema na coluna e se eu fizesse isso eu ia acabar com a minha coluna. Tanto pela falta de prática, quanto pelo peso que é ficar capinando os canteiros. Daí assim no início eu meio que me culpei um pouco assim... Porque eu estou chegando em um espaço e já não vou fazer um trabalho que é assim o mais necessário, sabe?! Que é capinar... Mas depois eu fui entender assim que não, que eu estava oferecendo o que eu podia de melhor... E eu gostava muito do espaço que é do viveiro das mudas. Daí eu perguntei para o Fabrício um dia que a gente estava lá de tarde se eu podia começar a me dedicar mais para as mudas... E ele disse que sim e que inclusive as mudas estavam precisando de alguém que ficasse mais tempo lá. Então desde esse momento eu tentava, sempre que possível, chegar lá e já ir direto para o cuidado com as mudas... Mas claro que muitas vezes não dava, tinha outras coisas mais urgentes. Então eu sempre chegava quando eu ia de manhã e perguntava para a Mirtes: “Mirtes, o que tem que eu possa ajudar? Que eu possa contribuir?” Daí ela sempre me orientava: “Ah tal coisa... Faz tal coisa!”. Colher alguma planta com o pessoal... “Vai regar!” Enfim, quando estava muito quente, era praticamente sempre isso... Regar os canteiros e plantas. Então eu chegava lá e a Mirtes já estava há muito tempo antes de mim né... Porque eu comecei a chegar um pouquinho mais tarde também... Antes eu tinha mania de chegar muito cedo... E às vezes não tinha ninguém ainda, e aí tu mesma foi uma das pessoas que me disse assim de sugerir: “Chega só um pouquinho mais tarde...”. Então a minha rotina de trabalho era essa. Supria as demandas que a Mirtes de manhã principalmente me trazia e quando não tinha essas demandas fora do viveiro de mudas, eu ficava no viveiro de mudas... E de tarde era basicamente no viveiro de mudas, porque de tarde como eu estava com o Fabrício, o Fabrício tinha assim reconhecido essa necessidade junto comigo e ele era o meu supervisor de estágio... Então, quase sempre eu ficava no viveiro de mudas... E daí depois de um tempo quando tinha visitas escolares, eu ajudava ele a conduzir as visitas. Isso foi muito legal também porque no início eu ficava morrendo de medo... Mesmo já tendo trabalhado com jovem, com criança, com educação... Era um espaço muito novo então eu ficava com medo assim de errar alguma coisa. De falar alguma coisa que não era bem o que eu tinha que falar da história da Horta... Ou de mostrar um chá errado. Eu lembro assim que eu não conhecia muito... Gosto muito de planta,

gosto muito de tudo que envolva esse universo, mas é muita coisa... Então quando tinha que falar alguma coisa às vezes o Fabrício me socorria assim... E foi um grande aprendizado assim... E lidar com as crianças, a maioria das visitas que eu ajudei ele foram de turminhas mais pequenininhas assim. De crianças mesmo, bem jovens... E foi muito legal! Então isso foi outra rotina, outra dinâmica que eu participei dentro da horta mais para o final assim do estágio... Mas tipo, no início o Fabrício não solicitou tanto isso como solicitou depois... Porque eu estava me aproximando enfim, conhecendo um pouco mais... Eu interpreto assim. Não sei se é isso aí mesmo... Eu vejo que foi um pouco depois, um pouco do meio para adiante que ele começou a solicitar isso assim para mim... Deixa eu ver o que mais? Que eu quero falar... Ah! Do trabalho eu vejo que era isso assim... Eu ficava bem mais com o viveiro e com as crianças quando tinha visita, mas tinha toda as outras rotinas e dentro das rotinas tinha aspectos que eu não sei se tu vai perguntar para mim ou se eu já posso falar...

L: Fica livre para ir falando...

J: Não é que eu considero assim como algo que pode ser pensado a parte, mas tem a coisa das trocas sabe? Porque quando eu estava lá sempre tinha alguém, além da Mirtes, além do Chico e da Camila, e de tarde além do Fabrício... Isso era muito legal! Eu gostava muito de conviver com as pessoas, mesmo sendo às vezes mais quieta. E isso foi uma coisa que eu aprendi na Horta assim. Eu sou muito falante! E na Horta eu não era tão falante. Eu preferia ficar na minha, ficar quietinha, ficar observando sabe? E percebendo ali... É incrível assim porque sempre tinha uma troca muito legal. Eu conheci história das pessoas... Pude, escutar as pessoas de um jeito que eu não tinha feito antes. E eu já tinha vivido em grupos tão legais quanto a Horta... Mas esse tipo de troca eu não tinha tido assim... E ainda mais com pessoas muito mais velhas. Então isso foi um desafio e uma coisa assim que me fez aprender muito! Então eu considero isso assim um elemento a parte do modo como eu vivi a Horta... Porque é algo que me chamou muito a atenção. Essa vivência com as pessoas e com, principalmente, com as pessoas mais velhas... Com os idosos que vão lá. Então as vezes eu tava lá no viveiro e chegava alguém e era aquilo... A gente fazia as mudinhas sempre trocando, sempre conversando e contando da vida e contando dos projetos... Os idosos da Horta são muito cheios de vida, e eles tem muitos projetos, muitas coisas legais que eles fazem... E era muito animador assim... Aprendi muito com essas histórias, nossa, muito mesmo.

L: Janaína, me fala um pouco mais dessas rotinas que tu fazias... As mudas, receber as pessoas, as crianças nas turmas... E até mesmo das relações ... Como tu aprendestes a fazer isso tudo? Tu já tinha cuidado de um viveiro de mudas? Tu já recebia pessoas? Como tu aprendeu a fazer essas coisas?

J: Sabe Lilian eu fiz parte de um grupo de jovens da igreja católica, o CLJ, o ONDA que é para os mais jovens... Eu fiquei mais no CLJ porque eu já tinha um pouco mais de consciência, do que estava acontecendo. Dos 14 aos 21 anos... E eu aprendi bastante lá, eu acho, o meu modo de, de querer estar com as pessoas, de querer estar em grupo, assim em comunidade sabe? Através do CLJ veio isso e acho que isso talvez do meu encantamento pela Horta tem a ver com essa referência de relações que eu construí no CLJ. Não digo na igreja como um todo, porque realmente a minha participação dentro da igreja estava mais focada no CLJ... Mas a própria horta tinha um elemento bastante forte também relacionado com a espiritualidade das pessoas. Tinha muito presente isso também, então eu me senti um pouco mais à vontade para estar naquelas relações, talvez inconscientemente isso aconteceu... *(Janaína muda o olhar, arregalando mais os olhos como se ao me contar tivesse tido um insight... Faz uma breve pausa e continua.)* Estou analisando até agora assim... Inconscientemente em função dessas referências que eu já tinha né? Eu acho que muito do que eu aprendi de como eu lidava com as pessoas, de como eu recebia as pessoas era em função dessa experiência que eu já tinha tido assim quando era mais nova na igreja. Mas por outro lado eu também acho que muito mais ainda eu aprendi lá mesmo na Horta no dia a dia... Não só que eu já tenha levado para a Horta algo que eu sabia sabe? Porque realmente é muito único o lugar... Eu não esperava assim e mesmo tendo esse encantamento pela parte das relações, eu achava no início que eu ia chegar e ok... Eu tinha noção de que era uma Horta Comunitária e tudo mais, mas é muito intenso sabe Lilian? Que nem muitas vezes se conversava lá... É uma intensidade das relações assim, que vira uma rede e então não tem como... A impressão que eu tinha era que quando eu estava lá o meu trabalho não ia ser... A minha contribuição na Horta não ia ser a mesma, não ia ser suficientemente boa entre aspas se eu não participasse desses processos, das relações... Porque eles fazem parte, na minha opinião, do trabalho da Horta. Eles são intrínsecos na horta, da organização ao funcionamento. E a própria, assim, vida da Horta... A Horta não seria a mesma, na minha opinião, sem essas relações... Então eu acho que eu aprendi muito lá mesmo... Aprendi ensinando, e sabe, aprendi fazendo... Aprendi estando com as pessoas...Essa questão da escuta também... Eu realmente, eu sempre tive

dificuldade de escutar, de parar e escutar as pessoas. E eu lá aprendi a fazer isso mais, com muita dificuldade, mas com certeza, na Horta eu aprendi mais assim... Principalmente com as pessoas idosas, sem dúvida. Então, é isso assim, muita coisa veio de antes, mas muita coisa eu aprendi lá também.

L: E as outras dinâmicas? Como tu aprendestes?

J: Eu sempre tive gosto mas eu não fazia muito... Então também, a Horta foi um aprendizado, neste quesito assim... Eu aprendi a fazer muda lá... Não que eu não soubesse nada assim... Mas as pessoas vinham e “ah, faz desse jeito...” E eu fazia daquele jeito por que aquelas pessoas já estavam lá há muito mais tempo na Horta, já conheciam como aquelas plantas ali se comportavam... Então nesse sentido assim, eu até sabia fazer aqueles trabalhos que estavam ali, mas talvez de um jeito diferente. Então as minhas referências para as coisas que eu fazia eram com meu vô e minha mãe que gostam muito de jardinagem na realidade... Meu vô até tinha uma horta no centro, agora ele não tem mais, destruíram o terreno que ele fazia a Horta, mas enfim...Mas também na UFRGS assim a gente convivia com o pessoal do Viveiros Comunitários que tem atrás...Não sei se tu já foi ali na Biologia? (Eu aceno com a cabeça que sim...) Então alguma coisa assim, da parte da rega, de fazer mudas, algumas poucas coisas assim eu aprendi ali... Mas o básico. E com o meu vô e com minha mãe... Mas o resto foi na Horta, com as pessoas de lá. Com essas relações, com essas trocas. Era mais com essa curiosidade de aprender algo novo, e de contribuir. E o que chama chama a atenção na Horta também é que é um espaço que te acolhe, com o que tu sabe e com o que tu não sabe... Então eu fui para lá assim sabe, e eu acho que isso também foi muito importante porque eu me sentia livre naquele espaço sabe? Livre no sentido de...Disso assim... Eu sempre fui muito rígida, e ainda tenho vários resquícios disso em mim sabe? Então na Horta, foi mais... “Ok, sabe?! Relaxa Janaína, faz o que tu pode agora...”. E o Fabrício tinha muito disso: “Ah, tudo bem... Tá ótimo!” E se não está ótimo também tudo bem...Tu não precisa ser perfeita. Então, são esses também os aprendizados.... Foram assim sabe?! Eu não aprendi nada de forma agressiva na Horta, eu fui aprendendo conforme as dinâmicas iam acontecendo, conforme as pessoas iam chegando, e cada uma ensinava de um jeito e cada uma sabia de um jeito. Algumas nem sabiam que estavam ensinando, mas estavam super ensinando... Então foi assim para mim, foi bem fluido e ia indo assim.

L: Me explica melhor sobre isso que tu falou... De não saber que estão ensinando... Como assim?

J: Eu acho que tem a ver com essa complexidade de tudo que acontece na Horta. De romper! A horta rompe com essa lógica de hierarquia e hierarquização do conhecimento. Então uma pessoa que chegava lá e não tinha, não tinha doutorado, não tinha mestrado, não tinha graduação sabe... Ela sabia tanto, e sabe tanto quanto essas. Nesse sentido que eu digo...E principalmente em relação a essa convivência com as pessoas mais idosas... Elas muitas vezes falavam: “ah não mas eu nem sei das coisas...” A Mirtes mesmo falava: “ah tu que está estudando isso, tu que está lá na graduação...” Mas não, eu não sei disso sabe? “Tu que me ensina...Eu é que aprendo contigo”. Então nesse sentido assim... É tanta coisa que as pessoas sabem naquele espaço, que talvez em outros espaços não seja valorizado. E quando elas chegam lá e ensinam essas coisas, elas não sabem que ensinam... Então a gente precisa dizer às vezes “ Bah, obrigado por ter me mostrado essas coisas hoje porque eu não sabia...”. Para essas pessoas se darem conta de que elas estão de fato ensinando os outros... É nesse sentido assim. Porque tudo que tu colocar a disposição daquele espaço na Horta, vai ser aproveitado por alguém... Seja porque tu conscientemente faz isso, porque tu quer, e porque tu acha que é bom, ou porque tu chega lá de mal humor, sei lá, e aquilo vai entrar na dinâmica da Horta e vai de algum modo contribuir... Pode não ser na hora, pode ser horroroso na hora, mas em algum momento aquilo lá vai ensinar alguém! Então, sempre, essa é a minha hipótese... Sempre que alguém vai na horta alguém está ensinando e alguém está aprendendo...

L: Janaína, eu me lembro de algumas situações particulares tendo convivido contigo nesse espaço da Horta...Uma delas quando houve uma caminhada próximo ao Arroio Taquara. E a outra situação que eu queria trazer era de quando tu mediou uma oficina... Eu gostaria que tu me contasse um pouco sobre essas experiências. *(Trago esta experiência para a conversa pois ao acompanhar Janaína em uma caminhada até o Arroio em 2019 junto à outros visitantes da Horta a percebi muita impactada.)*

J: A gente foi várias vezes no Arroio, e para te ser sincera o Arroio nunca foi uma coisa que me chamou muita atenção... Óbvio que eu reconhecia a importância de se trabalhar com aquilo ali, mas como eu gosto muito de planta... O que mais me chamava atenção era o que ficava dentro do cercadinho sabe? Aquilo lá era então a minha paixão... Mas eu ficava muito apavorada, talvez eu acho que um pouco disso também... Parece que quando a gente saía do cercadinho ali da Horta, e ia para o Arroio, era como se eu caísse na real! E tinha coisas naquele espaço que eram os

desafios de fato, entende? Então o Arroio ele, quando eu me dava conta de refletir sobre o Arroio, eu me dava conta da complexidade daquele espaço... Do quanto ele representava para a comunidade da Lomba, e o quanto tinha de desafios ainda ali. Então talvez eu penso que seja até um pouco de resistência da minha parte, assim, que eu analiso agora né?! Eu lembro assim que me impactavam muito assim as histórias que a Mirtes contava da época em que tinha uma outra menina que saiu do estágio porque teve ocorrências ali perto daquele Arroio... E a própria poluição naquele entorno me apavorava muito. Eu achava que o fundamental mesmo assim, que a coisa que mais me impactava era que toda vez que alguém visitava a Horta, além da gente mostrar a Horta, a gente tinha que ir no Arroio porque sem o arroio, sem água não tem horta... Por mais que eu te diga que o que eu gostava era de estar ali dentro, eu tenho completa consciência de que aquilo ali é essencial. Que não tinha como fazer um trabalho de mostrar a importância da Horta, sem falar sobre o que estava acontecendo com o Arroio, então quando eu fui a primeira vez na Horta foi assim... E todas as outras vezes que alguém foi lá e eu estava lá, sempre a gente ia no Arroio... Mas eu me apavorava muito assim. Era uma coisa que, até eu não tenho tantas memórias assim pra te retornar agora porque até acho que é por isso sabe? Eu não guardei especialmente quanto as outras coisas que eu vivi... E teve outras coisas que também foram desafios para mim e eu guardei mais sei lá, não sei explicar, e, deixa eu ver, e o que mais que tu perguntou, sobre a oficina...

L: Como foi essa experiência?

J: A oficina foi pensada durante muito tempo... Eu e a Bia, álias, isso é uma coisa importante Lilian, deixa eu te falar... Para falar da oficina eu preciso falar disso. Que eu comecei a falar para as pessoas sobre a Horta quando eu ia para a aula, quando eu ia para o Jardim Botânico, quando eu ia para todos os lugares eu falava da Horta. E numa dessas eu falei, nem sei se foi pessoalmente ou se foi pelo Instagram, ou se foi por algum outro lugar... E uma colega minha que é a Bia, que é uma colega minha que agora está no Japão, ela viu e veio falar comigo... Mas assim, a gente nunca foi próximas... A gente era colega da Biologia só. E a gente não se falava muito assim... Na verdade a gente só se dava oi. Daí ela disse “eu quero ir para a Horta!”. E aí ela começou a ir para a Horta, aí ela morava na Ipiranga, muito perto da minha casa... Aí a gente se encontrava em uma parada, que era meio do caminho das duas, e pegava o ônibus e ia toda terça de manhã para a Horta. Então a oficina ela foi pensada junto com a Bia, desde o início... Tipo, eu

só aceitei, digamos assim, o desafio de fazer a oficina porque ela foi minha parceira e eu fui parceira dela nesse processo sabe? Porque eu considerava um grande desafio, eu pensava: “Como que eu vou fazer uma oficina na Horta?”, “Como que a gente vai colher as plantas e prensar plantas e a gente não tem material?” “A gente não tem material!”. Então tudo na minha cabeça era desafio, eu super pessimista parece...Mas não é, era realmente uma coisa que precisava ser muito bem pensada, e essa questão de que eu sabia no início que eu disse assim: “Bia, se a gente fizer uma oficina o pessoal vai gostar muito sabe! Eu quero muito levar essa ideia adiante...” Então, dito e feito. Eu queria muito que continuasse essa ideia de fazer o catálogo das plantas que era uma ideia que já existia antes de eu estar na Horta. E a oficina marcou isso... Eu nunca tinha estado no lugar de ensinar algo que fosse em um espaço comunitário, tipo em uma horta! Quando eu estava no CLJ isso não ocorria porque eu fazia parte desde pequena mas o propósito era completamente diferente...Então é muito diferente...Foi assim uma grande novidade para mim e eu fiquei muito feliz. Quando eu lembro assim de quando a gente começou a falar, às vezes a Ana chegava assim e falava: “ah, vamos falar um pouco mais devagar e não sei o que...” Sempre pra gente conseguir chegar em todo mundo sabe? Que era muita novidade... Mas quando eu vi as pessoas montando as exsicatas e colocando... E mostrando como tinham feito, e mostrando orgulhosas... Eu pensava: “Gente, que coisa linda!” É isso assim... Então mesmo hoje esse fruto mais ambicioso, digamos assim, dessa oficina que era fazer um catálogo que esteja em andamento... Eu não sei como está na realidade e várias coisas deveriam ser feitas para retornar isso...Mas mesmo assim, eu acho que aquela oficina já contribuiu muito assim para várias coisas, tanto para unir mais as pessoas, sempre é bom né uma oficina que una as pessoas em torno dos propósitos da Horta... E também foi bom para eu ver que sim, eu estava ali para contribuir também sabe? Porque como eu te disse sabe... Eu assumi esse papel às vezes de não saber que eu estava ensinando também na horta. Quando a gente vai pra lá a gente percebe que a gente recebe muito, e como pessoa de fora eu sabia que quem recebia ou que deveria receber mais era quem era da Lomba, porque aquele espaço era para aquelas pessoas...Mas inevitavelmente a gente recebe mais, e não pode, a gente também esquece que a gente também tá lá ensinando, como eu te falei que as pessoas mais velhas esqueciam, eu também muitas vezes esqueci disso. Então essa oficina foi importante para me mostrar que sim, eu estava contribuindo para aquele espaço e que isso é legítimo... Legítimo e necessário. Então foi muito importante para mim enquanto pessoa tipo de restaurar assim essa paixão de, proporcionar um processo de ensino-aprendizagem que

seja proveitoso, que seja alegre, que seja possível para aquele espaço. Eu fiquei muito orgulhosa depois assim, eu queria até ter feito alguma avaliação assim falada, para ver o que o pessoal tinha achado, mas no fim foi lá no mesmo dia e o pessoal disse que gostou enfim...

L: Janaína, eu lembro que quando eu fui te assistir apresentando teu relatório de estágio tu falavas sobre como foi chegar à Horta, a este território... Me conta como foi.

J: A segurança foi uma coisa que pesou negativamente na tomada de decisão sobre o estágio... Porque por mais que a gente saiba que exista violência em todo lugar, o jeito como minha família encarou, por exemplo, foi difícil. Porque eu sempre fui essa pessoa mais, por mais que eu fosse bastante independente, acredito eu, sempre teve essa questão do cuidado... Por ser uma menina, por ser uma mulher e por estar em um espaço em que eu não estava acostumada. E por todo um contexto que se divulga sobre a Lomba do Pinheiro, e que a gente sabe que a Horta não está livre, nem um pouco livre disso... E eu sempre fui muito transparente assim, comigo mesma e com a minha família, de dizer os riscos que tem na região, porque eu acho que para a gente encarar bem as coisas a gente precisa estar ciente dos riscos que algo tem né? Então no início, foi uma coisa que pesou... Não tem, não posso negar isso porque sim eu tinha medo. Quando uma vez eu me deparei com o fato de que eu tinha chegado lá e vi que não tinha ninguém na horta, eu fiquei com medo... Eu me enfiei ali onde tem aqueles banquinhos, à direita de quem está chegando na entrada da horta... Nossa, eu me escondi naquele lugar até chegar alguém. Porque não tinha como saber, tinha os caras lá em cima da obra, que eu não conhecia direito, eu tinha recém chegado... E ah, naquele espaço não tinha ninguém, só que sempre pode ter alguém escondido no mato como em qualquer lugar nesse planeta... E era tipo assim, era um medo que eu tinha, então pesou... Mas nunca me desanimou assim, sabe? Nunca me desanimou mesmo assim... Até teve um dia que eu estava lá com o Fabrício de tarde e a gente ouviu uns tiros, lá na volta... Não muito perto, mas na volta... E a gente pegou as coisas e saiu. Eu estava assustada, óbvio, eu não estava acostumada com isso. Eu nunca vivi em algum lugar que tenha esse tipo de conflito... Mas por outro lado foi sim um aprendizado que eu tive, eu aprendi com certeza a valorizar a minha vida a valorizar os espaços que eu estou. Bah, chega a me emocionar isso... (*Janaína fica nitidamente emocionada, seus olhos enchem de água e sua voz fica embargada.*) Valorizar sabe?! O espaço que eu moro assim... As coisas que tu tem... Porque aquele pessoal que chega lá na Horta, eles vivem esse tipo de conflito o dia todo, sabe? O dia todo, todos os dias, e, seja onde eles moram, seja na própria

Horta, ou com pessoas que eles conheçam... Então assim, a Horta é a vida assim sabe, o que acontece dentro da Horta acontece na Lomba do Pinheiro, então por isso que eu não desanimei sabe? Porque eu precisa sair também da minha bolha, eu tinha muito isso... A Horta me mostrava todos os dias que eu vivia numa bolha sabe. Por mais que eu fosse muito consciente, de várias coisas que eu sei que já tinham mudado... A minha visão política, a minha visão econômica, a visão social... Ela engloba essa compreensão, mas é que tu não vai entender completamente se tu não vive um espaço desse sabe? Então, acho que mais do que segurança sabe? É, é difícil para mim falar disso sabe? Porque eu queria que a Horta fosse um lugar mais seguro, para que mais pessoas fossem lá, pessoas da própria Lomba mas também de fora... Pra levar essa ideia sabe? E eu sei que isso é um problema, e eu sei que isso afasta as pessoas... E enfim assim... Teve uma vez em que o Dani (companheiro de Janaína) precisou me buscar lá, eu não sei o que aconteceu mas eu tinha que levar alguma coisa para casa, ou não me lembro... E ele ficou apavorado assim sabe... Porque de fato é um lugar que... Tu chega lá e, foi um encantamento para mim, mas se tu chega sozinho naquele lugar... Se tu está com poucas pessoas, se está só com mulheres... Tu vai ter medo! A gente fica lá forte né?! O Fabrício estava lá forte, mas sim a gente tinha medo... O Fabrício tinha muito medo também. Dava para ver sabe? Que ele tinha medo... A Mirtes também tinha medo, ela era muito forte, ela mostrava para as pessoas que a gente precisava defender aquele lugar! Mas medo era uma coisa que sim existia, sabe? E ele era evidente... E enfim eu acho isso assim... Não sei te dizer sobre isso sabe? É algo que ficou como um aprendizado e nunca vai acabar sabe? *(Ela de novo embarga a voz e eu opto por falar um pouco...)*

L: Interessante Janaína que tu trouxe esse tópico, também compartilho um pouco desse sentimento... De às vezes ter sentido medo enquanto mulher... A gente chegava de modo muito parecido... A gente descia lá pela trilha a pé, grande parte das vezes sozinhas... E as vivências de ir me parecem diferentes... Tem gente que vem de longe, mas vem de carro, em um grande grupo... E tendo vivido esse campo com um maior tempo também tive a experiência de lidar com o medo.

J: E é essa coisa né Lilian de ser de fora... Era uma coisa que eu pensava saber, porque por mais que a Lomba seja gigante as pessoas se conhecem ali naquele entorno sabe? E eu ficava pensando: “Até que ponto a minha presença ali, entre aspas, de pessoa estrangeira a esse lugar não chama ainda mais atenção sabe?” E não só pela questão de assalto e tudo isso... Mas de sei lá,

da possibilidade de ser abusada. Enfim, qualquer coisa assim sabe? Eu nunca ficava pensando muito nisso, mas o fato de estar entrando em um espaço e aquele espaço não ser reconhecido como, talvez, um espaço que eu possa estar entende? Por eu não ser dali... Então acho que só isso já é um motivo assim para tu pensar essa coisa da segurança. Não exatamente que vá acontecer alguma coisa contigo sabe?! Mas que essa rede vai se configurando e ela atinge pessoas que estão fora, que são dali também ao mesmo tempo mas de modos diferentes. Bem complexo isso... *(Faz pausa como se tivesse concluído.)*

[...]

L: E Janaína, o que fica deste estágio pra ti assim? O que ficou desse estágio para tua vida?

J: Nossa, aí eu vou chorar de novo... Ah, nossa Lilian... Ficaram muitas coisas! Eu acho que eu vou falar como eu lembro tá? Não que uma seja mais importante que a outra, mas a primeira dela é essa questão da rigidez que eu tinha, tenho muito ainda, mas eu tinha muito mais assim, na questão pessoal... Eu aprendi a amar mais eu mesma. E aquilo que eu tenho para oferecer e aquilo que eu tenho para receber. E tudo bem que eu não sou perfeita, eu aprendi muito isso na Horta sabe? Seja pelo que as pessoas falavam para mim diretamente, sabe? Quanto no espaço assim sabe? Porque eu acho assim que essa questão do comunitário sempre mostra isso para a gente neh? Que a gente é muito melhor conjuntamente e que se a gente não for melhor, tudo bem... A gente dá sempre o nosso melhor, mas a gente não é perfeito, e isso me impactou muito. E eu acho que foi um aprendizado que me impactou tanto em relação a Horta, porque eu, porque a Horta é assim, sabe Lilian? Tipo, a Horta, ela não é perfeita... Ela tem muitos desafios, mas mesmo assim ela é incrível sabe? Então eu trouxe muito isso para a minha vida sabe? Esse modo de como eu sou, das minhas relações, para tudo que é possível sabe? É possível ser feliz, é possível aprender coisas mesmo quando as coisas não são perfeitas ao nosso redor. Para mim o exemplo master disso, de uma situação, claro em rede, de muitas facetas, muitas pessoas envolvidas é a Horta... Então isso é um aprendizado importante para mim e o próprio trabalho em comunidade sabe? Por mais que eu tenha vivido como eu vivi o trabalho no CLJ, é diferente... As pessoas lá eram mais homogêneas no modo de ver e pensar e isso na Horta não acontece. Tem realidades diferentes, seja do ponto de vista de lidar com a Horta, em si, de lidar com as plantas, de lidar com a terra... Então eu aprendi muito com isso, até uma das situações que para mim ficou marcante foi a questão...Ai, me esqueci o nome daquele senhorzinho de cabelos brancos...

L: Seu Tomé?

J: É, seu Tomé... Sou péssima com nomes, isso é uma coisa que eu preciso melhorar, mas enfim... O Sr. Tomé tinha uma visão bastante fechada tanto em função dos modos dele ser, tanto pela idade... Enfim, sobre o que era fazer agricultura... O que era fazer uma Horta... Como tem que cuidar do solo... Como tem que adubar a planta... Tudo era do jeito dele, e ele queria que eu fizesse do jeito dele... E eu aprendi que por mais que fosse muito difícil, que estava tudo bem... Talvez a gente não consiga fazer o seu Tomé entender que na Horta não é assim... Mas só o fato de ele estar ali já era algo importante para mim, para as pessoas e para ele. Então essas várias ideias me fizeram aprender muito sabe? A gente precisa aprender a conviver... Eu preciso aprender a conviver com a multiplicidade de ideias! E a Horta proporciona espaços para que essas ideias possam conviver juntas, sem que nenhuma delas desapareça... Outra questão que para mim foi relevante foi o de estar na horta nesse processo que a gente viveu de eleição, que foi completamente traumático para todo mundo... E na própria horta tinha pessoas que tinham pensamentos políticos completamente diferentes, e, isso não fez com que a horta deixasse de funcionar, não fez com que eu, por mais que eu tinha vontade de esganar umas pessoas sabe? Tipo “como é que essas pessoas pensam desse jeito?”... Parece que quando eu estava na horta, e isso é muito louco, eu esquecia... Eu esquecia que essas pessoas pensavam desse outro modo sabe? Porque outros tipos de sentimentos e de parcerias preponderavam ali, e que eram mais importantes para o fazer da horta naquele momento, para a vida da horta, do que pautar sobre a questão política e partidária... E teve até situações assim em que eu tentei fazer uma conversa assim sabe? E fui tipo podada sabe... E fiquei chateada... E ah, não porque eu fui podada, mas era porque não era um espaço para ninguém ser podado sabe? Naquela lógica de que na Horta a gente sempre levava essas discussões numa boa assim... E aí quando eu senti isso eu pensei “tá ok!”... Não dá para conversar sobre isso, ok, não vamos conversar sobre isso porque conversar sobre isso não é o mais relevante aqui nesse momento pelo que me mostram... Então isso assim foi um grande aprendizado para mim, eu saí da horta, ah, muito feliz sabe? Eu digo que saí porque de fato eu saí... Não queria, tanto que eu falei para o Fabrício que eu vou retornar... Que eu quero continuar sendo voluntária, mas daí a vida deu uma reviravolta e tal... Então esse aprendizados assim foram muito fortes para mim... E a outra coisa que foi extremamente importante foi a questão desses saberes não convencionais sobre agricultura, não é tradicionais, eu não gosto de dizer que são tradicionais... Por exemplo a Mirtes ela veio do campo, o Chico

também, então tem um pouco do saber tradicional ali, mas acho não convencional no sentido dessa coisa maníaca que a agricultura no Brasil, virou...O agronegócio, enfim. Óbvio que é difícil de explicar isso no contexto da Horta mas enfim, a horta coloca em prática esses saberes tradicionais não tradicionais, que não são convencionais... Como a agroecologia e outras possibilidades de cuidar das plantas, de viver com as plantas em harmonia... E isso foi muito bonito de perceber porque eu sempre fui uma pessoa que viveu dentro da escola e dentro da academia... A minha trajetória de vida é pautada por estudar, por estar nos livros por estar lendo um artigo... Eu gosto muito disso só que ao mesmo tempo que eu gosto eu também sinto falta dessa coisa mais material, dessa coisa prática, dessa coisa concreta, desse saber que sai do livro... E às vezes não, não sai do livro... Sai das vivências das pessoas, das cabeças das pessoas... É o que eu vejo acontecendo ali. A Horta é isso sabe? A Horta tem muito, muito saber acumulado... Eu acho incrível isso: a quantidade de saberes que tem naquele lugar... Então foi outro tipo de estudo e de aprendizado que eu tive na Horta, diferente do que eu estava acostumada... Para mim, sentar e escutar a Mirtes falando sobre como fazer as plantas darem certo, sobre como plantar uma roseira em uma batata para fazer ela enraizar mais rápido... Sabe? Então são coisas que... Vai estar lá dentro de um livro que tu planta uma roseira em uma batata? Não vai estar dentro! Só lá com a Mirtes para te ensinar isso... Só alguém que tem esse conhecimento da prática, está nela esse saber, no corpo dela, ela transborda esse conhecimento... Então a Horta proporciona isso assim... Se eu não tivesse ido para lá eu jamais iria ter essa vivência que eu tive... Foi uma coisa muito única assim.

L: Janaína, me conta desse episódio da batata e da roseira...

J: Ah, a gente tava fazendo muda... Cortando vários pedaços da roseira... Por que tem as roseiras na Horta né? Aí ela veio para nós no viveiro e falou que dava para colocar um pedaço do galinho dela assim e cortar na diagonal e colocar na batata... Eu não me lembro qual era a batata que ela usou naquele dia... Mas era uma batata! E eu aprendi isso assim... Que a roseira enraíza... Ela disse assim “vai enraizar mais rápido”! Daí coloca a batata na terra ao invés de colocar só o galinho de rosa, da roseira no saquinho da muda ou na caixinha de leite sabe?! A gente colocou a rosa ali com a batatinha e deu... Deve ser porque ali tem mais nutrientes e tal daí por isso ela enraíza mais fácil... Bah mas isso me marcou sabe?! Porque é um troço super simples que deve dar para fazer com várias plantas na realidade, não só com a roseira... Mas isso foi um lance

muito legal! Esse tipo de coisa que se tu tá na academia, se tu tá só na academia, só na sala quadrada, tu não vai ter contato... Então a gente precisa abrir os olhos para o mundo que está ao nosso redor... Porque assim, a academia acha às vezes que se basta, que vai resolver os problemas do mundo... E tipo, às vezes a academia está lá, super achando que está arrasando sabe? Super fazendo as suas pesquisas e meu... A comunidade está anos luz na frente, sabe? Já está tipo, fazendo altas coisas para resolver os problemas locais, e às vezes ainda arrisca, por ter essas super ideias e ser ocupada pela academia. É claro que várias coisas foram feitas por projetos que a academia pretendeu levar a adiante... Projetos de extensão num lugar como a horta faz diferença e tal... Mas é muito difícil tu ter toda essa questão do protagonismo sabe? Continuar esse protagonismo das lideranças da própria comunidade, e, esse bater pé, pela defesa, de uma ideia... É possível nesses espaços sabe? É possível porque eles vão se configurando assim, e isso foi o que eu aprendi também... A Horta não é porque alguém foi lá e disse... Não foi alguém lá da academia e fez a frente... Não foi um professor que foi e disse: “façam assim!”. Não! Eles se reuniram e, para decidir, isso achei também muito incrível... Quando a Mirtes e o Fabrício disseram que eles tiveram a oferta de financiamento, não sei se é financiamento, mas apoio de empresas para tocar aquele projeto adiante e eles negaram... Nossa! Tem gente que deve olhar para isso e talvez pensar nesse momento enquanto eles negaram: “que gente louca!”, “porque que eles fizeram isso?”, “imagina se tivesse dinheiro o quanto de coisas que poderia ser feita na horta!”... Sim! E o quanto de coisa se perderia... Porque tu ia perder a autonomia, tu ia perder a capacidade de resolver coletivamente os conflitos como é o melhor para aquela comunidade. Então isso foi outro aprendizado assim... As relações dessa coletividade, esse viver em comunidade... Ele é prioridade na Horta! E enquanto for prioridade vai ser prioridade... E isso fala muito profundo assim para mim. Eu tenho dificuldade até de traduzir em palavras assim sabe? De tão diferente que é para mim das coisas... A gente vê assim projetos maravilhosos, super necessitados de grana e que acabam perdendo necessariamente seus ideais, por causa disso.... E na Horta, por mais que tenham todos esses desafios, continuam tendo a sua identidade, lutando por isso sabe? Se tem uma clareza dos objetivos pelos quais ela existe através das suas lideranças: da Mirtes, do Fabrício, da Camila... Enfim, isso tá muito nítido. Eles sabem ao longo de todo esse tempo o porquê eles estão lá. Pode ser que, digamos assim, os microprojetos dentro desse grande projeto Horta mudem... Pode ser que de fato em algum momento eles reconheçam a necessidade de ter sim um investimento... Mas isso continua claro, esse objetivo de porquê e para

que a Horta existe... E isso para mim foi um grande aprendizado. Eu acho a Horta incrível nisso. Todo mundo tinha que conhecer aquele espaço sabe?! E conhecer intensamente, com envolvimento... Eu lembro que o envolvimento era algo que a Mirtes dizia que sentia que falta às vezes... Eles não querem passageiros lá sabe? Eles querem pessoas que de fato estejam naquele espaço, em todo seu ser assim, entregue para aquele lugar... E que quando não conseguem fazer isso, que deixem claro pelo menos... Eu aprendi isso assim, que era necessária essa transparência.

L: Janaína, tem mais alguma cena que tu gostaria de destacar da tua experiência na Horta?

J: Deixa eu pensar, tem uma cena que eu não sei se eu tô me guiando porque o teu trabalho é sobre o experiência comunitária... Mas eu acho que não... Porque esse é um fato que me chama muita atenção... Tem uma situação que me chamou muito a atenção que eu gostaria de relatar para ti... Que é a da escolha da data para a confraternização de final de ano, do ano que eu estava estagiando... A gente votou pela data, na verdade nem foi uma votação foi, tipo, vai ser na terça porque terça é o dia que tem mais pessoas... Tudo que acontece durante a semana, eu percebia isso, é levado para terça... Então terça é assim aquele dia que é um marco na rotina da semana da Horta... Não só pela presença das pessoas idosas, mas, enfim... É a dinâmica da Horta. E esse dia ele foi internalizado na vida da Horta, das pessoas que estão ali cotidianamente, e enfim foi decidido que ia ser terça feira a nossa confraternização... E aí a Mara, eu não sei se ela está indo na Horta agora, mas ela não gostou dessa data... Aí ela manifestou lá no grupo que ela não gostou da data e ela achava que tinha que ser questionado sobre ser outro dia... Daí eu lembro que nessa época ela apagou assim, ela não apareceu mais na horta... Ela não falou mais nada no grupo e eu fiquei refletindo dias sobre aquilo...Daí me bateu muito nessa coisa que eu te falo, sabe? Do tipo... Às vezes a gente chega e a gente não pode ter... Eu aprendi que eu não podia ter essa pretensão de eu chegar na Horta e achar que as coisas tinham que acontecer como eu achava que tinham que acontecer... Porque a dinâmica comunitária ela vai privilegiar o maior número de pessoas que está ali ativo nesse espaço, mas nem sempre tu vai estar incluído nisso porque são pessoas com diferentes realidades, com diferentes rotinas, e tem coisas que já estão internalizadas na organização da Horta... E se tu mexe nessas coisas, fragiliza muito... Daí eu comecei a pensar naquela ocasião assim... E se não fosse na terça feira essa confraternização? A terça feira é um dia simbólico que reúne as pessoas... Já ia dar outro clima para aquela reunião se não fosse terça... A terça feira que eu acordo e que eu espero ir para a Horta e encontrar as minhas amigas...

Era o que as mulheres idosas falavam muitas vezes. Então isso foi uma coisa que na época me chamou muita atenção, daí ontem quando eu tava lembrando das coisas assim, pensando já na entrevista eu lembrei disso... E agora eu lembrei de novo de te falar assim, porque foi uma coisa que me chamou muito atenção...

L: Janaína, nossa entrevista se encaminha para o fim. Tu foi muito generosa em nossa e eu te agradeço muito por isso. Quero te perguntar se tu tem mais alguma coisa para dizer sobre tuas aprendizagens... Sobre como tu aprendeu todas essas coisas que tu te refere ao longo da entrevista... Quero deixar aberto para ti. Caso tu tenhas mais alguma coisa que tu queira destacar.

J: Ah eu acho que... Acho não, tenho certeza! Eram as pessoas assim... Se fosse para resumir em uma palavra eu diria que são pessoas... Porque a gente aprende com as pessoas, a gente abraça as pessoas, a gente conversa com elas, as pessoas conversam com a gente... Então tudo que eu aprendi na Horta foi através de pessoas... Eu falo isso e é muito profundo para mim... Eu acho que essas relações sabe? Elas balizaram todos esses aprendizados, e, não tem como não destacar essas pessoas que conviveram mais comigo... Tu, a Bia, as lideranças da Horta, que supervisionaram o meu estágio... Então assim com certeza vocês me ajudaram muito a colocar para fora aquilo que eu sabia, a manifestar as minhas opiniões lá. E ah, eu queria dizer que eu amo muito a Horta, acho que ninguém vai ver isso né?! Mas igual eu queria dizer que, que eu amo demais a Horta... E que eu gosto muito de lá, ter espaço para atuar mais sabe? Espero que em algum momento isso seja possível em função dessa mudança de planos, de ir para o Rio, da pandemia... Eu tenho ainda um aprendizado da Horta esse, deixar essa culpa para trás sabe? Eu não estou conseguindo ir agora... Não adianta, não vou ficar me culpando por isso. Não é porque eu disse que eu ia ser voluntária que os planos às vezes não mudam né?! E eu não fiz isso por mal, eu não prometi que eu ia ser voluntária sabendo que essa coisa iam acontecer.. Não! Não planejei, nossos planos mudaram... Tiveram que mudar... Então esse é um aprendizado que eu tenho e ele só foi possível porque eu me senti acolhida naquele espaço, porque eu me senti entendida, porque eu fui transparente e disse: olha está difícil para mim e isso eu acho... Eu tô aqui bem emocionada, muito bom fazer essa entrevista assim até para matar a saudade...

L: Que bom Janaína!

J: Retomar isso foi bom...

L: Que bom, fico feliz que gostou do nosso encontro... Saiba que foi recíproco, gostei muito também. Eu tenho tido o privilégio de poder ter esses encontros com as pessoas e o trabalho vai reunir um pouco dessas diversas experiências...

J: Eu estou louca para ler o teu trabalho!

L: Janaína, eu te agradeço profundamente! Como tu te sentes agora ao fim da entrevista? Vou te encaminhar essa entrevista transcrita, fica à vontade para complementar.

J: Tô bem, acho que foi muito bom... Mexeu em várias coisas tanto em aprendizados que foram positivos desde sempre quanto outros que mobilizaram... Desafios sabe? Coisas que eu queria melhorar dentro de mim enquanto estava na Horta, minha emoção ela nasce dessa junção de tudo isso... Então foi muito bom assim, fico muito feliz de ter contribuído contigo, pode usar, pode fazer uso, tu vai me mandar o transcrito... Provavelmente eu não vá mudar nada, porque eu acho que isso que eu te falei aqui é o que brota sabe? Só se eu ver que eu falei alguma coisa errada assim da parte de conteúdo mesmo... Daí eu, ponho alguma alteração assim sabe? No mais eu acho que o que transparece aqui para ti foi o mais sincero e o mais transparente de mim.

L: No texto do TCLE eu falo da não identificação... Tu gostarias de ser identificada como? Algum nome específico, alguma alusão, símbolo... Vou te falar o que as pessoas tem escolhido tá?! As pessoas têm escolhido por não se identificarem e não tem apresentado o desejo por nenhum nome específico, ficando a meu critério... Tu escolhes o que deseja.

J: Tá! Eu opto por ser anônima, até por essa questão de ter falado de experiências de outras pessoas que me impactaram e que podem ser lidas... Por mais que eu creio que tu vai se expressar da melhor forma possível mas enfim, a gente não sabe como que as pessoas vão receber... Tipo que eu falei da dona Mara e falei do seu Tomé... Enfim. E dessa questão dos medos e eu acho mais justo que não seja atrelado para não causar nada de ruim. Se tu quiser pode me identificar como mulher, então o pronome ela para se referir a mim tudo bem, para aparentar que sou uma mulher mas também tanto faz...

L: Algum nome fictício que tu escolha?

J: Não sei agora, posso te falar depois daí?

L: Tranquilamente...

Despedimos-nos mais uma vez e concluímos a entrevista.

Agradeço Janaína pela entrevista via aplicativo de mensagem e Janaína sente a necessidade de enviar uma complementação da entrevista por mensagem de áudio:

J: Oi Lilian, eu que te agradeço! Foi fenomenal! Eu amei participar e contribuir com a tua pesquisa... E eu te peço desculpas se eu fui prolixa em algum momento, mas é que é difícil às vezes ser objetiva quando a gente tá lidando com tantas emoções e sentimentos ao mesmo tempo... E eu lembrei de mais três aprendizados que para mim foram fundamentais... Parece que a entrevista continuou acontecendo... O primeiro dele é com as crianças que a gente recebia... Por que ah, a gente acha muito bonito assim, eu sempre achei muito bonito assim quando eu ouvia relato de atividades com crianças em Hortas, mas eu nunca tinha participado de alguma. E ver que crianças de 3 aninhos podiam regar uma planta e plantar uma mudinha e se admirar e sair assim encantada pela Horta... Isso foi muito simbólico para mim. Eu aprendi muito observando essas crianças e assim desmistifiquei várias coisas em relação ao próprio aprendizado delas. O quanto é possível incentivar desde bem novinhas que seja possível... O Fabrício conduzia assim de maneira extraordinariamente incrível assim, essas atividades... Tornava isso realmente muito fácil e simples assim... Era muito leve. O outro aprendizado é com relação aos almoços, os almoços de terça feira... Porque eu nunca fui muito boa com cozinha sabe? E muito menos com cozinha coletiva... Com fazer uma refeição de modo comunitário assim... Isso foi uma coisa que eu amei fazer! E aquela coisa de celebrar essa oportunidade de se alimentar na Horta, de preparar a nossa refeição com o que vinha da Horta quase sempre... Quase tudo vinha da Horta então isso para mim foi também incrível. E não só pelo fazer da refeição mas por celebrar aquela diversidade de plantas que podiam ser usadas principalmente na alimentação que é o que tu falou uma vez da soberania alimentar. Então eu aprendi muito sobre PANCs, sobre plantas que são utilizadas medicinalmente... Os relatos do Chico também sobre o trabalho dele... Ele traz ali uma vivência que para mim é muito desvalorizada no contexto urbano. O que é de pessoas que tem essa vertente, que são curandeiras... Eu não sei se ele se denomina assim... Mas foi um grande aprendizado para mim. E o outro aprendizado e último, é que a horta ela é protagonizada por, na minha opinião... por mulheres. Por mais que tenha atuação de homens ali, as mulheres são muito fortes, na pessoa da Mirtes principalmente... Eu destaco. Mas também de outras mulheres que

fazem aquele espaço acontecer e que trazem as suas dificuldades e também as suas potências... Levam as suas potências para a Horta e enriquecem aquele espaço com as suas trajetórias, com os seus saberes, de uma forma que eu acho fenomenal... E isso foi outra coisa assim... Porque eu venho assim nessa assim de um tempo... E coincidiu com a minha entrada na Horta um mundo de estudo assim do feminismo... E o papel dessas mulheres na horta sempre me chamou muito a atenção, e acho que é isso. Se eu lembrar de mais alguma coisa eu te mando, beijão.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br